



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

JÚLIO CÉSAR ARAÚJO

OS CHATS: UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS NA INTERNET

FORTALEZA – CE
2006



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

JÚLIO CÉSAR ARAÚJO

OS CHATS: UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS NA INTERNET

TESE DE DOUTORADO APRESENTADA À BANCA
EXAMINADORA CONSTITUÍDA PELO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ COMO REQUISITO PARCIAL PARA A
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA
ORIENTADORA: DRA. BERNARDETE BIASI-RODRIGUES

FORTALEZA – CE
2006

Esta Tese de Doutorado foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

JÚLIO CÉSAR ROSA DE ARAÚJO

BANCA EXAMINADORA

DRA. BERNARDETE BIASI-RODRIGUES
PRESIDENTE - ORIENTADORA

DRA. VERA LÚCIA MENEZES DE OLIVEIRA E PAIVA [UFMG]
PRIMEIRA EXAMINADORA

DR. ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS XAVIER [UFPE]
SEGUNDO EXAMINADOR

DRA. MÔNICA MAGALHÃES CAVALCANTE [UFC]
TERCEIRA EXAMINADORA

DR. NELSON BARROS DA COSTA [UFC]
QUARTO EXAMINADOR

DRA. MARIA IRANDÉ COSTA ANTUNES [UFPE-UECE]
SUPLENTE

DRA. MARLENE GONÇALVES MATTES [UFC]
SUPLENTE

DEDICATÓRIA

Para minha querida Mãe **MARLENE** que, ao me adotar como filho, salvou-me de muitos perigos. Para minha irmã **ANA LÚCIA** com quem aprendi muitos valores. Para meu filho **YURI** para quem vivo. Em nome deles, dedico esta Tese a minha família: **TIA, DUDU, LU, KESSI, NENEM, HORÁCIO, LENINHA, NEIDINHA, JUNINHO, VINÍCIOS E KÉRMISSON**, por todo amor que lhes devoto, embora de longe.

AGRADECIMENTOS

Esta Tese é uma constelação de vozes que se entrecruzam, como fios de um bordado que são tecidos pela solidariedade de amigos que Deus pôs em meu caminho e habitam as palavras que corporificam este trabalho. Sem eles toda a minha trajetória teria sido mais tortuosa e árida. Mesmo correndo o risco de esquecer alguns [porque foram tantos], agradeço:

- ✓ À **DRA. BERNARDETE BIASI-RODRIGUES** [UFC] que me aceitou como orientando em um momento em que o Doutorado pareceu longe demais para alcançá-lo. Foi um privilégio ter como orientadora uma pesquisadora dedicada, que trouxe para o Ceará e para o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC a “novidade” dos estudos em Análise de Gêneros. Foi sendo seu aluno ainda no mestrado que descobri essa área instigante de estudos e por ela enveredei. Durante o tempo de meu Doutorado, ela foi leitora exigente e parceira incansável. Ao respeitar minha autonomia, nunca deixou de aparar minhas arestas e carinhosamente podar meus excessos. Além disso, pude saborear os cafés, os lanches, os jantares, os almoços e as taças de bons vinhos [ela também é exigente quanto a eles], responsáveis por sessões de orientação maravilhosas as quais proporcionaram a maturação de muitas idéias aqui desenvolvidas. Dessa rica experiência fica uma parceria acadêmica que já rendeu publicações importantes e renderá ainda muitos outros frutos e, sobretudo, uma amizade que cresceu tendo como base a sinceridade e a generosidade mútuas.
- ✓ À Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior [**CAPES**] pela bolsa concedida nos primeiros anos de meus estudos doutorais, a qual tornou o meu trabalho menos oneroso.
- ✓ À **DRA. MARIA ELIAS SOARES** [UFC] com quem dei os meus primeiros passos na pesquisa acadêmica, pelas contribuições dadas durante a orientação no mestrado e nos primeiros anos do Doutorado.
- ✓ Ao **DR. LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI** [UFPE], de quem tenho o privilégio de ser amigo, por ser leitor crítico de meus textos e companheiro generoso, acompanhando grande parte de minhas idéias e oferecendo o seu apoio incondicional e incentivo para dar cabo à pesquisa que me propus realizar. Sua voz de autoridade também habita em meu texto, dialoga com a minha e com as outras que delineiam o percurso de meu trabalho. A ele agradeço pelas muitas oportunidades de crescimento que tive em minha pequena carreira acadêmica, como em algumas publicações nacionais. Lamento muito por sua saúde, no momento fragilizada, por isso, a sua ausência em minha banca de defesa.
- ✓ À **DRA. IUTA VIEIRA** [UECE] pelas contribuições dadas no primeiro exame de qualificação, como a sugestão de reduzir a quantidade de dados. Ao proceder à análise do *corpus* vi o quanto foram sábias as suas palavras. Além disso, tenho o privilégio não só de contar com a sua parceria acadêmica em publicações como também com a sua amizade, o que me envaidece.

- ✓ A minha amiga **DRA. DILAMAR ARAÚJO** [UECE] pelas contribuições pertinentes dadas ao meu trabalho durante o exame de primeira qualificação e pelas muitas trocas teóricas que realizamos seja durante os congressos, seja em nossos raros encontros pelos corredores da UECE e da UFC.
- ✓ À **DRA. VERA MENEZES PAIVA** [UFMG] por sua participação em minha Banca de defesa cuja presença muito me honra porque sei da sua competência como pesquisadora e do respeito que goza em todo país seja pela sua rica produção acadêmica, seja por suas conferências e minicursos ministrados em muitos congressos. As associações de pesquisa como ALAB, GELNE, ABRALIN e a nossa parceria em publicações foram responsáveis pelo estreitamento dos laços e hoje é um privilégio tê-la como amiga.
- ✓ Ao **DR. ANTÔNIO CARLOS XAVIER** [UFPE] por sua participação em minha Banca de Defesa e por sua amizade que muito prezo. Desde 2001, tenho a honra de ser seu amigo [primeiramente virtual] quando ainda era mestrando. Durante todo esse tempo, ele foi generoso e paciente nas intermináveis trocas de *e-mails*, inclusive mandando material impresso pelos correios para que eu tivesse acesso a leituras, na época, raras no Brasil. Pude “beber” muito de seu conceito de hipertextualidade com o qual trabalho em minhas pesquisas. É muito bom tê-lo como parceiro competente em minha defesa e como amigo para a vida toda. A ele devo a estréia em uma publicação nacional de muita relevância para a temática de gêneros digitais e hipertexto.
- ✓ À **DRA. MÔNICA CAVALCANTE** [UFC] por sua participação em minha Banca de Defesa e pelas contribuições dadas a minha formação desde o mestrado, inclusive aquelas voltadas para a fé e o bom humor. Em especial agradeço pela leitura atenta feita de minha Tese em andamento apresentada para uma das qualificações exigidas pelo POSLING e agora desta versão de defesa. Foi ela quem leu as minhas primeiras reflexões sobre constelação de gêneros, as quais foram levadas à discussão em reunião do nosso grupo de pesquisa **PROTEXTO** a cujos membros também agradeço pela torcida e pelo companheirismo. Com ela, aprendi muito não só sobre Lingüística mas também sobre amizade. Também agradeço a oportunidade da parceria em publicações importantes.
- ✓ Ao **DR. NELSON BARROS COSTA** [UFC] por sua participação em minha Banca de Defesa, pela sólida formação acadêmica que recebi como seu aluno no mestrado e no doutorado, pela parceria em uma publicação importante, pela confiança depositada em mim ao me convidar para ministrar disciplinas na Especialização em Lingüística da UFC e pela amizade que se estabeleceu entre nós durante os anos de pós-graduação.
- ✓ À **DRA. MARLENE MATTES** [UFC] por aceitar compor a minha Banca de Defesa e pela brilhante condução dos Seminários de Pesquisa II, ocasião em que pude crescer muito expondo para os colegas e para os professores do Programa a minha Tese em andamento. Também sou grato pela demonstração de gentilezas e respeito a mim e ao meu trabalho de pesquisa.
- ✓ À **DRA. IRANDÉ ANTUNES** [UFPE-UECE] pela alegria e amabilidade com que sempre me atendeu quando sentia alguma dificuldade em minhas pesquisas. Por ser leitora exigente e atenta de meus artigos e por aceitar compor a minha Banca de Defesa.
- ✓ À **DRA. FABIANA KOMESU** [UNESP] pela parceria em publicações importantes, pela solidariedade em enviar por correios suas Teses de Mestrado e Doutorado as quais foram muito importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa. O incentivo e

a amizade que cultivamos desde 2001 têm sido fulcrais para a minha formação de pesquisador.

- ✓ Aos pesquisadores **DR. VIJAY K. BHATIA** [UNIVERSITY OF HONG KONG], **DR. CHARLES BAZERMAN** [UNIVERSITY OF CALIFORNIA] e **DR. JOHN SWALES** [UNIVERSITY OF MICHIGAN] pelas trocas de *e-mails* quando precisei entender melhor alguns de seus conceitos de trabalho.
- ✓ Ao meu amigo **DR. ADAIR BONINI** [UNISUL], quando em uma de suas visitas ao PROTEXTO e ao nosso Programa de Pós-Graduação, por ter-me feito pensar mais sobre os conceitos bakhtinianos de transmutação e esfera de comunicação, o que me fez entrar em outras searas científicas.
- ✓ À **DRA. EMÍLIA FARIAS** [UFC] pelo apoio e incentivo a cada oportunidade de encontro pelos corredores da Universidade. A ela devo o contato com autores estrangeiros que foram importantes na construção de meu trabalho.
- ✓ Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística com quem muito aprendi durante vários anos de muita leitura e crescimento ao lado de pesquisadores preocupados com a formação dos mestrandos e doutorandos.
- ✓ Aos meus colegas que formaram a primeira turma de doutorandos do POSLING, pela responsabilidade compartilhada de inaugurar o curso de Doutorado na Pós-Graduação em Lingüística da UFC, na época sob a coordenação da **DRA. BERNARDETE BIASI-RODRIGUES**. Saudades e muita amizade que se transformarão em parcerias futuras com os meus amigos **VICÊNCIA JAGUARIBE**, **HELENICE COSTA**, **SILVANA MILITAO**, **RICARDO LEITE**, **AMÉRICO SARAIVA**, **JOÃO BATISTA** e **KILPATRICK**. Ainda aos colegas **BETH CATUNDA**, **SOCORRO CLAUDIA**, **BOSCO**, **HANS**, **AUREA**, **EDNILZA**, **SÉRGIO ROBERTO**, **WANDERLEY** e **TERCIA**. Em nome deles, agradeço a solidariedade e a torcida das outras turmas do Programa.
- ✓ À minha querida amiga **ANTÔNIA BATISTA DOS SANTOS**, secretária do POSLING, pela amabilidade, respeito e profissionalismo com que sempre atende às necessidades dos alunos do programa.
- ✓ A minha querida amiga **ALDER**, que sabe ser a melhor mãe do mundo para o meu filho **YURI**, agradeço por cuidar tão bem dele, explicando-lhe minha ausência.
- ✓ Ao meu mais que amigo **TOM**, pois o considero um irmão, pelas trocas teóricas que nos acompanham desde o mestrado. Pela alegria de compartilhar a mesma orientadora e pela solidariedade incomensurável. Amigo de todas as horas, nunca mediu esforços para estar ao meu lado, me apoiando ou me dando broncas. Mas esse agradecimento não estaria completo se eu não mencionasse os incontáveis almoços e jantares regados sempre a deliciosos vinhos que ele e sua esposa e minha amiga “nobilíssima” **HELCINE NOBRE** costumam oferecer ao nosso grupo de amigos. A ela, especialmente, por me oportunizar momentos tão agradáveis em sua casa ou em viagens incríveis. Foi fundamental a oportunidade de conversar com a minha orientadora ao som de cascatas e cachoeiras no frio delicioso da Serra de Guaramiranga. Só uma amiga “nobilíssima” poderia ter proporcionado isso. Foi lá que as decisões mais importantes de minha Tese nasceram. Acho que aquela paisagem encantadora inspirou a orientadora e o orientando :-)
- ✓ Ao meu querido amigo **TIO ELVIS** [UFC] pela amizade, pela sinceridade de suas palavras e apoio em momentos importantes. Quer um exemplo? Não vou esquecer a gentileza de ter regido o belo Coral da UFC para tornar mais atraente o lançamento do livro que minha orientadora e eu organizamos.

- ✓ Às minhas amigas queridas **AUREA** [UNIFOR] e **NUKÁCIA** [UECE] pelas “leituras cruéis” que sempre fazem de meus trabalhos e, sobretudo, pela amizade sincera que paulatinamente foi se instaurando entre nós.
- ✓ Ao meu amigo **BENÉ** [UFPE] pelo apoio e trocas teóricas relevantes, disponibilizando textos importantes para o meu trabalho. Estendo o meu agradecimento a sua esposa **ELIVETE** pela acolhida carinhosa na ocasião do primeiro Encontro Nacional sobre Hipertexto, na Universidade Federal de Pernambuco.
- ✓ A minha amiga **CIBELE BERNARDINO** [UFMG-UECE] pela parceria acadêmica e por me disponibilizar a publicação mais recente de Swales, a qual foi relevante para esta pesquisa.
- ✓ Ao programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da UECE pela saudável parceria com o Programa da UFC, permitindo que os alunos do POSLING cursassem algumas disciplinas. Assim, agradeço à **DRA. DILAMAR ARAÚJO** [UECE] pelas elucidativas aulas sobre pesquisa lingüística, em que pude entender melhor a composição de um projeto de pesquisa; à **DRA. IRANDÉ ANTUNES** [UFPE-UECE] pelas aulas de Lingüística Textual, em que pude discutir sobre gêneros textuais; e à **DRA. IUTA VIERA** [UECE] em cujas aulas tive a oportunidade de discutir sobre hipertexto e gêneros digitais.
- ✓ Aos colegas do meu Departamento de Letras da UERN onde trabalho, que demonstraram carinho, compreensão e solidariedade para que eu conseguisse sobreviver entre as exigências do Doutorado e as atividades que desenvolvo como professor. Minha gratidão, portanto, aos colegas **SILVANO, HELENA, DINIZ, FRANZINHA, CÁSSIA, AFRÂNIO, LEO, AK, PAZ, MARLUCIA, MILTON** e **LUIZ**.
- ✓ De maneira especial, ao meu amigo **DR. SILVANO ARAÚJO** [UERN] pela grande ajuda na construção do sentido de alguns textos em língua inglesa e pela acolhida em sua casa em meus primeiros meses de trabalho na Universidade.
- ✓ Nas pessoas de minhas amigas **DR. ALESSANDRA CARDOZO & MS. CONCEIÇÃO SILVA**, agradeço a torcida e o apoio recebido do NUPED e do Departamento de Educação da UERN/ASSÚ. Também agradeço, nas pessoas de minhas amigas **MS. CÁSSIA SANTOS & MS. FRANCISCA RAMOS**, pelo carinho e apoio de meu grupo de pesquisa PRADILE e do meu Departamento de Letras.
- ✓ Outros amigos foram decisivos para que eu conseguisse chegar aqui: **DONA FRANSQUINHA, NADIRA, ÉRICK, YANCKA, DIDI, GARDÊNIA, IRIS, PAULINHO, HIPÓLITO, TIA MARIA, NENNA, LIDU, DEUSNEIDE, MILE, RANOVI, MÁRCIA, NÁGELA**. A todos, o meu muito obrigado pelas orações e pela torcida.

AGRADECIMENTO ESPECIALÍSSIMO

Para o meu querido **DIEB** que, mesmo sendo pesquisador de uma outra área, soube ser sensível ao meu tema de estudo. Muito do que escrevi nesta Tese devo às interlocuções que tivemos, sempre tão ricas e decisivas. Registro aqui que em momentos críticos ele “abandonou” a própria Tese de Doutorado para me ouvir, fato que foi decisivo na construção do meu objeto e da elaboração da tese. Além disso, sua proficiência em línguas estrangeiras também esteve a serviço de minhas leituras. Por isso, só me resta agradecer-lhe por compartilhar comigo os sonhos, a vida e a academia. Agradeço ainda pelo companheirismo incondicional e pelo amor sincero que nos une.

O objetivo da presente pesquisa foi desenvolver um conceito que desse conta do fenômeno de agrupamentos genéricos designado aqui de constelação de gêneros. Para o alcance deste objetivo, a investigação se inscreve na base epistemológica das formulações teórico-filosóficas de Bakhtin, relativas aos usos da linguagem. A Tese foi organizada em duas grandes partes. Na primeira, apresento a elaboração de um percurso teórico-metodológico que permitiu elaborar um constructo de constelação de gêneros a partir da eleição de pelo menos uma característica marcante da esfera de comunicação em que se ambienta o agrupamento constelar, do processo formativo de seus gêneros e das funções sociais que eles realizam. Na segunda parte, ilustro a elaboração do constructo com a análise de sete tipos de *chats*, elegendo a hipertextualidade, a transmutação e o propósito comunicativo dos bate-papos virtuais como as categorias operantes para caracterização do agrupamento constelar desses gêneros. Para a construção dos dados, foi realizada uma pesquisa de caráter etnográfico na Internet durante três anos. A partir de um exercício intenso de observação participante, em diversas salas de *chat*, e de pequenas entrevistas realizadas por *e-mail* com alguns *chatters*, a triangulação dos dados e a sua posterior análise apontam para os seguintes resultados: a constelação dos *chats* assume uma natureza hipertextual, pois tal característica aproxima os gêneros quanto a este aspecto; os *chats* são gêneros que compartilham o mesmo fenômeno formativo, uma vez que todos transmutam e reinterpretam gêneros orais de variadas esferas de comunicação; finalmente, esses gêneros se tornam distintos entre si graças à teia de propósitos comunicativos que eles formam dentro da constelação para atender às mais diversas funções sociais.

(280 palavras)

ABSTRACT*

In the present research my objective was to create a concept to the phenomenon of the constellation of genres. Thus, to define that category, about which I developed my Thesis, the theoretical and philosophical formularizations of Bakhtin relative to the uses of the language were my support. The text which relates this research is organized in two great parts. In the first one, I present my theoretical and methodological construction for the study of the constellations of genres, bringing as proposal the choice of the strongest characteristic of the communication sphere where the grouping of genres is, the observation of the formative process of those genres and the identification of the social functions that they realize. In the second part, I present the chats like an example of constellation of genres and I illustrate my theoretical and methodological construction through of seven different types of chats, focusing the hypertextuality, the transmutation of genres and the communicative purpose as the operational categories to the analysis. In this research, I tried give an ethnographic character through an intense exercise of participant observation, accessing many chat rooms in the Internet during three years. For obtaining the data, besides the participant observation, I did small interviews with some chatters by e-mail. After the triangulation of the data and its posterior analysis, I arrived to the following results: the constellation of chats assumes a hypertextual nature because such characteristic is what brings chats closer as for the aspect of their communication sphere; chats are genres that share the same formative phenomenon, in other words, everyone of them is formed by the transmutation and the reinterpretation of oral genres from various communication spheres; finally, chats become distinct of each one because they build a web of communicative purposes inside of the constellation in order to serve to several social functions.

(304 Words)

KEY-WORDS: constellation of genres; hypertext; transmutation of genres; communicative purpose; Ethnography in the Internet.

LISTA DAS FIGURAS

FIGURA 01 – NÍVEIS DE DESCRIÇÃO GENÉRICA	40
FIGURA 02 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS PROMOCIONAIS	43
FIGURA 03 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS CARTAS	44
FIGURA 04 – HIERARQUIAS GENÉRICAS NA BOTÂNICA SISTEMÁTICA	53
FIGURA 05 – CADEIA DE GÊNEROS EM SEGURANÇA DE ACIDENTES	56
FIGURA 06 – CADEIA E GRUPOS DE GÊNEROS EM TORNO DE “ <i>OTHER FLOORS</i> ”	61
FIGURA 07 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS DO SÉRIO-CÔMICO	65
FIGURA 08 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS <i>CHATS</i>	73
FIGURA 09 – PERCURSO PARA A INVESTIGAÇÃO DE UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS	81
FIGURA 10 – HOMOLOGIA ENTRE OS MEMBROS ANTERIORES DOS MAMÍFEROS	99
FIGURA 11 – ANÚNCIO- <i>LINK</i> NO PORTAL DO UOL	109
FIGURA 12 – PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE GÊNEROS ORIENTADOS PELO TEXTO	123
FIGURA 13 – PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE GÊNEROS ORIENTADOS PELO CONTEXTO	125
FIGURA 14 – VOLATILIDADE DOS <i>CHATS</i>	139
FIGURA 15 – <i>CHATS</i> COLETIVOS & DUAIS	141
FIGURA 16 – RECURSO QUE ATIVA O <CRE>	146
FIGURA 17 – LISTA DE CONTATOS DO <CPE>	147
FIGURA 18 – OPÇÕES DE <i>CHATS</i> DO UOL	164
FIGURA 19 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CAB>	167
FIGURA 20 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CED>	171
FIGURA 21 – <i>SITE</i> DO IGUINHO	182
FIGURA 22 – BOLETIM DO <CCO> DO UOL	185
FIGURA 23 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CCO>	187
FIGURA 24 – A POPULARIDADE DO <MSN> FLAGRADA NA COMPOSIÇÃO DOS <i>NICKS</i>	195
FIGURA 25 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CPE>	197
FIGURA 26 – RECURSOS DO <MSN>	199
FIGURA 27 – <i>LINKS</i> NO <CPE>	203
FIGURA 28 – AS SUÍTES VIRTUAIS DO UOL	205
FIGURA 29 – ESPIANDO AS SUÍTES VIRTUAIS	205
FIGURA 30 – <i>LINK</i> PARA O <CAT>	208
FIGURA 31 – TELA DE UM <CAT>	208
FIGURA 32 – SELEÇÃO DE PARCEIROS NO <CAB>	222
FIGURA 33 – A CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL DO <CCO>	240
FIGURA 34 – A TEIA DOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS DA CONSTELAÇÃO DOS <i>CHATS</i>	298

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
PRIMEIRA PARTE	31
O QUE É E COMO ESTUDAR UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?	31
CAPÍTULO 1	
A CATEGORIA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS: UMA INCURSÃO PELA LITERATURA	32
1.1. PRELIMINARES: LOCALIZANDO A CATEGORIA TEÓRICA	32
1.2. COLÔNIA DISCURSIVA OU CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?	33
1.2.1 O SIGNIFICADO INDEPENDENTE DA SEQÜÊNCIA	35
1.2.2 AS UNIDADES SUBJACENTES QUE NÃO FORMAM PROSA CONTÍNUA	35
1.2.3 UM CONTEXTO ESTRUTURADO	35
1.2.4 UMA AUTORIA COLETIVA	35
1.2.5 UM COMPONENTE QUE PODE SER USADO SEM FAZER REFERÊNCIA A OUTROS	36
1.2.6 OS COMPONENTES QUE POSSAM SER REIMPRESSOS E/OU USADOS NOVAMENTE	36
1.2.7 OS COMPONENTES QUE PODEM SER ACRESCENTADOS, REMOVIDOS OU ALTERADOS	36
1.2.8 ALGUNS COMPONENTES QUE SERVEM PARA A MESMA FUNÇÃO	37
1.2.9 APRESENTAM ALGUM TIPO DE SEQÜÊNCIA	37
1.3. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM BHATIA	38
1.4. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM MARCUSCHI	46
1.5. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM SWALES	51
1.5.1 HIERARQUIAS DE GÊNEROS	52
1.5.2 CADEIAS DE GÊNEROS	54
1.5.3 GRUPOS DE GÊNEROS	57
1.5.4 REDES DE GÊNEROS	59
1.6. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM BAKHTIN	62
1.7. SUMARIZAÇÃO DAS DISCUSSÕES E APRESENTANDO A TESE	69
CAPÍTULO 2	
CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS: A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO	72
2.1. EXPLICITANDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE	72
2.2. A ESFERA DIGITAL E A HIPERTEXTUALIDADE	83
2.3. UMA POSSÍVEL ORIGEM PARA O CONCEITO DE TRANSMUTAÇÃO	94
2.4. A TRANSMUTAÇÃO DE GÊNEROS	100
2.5. O PROPÓSITO COMUNICATIVO	115

SEGUNDA PARTE	128
OS CHATS ATENDEM AO CONSTRUCTO DE CONSTELAÇÃO? METODOLOGIA & ANÁLISE	
CAPÍTULO 3	
ETNOGRAFIA E EXOTOPIA: OPÇÕES METODOLÓGICAS	129
3.1. BAKHTIN E A PESQUISA QUALITATIVA: PONTOS DE ENCONTRO	130
3.2. A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA: PROCEDIMENTOS GERAIS	135
3.3. ENTRANDO NO PROCESSO DA PESQUISA	137
3.3.1 O FUNCIONAMENTO DOS CHATSE A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	140
3.3.1.1 O CHAT ABERTO	142
3.3.1.2 O CHAT EDUCACIONAL	143
3.3.1.3 O CHAT COM CONVIDADO	145
3.3.1.4. O CHAT RESERVADO	145
3.3.1.5 O CHAT PERSONALIZADO	146
3.3.1.6 O CHAT PRIVADO	148
3.3.1.7 O CHAT DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE	149
3.4. PROCEDIMENTOS ESPECÍFICOS	151
3.4.1. ANÁLISE DA NATUREZA HIPERTEXTUAL DOS CHATS	151
3.4.2 ANÁLISE DAS MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO	152
3.4.3 ANÁLISE DA TEIA DOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS	153
CAPÍTULO 4	
A HIPERTEXTUALIDADE NA CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS CHATS	150
4.1. A HIPERTEXTUALIDADE ENTRA NA SALA	163
4.2. HIPERTEXTUALIDADE PEDAGÓGICA	170
4.3. UMA 'ENTREVISTA' HIPERTEXTUAL	184
4.4. A HIPERTEXTUALIDADE DOS SEGREDOS	192
4.5. HIPERTEXTUALIDADE INSTANTÂNEA	194
4.6. HIPERTEXTUALIDADE ÍNTIMA	204
4.7. RECLAMAÇÕES EM HIPERTEXTO	207
CAPÍTULO 5	
TRANSMUTAÇÃO: A FORMAÇÃO DOS CHATS	214
5.1. DAS RODAS DE CONVERSAS DO COTIDIANO AO CHAT ABERTO	216
5.2. DA AULA PRESENCIAL AO CHAT EDUCACIONAL	227
5.3. DA ENTREVISTA FACE A FACE AO CHAT COM CONVIDADO	236
5.4. DAS CONVERSAS SECRETAS AO CHAT RESERVADO	244
5.5. DA CONVERSA CASUAL E/OU AGENDADA AO CHAT PERSONALIZADO	248
5.6. DA CONVERSA ÍNTIMA AO CHAT PRIVADO	252
5.7. DAS CONVERSAS DE SAC AO CHAT DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE	258

CAPÍTULO 6	
OS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS DA CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS <i>CHATS</i>	265
6.1. "TEM MSN?: DISPUTANDO PARCEIROS NO <i>CHAT</i> ABERTO	268
6.2. "TODO MUNDO É MEIO Q PROFESSOR TB" NO <i>CHAT</i> EDUCACIONAL	276
6.3. "ME SINTO MAIS PERTO DO ARTISTA": RELACIONES MEDIADAS NO <i>CHAT</i> COM CONVIDADO	279
6.4. "SOU CASADA E LOUQUINHA PARA TRAIR": TRAIÇÕES NO <i>CHAT</i> RESERVADO	285
6.5. "O MSN É PRA QUEM SE CONFIA": MAIS SEGREDOS NO <i>CHAT</i> PERSONALIZADO	288
6.6. "MARKEI NESSA SUÍTE": INTIMIDADES NO <i>CHAT</i> PRIVADO	290
6.7. A "TERAPÊUTICA DA RECLAMAÇÃO" NO <i>CHAT</i> DE ATENDIMENTO	293
6.8. A TEIA DE PROPÓSITOS COMUNICATIVOS	297
CONSIDERAÇÕES FINAIS	303
O QUE É UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?	305
COMO ESTUDAR UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?	307
OS <i>CHATS</i> ATENDEM AO CONSTRUCTO DE CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?	310
QUANTO À HIPERTEXTUALIDADE	311
QUANTO À TRANSMUTAÇÃO	312
QUANTO AOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS	314
SUGESTÕES DE CONTINUIDADE	315
REFERÊNCIAS	317
ANEXO 1 - AUTORIZAÇÃO DO TELEDUC	340
ANEXO 2 - ENTREVISTA COM OS SUJEITOS	341

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há um século e meio atrás era impossível fazer um curso sobre romance. Os romances eram considerados uma estupidez e não se prestavam a estudos sérios. Há cinquenta anos atrás era impossível fazer um curso de cinema. O filme era uma estupidez e não se prestava a um estudo sério. Dez anos atrás não se podia estudar histórias em quadrinhos. No ano passado, [1997] era impossível estudar videogames. Mas hoje [1998] é possível.

TOMASULA (1998, p. 342).

Este capítulo é precedido por uma epígrafe bastante provocadora na medida em que ela destaca a necessidade social criada pelo aumento da complexificação das atividades e relações humanas e a resistência em aceitar essa complexificação. A epígrafe destaca que é exatamente por meio da aceitação das mudanças nas práticas discursivas que acontecem alterações significativas que fazem avançar e tornam necessárias as pesquisas sobre estas práticas. Neste sentido, o romance, o cinema, os quadrinhos e os *videogames* são tomados como exemplos de alterações sociais cuja aceitação como objeto de estudo foi paulatina.

Assim, os estudos, principalmente os que envolvem questões relativas à linguagem, têm aumentado consideravelmente, pois os pesquisadores assumem, cada

vez mais, o empreendimento de atrelar a língua ao seu contexto sócio-histórico. Nesta direção, as pesquisas passaram a focalizar a relação que se estabelece entre língua, cultura e história, considerados os três vértices dos estudos lingüísticos contemporâneos.

Por isso, não seria prematuro considerar o romance, o cinema, os quadrinhos e os *videogames* e, principalmente, o uso da tela digital como emblemático de um “novo” tempo para a comunicação humana. A maior expressão desse emblema parece incidir nas muitas situações de comunicação assíncronas e síncronas que emergem da Internet. A rede mundial de computadores amplia as possibilidades de “novas” práticas discursivas e, por esta razão, muitos estudiosos têm se interessado por compreender a maneira como a comunicação humana se processa em um ambiente virtual¹.

Um desses estudiosos, que não só preenche uma lacuna no mercado editorial, mas também traz pertinentes contribuições relativas às pesquisas sobre a comunicação digital, é o norte-americano David Crystal (2002)². Em seu livro *El lenguaje e Internet*, ao discutir o papel e o efeito da Rede Mundial de Computadores na linguagem, entre os aspectos mais salientes, ele observa a natureza econômica da

¹ Em relação à produção sobre o ambiente virtual, vejam-se os estudos sobre o *e-mail* (cf. HERRING, 1996; JONSSON, 1997; BATISTA, 1998; MARCUSCHI, 2000; 2004; PAGANO, 2001; COSTA, 2001; PAIVA, 2004; ZANOTTO, 2005), as *listas de Discussão* (cf. MCCLEARY, 1996; VELLASCO, 1999; MARCUSCHI, 2004), o *fórum eletrônico* (cf. XAVIER & SANTOS, 2005; SIQUEIRA, 2005), a *home page* seja pessoal (cf. KOMESU, 2001; MARSHALL, 2005) ou institucional (cf. ARAÚJO, P., 2003) Para outras visões acerca da *home page*, vale a pena ler os trabalhos desenvolvidos por Crowston & Williams (1997), por Nielsen (1997), por Lafford & Lafford (1997), por Shepherd & Watters (1999), Spinuzzi, *et alli* (2003) e, finalmente, o recente trabalho de Askehave & Nielsen (2004). Sobre os *blogs*, ver Komesu (2004; 2005a); Marcuschi (2004) e Ruiz (2005). Vale a pena fazer referência a algumas coletâneas de trabalhos que discutem e analisam os gêneros digitais. O primeiro deles chama-se *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*, editado por Vera Menezes Paiva (FALE-UFMG), Belo Horizonte, 2001); o segundo é a Revista n.º 15 da ANPOLL que discute o tema *Linguagem & Web*, organizado por Beth Brait e Edna Nascimento (Humanitas – FFLCH/USP, 2003); o terceiro trabalho chama-se *Hipertexto e gêneros digitais*, organizado por Luiz Antônio Marcuschi & Antônio Carlos Xavier (Rio de Janeiro: Lucerna, 2004) e, finalmente, o livro *Interação na Internet*, recentemente organizado por Júlio César Araújo & Bernardete Biasi-Rodrigues (Rio de Janeiro: Lucerna, 2005) Alguns desses trabalhos serão referidos ao longo das reflexões feitas nesta Tese.

² A edição original foi editada em língua inglesa pela Cambridge University em 2001. Estou usando a tradução espanhola, também editada pela editora da mesma Universidade no ano de 2002.

escrita a qual se integra a outras semioses para materializar o que designa de “situações comunicativas da Internet”. Entre estas, o autor destaca o *e-mail*, os *chats* e os fóruns eletrônicos.

Outro autor que também tem desenvolvido estudos sobre o ambiente virtual é o antropólogo Mayans (2000, **on-line**³; 2002). No último trabalho, o autor espanhol usa o viés etnográfico para defender a tese de que o *chat* é um gênero novo, único e de expressão marcante, pois (con)funde as distinções entre o oral e o escrito e vem adquirindo suas especificidades graças ao uso intenso e à criatividade de seus usuários. Segundo suas reflexões, tal característica é oriunda das novas tecnologias de comunicação que revolucionam a maneira como as pessoas se relacionam e se organizam no inusitado espaço digital. Os números apontados nos estudos de Mayans são provas de que “bater papo” na Internet tem se destacado, depois do uso do *e-mail*, como a prática de comunicação mais utilizada pelos “freqüentadores” do *cyberspace*. Talvez seja este fato que tenha atraído tanto a atenção dos pesquisadores.

No que diz respeito aos lingüistas, esse interesse tem crescido muitíssimo. Vieira (2004; 2005), ao realizar uma espécie de “estado da arte” das pesquisas brasileiras sobre o meio digital, revela também que o *chat*⁴ é uma das situações comunicativas que mais atraem os olhares dos estudiosos da linguagem. Basta uma incursão pela literatura para constatar que tal interesse se distribui pelas mais variadas áreas dos estudos lingüísticos.

³ A expressão em negrito “on-line” se refere aos trabalhos que no momento da revisão de literatura estavam disponibilizados na *Internet* em forma de hipertextos em linguagem HTML. Ao transformá-los em arquivos de Word, eles foram reformatados, o que provocou mudanças em relação à apresentação original. Assim, todas as vezes que eu fizer citações de trabalhos eletrônicos, usarei a expressão em negrito acima como forma de o leitor, através dos *sites* de busca, indicados nas referências, localizar na *Internet* a formatação original do texto citado.

⁴ Sempre que aparecer a palavra *chat* no singular, estarei me referindo à situação comunicativa de bater-papo pela *Internet*. Evidentemente, esta situação comunicativa forja uma constelação de gêneros que compartilham características hipertextuais e estilísticas, pois todos pertencem à mesma esfera discursiva. Quando for o caso, usarei o termo no plural, *chats* para indicar o agrupamento constelar destes gêneros.

Assim, é possível encontrar pesquisas iluminadas pela perspectiva da Análise do Discurso (cf. LUNSDTROM, 1995, **on-line**; JONSSON, 1997, **on-line**; MURPHY & COLLINS, 1997, **on-line**; GUERRA-VICENTE, 2000; ARAÚJO, 2005a), da Análise da Conversação (cf. HILGERT, 2001; NADER, 2001; FONSECA, 2001) da Lingüística Aplicada (cf. PELLETIERI, 2000; HORTON, 2000; LACOMBE, 2000; GAZETA, 2000; SOUZA, 2000; 2002; PAIVA, 2001; MOTTA-ROTH, 2001; CHAVES, 2001; FONSECA, 2002; YUAN, 2003) e da Análise de Gêneros (cf. ERICKSON, 1997, **on-line**; 2000, **on-line**; YATES, 2000; BARROS, 2001; 2002; 2003; ABREU, 2002; ARAÚJO, [2003] 2005a; 2004a; 2004b; MARCUSCHI, 2004), área na qual me inscrevo para discutir os resultados da presente pesquisa, que se volta para os *chats*, ou os famosos bate-papos virtuais, principalmente aqueles que operam com a escrita em uma natureza síncrona de comunicação⁵.

Como é possível inferir, independentemente da perspectiva adotada pelos pesquisadores, a quantidade de estudos arrolados sobre o bate-papo virtual realça bem a atenção que este objeto tem recebido dos cientistas da linguagem. Além disso, a literatura que se forma sobre ele pode oferecer uma idéia do funcionamento das práticas discursivas engendradas por vários tipos de *chats*. Em relação à presente Tese, o interesse pelos *chats* é orientado pelo viés da formação dos gêneros discutido por Bakhtin ([1953] 2000).

Este interesse tem sua gênese em minha pesquisa de Mestrado (ARAÚJO, 2003 [2005a]), na qual ainda não havia atentando para a diversidade dos bate-papos virtuais e, por isso, ao estudar o *chat* como um gênero emergente, não me preocupei em categorizá-lo como um *chat* aberto, reservado, educacional, etc. Limitei-me unicamente a mostrar que o *chat*, embora em processo de constituição, apresenta

⁵ O termo *chat* é usado por Crystal (2002) não só para as interações síncronas, mas também para as assíncronas, como os *e-mails*, listas de discussão e similares. Por isso, cumpre-me lembrar que, durante esta Tese, estarei usando o termo para fazer referência somente aos bate-papos virtuais ou bate-papos eletrônicos que usam a escrita em tempo real como uma das semioses nestas interações. Durante o texto, irei me referir ao objeto de estudo ora por bate-papo virtual, ora bate-papo eletrônico ora por *chat*, tomando sempre um termo pelo outro.

algumas regularidades que permitem a identificação das marcas desse processo. Desta maneira, ao defender a suposição de que o *chat* é um gênero complexo porque transmuta para o seu interior a conversa cotidiana, tracei como objetivo daquela pesquisa descrever elementos indicadores dessa transmutação, os quais são flagráveis pela integração dos recursos semiológicos da escrita, do som e da imagem. Tais recursos são disponíveis nas salas de bate-papo, conferindo-lhe, além do *status* de um gênero em formação, características hipertextuais de variada ordem advindas da natureza multimidiática do ambiente digital.

No entanto, aquela pesquisa carecia de um aprofundamento porque, através da experiência empírica e de algumas leituras, fui percebendo a existência de muitos tipos de bate-papos virtuais, o que me fez entender que o *chat* analisado naquele trabalho, o **chat aberto**, é apenas um dos muitos tipos existentes. Naturalmente, essa constatação me levou a questionar se as conclusões daquele estudo se estenderiam aos outros *chats* que rapidamente se popularizam na Internet. Na tentativa de saber se os achados de minha pesquisa de Mestrado se estenderiam aos outros bate-papos, iniciei dentro do Grupo de Pesquisa PROTEXTO, sediado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, alguns estudos que permitissem fazer um primeiro mapeamento dos diferentes *chats*.

O primeiro tipo de bate-papo que investiguei foi aquele que parece assumir um propósito comunicativo pedagógico. Esta escolha, também fundamentada na esteira bakhtiniana da transmutação, obrigou-me a ampliar a suposição de que não só a conversa do cotidiano é transmutada pela *Web*, gerando o *chat* aberto, já que o caráter absortivo dessa situação comunicativa parece ser bem mais complexo na medida em que ela também absorve outros gêneros complexos, como a aula, gerando o gênero **chat educacional**. Para sistematizar a ampliação dessa suposição, foram realizadas algumas observações que permitiram assinalar o estatuto genérico do *chat* educacional e sua implicação pedagógica (ARAÚJO, 2004c). Além disso, foi observado que as representações que os participantes constroem de si mesmos e do espaço

virtual que “ocupam” os guiam na atividade de interação. Os participantes, sobretudo os alunos, sentem-se muito mais em uma sala de bate-papo virtual do que em uma sala de aula presencial. Portanto, as relações pessoais que normalmente seriam assimétricas em uma situação tradicional de sala de aula, tendem a assumir um caráter mais simétrico já que o *chat*, ao transmutar a aula, reformata o gênero transmutado, conferindo-lhe características outras ao discurso pedagógico que se constrói no *chat* educacional (ARAÚJO, 2005b).

Até onde foi estudado, é possível sustentar a afirmação de que o *chat* possui um alto poder absorvivo capaz de transmutar outros gêneros, o que o faz cumprir funções sociais distintas, gerando uma tipologia de diversos bate-papos. No entanto, um sobrevôo pela literatura sobre esse objeto permite constatar que apenas dois tipos de bate-papos têm, freqüentemente, sido estudados: o ***chat* aberto** e o ***chat* educacional** e sempre sem a preocupação de realçar que tipo de relações haveria entre eles.

O primeiro estudo sobre o *chat* aberto do qual se tem notícia foi desenvolvido por Phoenix Lundstrom (1995, **on-line**). Nele, são destacadas as simulações de oralidade que a tecnologia impõe aos usuários. Para isso, foi verificado, por exemplo, o uso dos *emoticons* e das decisões lingüísticas que permeiam de marcas de oralidade a linguagem escrita nesse gênero. Segundo a análise desenvolvida, os *emoticons* são índices de afetividade na escrita e ocorrem, geralmente, no final de cada turno. Além dos *emoticons*, as decisões lingüísticas são marcadas por uma escrita abreviada que, no entender de Lundstrom, assumem um caráter de estratégia discursiva, pois o *chatter*⁶ precisa ser rápido para dar conta da dinâmica e da velocidade deste tipo de interação. Na mesma perspectiva, segue o trabalho de Ewa Jonsson (1997, **on-line**) que, além de observar a complexificação dos atos de fala no bate-papo virtual,

⁶ Do inglês, significa algo como **tagarelar**, mas que está sendo ressignificado na Internet com o sentido de “usuários de *chats*”.

procura descrever a linguagem escrita deste gênero, com especial atenção para a economia de caracteres.

Ambos os estudos chegam a conclusões aproximadas, entre as quais está o fato de a oralidade e a escrita se imbricarem para atender as especificidades do gênero. No plano da escrita, as conclusões apontam para um reaproveitamento de sinais gráficos, tais como letras, números e diacríticos. No plano próximo da oralidade, esses elementos são inteligentemente combinados para suprir a ausência de paralinguagens, tão comuns nas interações presenciais, como piscadelas de olho, sorrisos e demais gestos e sentimentos humanos que podem caracterizar uma interação face a face. Como as conclusões desses trabalhos dizem respeito ao *chat* aberto, é razoável levantar a curiosidade em saber se estes achados se confirmariam nos outros tipos de bate-papos. E principalmente, analisar como as relações sociais se definem no agrupamento de gêneros *chats*.

Outra pesquisa importante foi desenvolvida pelo lingüista e também engenheiro de *software*, Erickson (1997, **on-line**). Em seu estudo, ele aplicou a uma sala de *chat* (*Café Utne*) os pressupostos teóricos da escola norte-americana da Análise de Gêneros, problematizando os conceitos de *comunidade discursiva* e *comunidade virtual*. Sua análise repudia tais conceitos por entender que eles não se adequam ao objeto, por isso o autor se insurge contra a idéia de aplicar aos grupos de usuários do meio digital a noção de comunidade. Desse modo, Erickson percorre um caminho inverso ao de Swales (1990; 1992), já que não parte da noção de comunidade discursiva para chegar ao gênero. Erickson prefere deslocar o foco para um estudo que priorize a análise do *chat* como um gênero, independentemente da comunidade usuária. Para tanto, as categorias que aparecem em seus objetivos são o

propósito comunicativo, a **natureza conversacional**, as **regularidades de forma e conteúdo**, além das **forças sociais e tecnológicas** que envolvem o *chat*⁷.

Longe de querer desmerecer a relevância do trabalho de Erickson, é necessário dizer que ele concebe uma análise de gêneros isolada de sua comunidade usuária. Além disso, é relevante assinalar que a idéia de pulverizar a noção de comunidade nos estudos sobre o *chat* não se mostra consensual entre os autores. Crystal (2002), por exemplo, ao caracterizar as conversações em salas de *chat*, afirma que esta situação comunicativa se manifesta em “uma atmosfera [...], sobretudo recreativa” (p. 196). Por esta razão, chega a comparar o *chat* a um jogo dinâmico de linguagem que se assemelha a uma grande festa para a qual os participantes levam, não uma bebida, mas sua criatividade lingüística. Vista por este enfoque, o autor defende que “a conduta lingüística compartilhada, precisamente por seu caráter insólito, **favorece a criação de comunidades**” (p. 196 [grifos meus]).

Pela leitura de seu trabalho, a ilação possível é a de que Crystal se refere somente ao *chat* aberto, o que sugere que essa “festa lingüística” talvez não seja uma marca que vá se repetir em todos os *chats*. É preciso verificar também qual a noção de comunidade a que ele se refere, pois esta categoria, dependendo da perspectiva adotada, pode assumir várias conotações. Assim, certamente, a eleição do conceito de comunidade também deva estar de acordo com os tipos de bate-papo⁸.

Estudos que se orientaram pelo aparato teórico-metodológico da Análise da Conversação, como os de Hilgert (2001), Fonseca (2001), Chaves (2001), Nader (2001) para ficarmos só com esses, também se debruçaram sobre o *chat* aberto. Ao

⁷ Em um trabalho posterior, Erickson (2000) demonstra como acontece a interação dentro de um sistema confeccionado por ele, chamado BABBLE, cujo funcionamento permite comunicações assíncronas e síncronas, consistindo no que ele denomina de uma *ecologia de gêneros*.

⁸ A este respeito, Marcuschi (2004, p. 23) afirma que a noção de comunidade discursiva virtual se aplica mais às listas de discussão do que às interações em salas de bate-papos, embora reconheça a possibilidade dessa aplicação ao citar a pesquisa de Araújo ([2003] 2005a). Sobre o assunto, sugiro a leitura da Tese de Gaede (2003) que também aplicou o conceito de comunidade discursiva a um grupo de internautas que usa, entre outros gêneros, o *chat* aberto. Ver também Araújo (2004e).

optar por essa perspectiva, as categorias selecionadas pelos autores dizem respeito à sincronia que marca o bate-papo, por isso eles analisaram, entre outros aspectos, a **aplicação**, a **tomada** e a **alocação de turnos** no *chat*. Esses estudos são importantes porque lançam luzes nos trabalhos que pretendem descrever esse gênero, pois fornecem elementos importantes para o entendimento da dinâmica conversacional dessa prática comunicativa, como a troca e o funcionamento dos turnos. Não obstante isso, é preciso saber se a dinâmica conversacional estudada por aqueles autores se manifesta de igual modo em todos os tipos de *chats*.

Sobre o ***chat* educacional**, os pesquisadores observam que seu uso tem sido relevante para o desenvolvimento de aprendizes de uma segunda língua. Entre os que se dedicam ao estudo dos *chats* educacionais, citamos o trabalho de Pelletieri (2000) e Yuan (2003), os quais constatam que o bate-papo virtual, quando usado para fins pedagógicos, assume um relevante papel na promoção de uma maior liberdade para a negociação de todos os aspectos do discurso.

Pelletieri (2000), por exemplo, “indica que o uso do *chat* pode fomentar o desenvolvimento da competência sociolingüística e interativa” (p. 63)⁹, e Yuan (2003) afirma que a ambiência virtual de uma sala de *chat* permite uma melhor gerência dos alunos de língua estrangeira sobre sua aprendizagem, pois estes podem realizar mais livremente suas auto-correções em busca de uma maior proficiência na língua, já que “os reparos e auto-reparos de erros de muitos tipos ocorreram mais e mais nos dados” (p. 204). Sob a ótica destes autores, é legítima a afirmação de que é própria do *chat* educacional a vantagem de os usuários corrigirem-se a si mesmos com o intuito de se desenvolver na língua estudada¹⁰.

⁹ Com exceção de Bhatia ([1997] 2001), que foi traduzido por Benedito Bezerra, todas as traduções apresentadas neste trabalho são de minha responsabilidade.

¹⁰ Acerca disso, ver o trabalho de Robert Hoffman (1996), para quem a *Web* é um “meio sem rosto” que facilita o desenvolvimento do aluno. No Brasil, há excelentes estudos que também constataram que o gênero *chat*, quando usado para fins educacionais, desenvolve autonomia nos alunos. Vejam-se, por exemplo, os trabalhos de Lacombe (2000), Gazeta (2000), Souza (2000), Parreiras (2001), Motta-Roth (2001), Paiva (2001) e Fonseca (2002).

Apesar de a maioria dos trabalhos sobre o *chat* educacional estar atrelada à Lingüística Aplicada, é possível encontrar estudos que se inscrevem na área de Análise de Gêneros, como o de Abreu (2002). Esta autora, baseada em Horton (2000), estuda as características do *chat educacional*, comparando-o com o *chat social*, terminologias propostas por Horton e adotadas por ela. Abreu defende que o *chat* é um legítimo gênero do discurso, embora reconheça que, como tal, ainda está se estabelecendo e, portanto, suas marcas genéricas ainda estão sendo reconhecidas pelos estudiosos da linguagem. Entre as principais conclusões deste estudo, a autora realça o fato de professores e alunos ainda não dominarem bem essa *ferramenta*, o que acarreta um uso desfavorável do gênero.

Longe de querer desmerecer a grande relevância dessas pesquisas, é necessário afirmar que a maioria dos estudos mostrados até aqui, seja sobre o *chat* aberto seja sobre o *chat* educacional, parece não atentar para o fato de que tais gêneros têm sua pré-existência em outros e que todos eles ainda estão em processo de formação¹¹, sem falar que ambos podem ter características comuns. Além disso, penso ser importante atentar para os outros tipos de bate-papos virtuais, a fim de verificar como as relações humanas se realizam neles e se os achados apresentados pelos autores acima se estendem também aos outros *chats*. Assim, tenho sugerido que um caminho promissor seria estudar a formação desses gêneros para saber se o fato de todos serem gerados pelo mesmo processo não os “irmanar” em alguns aspectos. Porém, a literatura parece indicar a carência de pesquisas desta natureza que, ao estudar o processo de formação desses gêneros, busquem focalizar as relações existentes entre eles, atentando para elementos que os revelem similares e/ou distintos.

Um trabalho que parece ser seminal e, por isso, permite alguns avanços nesse sentido, é o de Marcuschi (2004). Nele, o autor tece algumas considerações de ordem teórico-metodológica seguidas de sumárias descrições de 12 (doze) gêneros do meio

¹¹ O bate-papo virtual nasceu no verão de 1988, por isso é um gênero tão recente quanto os estudos sobre ele. Para maiores detalhes acerca de sua história, cf. a *homepage* <<http://daniel.haxx.se/irchistory.html>>.

digital¹², entre os quais estão alguns tipos de bate-papos virtuais: o **chat aberto**, o **chat reservado**, o **chat ICQ (agendado)**, o **chat em salas privadas** e o **chat educacional**. Como é de fácil constatação, seu estudo evidencia um vasto terreno que espera ser explorado pelos analistas de gêneros interessados pelo domínio discursivo digital.

Chama-me a atenção, no entanto, o fato de Marcuschi não inserir em sua tipologia aquele *chat* que ocorre com uma pessoa convidada. A este evento, o autor reserva a rubrica de **entrevista com convidado**. Mesmo que se perceba rastros de uma entrevista ali, é preciso considerar que a “nova” prática discursiva virtual também apresenta marcas indicadoras de uma situação de bate-papo, o que me instiga, baseado em Hilgert (2001), a designá-lo de **chat com convidado**.

As mesmas reflexões tornam-se válidas para um outro tipo de *chat*, que designarei aqui de “*chat* de atendimento ao assinante”, pois assume a finalidade de atender a assinantes de provedores, como o “Universe On-line” (UOL). Minha suposição é a de que essa situação comunicativa também possa estar intrinsecamente associada à teia de bate-papos existentes, ou seja, é possível verificar nele elementos “estáveis” que são comuns às variedades de *chats* apontadas até aqui. Em outras palavras, assim como o **chat aberto** e o **chat educacional** são formados pelo fenômeno da transmutação de outros gêneros, é razoável supor que aquilo que Marcuschi designa de “entrevista com convidado” é mais um tipo de *chat*, o que permite dizer que tal variedade absorve e reinterpreta a entrevista. Na mesma esteira, o **chat de atendimento ao assinante** parece reinterpretar a conversa que um cliente teria com um atendente na seção do Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) de uma empresa qualquer, gerando mais uma variedade de bate-papo. Deste modo, além dos cinco *chats* propostos na tipologia de Marcuschi (2004), é relevante acrescentar mais os dois últimos mencionados, a fim de que se verifique se estamos diante de outros gêneros de bate-papo ou não.

¹² Além dos tipos de *chat*, o autor analisa os gêneros *e-mail*, *e-mail* educacional, vídeo-conferência interativa, entrevista com convidado, lista de discussão, endereço eletrônico e o *blog*.

Como já foi destacado, a maioria das pesquisas que se dedicaram a estudar o bate-papo virtual, exceção feita ao trabalho de Marcuschi (2004)¹³, circunscreveu-se apenas a duas manifestações de bate-papo: o *chat* aberto e o *chat* educacional. Exatamente por serem eventos comunicativos (cf. SWALES, 1990) que atendem a diversas funções é que pensei que os *chats* poderiam ser mais bem compreendidos se estudados como uma **constelação de gêneros**, tal como proponho nesta Tese. Assim, a presente pesquisa poderá preencher algumas das lacunas deixadas pelos trabalhos aqui apresentados, já que a idéia foi não se limitar a um só tipo de bate-papo, mas a toda constelação discursiva de *chats*. É necessário observar ainda que, embora Marcuschi (2004) tenha admitido a existência da variedades de *chats*, ele não se preocupou em estudar a natureza constelar desses gêneros, dado que se limitou a sugerir critérios de análise para os doze gêneros digitais que ele elenca (cf. nota 12).

Como se pode inferir, a pesquisa que passarei a relatar não terá como tese central a afirmação de que o conjunto das diversas situações comunicativas que se organizam em torno dos *chats* se configura como uma constelação de gêneros, já que para mim isso já é um dado. O que de fato será defendido aqui é a própria noção de constelação de gêneros associada a um percurso metodológico que permita pelo menos um primeiro ensaio de sistematização de um estudo sobre as muitas constelações de gêneros que existem. Para isso, os gêneros *chats* foram aqui utilizados na demonstração empírica do conceito de constelação de gêneros e do percurso para o seu estudo, os quais elaborei devido não ter encontrado fulcro na literatura sobre esta temática.

Ao que me parece, os pesquisadores se preocuparam com outros fenômenos genéricos, deixando à margem de seus estudos a importante problemática do agrupamento dos gêneros: O que é uma constelação de gêneros? Por que e como os gêneros se agrupam? O que os aproximam a ponto de se organizarem em uma constelação? O que os distinguem uns dos outros dentro do agrupamento, embora

¹³ Marcuschi (2004) chega a falar em “família dos bate-papos virtuais” (p. 47).

possuam traços comuns? Como estudar esse fenômeno? Neste sentido, minha pesquisa perseguiu os objetivos de dar uma definição própria ao que seja uma constelação de gêneros, de explicar como ela se constitui e, além disso, demonstrar como ela pode ser estudada.

Isto se justifica porque, se de um lado o crescente interesse pelos gêneros tem lançado luzes no entendimento das relações humanas, de outro é preciso considerar que um número bastante significativo de termos veio à tona, na tentativa de designar as categorias de análise. O emaranhado de termos, como *gêneros*, *seqüências* e *tipos textuais*, *eventos*, *pré-gêneros*, *subgêneros*, *falsos gêneros*, *colônia discursiva*, *constelação de gêneros*, etc., surge em meio a um quadro emoldurado pelas mais variadas perspectivas teórico-metodológicas¹⁴, as quais, inevitavelmente, proporcionam uma grande flutuação terminológica que, em alguns casos, só dificulta os procedimentos de análise.

Isso tudo aconteceu devido ao espraiamento das discussões acerca do termo gênero. Como muito bem observa Swales (1993), ao se referir à palavra **gênero**, “o que era um termo restrito aos setores mais especializados da crítica e da erudição humanística, e às conversas de pessoas letradas, estendeu-se até a mídia e deixou de ser um termo marcado nas discussões comuns” (p. 687). Se o termo estava em um ostracismo acadêmico, Freedman & Medway (1994) afirmam que hoje “a palavra *gênero* está na boca de todos, de pesquisadores e estudiosos a pedagogos e professores” (p. 1). Também Bhatia ([1997] 2001), ao se referir à discussão acadêmica a respeito dos gêneros do discurso, afirma que “o interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações não se restringe mais a um grupo específico de pesquisadores de uma área em particular ou de um setor qualquer do globo terrestre, mas cresceu a ponto do que jamais foi imaginado” (p. 102). Portanto, a presente pesquisa se coloca como

¹⁴ Escola de Genebra (SCHNEUWLY, 1994; ADAM, 1992; BRONCKART, 1999), Escola norte-americana (SWALES, 1990; BHATIA, 1993; MILLER, 1994) e a Escola de Sidney (KRESS, 1987; 1993; MARTIN, 1984; 1992). Cada uma dessas escolas avança em perspectivas teóricas que, embora tenham pontos de encontros, mantêm-se distintas.

mais uma contribuição ao debate acerca das categorias de análise desta área da Lingüística, além de contribuir, com particular interesse, para o fortalecimento da literatura a respeito dos gêneros emergentes da tecnologia digital.

A segunda razão que ratificou esta pesquisa, diz respeito à atividade de comparação entre os *chats*. Como bem lembram Mayans (2000), Fonseca (2002) e Vieira (2004; 2005), cada vez mais as pessoas têm usado os bate-papos virtuais para se comunicar na Grande Rede. Talvez seja por isso que esses eventos comunicativos atendam a tantas funções sociais na Internet, as quais variam desde funções ligadas a uma simples conversa cotidiana até aulas de cursos de Graduação e de Pós-Graduação e entrevistas com convidados considerados importantes.

Naturalmente, esses gêneros têm imposto algumas restrições de uso e, por isso, eles precisam ser mais conhecidos e estudados. Acrescente-se o fato de ser imperativo que se invista em estudos sobre gêneros que mantêm relações de similaridades, como os *chats*, a ponto de criarem uma teia de variados propósitos comunicativos. Portanto, investir em sua análise é relevante porque pode lançar luzes para que se compreenda o porquê de alguns gêneros possuírem “uma amplitude social maior que outros” (BONINI, 2000, p. 11). Nesta perspectiva, estudar os *chats* é conhecer as várias funções sociais que eles cumprem, materializadas na constelação de gêneros.

Um *addendo* que pode ser destacado para essa segunda razão está atrelado ao *chat* educacional que, por assumir propósitos comunicativos pedagógicos, faz com que esta pesquisa represente alguma relevância também para a área da Educação e da Lingüística Aplicada, no que diz respeito ao ensino a distância, pois como já demonstraram alguns estudiosos, este gênero se mostra como uma relevante ferramenta, no sentido atribuído por Schneuwly (1994), de construção colaborativa do conhecimento.

Finalmente, tal como sugere a epígrafe que abre este capítulo introdutório, a organização das práticas humanas tende a orientar-se pelos costumes de cada época e, por isso, o romance, o cinema, os quadrinhos, entre tantos outros, foram pouco a pouco ganhando espaços e contornos cada vez mais nítidos não só como entretenimento das pessoas, mas também como objetos de estudo nas várias áreas das ciências humanas. Por isso, não é prematuro afirmar que a era digital, através de sua maior expressão, a Internet, também promove alterações significativas no momento contemporâneo das interações humanas, proporcionando agrupamentos genéricos, como os *chats*.

Neste sentido, as discussões que se seguirão nesta Tese estão organizadas em duas grandes partes. Na primeira delas, tento responder as seguintes questões: o que é e como estudar uma constelação de gêneros? A resposta a estas questões se organizam em dois capítulos. No capítulo 1, faço uma incursão pela literatura em busca de compreender o que os autores estão denominando de constelação de gêneros. A falta de uma definição clara e de um método que permitisse o estudo de tal categoria, levou-me a elaborar um percurso teórico-metodológico, o qual é aplicado ao agrupamento constelar dos gêneros *chats*, como será apresentado no capítulo 2.

A segunda parte da Tese pretende dar conta da análise dos *chats* como uma constelação e, por isso, tenta responder a seguinte indagação: os bate-papos atendem ao conceito de constelação de gêneros tal qual foi elaborado aqui? Esta parte está organizada em quatro capítulos. No capítulo 3, discuto a abordagem qualitativa de pesquisa, para apresentar minhas opções metodológicas, as quais me permitiram a construção dos dados que serão analisados nos capítulos 4, 5 e 6. Para finalizar este relatório, retomo as questões que nortearam minha pesquisa a fim de expor as conclusões que a análise me permitiu chegar.

Primeira Parte

*O que é e como estudar uma
Constelação de Gêneros?*

CAPÍTULO 1

A CATEGORIA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS: UMA INCURSÃO PELA LITERATURA

Em vez de seguir uma curva ascendente de achados cumulativos, a análise [...] separa-se numa seqüência desconexa e, no entanto, coerente de incursões cada vez mais audaciosas. Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas.

GEERTZ (1989, p. 35)

1.1 PRELIMINARES: LOCALIZANDO A CATEGORIA TEÓRICA

Gêneros são artefatos semiotizados pelos homens para organizar as diversas práticas discursivas. Estas, na medida em que se complexificam, contribuem para a geração de curiosos agrupamentos genéricos que devem se formar por razões de natureza diversa. Diante disso, considero que, para além de se perguntar quais os agrupamentos genéricos que existem ou mapeá-los em uma “possível” tipologia, é bem mais importante compreender o que é e como se forma um grupo de gêneros. Isto se justifica porque a formação constelar de gêneros deve

estar associada a elementos histórico-culturais, os quais têm se transformado em uma via produtiva de trabalho para os que se dedicam à Análise de Gêneros.

Assim, autores como Bhatia (1993; 1997; 1999; 2001; 2004), Marcuschi (2000a) e Swales (2004), no desejo de nomearem estes agrupamentos genéricos, designam-no por **constelação de gêneros**. Partindo do dado de que os *chats* na Internet constituem um desses grupos de gêneros, as perguntas que, inicialmente, apresentaram-se para nortear a presente pesquisa foram: o que a literatura chama de constelação de gêneros? Como os especialistas explicam o surgimento de uma? Que propriedades as constelações de gêneros possuem que podem caracterizá-las como tal? Qual (quais) percurso(s) existe(m) para sistematizar os estudos de uma constelação?

Foi a busca por essas respostas que orientou minha incursão pela literatura. Por isso, no presente capítulo, apresento uma revisão da literatura para conhecer o que os autores estão chamando de constelação, pois, além de o tema ainda estar envolvido por um certo ar de novidade, percebe-se que, correlatas à noção de **constelação de gêneros**, existem outras com o mesmo nome, mas com sentidos diferentes.

1.2 COLÔNIA DISCURSIVA OU CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?

As leituras feitas autorizam a afirmação de que o que Bhatia ([1997] 2001) denomina de **colônia discursiva** não pode ser confundido com o conceito de **colônia discursiva** desenvolvido por Hoey (1986) porque se trata de duas noções diferentes entre si, embora estejam subjacentes a uma única expressão. Usa-se a mesma expressão, mas com sentidos diferentes, o que, por si, já é o suficiente para servir de argumento para uma discussão que tente mostrar as diferenças existentes na literatura.

Para Hoey (1986), as colônias discursivas se compõem de textos que, em relação às características do discurso, são homogêneos, mas quanto aos usos e à materialidade são totalmente heterogêneos. Ao retomar esse conceito em um trabalho mais recente, o autor ratifica sua concepção de colônia, a qual é vista como “um discurso cujas partes componentes não derivam seu significado da seqüência na qual elas se localizam” (HOEY, 2001, p. 75). Neste novo trabalho, Hoey cita uma lista muito extensa de diversos tipos de colônias discursivas: estatuto criminal, listas de compras, páginas de carta, dicionários, livros de cânticos religiosos, papéis de exames, colunas para solitários, listas de aulas, bibliografias (para artigos), resumos, constituição, agendas, jornais, enciclopédias, livros de culinária, programas de seminários, periódicos, livros de referências sobre os filmes da TV, notas de rodapé para trabalhos literários, catálogos telefônicos, livros de provérbios, dentre outros.

Ao que me pareceu, esta noção tanto pode ser aplicada a alguns gêneros, como listas de compras, resumo (cf. BIASI-RODRIGUES, 1999; 2001) quanto a alguns suportes, como jornais, periódicos, livros, catálogos, etc. Assim, para explicar o que entende por colônia discursiva, Hoey (2001) faz uma curiosa analogia entre os discursos e as abelhas e/ou formigas.

Nas colméias e nos formigueiros, todas as criaturas individuais servem a um fim superior; **não é a sobrevivência do individual que importa, é a sobrevivência da colônia.** (Sem dúvida uma abelha ou uma formiga isolada de sua colônia tem possibilidades limitadas de sobrevivência). Um biólogo que busca entender um humano pode escolher fazê-lo sem referência extensiva a outros humanos, mas aquele que busca entender a abelha precisará mostrar como a abelha se comporta e trabalha em sua comunidade. As colméias e os formigueiros são constituídos de muitas unidades independentes, as quais não são interconectadas em um sentido físico e a perda de uma ou mais delas não afetará a viabilidade da colônia. E mais, embora não possamos confiar que uma colméia tenha uma consciência singular há um sentido no qual ela trabalha, e sobrevive, como uma criatura singular com uma organização complexa que é, de qualquer forma, social em vez de física (p. 74 [grifos meus]).

Através dessa “metáfora alternativa da ciência natural” (p. 75), Hoey passa a explicar o que pode caracterizar uma colônia discursiva. Segundo ele, existem 9 propriedades que fariam uma colônia discursiva, de maneira que só haverá uma se as propriedades, abaixo, forem percebidas no texto¹⁵. No intuito de mostrar essas propriedades, passo a apresentar, na seqüência, o que Hoey considera relevante para que exista uma colônia discursiva:

1.2.1 O SIGNIFICADO INDEPENDENTE DA SEQÜÊNCIA

Para esta propriedade, o que importa não é a seqüência das informações, mas os recursos utilizados que deverão servir de pistas na construção do sentido durante a atividade de leitura. Bons exemplos desses recursos, segundo o autor, são os índices, a organização alfabética de dicionários ou catálogos telefônicos, etc.

1.2.2 AS UNIDADES ADJACENTES QUE NÃO FORMAM PROSA CONTÍNUA

Este é o caso de colônias discursivas, como o catálogo telefônico, as enciclopédias, os dicionários, entre tantas outras que, independentemente de uma prosa contínua, cumprem suas funções de veicular informações específicas, como um número de telefone qualquer ou as informações contidas em um único verbete de dicionário, por exemplo.

1.2.3 UM CONTEXTO ESTRUTURADO

De acordo com Hoey, a colméia é tão importante para a abelha quanto o contexto é para a colônia discursiva, pois sem ele não haveria como caracterizar uma colônia. Os gêneros introdutórios¹⁶ talvez sirvam de exemplos para entendermos esta propriedade. Um prefácio ou uma introdução são “contextos”, segundo o autor, indispensáveis para que se compreenda um livro, tido como uma colônia discursiva.

¹⁵ Hoey pondera que tais propriedades não se manifestam igualmente em todos os textos.

¹⁶ Acerca do tema gêneros introdutórios, vale a pena consultar os trabalhos de Bhatia (2001; 2004); Askhave & Nielsen (2004) e Bezerra (no prelo; b).

1.2.4 UMA AUTORIA COLETIVA

Mais uma vez, a analogia com a colméia serve para explicar esta propriedade. Segundo Hoey, cada abelha é responsável pelo funcionamento do todo, ainda que o controle da colméia seja da abelha rainha. Um periódico científico, por exemplo, é uma colônia discursiva e cada autor é responsável por um artigo, ficando a organização do volume a cargo de alguém que, embora controle a organização da colônia, não controla a autoria dos partícipes¹⁷.

1.2.5 UM COMPONENTE QUE PODE SER USADO SEM FAZER REFERÊNCIA A OUTROS

As unidades que compõem a colônia são independentes umas das outras. O exemplo que ilustrou a propriedade 4, acima, serve também para esta. É bastante comum que, seja em um periódico científico, seja em um livro elaborado por vários autores sob a organização de outro, alguém se interesse somente por um trabalho. Tudo dependerá dos tipos de colônias e dos objetivos de quem as manipula.

1.2.6 OS COMPONENTES QUE POSSAM SER REIMPRESSOS E/OU USADOS NOVAMENTE

Assim como as abelhas podem se afastar de suas colméias de origem e participar de outras sem prejuízo para a colméia anterior, uma unidade de uma colônia pode ser utilizada em outras. Um poema que estava em um livro pode ser reimpresso em um jornal, por exemplo, assim como um artigo publicado em Anais de congresso pode se transformar em um capítulo de livro. A meu ver, esta propriedade é, no mínimo, discutível. Mas deixo para retomá-la, mais abaixo, ao apresentar a propriedade 8.

1.2.7 OS COMPONENTES QUE PODEM SER ACRESCENTADOS, REMOVIDOS OU ALTERADOS

¹⁷ Ainda que Hoey não cite o caso das listas de discussão e dos blogs, acredito que estes também serviriam de exemplos para discutir a propriedade acima.

Esta propriedade diz respeito às atualizações, revisões e ampliações que se costumam fazer em colônias discursivas como catálogos telefônicos, enciclopédias, dicionários, etc. Alguns gêneros digitais, como os *blogs* e as *homepages*, por exemplo, também servem de exemplos para a referida propriedade, haja vista a necessidade de atualizações diárias que estes gêneros demandam.

1.2.8 ALGUNS COMPONENTES QUE SERVEM PARA A MESMA FUNÇÃO

Mesmo que alguns componentes da colônia migrem para outras, segundo Hoey, não haverá alterações em suas funções. De meu ponto de vista, esta propriedade pode ser mais discutida, já que ela nos remete à propriedade 6 e suscita a idéia de que o autor não atentou para a implicação que uma mudança não só de esfera de comunicação como também de suporte provoca nos discursos. Essas alterações, segundo o que se discute atualmente na Academia, provocam sim mudanças relevantes nos gêneros e, exatamente por isso, devem ser estudadas (MAINGUENEAU, 2002; TÁVORA, [2003] 2005a; MARCUSCHI, 2003; ARAÚJO, 2005a). Sendo assim, acredito que a (trans)mutação de partes textuais que migram de colônias, de suportes ou de esferas discursivas sempre provocará alguma alteração no elemento transmutado. Discuto melhor sobre isso, no próximo capítulo.

1.2.9 APRESENTAM ALGUM TIPO DE SEQUÊNCIA

Como a coesão e a coerência textuais em determinados tipos de colônias discursivas não funcionam como em outros textos, tais colônias se organizam através de princípios próprios, como ordem alfabética, numérica, temporal. Esses recursos sequenciais cumprem o objetivo de orientar o leitor para que sua busca pela informação específica seja otimizada.

Não obstante as sumárias explicações sobre a noção de colônia discursiva desenvolvida por Hoey, é preciso realçar que o que defendo nesta Tese se distancia das reflexões deste autor. Por esta razão, tomei a decisão de não utilizar a

nomenclatura **colônia discursiva**, mesmo que ela seja também usada por Bhatia. Embora o autor indiano utilize ainda o termo **colônia de gêneros**, minha preferência foi adotar com ele e com Marcuschi (2000a), o termo **constelação de gêneros**. Vale a ressalva de que esta opção é mais pelo termo em si não tanto pelo sentido que estes autores lhe atribuem, pois, como será discutido mais adiante, a concepção de constelação de gêneros com a qual estou trabalhando se distanciará um pouco daquelas defendidas por Bhatia e Marcuschi. Em meu caso, defendendo que o termo constelação de gêneros, em analogia com a Astronomia, denota um conjunto de gêneros discursivos que formam um todo coerente, ligados por características comuns, porém com funções sociais distintas (cf. CAMPBELL & JAMIESON, 1978).

Dadas as explicações que poderiam provocar alguma confusão terminológica, penso que já é possível realizar uma apresentação e uma discussão sobre o que Bhatia, Marcuschi e Swales entendem por constelação de gêneros. Realizado isso, será feito um esforço para estabelecer uma associação da categoria de constelação de gêneros com o trabalho sobre a poética de Dostoiévski, magistralmente desenvolvido por Bakhtin ([1929] 2002). Para encerrar o capítulo, com o intuito de mostrar o estágio atual de minha reflexão, apresento um conceito de constelação com base em uma pré-análise feita de um pequeno recorte do *corpus*, anterior ao projeto de pesquisa, que culminou no presente relato.

1.3. CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM BHATIA

Bhatia ([1997] 2001) apresenta três aspectos que, segundo seus argumentos, são imprescindíveis à teoria de gêneros: o **conhecimento convencional**, a **versatilidade genérica** e a **tendência para a inovação**. Como este último aspecto será discutido no próximo capítulo, em uma seção sobre transmutação, limitar-me-ei a apresentar sumariamente os dois primeiros aqui.

Ao focalizar os gêneros promocionais, o autor argumenta acerca do conhecimento convencional dos gêneros, dizendo que eles são resultados de

práticas sociais que foram sendo convencionadas pelas comunidades discursivas. Graças a esse conhecimento, completa o autor, os membros de uma determinada comunidade discursiva assumem vantagens em relação aos que são estranhos no que diz respeito à produção/recepção desses gêneros. Bhatia retoma Swales (1990) para dizer que nenhum gênero se forma da noite para o dia, já que é preciso que as práticas discursivas sejam sedimentadas ou institucionalizadas de tal maneira que o gênero seja reconhecido pelos membros das comunidades discursivas.

Quanto à versatilidade genérica sobre a qual nos fala Bhatia ([1997] 2001), lançamos um olhar mais apurado porque, ao falar sobre este aspecto, o autor toca no conceito de subgênero e, principalmente, na noção de “constelação de gêneros” (p. 104). Esta noção é ilustrada por meio de vários exemplos de gêneros promocionais, como **anúncios, cartas promocionais, inscrições para empregos, sinopses de livros, panfletos comerciais, panfletos turísticos** entre outros. Ao citar estes gêneros, Bhatia assevera que todos

apresentam um alto grau de superposição no propósito comunicativo a que procuram atender **e essa é a principal razão por que são vistos como parte de uma constelação de gêneros intimamente relacionados, servindo a um propósito promocional comum** (p. 104 [grifos meus]).

O lingüista indiano defende ainda que a existência desses graus de sobreposição dos propósitos comunicativos deve ser observada pelo analista. Sendo assim, dependendo dos objetivos determinados pelo estudioso, o foco pode ser o maior nível de generalização, percurso que levará o pesquisador a estudar o propósito geral, portanto toda a constelação de gêneros; ou a opção pelo nível mais específico do propósito comunicativo, o que permite o ajuste das lentes não mais na constelação em si, mas apenas em um gênero específico dela. A figura 1, abaixo, ilustra bem os níveis de descrição genérica dos gêneros promocionais, destacando as duas possibilidades de estudo.

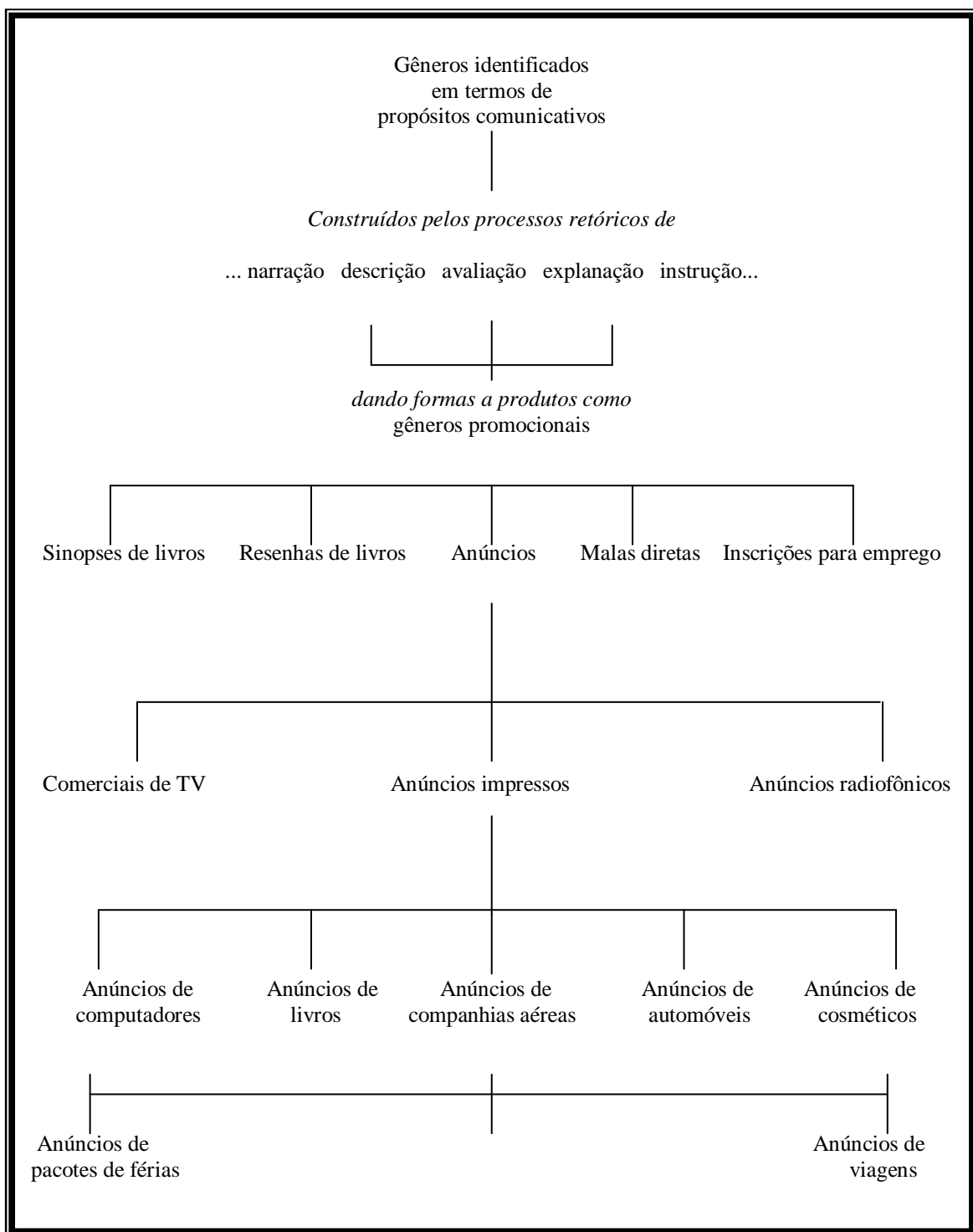


FIGURA 1 – NÍVEIS DE DESCRIÇÃO GENÉRICA

FONTE: BHATIA (2001, p. 104).

Nessa figura, verifica-se que os gêneros **sinopses de livros**, **resenhas de livros**, **anúncios**, **malas diretas** e **inscrições para empregos**, embora atendam a audiências

específicas e, certamente, apresentem organizações retóricas distintas, são atravessados e irmanados pelo critério de um propósito comunicativo único. No caso, subjacente a todos esses gêneros está o propósito geral comum que é o de vender algum produto e isto, na opinião de Bhatia, é o suficiente para a constituição de uma constelação de gêneros.

Seguindo a figura, o autor afunila a arborescência de seu gráfico para o gênero anúncio[s] (escrito no plural, já denotando a fecundidade do gênero para as variações). Embora Bhatia não observe nem se detenha na relação suporte-gênero, sua figura abre possibilidades concretas, como observa Távora ([2003] 2005a), para que possamos sugerir que o suporte (TV, papel e rádio) assume uma pertinente relevância na concepção dos muitos anúncios que podem ser gerados por essa relação¹⁸.

Da relação entre o anúncio e os seus vários suportes, nascem alguns tipos de anúncios, os quais, embora realizados em suportes distintos, conservam aspectos genéricos que os fazem ser reconhecidos pelos usuários como sendo anúncios. Desse modo, a figura mostra que esse gênero aceita muitas variações, como **anúncios de computadores, anúncios de livros, anúncios de companhias aéreas, anúncios de automóveis, anúncios de cosméticos**, etc. Mas será que esses tipos de anúncios se configuram como variações de um mesmo gênero ou se constituem em gêneros distintos que se organizam em uma outra constelação?

Essa indagação parece encontrar resposta em um trabalho anterior de Bhatia (1993), no qual o propósito comunicativo também é eleito como o critério privilegiado para o reconhecimento de um gênero. Neste trabalho, o autor defende que a alteração no propósito comunicativo significa mudança de gênero. É exatamente desse aspecto que nasce o conceito de **subgêneros**, cuja criação, como explica o autor, tem a finalidade de dar conta das pequenas e sutis variações de

¹⁸ Sobre a complexa relação suporte-gênero, sugerimos a leitura dos artigos de Bonini (2003; 2005); Marcuschi (2003), Távora (2005b) e Bezerra (no prelo a).

propósitos comunicativos. Isto permite pensar que há uma equivalência entre o propósito comunicativo e um gênero do discurso e entre o subpropósito comunicativo e um subgênero, já que “qualquer mudança maior no(s) propósito(s) comunicativo(s) é provável que produza diferentes gêneros; enquanto as mudanças ou modificações menores ajudam a distinguir os subgêneros” (BHATIA, 1993, p. 13).

Um retorno à figura 1 permite observar que Bhatia ([1997] 2001) cria, ao mesmo tempo, dois caminhos metodológicos. No primeiro, o analista tem a opção de concentrar o seu estudo na constelação dos gêneros promocionais, formada pelos gêneros sinopses de livros, resenhas de livros, anúncios, malas diretas e inscrições para empregos. De acordo com o autor, o propósito comunicativo é o eixo organizador da constelação desses gêneros, de modo que se algum gênero não atender a esse critério pode ser, naturalmente, expurgado do agrupamento constelar. Ao optar pelo segundo caminho, o analista estuda os diversos graus de sobreposição dos propósitos comunicativos, conduzindo sua análise para um gênero específico da constelação: o anúncio. Segundo o meu ponto de vista, no entanto, este último caminho metodológico força a inferência segundo a qual os diferentes tipos de anúncios, que, seguindo o raciocínio bhatiano, seriam subgêneros daquele, na verdade parecem constituir sozinhos uma outra constelação genérica.

Vale a pena apresentar aqui um outro trabalho do autor que, ao se referir à dinamicidade dos gêneros profissionais, afirma que há uma variedade muito grande deles, os quais se organizam em uma **constelação discursiva** (cf. BHATIA, 1999). Segundo o autor, essa constelação discursiva é formada por uma tipologia de gêneros que não pertencem à mesma família, mas que se ligam uns aos outros pelo propósito comunicativo comum. A figura 2, abaixo, mostra a maneira pela qual ele organiza sua constelação de gêneros.

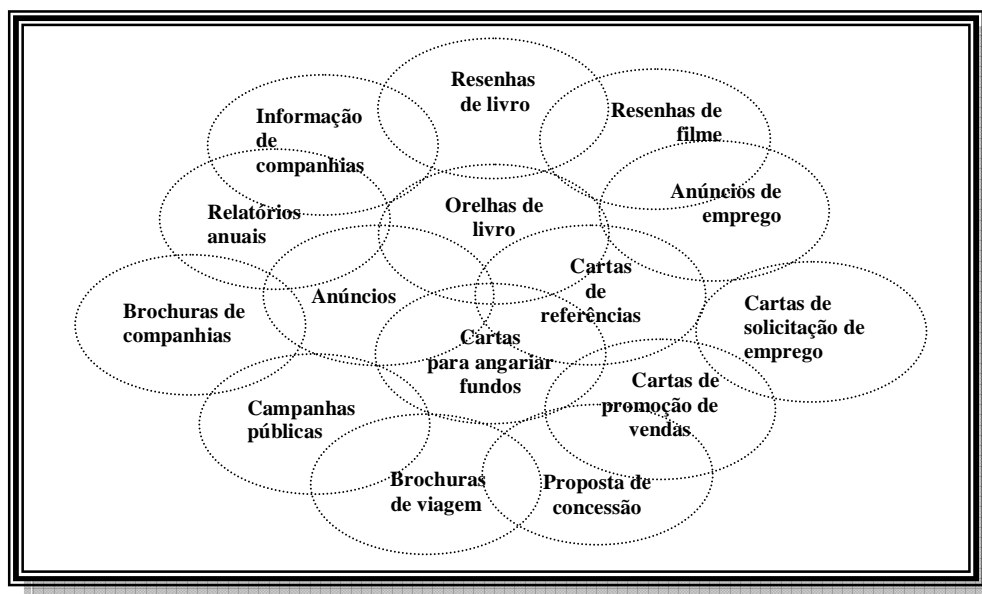


FIGURA 2 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS PROMOCIONAIS

FONTE: BHATIA (1999, p. 29)

Esta figura, tal qual a anterior, também apresenta um conjunto de gêneros designados pelo autor de promocionais. Pela disposição circular do desenho, compreende-se que todos os gêneros associam-se uns aos outros, gerando uma constelação, cujo elo comum é o propósito comunicativo de promover ou vender um produto. Embora a inventividade desta figura seja inegável, é possível apontar alguns problemas.

Em primeiro lugar, é interessante observar que a “vizinhança” entre um e outro gênero, em alguns casos, parece estranha. Veja-se o caso, por exemplo, da proximidade entre o gênero **informação de companhias** e a **resenha de livro** ou ainda da vizinhança entre **relatórios anuais** e **anúncios** (no plural), para citar apenas estes. Embora todos, segundo a ótica de Bhatia, estejam entrelaçados por um único propósito comunicativo, julgamos estranha a relação de vizinhança apresentada na figura, pois, nos casos citados, há uma certa distância de ordem composicional, estilística e temática e, principalmente, de propósito comunicativo.

Um outro problema é a reunião de gêneros bastante díspares em relação a outros que figuram na constelação com suas respectivas e supostas variações. Este é o caso da carta, por exemplo. Em meu modo de entender, a carta, em si, tal como também defendo para o anúncio e, em especial para o *chat*, já poderia ser considerada uma constelação (cf. MAIOR & BEZERRA, 2000), uma vez que existem algumas realizações distintas desse gênero, conforme mostra a figura, abaixo, adaptada a partir da figura 2.

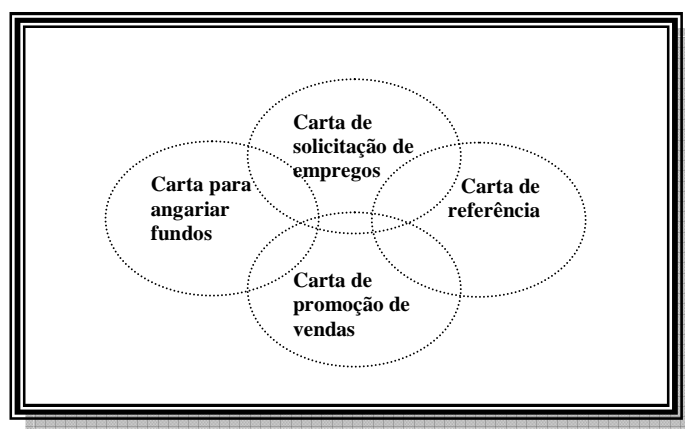


FIGURA 3 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS CARTAS

FONTE: BHATIA (1999, p. 29) [com adaptações]

A mesma coisa se verifica quanto ao gênero **resenha** que, na figura 2, realiza-se como **resenha de livro** e **resenha de filme**, as quais se mostram bastante relacionáveis com a **orelha de livro** (cf. KATHPALIA, 1997) já que mantêm semelhanças no propósito comunicativo. Some-se a estes, também o caso do **anúncio** que, ao lado do **anúncio de emprego**, é visto como parte constitutiva da constelação. Considero pouco produtiva essa atitude de Bhatia, uma vez que, na figura 1, o anúncio parece se configurar, ele mesmo, uma constelação discursiva, uma vez que se podem vislumbrar muitas variações, dada à relação com o suporte, gerando, deste modo, os anúncios de TV, os anúncios radiofônicos e os anúncios impressos, os quais, por sua vez, podem gerar diversos tipos de anúncios. Isso me leva a inferir que dentro da constelação de gêneros, organizada por Bhatia, há uma subconstelação de

subgêneros, já que o gênero **anúncio**, por exemplo, realça uma sutil variação no propósito comunicativo do suposto subgênero **anúncio de emprego**. A mesma reflexão parece ser válida para os gêneros **carta e resenha**.

Ao tecer essas considerações, gostaria de pôr em questão a categoria **constelação de gêneros** usada por Bhatia ([1997] 2001). Se o critério for “distinguir uma variedade de realizações específicas de gêneros de certo modo similarmente relacionados” (p. 104), como é o caso do anúncio, apresentado na figura 1, então não restam dúvidas de que a noção de constelação de gêneros se refere aos subgêneros (termo, aliás, atravessado por um tom valorativo), resultantes dos subpropósitos comunicativos. Contudo, se o critério privilegiado for agrupar gêneros relacionáveis como, por exemplo, a **resenha de livros**, a **carta de referência** e os **relatórios anuais** (cf. figura 2), então esses exemplares de “textos [...] serão identificados como gêneros” (id., Ibid., p. 104).

Em minha opinião, o autor cria, assim, um problema metodológico que suscita muitas indagações: **a que constelação se refere Bhatia? À constelação de gêneros ou à constelação de subgêneros?** *Addendo*, o fato de “todas as variações somente se tornarem gêneros diferentes no momento em que começam a indicar uma diferença substancial nos propósitos comunicativos” (BHATIA, [1997] 2001, p. 104), incita a sugestão de que os exemplares que formam a constelação de gêneros, representada pelas figuras anteriores, não assumem o *status* genérico. Em outras palavras, as resenhas de livros e de filmes, as cartas de promoção de vendas e de referência, os relatórios, etc., não se constituem, segundo essa ótica, gêneros distintos, visto que todos são atravessados pelo mesmo propósito comunicativo. Considero razoável esse entendimento na medida em que, para Bhatia, esses exemplares só seriam gêneros caso apresentassem, cada um, um propósito comunicativo distinto.

É por esta razão, conforme discutirei no capítulo subsequente, que a eleição do propósito comunicativo como critério privilegiado para identificar a arquitetura

genérica é questionado por Askehave & Swales (2001). Se confirmar o estatuto de um gênero é complexo, imagine-se estudar toda uma constelação? Esses autores afirmam que “a ligação feita por Bhatia de textos promocionais de diferentes tipos de audiência, em um mesmo gênero, cria mais problemas do que resolve” (p. 207). Ora, os gêneros, como os que se apresentam na figura 2, possuem características bem marcadas, audiências distintas e, por esta razão, não podem ser postos como “iguais”. Segundo os argumentos de Askehave & Swales (2001), diante dessas situações, o propósito comunicativo se torna um critério frágil. Desse modo, fica-se sem entender se a constelação organiza gêneros que são variações de um, portanto, na visão bhatiana, subgêneros, ou se organiza gêneros distintos que se relacionam pelo critério de um propósito comunicativo geral, o que também não é uma decisão que saia incólume.

Por isso, estou defendendo que uma constelação não é algo que possa ser definida por um propósito comunicativo único, comum a todos os seus gêneros, pois compreendo que é o propósito comunicativo dos gêneros e não o da constelação, o qual Bhatia designa de propósito comunicativo geral, que deve ser observado na caracterização de um agrupamento constelar de gêneros (cf. capítulo 2).

No que diz respeito à definição do que seja uma constelação de gêneros, vale a pena visitar um importante trabalho de Marcuschi (2000a) que, embora não tenha ainda sido publicado, tem uma grande aceitação e circulação entre os lingüistas brasileiros. Por isso, na seqüência, discuto o referido conceito à luz das idéias defendidas por este pesquisador com o objetivo de compará-lo a Bhatia.

1.4 CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM MARCUSCHI

Segundo as reflexões desenvolvidas por Marcuschi (2000a), em relação à atividade de classificação dos textos, “a **diversidade de formatos** pode ocorrer com [muitos] gêneros que apresentam **formas** de realização variadas” ([grifos meus] p. 14). Para ele, “os gêneros podem ter realizações textuais tão diversas a ponto de não

saberemos se estamos no mesmo gênero” (Id., Ibid., p. 14). Marcuschi ilustra esta problemática com o caso da carta, da entrevista e da receita. Como ele observa, todos estes casos se apresentam sob variadas formas, embora haja sempre **um aspecto** permitindo lembrar que um determinado gênero seja uma receita e não, por exemplo, um conto. Talvez, esse aspecto sobre o qual fala o autor, seja exatamente o propósito comunicativo do gênero.

Considero curiosa, entretanto, a indagação que ele faz diante da aula:

Tome-se o caso da “*aula*”. Como caracterizá-la? **Trata-se de um gênero textual ou de uma constelação?** Na realidade, pode-se dizer que a **aula não é um gênero** em termos técnicos, pois podemos ter aulas de **vários formatos** (MARCUSCHI, 2000a, p. 16 [aspas do autor, grifos nossos]).

A resposta dada, “em termos técnicos”, é que a “aula não é um gênero” porque esta se realiza em diferentes “formatos” (aulas expositivas, aulas participativas, aulas de seminários, etc). O autor não esclarece quais os critérios que foram utilizados para essa decisão, deixando um problema a ser resolvido. Também não esclarece o que ele entende pelas expressões **forma** e **formato** que tanto aparecem em seu texto. Ademais, basta que se pense na carta, na receita e na entrevista para a verificação do mesmo fenômeno da aula (cf. figura 3).

Já na carta, de acordo com Marcuschi (2000a), encontra-se “um grande número de gêneros que se situam numa **constelação**” (p. 14 [grifo nosso]). Para fins de ilustração, o pesquisador cita os vários “formatos” que a carta pode assumir. Assim, segundo a sua visão, existem os seguintes tipos: “carta pessoal, carta aberta, carta comercial, carta convite, carta do leitor, carta-resposta, carta circular, carta anônima e carta precatória” (Id., Ibid., p. 14).

Não fica, portanto, claro qual seja o eixo definidor da constelação para Marcuschi, pois ao mesmo tempo em que ele afirma que a carta é uma constelação de gêneros devido aos vários “formatos” que ela assume, não estende essa afirmação à

aula. Além disso, é fácil perceber que o que seriam subgêneros para Bhatia parece estar associado ao que Marcuschi designa de gênero, já que, segundo o último, a carta abriga “um grande número de gêneros que se situam numa *constelação*” (Id., Ibid., p. 14). No entanto, cada carta dessas, segundo a visão bhatiana de constelação, seria um subgênero da carta, uma vez que é possível vislumbrar alterações sutis no propósito comunicativo. Sendo assim, a noção de constelação de Marcuschi aponta para o fato de que um gênero pode conter vários eventos¹⁹ comunicativos (subgêneros?), realizando-se sob vários “formatos”. Marcuschi acrescenta, ainda, que os eventos “sempre estarão subordinados a algum gênero” (Id., Ibid.), logo parece haver uma organização hierárquica na definição de constelação que propõe.

Utilizando a aula como um exemplo do que designa de “suporte sócio-cognitivo” (p. 18), Marcuschi (2000a) tenta argumentar que, pelo fato de a aula ser um evento que se realiza em diferentes atividades (aulas expositivas, aulas de seminários, aulas participativas, etc.), ela não se configura como um gênero. Ao contrário, a carta, ainda que apresente (assim como a aula) vários “formatos”, é vista como evento e gênero, simultaneamente. Como se vê, a questão não fica resolvida e parece se agravar ainda mais porque, em uma outra passagem do mesmo texto, a aula é elencada entre os gêneros cuja “forma textual [é] estabilizada” (MARCUSCHI, 2000a, p. 19).

Similar é o caso da entrevista, a qual é vista como uma “**constelação de eventos**” (MARCUSCHI, 2000a, p. 111). Neste contexto, o autor chega a postular a possibilidade de “chamar esses eventos de **sub-gêneros**” (p. 110 [grifos meus]), já que

¹⁹ Esta noção de evento também não é consensual entre os autores. Swales e Bhatia, no conjunto de suas obras, afirmam que um gênero é um evento comunicativo. Biasi-Rodrigues (1998, p. 13) diz que para cada evento comunicativo há um gênero adequado, portanto, evento na perspectiva de Biasi-Rodrigues parece equivaler à noção bakhtiniana de cena enunciativa. Marcuschi (2000a), por seu turno, pressupõe não haver relação biunívoca entre evento e gênero, “pois é possível que um dado evento seja uma espécie de suporte e não necessariamente um gênero” (p. 16). O evento, segundo demonstra o autor, “é toda e qualquer manifestação lingüística oral ou escrita comunicativa e situada” (p. 21) e gênero “é uma ocorrência textual que permite uma classificação por gêneros” (Id., Ibid.). Mas o que seria uma classificação por gêneros? A idéia defendida por Marcuschi é a de que todo e qualquer gênero é, também, um evento, no entanto o contrário nem sempre é possível, isto é, “nem todo evento constitui um gênero” (Id., Ibid.).

em todas as formas nas quais se realizam as entrevistas podem-se vislumbrar uma *estrutura mínima* que as unifica. Sendo assim, indagar se os eventos que compõem a constelação em questão (entrevista) equivalem a gêneros ou a subgêneros é uma questão da qual não se pode fugir. Caso equivalham a gênero é porque o autor enxerga alguma biunivocidade nessa relação. Se esses eventos que formam a constelação de entrevistas forem, como ele afirma, subgêneros, então estaremos diante de uma outra noção de subgênero, cuja ancoragem seria uma *estrutura mínima* e não um subpropósito comunicativo, como propõe Bhatia (1993; 1999; 1997).

Conforme defendem Marcuschi (2000a; 2001a) e Hoffnagel (2002), a entrevista é um gênero que também apresenta uma tendência constelar. Para o primeiro,

a entrevista é uma forma altamente institucionalizada, mas diversamente padronizada em virtude de suas **funções**. O agrupamento representado pela expressão **entrevista** não reflete um tipo, mas uma **constelação** de eventos dos quais podemos chegar aos **gêneros textuais** (MARCUSCHI 2000a, p. 111 [grifos do autor]).

Na mesma esteira, Hoffnagel (2002), defende que a entrevista “é uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou **sub-gêneros**) diversos” (p. 180 [grifos meus]). Os dois autores aceitam que há uma variedade de funções, embora a estrutura da entrevista se conserve em suas variações. O que salta aos olhos é que a entrevista é um gênero discursivo que aceita variações, mesmo que o modelo canônico, representado pelo par dialógico pergunta-resposta (**P-R**), seja um aspecto permanente. Este, como mostra Fávero (2001, p. 96), “se configura como elemento imprescindível na organização do texto da entrevista”, mas não nas muitas funções sociais que ela cumpre.

É preciso assinalar ainda que, para Marcuschi, a expressão **evento** pode associar-se às noções de gênero, de subgênero e de suporte sócio-cognitivo (aula?). Não deixando de considerar o fato de que não tenha sido seu propósito discutir a

categoria **constelação de gêneros** no trabalho que estou a resenhar aqui, devo dizer que o problema crucial que se apresenta nas reflexões de Marcuschi sobre o referido conceito incide exatamente no fato de o autor não definir com clareza como essas relações podem se dar nem tampouco oferecer um projeto teórico-metodológico mínimo que permita uma bateria de testes para uma verificação empírica em outras constelações ou nas que ele comenta. Acrescente-se ainda o fato de que tanto Marcuschi quanto Hoffnagel não clarificarem o que eles estão chamando de subgêneros, já que tal conceito se distancia do sentido que lhe atribui Bhatia, no conjunto de seus trabalhos.

Ora, é de fácil constatação que se trata de duas orientações teóricas bastante distintas e, por vezes, nebulosas. O elemento organizador da constelação, para Marcuschi, definitivamente, não é o mesmo eleito por Bhatia. Enquanto este sustenta que o propósito comunicativo comum aos gêneros é o critério unificador da constelação, o lingüista brasileiro credita a uma possível estrutura mínima a função de atravessar e reunir os eventos que, no caso da entrevista, também poderiam ser chamados ao mesmo tempo de gêneros e de subgêneros.

Embora haja discrepâncias entre uma e outra proposta de se conceber uma constelação de gêneros, é possível, ainda, estabelecer um ponto consensual entre Marcuschi e Bhatia. Trata-se de ambos os autores aceitarem o fato de um único gênero apresentar variações, mesmo que a variação para um esteja circunscrita ao *subpropósito* comunicativo, enquanto que para o outro, à existência de um “formato” ou uma *estrutura mínima*, ainda que, não tenha ficado claro no que consiste a estrutura mínima de um gênero. De minha parte, penso que o “formato” ou a “estrutura mínima” estão relacionados aos propósitos comunicativos desempenhados pelos gêneros, por isso é que eles se diferenciam dentro de uma constelação.

Em suma, talvez tanto o conceito de propósito comunicativo quanto a noção de estrutura mínima possam ser tomados como elementos pertinentes que ajudem na compreensão de uma determinada constelação de gêneros, mas não como aspectos

unificadores dos gêneros que a compõem. A meu ver, o problema é que os autores discutidos acima não clarificam suas reflexões, ocultando os critérios metodológicos que lhes permitem fazer as afirmações que fazem. Com isso não entenda o leitor que estou a dizer que os autores se furtaram à responsabilidade de expor suas categorias com clareza, pois se sabe que os gêneros do discurso não são um objeto de fácil manejo e tudo o que se fizer para seu estudo será sempre resultado de um grande esforço intelectual para dar conta de algo que é constitutivo do próprio objeto: a fluidez.

De qualquer modo, é inegável o fato de que as tendências à imbricação, às variações, às transmutações constituem-se elementos que tornam complexas as atividades de investigações de alguns gêneros que tendem a se organizar em uma constelação, pois suscitam uma gama de categorias de análise que reflete esse universo instigante de estudo e pesquisa. De certo modo, essa realidade, ao mesmo tempo em que põe o analista em um terreno movediço, torna-o responsável pela definição de critérios, no mínimo “testáveis”, que permitam o seu fazer científico.

1.5 CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM SWALES

Swales se tornou conhecido por sua dedicação à busca pela compreensão dos gêneros que organizam as práticas discursivas acadêmicas e, por isso, o que se verá aqui não é diferente. Em “Research genres: explorations and applications”, até onde sei, o mais recente de seus trabalhos, Swales (2004) também demonstra interesse pela categoria de constelação de gêneros, já que no capítulo “Toward a world genre”, é notória a importância que este autor confere à relação que se estabelece entre os gêneros. Para estudar tais relações, faz uma etnografia por diferentes departamentos da Universidade de Michigan, onde trabalha, para compreender de que maneira as diferentes áreas do conhecimento científico concebem as relações entre os gêneros que produzem e consomem. Aos diversos tipos de relações genéricas, Swales designa de constelações de gêneros.

Não obstante sua preocupação com a categoria em foco, o que se pode observar é que em nenhum momento ele clarifica a noção, apresentando uma possível definição do tipo: *por constelação de gêneros, entendendo...*, deixando para o leitor o trabalho de reunir as pistas que permitam capturar sua compreensão por esta categoria. Considero que uma destas pistas é o próprio subtítulo “Constelations of Genres” (SWALES, 2004, p. 12), da seção que passo a apresentar. A expressão que dá título à referida seção está escrita no plural, o que permite a observação de que Swales admite uma tipologia de constelações, nas quais os gêneros se relacionam entre si através de **hierarquias** (p. 12), **cadeias** (p. 18), **grupos** (p. 20) e **redes** (p. 21). A apresentação destas constelações que passo a descrever subseqüentemente obedecerá à ordem em que elas aparecem no livro do autor que se naturalizou como cidadão norte-americano.

1.5.1 HIERARQUIAS DE GÊNEROS

Este primeiro tipo de constelação diz respeito ao grau de importância que uma determinada área acadêmica atribui aos gêneros que produz. Como observa o autor, “nem todos os gêneros acadêmicos têm igual valor aos olhos de seus usuários e, além disso, esses valores parecem variar de acordo com as diversas áreas que compõem o universo da pesquisa” (SWALES, 2004, p. 12). Neste sentido, ele fala das prioridades genéricas das áreas, recordando que na área de Análise de Gêneros ele descreveu “o artigo de pesquisa empírica como o centro privilegiado de uma constelação de gêneros entrelaçados” (p. 13) na área da Lingüística, por exemplo.

Com a ajuda de três informantes do herbário da Universidade de Michigan, Swales mostra como a área da Botânica valoriza determinados gêneros em detrimento de outros, deixando a constelação organizada pelo critério da hierarquização. De acordo com os botânicos investigados, o artigo científico não goza do mesmo prestígio que goza entre os lingüistas, já que os gêneros acadêmicos mais praticados pelos primeiros são a monografia e a flora.

Dos dois gêneros, a monografia goza de um prestígio ligeiramente maior porque é mais “analítica”. Entretanto, ambos são imensamente laboriosos e demandam tempo, envolvendo a coleção e/ou a examinação de milhares de espécies e a composição de parágrafos em *latim* botânico para espécies “novas à Ciência” [...] embora as *floras* sejam maiores, mais extensas e, geralmente, organizadas em vários volumes, não alcançam o patamar de uma monografia dentro da comunidade discursiva dos botânicos (SWALES, 2004, p. 13 [destaques do autor]).

Um terceiro gênero que integra esta constelação, além da **monografia** e da **flora**, é o **tratado**, o qual consiste em “um fragmento publicado de uma monografia ou uma *flora*” (p. 14). As observações do autor não deixam claro o que é uma flora, mas apontam para a relevância do cunho etnográfico que se deve imprimir em um estudo sobre gêneros. Isto pode ser observado em suas palavras já que, a todo instante, ele tenta compreender os tipos de constelação à luz da comunidade discursiva usuária dos gêneros. Em uma tentativa esquemática de demonstrar como se hierarquiza a constelação dos gêneros acadêmicos produzidos pelos botânicos, Swales elabora a seguinte figura:

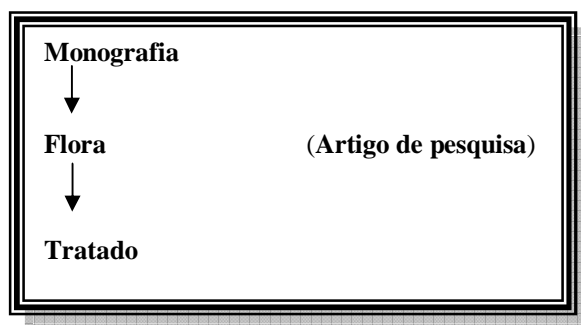


FIGURA 4 – HIERARQUIAS GENÉRICAS NA BOTÂNICA SISTEMÁTICA

FONTE: SWALES (2004, p.14).

A figura mostra o grau de importância e prestígio com que os gêneros são tratados dentro da comunidade dos botânicos. Como o próprio Swales destaca, no esquema desta hierarquia, o artigo científico fica afastado da possibilidade de ser um gênero de prestígio dentro da constelação.

Além da área da Botânica, baseado no trabalho de Räsänen (1999)²⁰, Swales procurou saber qual o gênero de maior prestígio entre “os membros da comunidade científica em segurança contra acidentes de automóveis” (p. 14). Ao resenhar o trabalho da autora citada, Swales destaca o *conference presentation paper (CPP)* ou o “artigo de apresentação em conferência” como o gênero mais importante para os especialistas em estudo sobre segurança contra acidentes de automóveis. Ao retomar o seu estudo sobre os botânicos, Swales observa que a diferença entre o grau de hierarquização que marca as duas constelações consiste no fato de que “enquanto uma monografia representa décadas de esforço de um estudioso em particular, a conferência, além de ser previamente planejada, pode representar também os achados de um grupo de pesquisa” (p. 15). A pesquisa feita por Räsänen (1999) serve ainda para que Swales ilustre o segundo tipo de constelação de gêneros, sobre a qual discuto na seção subsequente.

1.5.2 CADEIAS DE GÊNEROS

Swales é da opinião de que as relações entre os gêneros não se limitam unicamente ao lugar que eles ocupam no *rankings* de suas comunidades científicas, já que existem casos em que “um gênero é um antecedente necessário para o outro” (p. 18). Por isso, inspirado pelo trabalho de Räsänen (1999), Swales entende estes casos como mais um tipo de constelação cujos gêneros se organizam em cadeias, graças à sua disposição cronológica. Segundo suas explicações, algumas cadeias genéricas são bem curtas e envolvem poucos gêneros. Assim, este tipo de constelação tem seu tamanho de acordo com as necessidades de um determinado evento comunicativo.

Por exemplo, um convite para alguém ir falar em um colóquio departamental suscitará outros gêneros, como o próprio **convite**, a “**aceitação** (talvez por *e-mail*), a **apresentação** em si e, depois talvez de uma **carta de agradecimento**, possivelmente um **cheque**” (SWALES, 2004, p. 18 [grifos meus]). Neste tipo de constelação, explica o

²⁰ RÄISÄNEN, C. **The conference forum as a system of genres**. Gothenberg, Sweden: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1999.

autor, sempre há o gênero “oficial”, responsável, de certa maneira, pelo desencadeamento dos outros.

No caso acima explicitado, a **apresentação no departamento**, absorverá outros gêneros os quais também desenvolverão papéis indispensáveis para o funcionamento da cadeia. Neste caso, julgo que a hierarquia que marca o primeiro tipo de constelação, de algum modo, também se projeta nas cadeias de gêneros, já que, à luz do raciocínio swalesiano, tanto nas constelações por hierarquias quanto nas constelações por cadeias sempre haverá o gênero mais importante.

Não obstante, considero que os demais gêneros da cadeia, a seu tempo, não podem ser vistos apenas como meros coadjuvantes para o suposto gênero principal, como mostra Swales. De minha parte, insisto em dizer que os outros gêneros da cadeia são todos importantes para a existência da constelação, pois entendo que todos, a seu tempo, garantem a existência e o funcionamento, no caso, da cadeia dos gêneros, já que todos desempenham, no momento oportuno, seus propósitos comunicativos e não subpropósitos, pois o que importa são as funções sociais para as quais eles são destinados. Com isso, quero dizer que não poderia haver a **apresentação** no departamento sem antes os interessados não tivessem mobilizado o gênero **convite**, o gênero **aceite**, etc.

Um outro problema que pode ser apontado na pequena constelação acima diz respeito a uma possível simplificação da cadeia mostrada. Por esta razão, antecipando-se a uma possível crítica que o acusasse de simplificar este tipo de constelação, Swales se adianta e cita uma complexa cadeia genérica formada por gêneros absorvidos e não-absorvidos. Os últimos dizem respeito aos gêneros principais da cadeia e os primeiros se referem aos outros que são absorvidos pela constelação para garantir a sua existência. Assim, para o gênero artigo de apresentação em conferência (*conference presentation paper* – **CPP**), estudado por Räsänen, pode-se ter a seguinte cadeia:

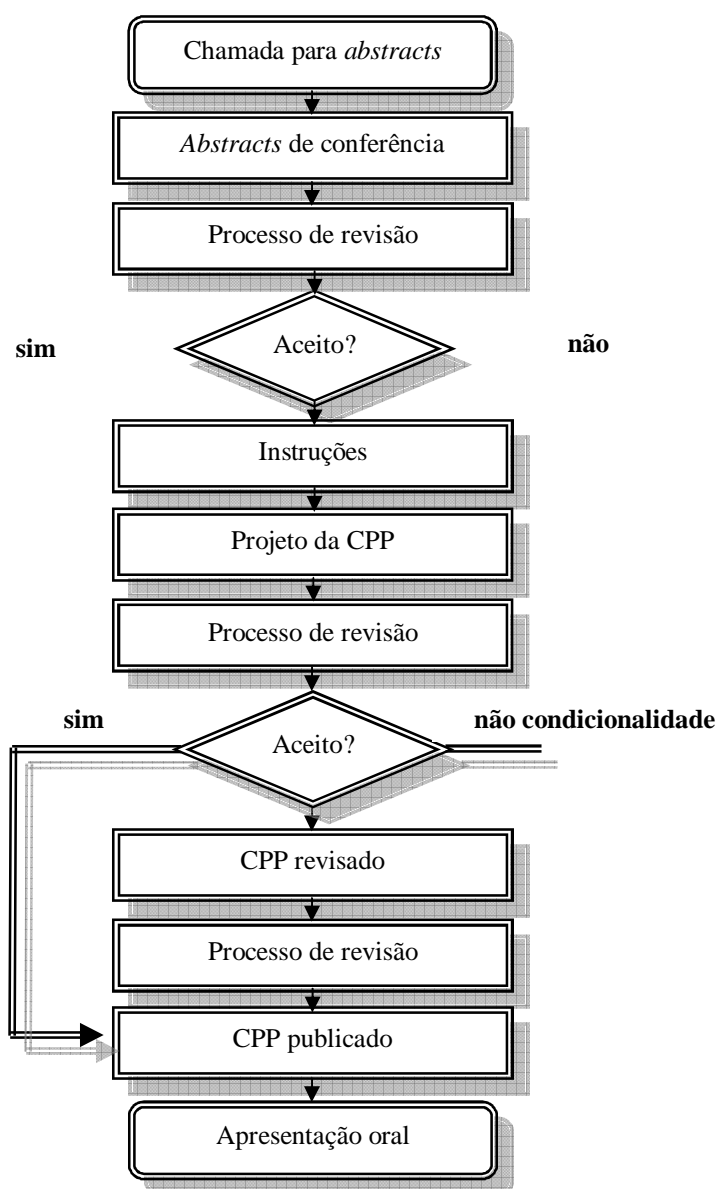


FIGURA 5 – CADEIA DE GÊNEROS EM SEGURANÇA DE ACIDENTES

FONTE: RÄISÄNEN (1999, *apud* SWALES, 2004, p. 19).

A figura mostra que uma constelação de gêneros em cadeia parece ser sempre organizada em função de um gênero que é considerado o mais importante de todos, no caso o **CPP**. O primeiro gênero que desencadeará os outros é a **chamada para abstracts**, o qual suscita o **abstract**. Este último exige que a comissão realize o

processo de revisão – estranhamente considerado como um gênero – a qual envia uma **carta de aceite** (ou não). Feito isso, existirão as **instruções** de como o artigo deve ser escrito, o qual deverá ser resultado de um **projeto de CPP** (ou o planejamento que o conferencista deve fazer), que passará mais uma vez pela comissão para o **processo de revisão**. Tal processo suscitará mais um **aceite** ou não. No primeiro caso, o proponente deverá estar com o **CPP revisado**, o qual, antes da publicação passará por outro **processo de revisão**. Somente depois dessa sucessão em cadeia é que haverá a **apresentação oral** do conferencista.

Pela figura, creio que não seria demais associar esta organização constelar àquela apresentada no item 1.5.1 já que também lá os gêneros que se constelam o fazem em função do grau de importância atribuído por seus usuários. Segundo as explicações de Räsänen, uma das razões que justificariam a centralidade do **CPP** na área de Bioengenharia se deve ao fato de que essas conferências são publicadas posteriormente.

Assim, quando um membro desta comunidade discursiva propõe um **CPP** já parte do princípio de que sua proposta desencadeará uma constelação de gêneros, como denota a figura acima. Entendido desta maneira, Swales salienta que “uma cadeia de gêneros pode ser útil aos indivíduos, porque pode auxiliá-los a planejar posteriormente, e em particular antecipar reações da audiência às versões preliminares” do *conference presentation paper* (SWALES, 2004, p. 20).

1.5.3 GRUPOS DE GÊNEROS

Um outro tipo de constelação apontado por Swales recebe o estranho rótulo de **grupo de gêneros**. Este conceito, como bem mostra Swales, é aproveitado de Devitt (1991)²¹, para quem os gêneros utilizados, seja por um indivíduo em particular, seja por uma classe de indivíduos, formam um agrupamento. Gostaria de

²¹ DEVITT, A. J. Intertextuality in tax accounting. In. BAZERMAN, C. & PARADIS, J. (EDS.) **Textual dynamics of the professions**. Madison: University of Wisconsin Press. 1991. pp. 336 -357.

pôr isso em discussão porque penso que toda constelação – seja de qual tipo for – é um grupo de gêneros, de maneira que fica difícil compreender uma constelação de gêneros com este nome sem conhecer os critérios que justifiquem essa denominação.

Para tentar exemplificar este tipo de constelação, Swales mostra como um grupo de gêneros orais e escritos pode se expandir nas práticas discursivas vivenciadas no cotidiano acadêmico de estudantes de graduação. Quanto aos gêneros orais, o autor observa que os estudantes de graduação progridem em suas práticas comunicativas, pois de uma simples discussão e apresentação de um **seminário** podem adquirir o controle independente de uma **aula**, chegando, inclusive, a proferir **conferências** em fóruns cada vez mais importantes. No que diz respeito aos gêneros escritos, o grupo de gêneros se diversifica, pois os estudantes têm a oportunidade de elaborar os trabalhos dos cursos, escrever **artigos de pesquisa**, preparar **pôsteres**, escrever textos para **conferências**, chegando inclusive a uma **Dissertação**.

No bojo dessa “progressão” experimentada pelos estudantes universitários, Swales não deixa de perceber as relações de poder subjacentes à hierarquização que fatalmente se estabelece dentro do grupo dos gêneros acadêmicos. O que se percebe é que, mais uma vez, a principal característica da constelação apresentada em 1.5.1, parece atravessar as demais. Além disso, convém indagar se a constelação por hierarquia e por cadeias também não seriam tipos de agrupamentos genéricos, portanto poderiam ser rotuladas como uma constelação do tipo **grupo de gêneros**.

Pela leitura do livro de Swales, é possível inferir que, em uma tentativa de diferenciar este tipo de constelação das demais, o autor defende que só haverá um grupo de gêneros na medida em que um determinado grupo de sujeitos for desenvolvendo uma compreensão mais exata dos gêneros que devem e precisam usar, “especialmente quando eles têm oportunidades para exercitar diversos exemplares de um gênero em particular” (p. 21). Neste caso, pode-se imaginar que o critério adotado por Swales tenha sido o da aprendizagem dos alunos.

Contudo, considero que também nas outras constelações apresentadas pelo autor a compreensão cada vez mais matizada dos gêneros que as compõem, por parte dos usuários, é condição *sine qua non* para suas existências, de modo que defender um tipo de constelação chamada **grupo de gêneros** parece cair em uma (in)evitável tautologia.

1.5.4 REDES DE GÊNEROS

O último tipo de organização constelar apresentado por Swales é o de redes de gêneros o qual parece ter sido inspirado no velho conceito de **intertextualidade**. Acerca desse conceito, Swales (2004) afirma que “Bakhtin, certamente, aprovaria o modo pelo qual a noção de intertextualidade [...] se incorporou ao pensamento acadêmico moderno” (p. 21). Esta posição assumida por Swales está pautada pela crítica que Bakhtin ([1953] 2000) faz a uma possível língua adâmica, o que resvala para a concepção de um autor onipotente, que cria seus textos sem diálogo algum com outros.

Este tipo de constelação diz respeito aos gêneros que se entrelaçam formando outros. Neste sentido, Swales recorre ao fenômeno da transmutação ao citar Todorov (1981) e Geertz ([1983] 2000), ambos também citados e discutidos no capítulo 2 desta Tese. Swales recorre aos autores aqui citados para falar de uma “intertextualidade genérica”²², categoria usada por Devitt (1991) e aproveitada por Swales para se referir ao uso de formas genéricas na composição de outros gêneros. Neste sentido, explica Swales (2004),

apresentações podem se transformar em artigos de pesquisa, assim como artigos de pesquisa podem se transformar em apresentações (especialmente aquelas “no prelo”). Artigos publicados podem ter a sua origem ou dado continuidade as Dissertações e mais adiante artigos podem estar dispostos em Dissertações. Artigos, apresentações e ensaios podem ser retrabalhados para formar

²² Esta categoria parece dialogar com o que Marcuschi (2002) denomina de **intertextualidade intergêneros**.

material de um livro, enquanto seções curtas de um livro poderiam ser depois desenvolvidas em artigos extensos (p. 22).

Com esta citação, talvez se possa compreender o que de fato, Swales queira dizer com a expressão **rede de gêneros** a qual é usada aqui para dar conta da dinâmica que proporcionou a criação de um de seus livros, o *Other floors, other voices* (SWALES, 1998). Vejamos:

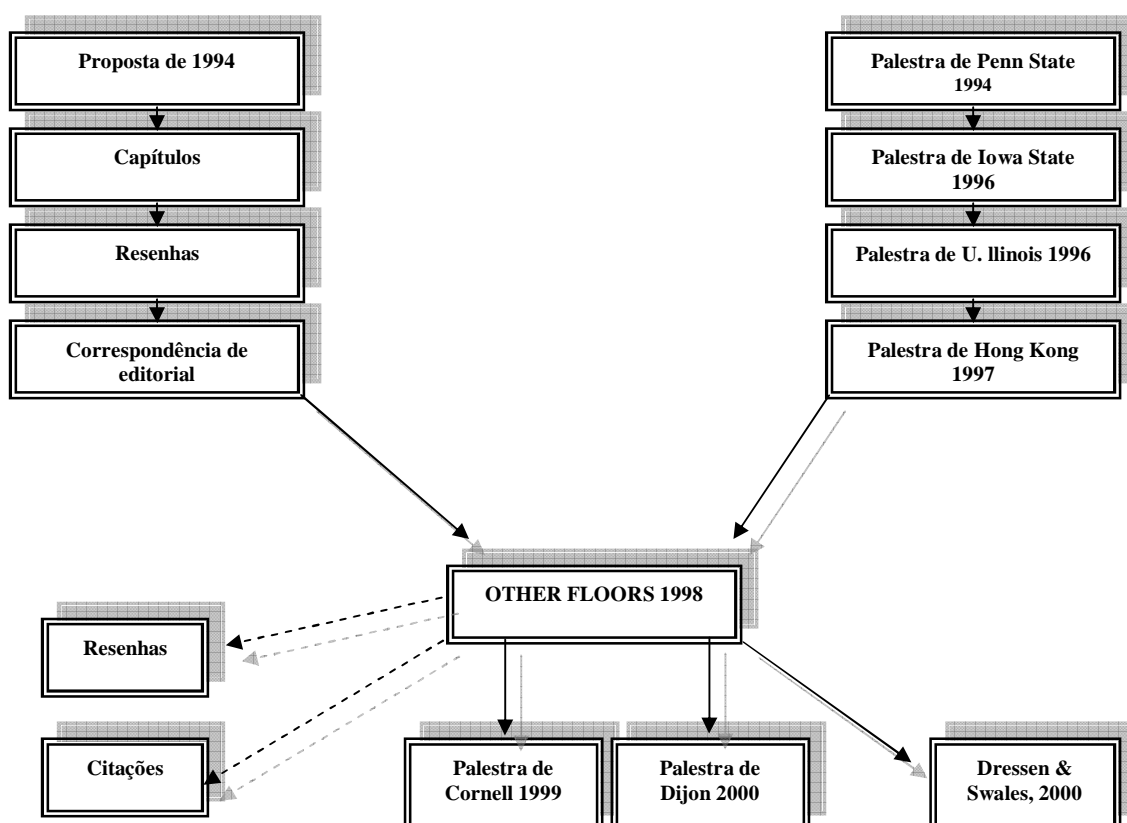


FIGURA 6 – CADEIAS E GRUPOS DE GÊNEROS EM TORNO DE *OTHER FLOORS, OTHER VOICES*

FONTE: SWALES, 2004, p. 24

Para Swales, uma rede de gêneros é importante porque permite a localização de gêneros individuais, dado ao seu valor heurístico. Na figura acima, o livro “*Other floors, other voices*”, é estranhamento considerado pelo autor como “o gênero principal da figura” (p. 24). Tal livro foi gerado a partir de vários agrupamentos de

gêneros, como o que aparece na esquerda superior da figura. Segundo o autor, tais gêneros formam uma cadeia, já que eles foram cronologicamente se sucedendo até a elaboração e publicação de “*Other floors, other voices*”. Na realidade, como o próprio Swales assume, a figura serve como uma ilustração da rede de intertextualidade pessoal do autor, já que tanto a cadeia de gêneros do lado esquerdo quanto a do lado direito é absorvida pelo livro de 1998.

Além disso, pela figura e pelas explicações do autor, é correto inferir que não há somente um “pré-*other floors, other voices*”, mas também um “pós-*other floors, other voices*”. Basta olhar a base esquerda da figura para perceber as “conseqüências” da publicação ou o desenrolar do livro, gerando outros gêneros, como resenhas, citações e palestras e outra publicação, como uma co-autoria formada por Dressen & Swales (2000)²³. Teríamos, por conseqüência, uma **cadeia de gêneros** fortemente marcada pela intertextualidade, no termos bakhtinianos.

Conforme minha revisão de literatura, não é só a categoria **intertextualidade** que é importante para se compreender o fenômeno dos agrupamentos genéricos. Na seqüência, apresento a maneira como Bakhtin ([1953] 2002) defende o surgimento de uma variação do gênero romance. A perspectiva adotada pelo autor é relevante para a presente pesquisa porque ele se concentra no fenômeno da **transmutação de gêneros** para explicar o surgimento de um grupo de gêneros cognatos. O objetivo de minha exposição a seguir é mostrar que a noção de constelação, de certa maneira, já havia sido prenunciada e, de algum modo, já investigada por Bakhtin, embora não seja essa a categoria utilizada pelo autor russo.

²³ DRESSEN & SWALES, J. Geological setting/ cadre géologique in English and French petrology articles: muted indications of explored places. In TROSBURG, A. (ED.). **Analysing professional genres**. Amsterdam: John benjamins, 2000. pp. 57- 76.

1.6 CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS EM BAKHTIN

Ao estudar a obra *dostoievskiana*, o autor russo defende o surgimento de uma variante do gênero romance. Embora sua análise, neste caso específico, se circunscreva a um gênero literário, julgo ser relevante apresentá-la e discuti-la aqui, pois acredito que seus estudos relativos à poética de Dostoiévski possam lançar luzes em minha pesquisa. Duas são as razões que me levam a acreditar nessa possibilidade.

A primeira delas é relativa ao fato de o romance admitir variedades, o que sugere que esse gênero tem uma organização constelar. A segunda razão diz respeito a uma característica bastante especial do romance que é a de tal gênero possuir um profundo poder absorvivo, já que pode transmutar gêneros de outras esferas, como a carta e a conversa cotidiana (cf. BAKHTIN [1953] 2000, p. 281).

Para defender a tese de que Dostoiévski inaugura uma nova variante do romance (romance polifônico), o autor faz um levantamento exaustivo da história desse gênero, pois faz um estudo diacrônico dele. Ao investigar a sua evolução, Bakhtin ([1929] 2002) procura reunir elementos que sejam comuns às variedades do gênero. Percorrendo este viés metodológico, o autor reserva atenção especial às transmutações e às hibridizações pelas quais passa o romance durante sua evolução. Como ele observa, a mistura de estilos e de gêneros não é uma novidade absoluta, posto que tal fenômeno remonta à Antigüidade Clássica.

Exatamente por esta razão é que Bakhtin se dispõe a folhear “algumas páginas antigas da história dos gêneros [motivado pela crença de que] essa digressão histórica ajudará a entender [...] as peculiaridades” do romance (p. 106) em seu estágio atual. Bakhtin segue este caminho porque defende que um

gênero sempre conserva os elementos imorredouros da *archaica*. É verdade que nele essa *archaica* só se conserva graças à sua permanente *renovação*, vale dizer, graças à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. [...] Por isso, não é morta a *archaica* que se conserva no gênero; ela é

eternamente viva, ou seja, é uma *archaica* com capacidade de renovar-se. O gênero vive do presente, mas *recorda* o seu passado, o seu começo [...]. É precisamente por isto que tem a capacidade de assegurar a *unidade* e a *continuidade* desse desenvolvimento (Id., Ibid., p. 106 [itálicos do autor]).

Paulo Bezerra, tradutor da obra “Problemas da poética de Dostoiévski”, em nota de pé de página, informa que o termo *archaica*, no sentido etimológico, vem do grego e quer dizer “traços característicos e distintos dos tempos antigos” (p. 106). Sabiamente, Bakhtin ([1929] 2002) estende esse sentido para explicar o fenômeno da variação dos gêneros do discurso. Para o autor russo, todo gênero guarda consigo traços de seu passado. Isso significa que é possível realizar um estudo da história dos gêneros, como fizeram, por exemplo, Orlikowski & Yates (1994), ao resgatar a história da carta; Bazerman (1998; 2005), ao estudar a evolução do artigo científico de 1665 a 1800 ou o *status* da carta enquanto gênero basilar de outros; e, ainda, Simeon Yates (2000), ao trazer revelações históricas bastante curiosas acerca da carta e do memorando até chegar ao *e-mail*. Certamente, o que guiou esses estudiosos foi a certeza segundo a qual todo gênero conserva seus elementos imorredouros.

É importante dizer que a opção pelo estudo da evolução de um gênero feito por Bakhtin ([1929] 2002), Orlikowski & Yates (1994), Bazerman (1998) e Yates (2000) será, de algum modo, assumida nesta pesquisa. Mesmo que os *chats* sejam gêneros muito jovens (cf. nota 11), é importante considerar o critério diacrônico no estudo de sua organização constelar, já que todos vieram de outros gêneros. Deste modo, o que me interessa nos autores supracitados é o fato de todos concordarem com a existência de uma relação genética que irmana o gênero com suas variedades. Ou seja, todo gênero possui uma *archaica* ou uma força que lhe é peculiar capaz de fazê-lo gerar outros gêneros que lhe sejam cognatos.

Esta reflexão é muito necessária ao conceito de constelação que quero chegar porque acredito que, uma vez gerados, esses “novos” gêneros passam a servir a outros propósitos comunicativos sem perder, no entanto, a relação genética uns com os outros. Assim, como veremos mais adiante, tanto o critério diacrônico quanto o

sincrônico são relevantes para construir um possível percurso que ajude na caracterização de uma constelação de gêneros. Enquanto o primeiro permite o estudo da transmutação dos gêneros dentro da constelação, o segundo é útil para a análise dos propósitos comunicativos que os tornam diferentes.

Concomitantemente à existência da *archaica* do gênero, os pesquisadores se deparam com uma característica forte dos gêneros do discurso. Trata-se da já mencionada condição paradoxal da existência do gênero, que sem dúvida é uma *vexata quaestio* para os que a eles se dedicam. Basta consultar a literatura especializada, citada ao longo desta Tese, para vermos o quanto essa condição contraditória da existência do gênero atrai a atenção da Lingüística.

Os analistas convivem com esse paradoxo do qual fala Bakhtin, ou seja, um gênero sempre é velho e novo ao mesmo tempo. Acerca desse paradoxo, Marcuschi (2002) muito bem nos lembra de que são as alterações ocorridas nos *domínios discursivos* que permitem que se usem “velhas bases” para novos propósitos comunicativos dos gêneros. Esta consideração marcuschiana deixa uma fresta preciosa para que se perceba a relevância dos aspectos diacrônicos e sincrônicos para empreender um estudo sobre os gêneros, sobretudo aqueles que se agruparam em torno de características específicas.

Consciente dessa realidade, Bakhtin assume a empreitada de justificar que Dostoiévski criou um novo tipo de romance e, por isso, ele se lança às páginas da Antigüidade Clássica e do Helenismo. O meu interesse nesta investigação do pensador russo reside em seus primeiros achados: um conjunto muito especial de gêneros que se desenvolveram nas épocas citadas.

Foi a análise deste conjunto de gêneros que atraiu a minha atenção porque, ainda que se mostrassem distintos entre si, Bakhtin considerou que tais gêneros eram

cognatos. A esse grupo de gêneros, ele denominou **campo do sério-cômico**²⁴. A própria dinâmica de seu estudo lhe impôs a seguinte questão: “em que consistem as particularidades características dos gêneros do sério-cômico”? (BAKHTIN [1929] 2002, p. 107), o que mostra claramente que Bakhtin seguiu o critério funcional. A fim de tornar mais visual esse conjunto de gêneros para o leitor, elaborei a figura 7 a partir das palavras do autor. Minha intenção foi apenas a de mostrar a organização desses gêneros em uma possível constelação.



FIGURA 7 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS DO SÉRIO-CÔMICO

Todos os gêneros desta constelação pertencem à esfera literária e, por isso, a carnavalização, que melhor caracteriza essa esfera, é uma espécie de “marca mãe” que os irmana, sendo um dos principais eixos organizadores deste agrupamento constelar. Como esclarece Bakhtin, esta característica mãe se triparte para atender à heterogeneidade do campo literário. Assim, o aspecto carnavalesco, que está no topo da figura, desencadeia um movimento cíclico anti-horário que parece determinar as

²⁴ A metodologia bakhtiniana é de cunho diacrônico porque o autor parte, como veremos, dos gêneros do sério-cômico. Dele, extrairá os dois mais carnavalizados: o **Diálogo Socrático** e a **Sátira Menipéia**. O afunilamento do estudo diacrônico permitirá a conclusão de que a sátira menipéia foi o gênero mais carnavalizado do grupo acima e, portanto, é dela que procede o romance polifônico criado por Dostoiévski.

características destes gêneros: um novo tratamento da **realidade**, o qual está baseado na **fantasia livre** para criar e realizar combinação e **transmutação** de outros gêneros e de outros estilos. Pelo que se pode inferir da leitura, todas essas características operam em conjunto, de maneira que as separações que farei no parágrafo subsequente devem servir unicamente para que se vislumbrem suas tênues e entrelaçadas fronteiras.

Em relação ao novo modo de tratar a realidade, Bakhtin mostra que os gêneros do sério-cômico reinterpretem os mitos, os quais são deliberadamente atualizados. Para o autor russo, “pela primeira vez, na literatura antiga, o objeto da representação séria (e simultaneamente cômica) é dado com os contemporâneos vivos e não no passado absoluto dos mitos e lendas” (BAKHTIN [1929] 2002, p. 108). Imediatamente correlata à primeira, a segunda característica é destacada porque ela realça a natureza da reinterpretação que esses gêneros fazem das lendas e mitos. Como informa o autor, o modo como os gêneros do campo sério-cômico tratam o mito chega a ser “cínico-desmascarador”²⁵ (Id., Ibid.), o que representa, para a época, “uma verdadeira reviravolta na história da imagem literária” (Id., Ibid.). A terceira e última característica é a mais cara à carnavalização, porque aí é possível vislumbrar mais claramente um dos fenômenos de meu interesse: a transmutação. De acordo com Bakhtin ([1929] 2002), os gêneros do campo do sério-cômico transmutam e, por vezes, subvertem outros gêneros, como

cartas, manuscritos encontrados, diálogos relatados, paródias dos gêneros elevados, citações recriadas em paródias, etc. Em alguns deles, observa-se a fusão do discurso da prosa e do verso, inserem-se dialetos e jargões vivos (p. 108).

Por conta disso, a conclusão do estudioso é a de que

esses gêneros estão conjugados por uma profunda relação com o *folclore carnavalesco*. Variando de grau, todos eles estão

²⁵ O fato de esses gêneros subverterem os cânones das lendas e mitos, remete-nos, de certo modo, ao que Maingueneau (1997) denomina de subversão. Para o lingüista francês, no “mecanismo da subversão [...] as condições genéricas são respeitadas, mas o texto as desqualifica em sua própria enunciação” (p. 104).

impregnados de uma *cosmovisão carnavalesca* específica e alguns deles são variantes literárias diretas dos gêneros folclórico-carnavalescos orais. A *cosmovisão carnavalesca*, que penetra totalmente esses gêneros, determina-lhes as particularidades fundamentais... (Id., Ibid.).

Esta última asserção é reveladora de que, mesmo que o autor não tenha mencionado textualmente a categoria **constelação de gêneros**, tal noção parece estar subjacente às suas reflexões. Desta última citação é possível depreender então o que caracterizaria uma constelação.

Em primeiro lugar, é condição *sine qua non* que os gêneros sejam conjugados entre si por algum traço maior da esfera que os ambienta, capaz de irmaná-los (no caso específico, é o *folclore carnavalesco*). Em segundo lugar, afigura-se importante destacar que o fato de os gêneros assumirem um caráter de “família” não significa que a constelação seja homogênea, pois, segundo a asserção bakhtiniana, os gêneros apresentam graus diferentes da(s) característica(s) que os congrega(m). Com esta citação, pode-se realçar ainda a importância que Bakhtin atribui à pré-existência dos gêneros. Esse realce é relevante porque me encoraja na sugestão hipotética segundo a qual *os gêneros folclórico-carnavalescos orais* foram transmutados pelos gêneros que formam o campo do sério-cômico.

Mas a análise da evolução do gênero romanesco não se esgota nos gêneros do sério-cômico, pois o estudo dessa constelação de gêneros consistiu, para Bakhtin ([1929] 2002), apenas no ponto de partida para alcançar as “variedades da linha carnavalesca” (p. 109), na qual se insere o romance polifônico de Dostoiévski, objeto de estudo do autor. Dos gêneros apresentados na figura 7, Bakhtin faz um exame mais minucioso do **diálogo socrático** e da **sátira menipéia** (doravante DS e SM, respectivamente). Esta escolha do autor se justifica porque tais gêneros são determinantes para a formação dos romances carnavalescos. Para tornar essa discussão mais clara, passo a apresentá-los, à luz da análise de Bakhtin.

O DS foi um gênero de natureza histórica e memorialística, pois sua materialidade literária advém de “recordações das palestras reais proferidas por Sócrates” (*ib. ibidem*). Assim como os demais gêneros que formam a constelação apresentada na figura 7, o DS é atravessado pela carnavalização, portanto não lhe cabe a rubrica de um gênero retórico. Bakhtin ([1929] 2002) elenca cinco características definidoras do DS.

A primeira delas é análoga ao método *maiêutico* de Sócrates, o que corresponde ao próprio nome do gênero, cuja função tende ser a busca pela natureza da verdade. Esta característica justifica a segunda, que é a existência de dois procedimentos que funcionam como estratégias discursivas: a *síncrese* e a *anácrise*. Enquanto o primeiro procedimento consiste em propiciar o maior número possível de opiniões acerca de um objeto, o segundo funciona como uma estratégia de suscitar nos interlocutores a externalização dessas opiniões.

Quando isso ocorre, o gênero carnavalizado apresenta sua terceira característica: seus heróis. Os heróis do DS são, nas palavras de Bakhtin, *ideólogos* que buscam avidamente pela verdade. Para tanto, travam-se acirrados debates, o que conduz o gênero à quarta característica, ou seja, a necessidade de um enredo, já que sua organização textual é de natureza narrativa. Para finalizar, o DS opera ainda com a junção entre a idéia e o homem, os quais são, organicamente, combinados. Na opinião de Bakhtin, todas essas características tornam o DS um gênero relevante na história do que futuramente será um romance polifônico.

Ainda que o DS tenha sido um gênero bastante influenciador na evolução do romance, ele teve vida breve. Sua decomposição, no entanto, não se deu em um momento único, foi processual. Esse processo de desintegração, como bem realça Bakhtin, foi muitíssimo produtivo, pois dele desenvolveram-se outros gêneros, como a SM, por exemplo. Ainda que esta tenha se desenvolvido a partir da decomposição daquele, Bakhtin ([1929] 2002) pondera que as SM's “não podem ser consideradas

como produto genuíno da decomposição do discurso socrático, pois as raízes delas remontam *diretamente* ao folclore carnavalesco” (p. 112).

Não obstante a carnavalização do diálogo socrático, a SM consegue ir mais além, pois se caracteriza como o gênero mais carnavalizado do campo do sério-cômico, além de ser o gênero com um maior grau de absorção, posto que de todos que formam a constelação apresentada na figura 7, este é o que mais transmuta outros gêneros para o seu interior. Para Bakhtin ([1929] 2002), esse gênero tem “uma capacidade excepcional de absorver os pequenos gêneros cognatos e penetrar nos outros gêneros grandes” (p. 120) ²⁶. Esse caráter absorptivo singulariza a SM, além de torná-la um gênero de um alto grau de complexidade. Por esta razão, Bakhtin enxerga nesse gênero a base sobre a qual se ergue a variedade de romance que seria denominada por ele de romance polifônico.

De posse dessa conclusão, o autor considera que o romance de Dostoiévski é o estágio contemporâneo da SM, já que, segundo sua análise, é possível capturar muitos índices deste gênero naquele. Entre esses índices, devido à carnavalização, destacam-se, principalmente, a transmutação de tantos outros gêneros, a combinação e a subversão de estilos e, sobretudo, a polifonia.

1.7. SUMARIZAÇÃO DAS DISCUSSÕES E APRESENTANDO A TESE

De toda essa discussão, é possível afirmar que a literatura ainda não elaborou um conceito de constelação de gêneros que permita testá-lo em outros agrupamentos genéricos. Quanto ao que discute Bhatia, no conjunto de seu trabalho, acredito que uma constelação de gêneros não se pauta por um propósito comunicativo geral que seja comum aos gêneros constelados. Quero acreditar que o que irmana os gêneros em uma constelação não é um propósito comunicativo comum, já que é por tal

²⁶ Assim, em sua órbita gravitam gêneros outros, como a diatribe, o solilóquio, o simpósio e o *logistoricus*. Respectivamente, gênero retórico que se constrói em função de um diálogo com um interlocutor ausente; gênero que trava um diálogo consigo mesmo; gênero dos diálogos dos festins; gênero resultado da fusão do DS com as histórias fantásticas.

critério que definimos os gêneros distintos entre si. Em consequência, penso que a categoria de subgênero, por ele criada, não dá conta das variações de propósito comunicativo sofridas por um gênero. Desta maneira, o que Bhatia chama de subgênero, prefiro chamar de gênero, pois este foi formado exatamente para atender a novos propósitos – e não a subpropósitos – reclamados pelas inevitáveis alterações que ocorrem no interior das esferas de comunicação.

Marcuschi (2000a), por sua vez, avança um pouco na discussão sobre a categoria em foco no sentido de perceber que os gêneros se constelam por um critério de família, já que para ele, por exemplo, “o agrupamento representado pela expressão *entrevista* não reflete um tipo, mas uma **constelação** de eventos dos quais podemos chegar aos gêneros” (p. 111). Mas o texto do autor não deixa claro se é a este critério que ele chama de *estrutura mínima*, já que ela deve estar presente em todos os gêneros da constelação, para que se entenda que estamos diante de uma carta, seja de qual natureza for, e não de um poema, por exemplo. Em adendo, Marcuschi também utiliza o termo **subgêneros** sem maiores esclarecimentos que justifique a sua utilização. Diante disso, são possíveis as seguintes indagações: O que é uma estrutura mínima de uma constelação de gêneros? Há um percurso que nos ajude a chegar até ela? O que são exatamente subgêneros na perspectiva marcuschiana?

Alguns aspectos também podem ser sumarizados em relação ao trabalho de Swales (2004), embora já se tenha antecipado alguns deles. Talvez, a primeira dificuldade que um estudioso interessado em constelações de gêneros enfrentaria na leitura de Swales seria a falta de um conceito preciso, pautado por critérios claros que mostrem o que é uma constelação e como e por que elas organizam seus gêneros ora por hierarquias, ora por cadeias, ora por grupos e, finalmente, por redes. Estes tipos de organizações constelares não foram suficientemente claros, senão vejamos.

As ilações que vão surgindo durante a atividade da leitura autorizam a pensar que a hierarquização entre os gêneros parece ser uma característica que atravessa os

quatro tipos de constelações, não sendo, portanto, uma especificidade do tipo discutido no item 1.5.1. Um argumento para isso é o caso de o autor apontar sempre para um gênero mais importante dentro da constelação organizada em cadeias, os gêneros de maior prestígio dentro de um grupo ou ainda aquele que é gerado a partir de outros que o sucederam, como é o caso do livro de Swales (1998). Em todos os casos, há sim, seja em qual medida for, uma certa hierarquização entre os gêneros.

Ainda em relação aos grupos de gêneros mostrados por Swales (2004), penso que toda constelação é também um grupo de gêneros, mas nem todo grupo de gêneros forma uma constelação porque, de acordo com a minha opinião, uma constelação, como vimos com Bakhtin ([1929] 2002), é composta por gêneros que comungam de um processo formativo semelhante e, por isso, criam um ar de família (no sentido *wittgensteiniano* do termo), ainda que suas funções sociais formem uma teia heterogênea de propósitos comunicativos. Neste aspecto, o meu trabalho parece dialogar mais de perto com a idéia defendida por Marcuschi, já que ele concebe constelação como um agrupamento de gêneros pertencentes aparentemente à mesma família, como a da **carta** que suscita uma constelação formada por **carta pessoal**, **carta precatória**, **carta de admissão**, etc.

A discussão de Bakhtin ([1929] 2002), mesmo sendo anterior a todas aqui apresentadas, pareceu-me a mais completa. Assim como Marcuschi, o autor russo compreende que um grupo de gêneros se organiza por características que lhe sejam familiarmente comuns, o que não significa serem os gêneros iguais. Em seu estudo, Bakhtin confere uma singular importância ao critério diacrônico porque entende que o estudo das transmutações pode revelar similaridades e diferenças entre os gêneros constelados. Pela leitura de seu trabalho, ficou claro que os gêneros devem estar conjugados por um traço maior que represente uma característica saliente da esfera na qual eles se ambientam. Como a esfera estudada pelo autor foi a literária, ele percebeu que a carnavalização seria a marca mais saliente deste campo. Tal característica atinge, em diferentes graus, todos os gêneros do sério-cômico.

Como já anunciado, acredito que dizer que os *chats* formam uma constelação de gêneros não seria a novidade desta Tese, pois para mim isso é um dado. O que penso ser importante neste estudo é se perguntar como caracterizá-la. Ou ainda, por meio de quais categorias poderia realizar esse estudo? Há alguns aspectos diacrônicos e sincrônicos que tornam os *chats* similares e distintos dentro desta constelação? Se há, como chegar a eles?

Em uma tentativa inicial de sistematizar melhor minhas suposições, recentemente foi apresentada uma comunicação de um estudo piloto anterior à elaboração do projeto de pesquisa que culminou nesta Tese (cf. ARAÚJO, 2004d). Para isso, segui a analogia que Campbell & Jamieson (1978) parecem fazer entre a categoria de constelação vinda da Astronomia com a da Análise de Gêneros. Para as autoras,

as estrelas que formam uma constelação são individuais, mas sofrem influências uma das outras, assim como influências externas. Conseqüentemente elas se movem juntas e persistem em uma relação similar apesar de suas posições variarem (p. 19).

A partir das palavras das autoras, tentei esboçar em um esquema²⁷ o que defendi, naquele trabalho, como constelação.

²⁷ Como o leitor pode notar, na época em que realizei este estudo piloto, não estavam incluídos o *chat* personalizado <CPE> nem o **chat de atendimento** <CAT>. Na versão atual, retirei o <ICQ> em detrimento do <MSN>.

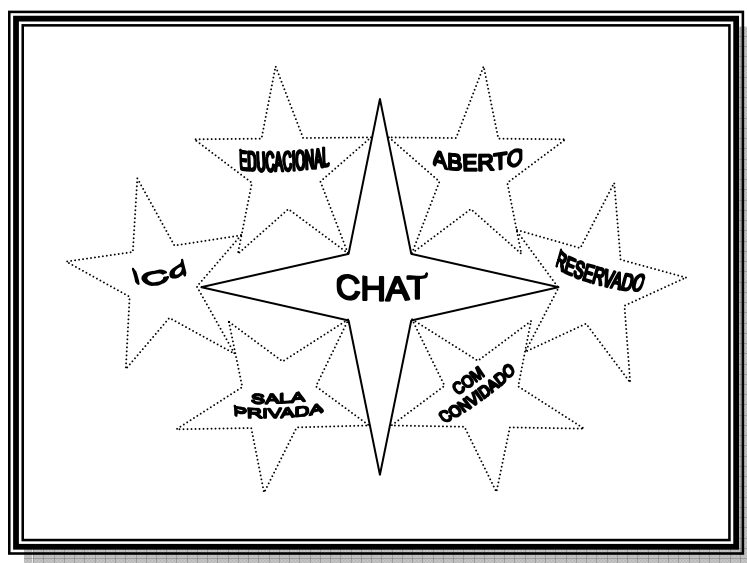


FIGURA 8 – CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS *CHATS*

FONTE: ARAÚJO (2004d, p. 1282)

A figura suscita algumas indagações tais como: seria então o *chat* um gênero ou uma constelação deles? Que aspectos diacrônicos e sincrônicos poderiam ser observados nestes tipos de *chats* que permitiriam classificá-los como gêneros distintos? No centro da figura, a expressão ***chat*** denota não o gênero em si, mas o que as pessoas reconhecem como a existência de uma **situação comunicativa**²⁸ que acontece prioritariamente na Internet. É bom ter em mente que o fato de esta palavra aparecer em destaque na figura não deve significar que concebo hierarquia entre os gêneros da constelação nem entre os critérios selecionados para a sua análise. O objetivo é apenas o de tornar visual o fato de que os vários gêneros *chats* foram gerados da emergente situação comunicativa de “bater-papo” na Internet.

Tal evento²⁹ comunicativo, no sentido marcuschiano do termo, foi se complexificando a tal ponto que os gêneros que nasceram dele passaram a apresentar características comuns, dando-lhes um aspecto de família. Não obstante as

²⁸ No sentido que Crystal (2002) dá a essa expressão.

²⁹ Salvaguardando as complicações conceituais que esta palavra evoca na literatura (cf. nota 19).

características comuns, às vezes até formais, tais gêneros se diferenciam por apresentar propósitos comunicativos distintos. E é exatamente por isso que designo de constelação o agrupamento dos gêneros representado pela figura 8.

Sintetizando, há uma situação comunicativa (CRYSTAL, 2002) ou um evento comunicativo (MARCUSCHI, 2000a) na Internet que as pessoas reconhecem por *chat*. Dele(a) nascem os gêneros *chats* que, embora assumam funções distintas, e por elas sejam reconhecidos, herdando, no sentido genético do termo, traços que os irmanam entre si.

Com base nas discussões feitas neste capítulo e nas muitas observações que fiz dos vários tipos de *chats*, afirmo que minha tese é a de que **constelação de gêneros é um agrupamento de situações sócio-comunicativas que se organizam por meio de pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação que os congrega, partilhando do mesmo fenômeno formativo e atendendo a propósitos comunicativos distintos**. Esta definição aponta para a necessidade de tomar algumas decisões, como considerar o ambiente³⁰ dos gêneros e os critérios diacrônico e sincrônico. Como afirmei antes, entendo que o estudo pautado pelo primeiro critério pode revelar pistas importantes sobre a formação dos gêneros e o estudo do segundo ajudará na compreensão de como estas pistas foram reinterpretadas sincronicamente em função dos propósitos comunicativos que os gêneros constelados atendem em seu estágio atual.

Essas considerações são especialmente relevantes para o presente relatório de pesquisa porque elas resvalam para os fenômenos da transmutação e da hibridização, uma das vias teóricas seguidas para tentar uma sistematização do presente estudo sobre a complexa organização constelar dos *chats*. Assim, parafraseando Marcuschi (2000a, p. 111) em relação à entrevista, também eu acredito que o agrupamento de gêneros representado pela expressão *chat* não se refere a um gênero em si, mas a uma

³⁰ Aqui entendido como esfera de comunicação, como será melhor discutido no próximo capítulo

constelação deles. E seguindo a esteira bakhtiniana, é possível dizer que a variedade dos bate-papos eletrônicos da Internet conserva “elementos imorredouros” dos gêneros orais que os geraram, pois tais gêneros parecem transmutar outros, como as conversas cotidianas (sejam coletivas ou duais), a aula, a entrevista, etc.

Esse processo de constituição genérica é tão complexo que as várias práticas sociais que se materializam no *chat*, tal como a carnavalização no romance, geram variedades cognatas que simulam situações comunicativas presenciais, tornando a constelação um agrupamento genérico sócio discursivo com um alto grau de absorção, como o campo do sério cômico. Penso que foi acreditando nisto que Bakhtin ([1929] 2002) estudou o *romance polifônico* de Dostoiévski, o qual, como ele concluiu, é derivado do diálogo socrático e da sátira menipéia, ambos pertencentes ao grupo do sério-cômico. De uma certa forma, foi seguindo esta orientação que defendi que a hipertextualidade, a transmutação e o propósito comunicativo são categorias operantes para o estudo de caracterização da constelação dos gêneros *chats*.

CAPÍTULO 2

CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS: A CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO

Graças a abertura conceitual [feita por Bakhtin] é possível considerar as formações discursivas do amplo campo da comunicação mediada, seja aquela processada pelos meios de comunicação de massas ou das modernas mídias digitais, sobre o qual, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o qual suas formulações convergem

MACHADO (2005, p. 152).

2.1. EXPLICITANDO AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Neste capítulo, concentro esforço para construir um percurso teórico-metodológico que permita fundamentar as categorias de análise selecionadas para sustentar meus objetivos. Para que elas sejam compreendidas pelo leitor, preciso começar dizendo que, no contexto do presente relatório de pesquisa, entendo que um estudo que queira empreender a caracterização de uma constelação de gêneros deve se estruturar a partir de três eixos temáticos fundamentais, quais sejam:

1. a(s) esfera(s) de comunicação em que tais gêneros se ambientam³¹;
2. as marcas de sua formação genérica;
3. as suas funções sociais dentro da constelação.

Começar pela investigação da esfera de comunicação é importante porque permite ao pesquisador ter acesso à ambiência onde ocorrem as práticas discursivas que engendram a constelação de gêneros. Mas antes disso, é preciso se perguntar: o que é uma esfera de comunicação? Este conceito, que procede de Bakhtin ([1953] 2000), aparece em seu famoso ensaio sobre “Os gêneros do discurso” e nele, a categoria carece de uma maior precisão conceitual. Cruzando, porém, algumas leituras, inferi que, o que Bakhtin chama de esferas de comunicação parece equivaler ao que Marcuschi (2002) denomina de **domínio discursivo**, expressão usada

para designar uma **esfera** ou **instância de produção discursiva** ou de **atividade** humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos” (p. 23[itálicos do autor, negritos meus]).

Pela citação, infere-se que as categorias **esfera**, **atividade**, **produção** e **discurso** inscrevem Marcuschi na proposta bakhtiniana de gêneros. Não obstante a variação do uso dos termos correlatos que também farei aqui, o leitor perceberá a minha preferência pela nomenclatura bakhtiniana. Isso se justifica porque na expressão **esfera de comunicação humana** há a junção de três noções que se coadunam para gerar a idéia de um espaço onde se realizam atos ou atividades humanas³²através da linguagem.

Em primeiro lugar, a noção cíclica da vida que se renova constantemente subjaz ao signo *esfera*. Esta se dilata cada vez mais, na medida em que se espraia as

³¹ Reconheço que as constelações de gêneros são muitas e que, por isso, os gêneros que as compõem podem estar em esferas distintas. A carta, por exemplo, é uma constelação cujos gêneros se ambientam em esferas diferentes (cf. MAIOR & BEZERRA, 2000). Assim, não descarto a possibilidade de encontrar constelação de gêneros que se ambientam em esferas diferentes e outras cujos gêneros se ambientam em uma única esfera, como é o caso dos *chats* objeto desta investigação.

³² Para um maior aprofundamento sobre as categorias de ato e atividade em Bakhtin, sugiro a leitura do elucidativo ensaio de Sobral (2005; 2006).

inesgotáveis possibilidades de interação humana. Em seguida, a noção de ação em comum ou de (inter)ação parece vir à tona através da palavra *comunicação*³³. Finalmente, o caráter de humanidade, flagrado pela expressão *humana*, realça em que de fato Bakhtin acredita: a língua é um lugar onde as relações entre os humanos se *prosificam*, no sentido discutido por Machado (2005). Isto encoraja a afirmação segundo a qual, para Bakhtin, é impossível pensar em gêneros do discurso sem associar tal conceito ao de *esferas de comunicação*.

De minha parte, entendo que esfera de comunicação é uma instância discursiva que propicia o desenvolvimento de práticas sociais, as quais se materializam nos gêneros que lhes são peculiares, de maneira que estes sempre trazem em sua configuração marcas daquela. Desta maneira, compreendo ainda que o conceito em tela se mostra bastante produtivo para a explicação do surgimento de gêneros do discurso cada vez mais complexos.

Seguindo a orientação de Bakhtin, deve-se ter em mente que quando as necessidades enunciativas dos indivíduos se complexificam, é sinal de que o espaço de comunicação no qual estão inseridos os sujeitos também sofre alterações. Inevitavelmente, os gêneros se complexificam, reinterpretando outros em função dos novos propósitos comunicativos e das novas relações sociais que emergem dessas alterações. Consoante tal perspectiva, mediante a evolução das esferas, novos gêneros surgem para [re]organizar as práticas discursivas ocorridas nestes espaços, o que permitiu o consenso entre os estudiosos de que, para Bakhtin ([1953] 2000), os gêneros não são estáticos, mas se ajustam às necessidades comunicativas do homem. Este fato é muito importante e a ele voltarei ainda neste capítulo.

Tendo explicado o que entendo por esfera de comunicação, é necessário dizer que assumi-la como fase primária do estudo de uma constelação de gêneros traz implicações teórica e metodológica importantes para a pesquisa. Do ponto de vista

³³ Não no sentido defendido pela Teoria da Comunicação, como explica Bonini (2003).

teórico, Bakhtin ([1953] 2000) defende que os gêneros refletem as características e as finalidades de suas esferas, portanto, como adverte Brait (2001), considera-las é importante para não cairmos em uma idéia mecanicista de gênero. Além disso, um estudo de um grupo de gêneros que compartilham características comuns não começaria bem se o pesquisador não compreendesse que os gêneros são ferramentas semiotizadas pelas necessidades humanas que surgem dentro de seus territórios sócio-pragmáticos.

No tocante ao aspecto metodológico, como ainda veremos no capítulo 3, pode-se observar que é relevante considerar a esfera de comunicação da constelação porque o analista assumiria uma postura de caráter mais etnográfico, a fim de compreender os usos dos gêneros da constelação à luz de seus produtores/consumidores. Como podemos ver, este primeiro passo do percurso teórico-metodológico investe a pesquisa de um caráter mais qualitativo, pois, como também fez Swales (2004) para estudar as constelações de gêneros acadêmicos, é importante que o estudo se pautar por uma observação participante do pesquisador. Esta postura é importante porque por ela, o pesquisador poderá capturar a característica mais saliente da esfera discursiva para observar em que medida tal característica influencia os gêneros organizados na constelação alvo.

Uma vez imerso nos ambientes sócio-discursivos dos gêneros, o pesquisador tem condições de dar o segundo passo de seu percurso, que é o de buscar nas esferas discursivas indícios sobre o processo formativo dos gêneros que compõem a suposta constelação. Este critério diacrônico é indispensável para o presente constructo, pois do contrário fica difícil conseguir detectar as marcas do processo formativo dos gêneros. Considerar a evolução dos gêneros que se constelaram é muito importante, pois ela pode revelar aspectos que ajudem ao analista na construção do entendimento acerca de determinadas propriedades genéricas que possam ser comuns ou não a toda a constelação. Desse modo, minha suposição é a de que rastreando as características

do processo de formação genérica, o estudioso poderá verificar em que medida esse processo permite a caracterização da constelação.

Finalmente, o estudo deverá focalizar as funções sociais dos gêneros, terceiro passo do percurso teórico-metodológico. Ao entrar nesta fase da pesquisa, o estudioso deverá orientar-se pelo estágio sincrônico dos gêneros constelados. Ou seja, é preciso verificar como as marcas da evolução foram reinterpretadas em função dos propósitos sociais que os gêneros, em seu estágio atual, atendem. Penso que esta fase permitirá a verificação da heterogeneidade funcional da constelação, pois, de acordo com Rex (1996, p. 137), se “um gênero é um agregado de eventos comunicativos que preenchem uma **função social** comum” (*apud* SWALES, 2004, p. 68 [grifos meus]), imagine-se o que se pode encontrar em se tratando de uma constelação deles. O estudo deste último aspecto é, ainda, importante porque, por ele, construir-se-ão dados que auxiliem na compreensão de que “o fato de serem membros de uma constelação [...] não torna homogêneos [...] os gêneros” (cf. ARAÚJO, 2004d, p. 1282), pois a teia de funções sociais que atravessa a constelação os diferencia entre si.

Abaixo, disponibilizo uma figura que foi elaborada para sintetizar as explicações feitas nos parágrafos precedentes.

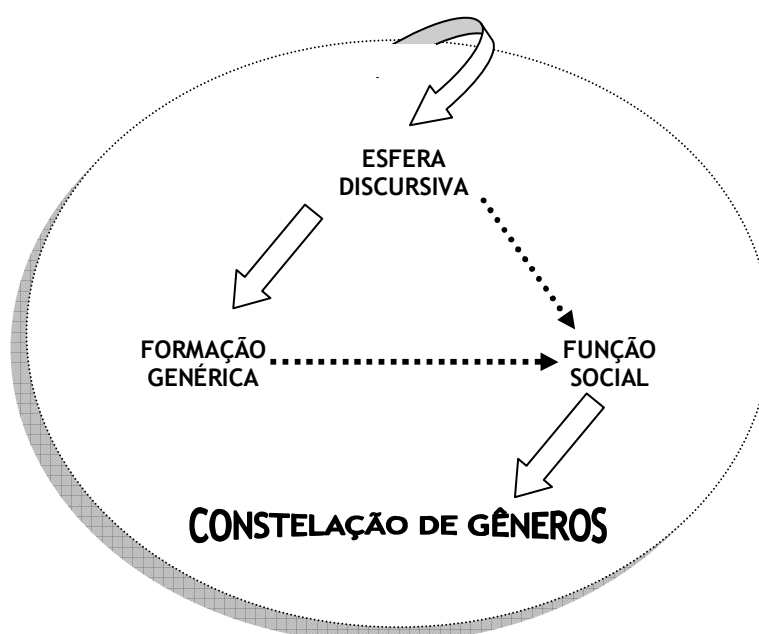


FIGURA 9 – PERCURSO PARA A INVESTIGAÇÃO DE UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS

Como é notório, a figura é contornada por uma elipse pontilhada para sinalizar que nenhuma esfera é fechada em si mesma, pois, ao mesmo tempo em que pode ter seus gêneros absorvidos, pode também transmutar gêneros de outras esferas. A base epistemológica para essa explicação procede do materialismo dialético, na qual Bakhtin ([1929] 1981) se inspirou para construir uma concepção de linguagem sócio-interacionista. Evidentemente, tal concepção destoa daquela fundada por Saussure ([1916] 1995), o qual, segundo o autor russo, “ignora [...] o fato de que, além das formas da língua, há também as formas de combinação dessas formas, ou seja, os gêneros do discurso” (BAKHTIN [1953] 2000, p. 304).

A figura retoma, além da esfera, os passos que podem permitir que o analista perceba as semelhanças e as diferenças entre os gêneros de uma constelação qualquer. A seta que entra na elipse pontilhada indica não só a inserção do pesquisador dentro da esfera, mas também serve para sinalizar o começo de uma formação genérica que, por estar sendo transmutada pela esfera, começará um dinâmico processo de constituição. Por isso, entrar no domínio discursivo para compreender as especificidades da constelação deve ser o primeiro passo da investigação, pois por ele é possível chegar às semelhanças entre os gêneros graças ao exame minucioso das características de sua ambiência sócio-discursiva.

As setas seguintes indicam o interesse em estudar o processo formativo dos gêneros. Da segunda seta maior sai uma outra pontilhada indicando que a formação genérica deixa rastros dentro da esfera e, por isso, o analista precisa estar atento a estas marcas, pois, ao rastreá-las, ele poderá estudar como elas foram reinterpretadas dentro da constelação e como os autênticos produtores/consumidores desses gêneros as reconhecem. Provavelmente, essas marcas levarão o pesquisador a descobrir como elas foram ressignificadas pelos novos gêneros, o que suscita a sugestão de que esse

percurso o leve a conhecer melhor as funções sociais dos gêneros que, em função das necessidades humanas que geraram esse processo, possivelmente atendem a funções sociais distintas. Assim, enquanto as características das esferas discursivas e as marcas do processo formativo servem para uma possível aproximação entre os gêneros, o estudo de suas funções sociais pode ajudar na construção da compreensão da heterogeneidade da constelação.

A figura mostra ainda uma segunda seta pontilhada que procede do termo esfera discursiva. Ela sugere que a própria esfera já pode servir como uma primeira pista para se chegar à funcionalidade dos gêneros. Não obstante isso, considero que partir da esfera para conhecer a função social dos gêneros sem antes estudar o processo formativo deles pode ser imprudente, pois estou convencido de que é pelo rastreamento dos indícios da formação genérica que se poderá obter uma aproximação da funcionalidade social dos gêneros.

Contudo, dizer simplesmente que o analista deve considerar os três eixos temáticos acima discutidos não torna exequível a análise da constelação, pois falta precisar as categorias de análise que poderiam tornar operante o estudo. Quanto a isso, poderia dizer que não há como generalizar as categorias de análise da mesma forma que fiz com os eixos temáticos, pois, assim como os gêneros, as constelações são diversas e seu estudo exigirá sempre adaptações. Assim, as categorias devem ser extraídas dos eixos temáticos, já que eles parecem poder ser generalizáveis aos possíveis tipos de constelação. Porém, esta extração não deve acontecer de qualquer modo, é preciso que o analista considere muitíssimo as especificidades da constelação que ele pretende estudar, atentando, sobretudo, para as esferas de comunicação que ambientam os gêneros que se constelaram.

Por esta razão, para seguir as especificidades de meu objeto, extraio do eixo temático esfera, a categoria **hipertextualidade**, devido à natureza do domínio discursivo digital em que se realizam os *chats*; do eixo temático marcas da formação genérica, opto por trabalhar com a categoria **transmutação de gêneros**, porque, de

acordo com os estudos que desenvolvo no grupo PROTEXTO, os *chats* parecem compartilhar desse mesmo fenômeno formativo; e, finalmente, do eixo função social dos gêneros, seleciono a categoria **propósito comunicativo**, seja porque ela já é uma espécie de “patrimônio teórico” da emergente área da Análise de Gêneros, seja porque, salvaguardando as reformulações que este conceito vem sofrendo por Swales em co-autoria (cf. ASKHAVE & SWALES, 2001), ou sozinho (SWALES, 2004), ele ainda se mostra como um critério relativamente seguro para atestar a funcionalidade social de um gênero do discurso.

Mostradas as categorias gerais de análise e, principalmente, como cheguei a elas, passarei a discuti-las na seqüência, a fim de fundamentar teoricamente os objetivos que nortearam a minha Tese.

2.2 A ESFERA DIGITAL E A HIPERTEXTUALIDADE

“Todas as **esferas da atividade humana**, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN [1953] 2000, p. 279 [grifos meus]). É com estas palavras que Bakhtin começa seu tão comentado ensaio sobre “Os gêneros do discurso”. Antes de falar sobre a esfera digital e sua característica mais saliente, a hipertextualidade, a citação obriga a dizer que estou inscrito em uma concepção de linguagem sócio-interativa, o que me autoriza, com o autor citado, a conferir uma singular importância ao lugar de onde se diz alguma coisa. Desta maneira, nenhuma prática de comunicação entre os homens pode ser analisada como se ocorresse no vácuo, haja vista a via teórica aberta por Bakhtin, como ressalta a epígrafe de abertura deste capítulo.

No entanto, a crença na existência dos lugares de práticas linguageiras é algo tão consolidado na obra do autor que, ao começar o seu ensaio com aquela citação, percebemos que ele inicia sua reflexão como se a categoria em negrito no parágrafo precedente já tivesse sido apresentada e suficientemente discutida de modo que o leitor já dispusesse de conhecimento compartilhado. Na realidade, durante o ensaio,

há uma flutuação terminológica acentuada, pois além da expressão “negritada” acima, encontram-se outras similares, como **esferas de utilização da língua** e **esfera de comunicação humana**.

Como já discuti sobre esse conceito no início do capítulo, retomo-o aqui apenas para relacioná-lo à Internet, ambiente digital no qual se formaram os gêneros *chats*. Grosso modo, o que seriam os gêneros do discurso senão atividades humanas que executamos com a linguagem? Como bem realça Bakhtin, tais atividades se (re)elaboram no interior das esferas de comunicação. Porém, esta (re)elaboração não se dá ao acaso, mas está indissociavelmente atrelada às necessidades humanas. Nesse sentido, há dois aspectos relevantes que podem ser destacados aqui. O primeiro deles é que não se pode estudar nenhum gênero do discurso longe de sua ambiência e o segundo é que os gêneros não são espectros que surgem aleatoriamente, já que existem elementos de natureza composicional, temática e estilística que se combinam para corporificar as necessidades humanas que vão surgindo dentro das esferas.

Essas esferas pragmático-discursivas que organizam a vida humana reclamam práticas discursivas bastante distintas, embora nem sempre nitidamente demarcadas. Seja como for, a materialidade desta ambiência não possui, necessariamente, um caráter geográfico-espacial, pois já é possível falar em ambientes digitais (cf. WALLACE *apud* MARCUSCHI, 2004)³⁴. Assim, neste trabalho, estarei considerando a Internet uma esfera de comunicação humana (cf. ARAÚJO, 2004a), pois ela agrega e engendra variadas práticas discursivas que trazem a reboque características bastante distintas. Nesta mesma esteira, Defillippo & Cunha (2005) também estão convencidas de “que o surgimento de uma nova esfera acarretará no nascimento de novos gêneros. Nesse sentido é que ratificamos o argumento de que a esfera digital/virtual vem suscitando novos gêneros do discurso” (p. 99).

³⁴ WALLACE, P. **The psychology of the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

A esfera de comunicação Internet permitiu que a prosificação letrada atingisse uma espécie de apogeu. Se houve uma prosificação letrada, no sentido explicado por Machado (2005), conforme ainda será discutido neste capítulo, capaz de ter gerado tantos gêneros híbridos, como o romance, julgo razoável afirmar que a Internet e o suporte digital amplificam as possibilidades dessas misturas, gerando uma espécie de prosificação digital.

Trocadilhos à parte, é bom ter em mente que o domínio discursivo digital da Internet já nasceu híbrido, posto que seu funcionamento deriva da junção dos serviços da telefonia com os da informática, gerando o que os autores chamam de telemática (cf. ARAÚJO, 2005b). Por esta razão, a tela digital do computador conectado à Internet é um suporte propício para o surgimento de novos gêneros que atendem às especificidades dos grupos sociais que foram se formando na grande rede e que, para dar sustentação verbal aos seus anseios, elaboram constantemente diversas modalidades de práticas discursivas (cf. XAVIER & SANTOS, 2000). Deste modo, afirmar com Lévy ([1996] 2001) que a digitalização das práticas humanas de comunicação parece operar com um processo constante de mutações é algo do qual não se pode fugir hoje. Por esta razão,

considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo [...] equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de **novos gêneros ligados à interatividade** (p. 41 [Grifos meus]).

Tais gêneros, no caso específico da esfera eletrônica, parecem surgir sempre de transmutações porque o ambiente digital é notoriamente propício às combinações semióticas. Assim, mesmo que a escrita seja preponderante neste ambiente discursivo, é preciso considerar que este elemento semiótico sofre muitas mutações, em práticas discursivas, como os *chats*, os fóruns eletrônicos, os *e-mails*, os *blogs*, dentre outras. Além dessa reformatação da escrita, é característica dessa esfera de comunicação a arte de combinar outras linguagens, como a imagem e o som, o que propicia a afirmação de que a esfera discursiva digital tem como característica maior

uma rica heterogeneidade semiótica, já que sua “extensão” parece ser algo incondicional, no sentido que Baudrillard (1997) dá a este termo, salvaguardando aqui sua posição demasiadamente pessimista em relação ao assunto.

Os usos dessa linguagem híbrida nos ambientes internetianos sinalizam para práticas discursivas, no mínimo, desafiadoras para os estudiosos. Comunicar-se de forma síncrona pela escrita, por exemplo, era uma prática social inimaginável até o surgimento do *Internet Relay Chat* (IRC), em 1988³⁵. Para além de discursos deslumbrados, concordo inteiramente com Marcuschi (2001a) que com o *chat* não surgiu uma nova escrita, mas uma maneira nova de se relacionar com ela. Segundo o autor, “escrever pelo computador no contexto da produção discursiva dos bate-papos síncronos (*on-line*) é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita” (p. 18).

Mesmo que isto seja um consenso entre os pesquisadores interessados no assunto, muito se tem para discutir ainda. Os conceitos de “usabilidade”, de sentido, de leitura, de autoria, de suporte, de letramento são grandes temas presentes na agenda dos interessados pelo universo digital (FORMARO, 1996; NIELSEN, 1997; BOLTER, 1991; COSTA, 2000; FERREIRO, 2001; ÁLVAREZ, 2001; VIEIRA, 2001; CHARTIER, 1997; 2002; HENDGES, 2002; DIAS-DA-SILVA & PAIZAN, 2003; MARQUESI & ELIAS, 2004; CRESCITELLI, 2004; BARBOSA, 2004; BRAGA, 2005). Do emaranhado de temas discutidos, emerge uma categoria que provoca muita controvérsia entre os estudiosos: trata-se do conceito de **hipertexto**³⁶ para o qual lançarei um olhar especial aqui, pois entendo que ele encerra a característica mais saliente da esfera discursiva digital.

³⁵ Para conhecer um pouco mais sobre a *History of IRC (Internet Relay Chat)*, remetemos o leitor para o seguinte endereço eletrônico <<http://damiel.haxx.se/irchistory.html>>.

³⁶ Não está entre os objetivos dessa seção discutir sobre a história e a invenção do Hipertexto. Para maiores detalhes sobre estas questões, ver Nelson (1993); Marcuschi (1999); Landow (2002), Xavier (2002); Lévy (2003); Cavalcante (2004); Costa (2005); Komesu (2005b), entre outras obras.

A categoria anunciada ainda está em discussão e anda longe de ser um consenso entre os pesquisadores. Não é à toa que o tema já mereceu um primeiro congresso nacional, no qual se reuniram cerca de 500 pesquisadores do país inteiro, sob a presidência do Professor Dr. Xavier, na Universidade Federal de Pernambuco³⁷.

Durante o congresso e na literatura que vem se formando sobre o assunto, no que se refere à ciência lingüística, é possível observar a existência de dois modos de conceber o hipertexto: de um lado, há lingüistas que defendem que o hipertexto não traz em si nenhuma novidade, por isso consideram que todo texto é um hipertexto (cf. MARCUSCHI³⁸, 1999; 2000b; KOCH, 2002; POSSENTI, 2002, entre outros) e de outro, há aqueles que estudam e defendem o hipertexto como uma nova realidade lingüístico-textual que amplia as possibilidades das práticas discursivas, gerando “novos” gêneros do discurso e reclamando um novo tipo de letramento (XAVIER, 2000; 2002; 2004; VIEIRA, 2001; BRAGA, 2003; 2004; KOMESU, 2001; 2004; 2005b; ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005b). Para entender o que esses grupos defendem e em qual dessas propostas se insere o presente estudo, julgo ser necessário apresentar e discutir o conceito de hipertexto com o qual estes pesquisadores trabalham.

Para Koch (2002), o fato de “constituir uma proposta de sentidos múltiplos [...] e [ser] plurilinear na sua construção” (p. 61) é o suficiente para sustentar a afirmação de que todo texto é um hipertexto. Ao defender essa tese, a autora se concentra na presença e nas funções dos *links* que “escondem” os nós textuais no hipertexto para comparar estes elementos aos índices que os gêneros acadêmicos apresentam, como notas de rodapé, sumários, tabelas, etc.

O objetivo dessa comparação é defender a suposição de que a natureza hipertextual não é um privilégio apenas do domínio digital, haja vista esta ser uma

³⁷ O evento se chamou **I Encontro Nacional sobre Hipertexto: desafios lingüísticos, literários e pedagógicos**, realizado entre os dias 27 a 29 de outubro de 2005, na UFPE.

³⁸ É interessante notar que, pelos últimos trabalhos, Marcuschi se filia ao grupo que defende uma outra posição sobre o hipertexto.

marca de todo e qualquer texto. O conceito de hipertexto subjacente a esta reflexão se limita a duas das muitas características que se atribuem a ele: a não-linearidade e os *links*. Os últimos são os responsáveis por dar ao leitor a liberdade de escolher e decidir os caminhos que serão trilhados na atividade de leitura (cf. BOLTER, 1991; LANDOW, 2002).

Por outro lado, se a definição de hipertexto for ancorada na multissemiose (união de escrita, da imagem e do som), Koch (2002) argumenta de modo desfavorável, assinalando que o gênero reportagem veiculado por jornais ou revistas, portanto impresso, também apresenta imagens cuja coexistência coopera para a construção do sentido. Assim, a autora radicaliza ao afirmar que “a diferença com relação ao hipertexto eletrônico está apenas no suporte e na forma e rapidez de acesso” (p. 61).

Posição análoga é assumida por Possenti (2002). Ao escrever algumas “Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido”, ele sugere que existem discursos de deslumbramentos sobre esse objeto e, por isso, ao aceitar com Koch que todo “texto é um hipertexto” (p. 217), faz conjecturas de que tal objeto “não resiste à menor investigação empírica” (Id., Ibid.). Estas reflexões céticas desenvolvidas pelo autor têm por base uma definição de hipertextualidade cuja discussão nos parece já superada: a não-linearidade. Ao citar Marcuschi (1999), ele elege a não-linearidade como o elemento central na definição do hipertexto.

Evidentemente, tal escolha não é inocente, pois com argumentos semelhantes aos mobilizados por Koch, o autor demonstra facilmente que tal característica apenas reforça a tese de que todo texto é um hipertexto. Assim como Koch, ao focalizar o hipertexto impresso, Possenti parece reduzir sua reflexão a características que, embora não tenham deixado de ser relevantes para os estudos sobre o assunto, perderam a centralidade na busca de uma definição que dê conta do atual estágio do hipertexto. Assim, para que um pesquisador se arvore do direito de definir o que é o

hipertexto, deverá, no mínimo, ficar atento à heterogeneidade semiótica³⁹ que o suporte digital permite.

Como vimos, Koch e Possenti defendem uma definição para hipertexto diferente da apresentada por Marcuschi (1999). Segundo este autor,

O hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos, mas um tipo de escritura. **É uma forma de organização cognitiva e referencial** cujos princípios constituem um conjunto de *possibilidades estruturais* que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não contínuas e não progressivas. Considerando que a linearidade lingüística sempre constituiu um princípio básico da teorização (formal ou funcional) da língua, o hipertexto rompe esse padrão em alguns níveis. Nele, não se observa uma ordem de construção, mas possibilidades de *construção textual plurilinearizada* (p. 21 [itálicos do autor, negritos meus]).

Concordo com alguns aspectos desta citação, como o fato de o autor não atribuir ao hipertexto o *status* de gênero ou de suporte de gêneros. Concordo também que o hipertexto se aproxima de um **tipo de escritura** que reclama uma nova maneira de organização cognitiva e referencial. Nestes aspectos, fica um fosso entre Marcuschi, Koch e Possenti, já que os últimos não admitem que o hipertexto influencia na construção do sentido. Por outro lado, a definição de Marcuschi, em parte iluminada pela noção de texto da Lingüística Textual, parece privilegiar a não-linearidade como marca central e definidora da hipertextualidade.

Se aderirmos a isto, penso que cairemos no reducionismo de Koch e Possenti que, ao tentarem discutir o hipertexto digital, o fazem com as lentes focalizadas no hipertexto impresso. Além disso, é saudável admitir que embora a leitura não-sequencial não seja uma característica exclusiva dos (hiper)textos pós-informática, a categoria em si (**hipertexto**) só começou a circular entre nós após a invenção da

³⁹ Por heterogeneidade semiótica entendo a riqueza multimodal que constitui os gêneros digitais. Modo, segundo defendem Kress & Jewitt (2003), é um “conjunto organizado de recursos para a produção de sentidos, incluindo imagens, olhares, gestos, movimentos, música, fala e efeitos sonoros” (p. 1). Tais recursos, como se sabe, existem em grande quantidade na Internet, gerando uma heterogeneidade semiótica.

Internet e da *Web* (cf. ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005b) e, sobretudo, por causa dos usos que fazemos delas. Além disso, como destaca Costa (2005) acerca do termo,

cunhado, portanto, na e pela informática, o hipertexto possui uma textualidade eletrônica virtual, cujo espaço é outro; por isso vai além do texto em seu formato tradicional. Trata-se de um texto que podemos facilmente visualizar, quando acessamos a Internet (p. 39).

Esta citação faz parte do grupo de autores que defendem a segunda posição sobre hipertexto. Lendo o material produzido por estes estudiosos, verifiquei que a definição de hipertexto tenta dar conta de uma nova realidade lingüístico-discursiva que suscita práticas textuais até então inexistentes. À linguagem escrita acrescentam-se outros elementos semióticos cuja função parece ser a de entrar como partes constitutivas que conspirariam a favor de “novas formas de construção de sentido” (MARCUSCHI & XAVIER, 2004).

Assim, mesmo que em outros gêneros de esferas de comunicação como o jornalismo e a publicidade, por exemplo, a imagem, ao lado da escrita, seja uma semiose que ajuda na construção do sentido, é razoável considerar que somente com os avanços das tecnologias digitais é que se passou a explorar melhor a força das outras semioses, tal como se vê hoje no atual estágio dos estudos sobre o hipertexto. Neste sentido, concordo com Komesu (2005b) ao retomar as reflexões de Koch para afirmar que “a multimesiose do hipertexto não pode ser comparada à do texto impresso no jornal” (p. 101).

Contudo, diante do primado dos *links*, dos nós textuais e da não-linearidade (cf. SNYDER, 1998; BURBULES, 1998; MARCUSCHI, 1999), elementos semióticos, como a imagem, o som e a escrita ou passam despercebidos pelos autores ou são marginalizados em suas discussões acerca das características e do eixo definidor do hipertexto. Sobre esta questão, por exemplo, veja-se a discussão sobre os conceitos de usabilidade e credibilidade das *homepages* apresentada por Nielsen (1997). Este autor salienta que as artes gráficas de alta qualidade aumentam a credibilidade da página.

Porém, reduzir a imagem e o som ao *status* de arte gráfica empobrece o conceito de hipertexto, pois suscita uma desagradável sensação segundo a qual tais semioses só se prestam à função ornamental.

Sobre este aspecto, são elucidativas as palavras de Xavier (2002), pois elas mostram que tais elementos

deixam de ser adereços que ornamentam e delimitam artisticamente o espaço da escrita verbal, para se configurarem como elementos-fonte ricos em informações matizes de sentido com peso cognitivo e valor semântico, no mínimo, iguais aos da palavra (p. 157)⁴⁰.

Emília Ferreiro (2001), ao discutir a leitura e a escrita na *Internet*, afirma que houve um período em que a TV fez imperar a imagem sobre a escrita e que hoje o computador conectado à Internet reintroduz o poder da escrita vinculada à imagem. A meu ver, não se trata de um resgate da escrita, já que esta, desde a sua criação, nunca desapareceu das atividades humanas de comunicação. Por isso, nesta Tese, não entendo o hipertexto como um espaço onde uma semiose *X* concorre com uma semiose *Y*, pois nem a escrita nem o som ou qualquer outro elemento semiótico estabelece hierarquia no hipertexto, posto que eles não concorrem, mas co-ocorrem ou co-existem como estratégias de geração de sentidos.

Um autor que reconhece a relevância do som e da imagem ao lado da escrita no hipertexto é Álvarez (2001). Contudo, ele prefere abrigar os elementos semióticos do som e da imagem sob o rótulo de **hipermídia** que, por sua vez, não corresponde ao que aqui compreendo por hipertexto. Considero tal distinção discutível, uma vez que as linguagens de multimídias formam um amálgama sobre o qual a noção de hipertextualidade em que me inscrevo se realiza. Nesta mesma direção, caminha a definição de Snyder (1998), com a qual concordo porque, para ela, o

⁴⁰ Vejo nesta citação de Xavier a possibilidade de promover um encontro consensual com Marcuschi (1999) quando este defende que o hipertexto é uma nova forma de escritura. Esta nova forma opera não só com a escrita, mas leva em consideração outras linguagens “com peso cognitivo e valor semântico iguais aos da palavra” (XAVIER, 2002, 157).

hipertexto é um meio de informação que existe apenas on-line em um computador. Uma estrutura composta de blocos de textos conectados por *links* eletrônicos que oferece diferentes caminhos aos usuários. O hipertexto fornece um meio de conseguir informação de uma maneira não-linear com o computador, automatizando o processo de conectar um pedaço de informação a outra. Quando a estrutura acomoda não somente textos, mas também som digitalizado, gráficos, animação, vídeo e realidade virtual, ela é às vezes referida como hipermídia. Tal termo é freqüentemente adotado como *marketing* pelos fabricantes de computador, engenheiros de *softwares*, publicitários e outros para descrever ao mesmo tempo o conteúdo da hipermídia e o *hardware* ou o *software* que a incorpora. Mas **o hipertexto é o meu termo preferido**. Utilizo-o para representar tanto a estrutura quanto o conteúdo deste tipo de tecnologia de informação (p. 126 [grifos meus]).

Nesta definição, a autora vê o hipertexto como uma estrutura que se constitui de *blocos de textos*, os quais são interligados por *links*. Ao considerar a presença dos *links* interligando os *blocos de textos*, Snyder, em sua definição, admite também a *não-linearidade* como uma das características a ser observada e acomoda ainda a multisemiose, representada pelos textos escritos, o som, as animações, os vídeos e os gráficos. Ao considerar estes elementos, ela é enfática ao assumir que os abriga sob a categoria de hipertexto em detrimento do termo hipermídia, como prefere Álvarez (2001).

Nesta direção, a noção de hipertexto que adotei para minha pesquisa se aproxima da noção discutida por Snyder, pois também para mim o hipertexto é o amálgama de todas as características elencadas por ela. A definição de Snyder, de alguma maneira, parece se aproximar da tese de Xavier (2002) da qual extraio o que aqui entendo por hipertextualidade. Este autor, ao delimitar sua definição de hipertexto, reúne as várias linguagens próprias da *Web*, espaço privilegiado desse tipo de escritura. Por esta razão, ele afirma que considera

hipertextos apenas os dispositivos “textuais” digitais multimodais e semiolingüísticos (**dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros**) que estejam *on-line*, isto é, os que estejam indexados à *Internet*, reticuladamente interligados entre si e que possuam um

domínio URL ou endereço eletrônico, na *World Wide Web* (p. 26 [grifos meus]).

Aceito com Xavier o fato de que o hipertexto não se limitar somente aos *links* e aos nós textuais, mas também se estende ao caráter intersemiótico que se instaura nesse espaço. O autor não restringe os sons e as imagens, por exemplo, às estratégias ornamentais, mas os vê, juntamente com a escrita, como um “modo de enunciação digital”, cujo alicerce é o amálgama entre todos estes elementos.

Esta noção de hipertextualidade me interessa na medida em que o hipertexto passa a ser visto como um modo próprio para a enunciação no domínio discursivo digital e não como uma mera “materialidade” de um novo tipo de texto. Assim, é mister que este modo de enunciação suscite gêneros que dêem sustentação à comunicação humana que se ambienta na esfera eletrônica. Entre esses gêneros, estão os *chats* para os quais reivindico a natureza hipertextual⁴¹ porque, além de reunirem em sua textura linguagens, como a imagem, o som e a escrita, é inegável o fato de eles estarem imersos em um modo digital de enunciação.

Com isto, não estou querendo dizer que as três semiotes vão estar sempre presentes e reunidas em todos os bate-papos virtuais. Quanto a isso, os propósitos comunicativos dos gêneros *chats* se mostraram relevantes como categoria para definir a presença em maior ou em menor grau dessas linguagens, observando seu caráter funcional para os gêneros.

Também não entenda o leitor que estou a afirmar que as características hipertextuais se reduzam unicamente à multitemiose porque isso me faria incorrer no mesmo reducionismo já discutido. Por isso, ao definir a hipertextualidade como uma categoria que me ajudou a caracterizar e a descrever a constelação dos gêneros *chats*, considero, além dos usos da multitemiose, outras características que já foram discutidas acima, como a não-linearidade, a presença dos *links*, a imaterialidade

⁴¹ Sobre a natureza hipertextual dos *chats*, remeto o leitor para os trabalhos de Araújo & Biasi-Rodrigues (2005b) e Mestrinelli (2005).

entre outras propriedades que realçam a natureza hipertextual da constelação dos *chats*. Para além do mapeamento dessas características hipertextuais, o que de fato importa é considerar que os *chats* consistem em apenas uma das muitas possibilidades de enunciar digitalmente na esfera discursiva da Internet.

A hipertextualidade, da maneira como se discutiu aqui, reforça o que já mencionei no início desta seção, que a Internet proporcionou uma espécie de prosificação digital já que as possibilidades combinatórias de gêneros e de semioses em um mesmo suporte é uma realidade que suscita gêneros prenes de muitas características comuns, como os elementos de natureza hipertextual, por exemplo. Afinal, como também assinala Marcuschi (2004), “a Internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros” (p. 19).

Assim, no contexto de minha pesquisa, defendo que os *chats* são excelentes exemplos dessas possibilidades combinatórias, já que suas existências, segundo uma de minhas suposições, se devem ao processo da formação genérica. Deste modo, não acho que seja ingênuo acreditar que a imersão na esfera discursiva digital pode oferecer as condições para o rastreamento dos indícios do processo formativo dos *chats*, o qual é tratado aqui como **transmutação de gêneros**.

2.3 UMA POSSÍVEL ORIGEM PARA O CONCEITO DE TRANSMUTAÇÃO

Ao se tratar do fenômeno da transmutação de gêneros, costuma-se atribuir esta categoria teórica aos trabalhos de Bakhtin. Mesmo que este conceito atravesse o conjunto de sua obra e que o tratamento dado pelo autor à categoria seja seminal para o estudo de gêneros que, como o romance, absorvem tantos outros, considero que a transmutação não é suficientemente discutida por Bakhtin. Por isso, nesta seção, pretendo ‘resgatar’ as origens desta categoria, que parece estar na Física Nuclear e na Biologia, o que me obrigou a entrar, timidamente é verdade, um pouco nestas searas para ver que tipo de relação semântica pode haver entre o tratamento

dado a este termo pelos físicos, pelos biólogos e, posteriormente, por Bakhtin, sendo este último, o alvo maior de meu interesse teórico⁴².

De acordo com a versão digital de um dicionário da Língua Portuguesa⁴³, o substantivo latino *transmutation/transmutatiónis* vem do verbo *transmutáre* cujo sentido é o de **transmutar, transportar, mudar, converter-se em**. Além desse valor etimológico, o dicionário confere ainda para essa palavra três acepções bastante curiosas, a saber:

1. Ato ou efeito de transmutar(-se); transmutação, transmutamento
2. Rubrica: **Física nuclear**. qualquer reação nuclear que transforme um nuclídeo em outro
3. Rubrica: **Genética**. formação de uma nova espécie através do acúmulo progressivo de mutações na espécie original (HOUAISS, **on-line**)

A primeira acepção, profundamente vinculada à etimologia da palavra, carrega a idéia de movimento, de processo, de deslocamento. Contudo, o que mais me chamou a atenção foram as acepções seguintes, pois o fato de este termo ser uma categoria usada na área da Física e da Genética, é revelador de que, antes de ser um conceito teórico que permite o estudo de gêneros complexos em Lingüística, a transmutação é também um fenômeno físico e biológico, como ainda será mostrado no transcorrer desta seção.

Subjacente à segunda acepção, vislumbra-se a definição de que a transmutação, enquanto fenômeno físico, “é um processo mediante o qual um elemento se transforma noutro” (SERRA, 2005, **on-line**). Tanto em Serra (2005) quanto em Martins (1990) puder ler que foi a partir de 1896, com os achados de

⁴² Adianto que entrar na discussão sobre as chamadas Ciências Naturais não significa uma forma de positivismo, o que seria uma contradição com a perspectiva bakhtiniana de ciência adotada em meu trabalho, pois minhas âncoras teóricas não estão nessas ciências.

⁴³ Ver o *site* <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=Transmuta%E7%E3o>>

Becquerel (1896 *apud* MARTINS, 1990)⁴⁴ que a transmutação passou a despertar o interesse dos físicos. O cientista citado por ela descobriu que o Urânio emite espontaneamente uma radiação de natureza desconhecida. Não obstante isso, é preciso salientar que a denominação usada por Becquerel não foi a palavra **transmutação** e sim **radioatividade**. Por essa razão, Rutherford (1901) e mais tarde os seus seguidores, como os franceses Vicent & Stengers (1993), observam que o fenômeno da transmutação está associado à descoberta da radioatividade, no limiar do século XX.

Esta descoberta suscitou muitos outros estudos para tentar compreender a natureza dessa força radioativa capaz de, naturalmente, transformar o núcleo de um elemento em outro, como por exemplo, a transmutação de um núcleo de Urânio em um núcleo de Tório. Neste contexto de descobertas, os trabalhos de Rutherford (1906) se tornaram seminais na área da Física Nuclear, porque, para transformar artificialmente um elemento em outro, o físico teve de desenvolver operações muito complexas que lhe permitiram alterar a estrutura do núcleo atômico⁴⁵. Assim, as primeiras experiências, nas quais se observa uma transmutação nuclear artificial, foram feitas por ele, em 1919.

Foi em Serra (2005) que encontrei a informação de que o físico neo-zelandês Ernest Rutherford, em parceria com o químico inglês Frédérick Soddy, defendeu a hipótese de que a radioatividade está associada à transmutação de um elemento químico em outro. Assim, a palavra transmutação passou a ser uma categoria que serve para definir um movimento, um processo complexo de formação de um elemento químico, pois é responsável “pela transformação sucessiva de um

⁴⁴ BECQUEREL, H. Sur les radiations invisibles émises par les corps phosphorescents. **Comptes rendus**. VI. 122., 1896. pp. 501-503.

⁴⁵ Como bem ressalva Serra (2005), “para transformar um elemento noutro qualquer basta mudar o seu núcleo, tirando ou acrescentando prótons, tirando ou acrescentando nêutrons. Embora, do ponto de vista teórico, estas transformações sejam sempre possíveis, algumas delas são muito difíceis de fazer na prática, pois exigem grandes quantidades de energia. Actualmente sabe-se transformar um núcleo de carbono em azoto, um de cobre em níquel, um de argon em potássio e mesmo UM DE CHUMBO EM OURO. No entanto, o ouro assim fabricado é muito mais caro que o ouro natural” (on-line).

elemento noutro, e ainda noutro e noutro, formando-se cadeias de elementos. A essas cadeias dá-se o nome de famílias radioactivas” (SERRA, 2005, **on-line**).

Como se pode observar, existem transmutações naturais, como aquelas descobertas por Becquerel, e transmutações artificiais, como as estudadas por Rutherford que, ao utilizar o **Ra C** como fonte emissora de partículas alfa e nitrogênio comum como “alvo”, comprovou que a partícula alfa, ao ser absorvida pelo núcleo de nitrogênio, dá lugar à formação do **Oxigênio-17** (cf. FERRAZ-NETO, 2005, **on-line**)⁴⁶. Como é de fácil constatação, em Física Nuclear, a transmutação é um fenômeno que pode ser de caráter natural e artificial. Seja como for, tal fenômeno diz respeito à alteração de um elemento que pode se transformar em um outro e, como mostrarei mais adiante, este conceito parece dialogar muito bem com o tratamento sócio-discursivo dado por Bakhtin ao fenômeno. Não obstante, tenho a consciência de que entre a transmutação que um físico realiza em um átomo e a transmutação que um sujeito faz de um gênero discursivo há proporções diferentes, por isso a analogia deve ser entendida à luz das dimensões dos dois objetos. No caso do primeiro, o objeto não é simbólico o que não ocorre no caso do segundo.

Ao adentrar no campo científico da Biologia, a categoria **transmutação** também dá a idéia de alteração, de mudanças. Desta vez, o alvo das mudanças não é o elemento químico, mas, ao que me pareceu, dentro dessa área de conhecimento, o conceito é usado para se referir à teoria da evolução e transmutação das espécies, elaborada quase que simultaneamente, mas não em co-autoria, por Charles Darwin e Alfred Wallace (cf. BORGES, 2001, **on-line**).

De acordo com Massarini (2005, **on-line**), o princípio básico da referida teoria é o de que existe um mecanismo de transmutação de uma espécie em outra. Esse mecanismo permite que algumas formas de vida passem a ser mais favorecidas

⁴⁶ A data equivale ao ano em que em que “baixamos” o artigo da *Internet*. A equação para a complexa formação de Rutherford é: ${}^4_2\text{He} + {}^{14}_7\text{N} \implies {}^{17}_8\text{O} + {}^1_1\text{H}$ (6.2). Para maiores detalhes, o leitor poderá recorrer ao trabalho de Ferraz-Neto, disponível no *site* <http://www.profcupido.hpg.ig.com.br/fissao_e_fusao.htm>.

em relação a outras ou no interior das mesmas espécies. Era argumento do próprio Darwin (1875; 1877) que isto faz com que tais formas passem a existir em um número maior e, com o passar do tempo, tornem-se predominantes em uma determinada região. Mas, depois, elas acabam perdendo lugar para outras formas de vida, em um processo interminável. Em outras palavras, a transmutação, para esse campo de pesquisa, diz respeito ao aprimoramento das espécies, portanto o conceito é atravessado por um senso de hierarquia, tal como propôs Charles Darwin, ao estudar a evolução das espécies no famoso arquipélago de Galápagos⁴⁷.

Tanto Darwin quanto Wallace conseguiram reunir muitas evidências que comprovam a relevância da teoria da transmutação das espécies. Estas evidências foram sendo aprimoradas em diversos estudos sobre os fósseis, sobre a taxonomia, sobre a anatomia comparada e sobre a embriologia. Se utilizar o caso da anatomia comparada, por exemplo, veremos similaridades e diferenças entre as mais distintas espécies. De acordo com os estudiosos desta disciplina da Biologia, estas comparações se dão no nível da homologia e da analogia⁴⁸.

A figura subsequente demonstra um bom exemplo do primeiro nível.

⁴⁷ Quanto a isso, não seria demais recordar aqui os tipos de constelações apresentadas por Swales (2004), sobre as quais discuti no capítulo precedente, já que em todos os tipos de constelação há um senso hierárquico que as atravessa.

⁴⁸ Uma outra análise em anatomia comparada também pode revelar dados importantes para o entendimento da evolução das espécies. Trata-se das semelhanças não por homologia, como mostra a figura acima, e sim por analogia. Podemos pensar no caso dos insetos e dos pássaros, pois ambos têm asas, o que os tornam parecidos, de alguma maneira. No entanto, estes animais, mesmo sem pertencer ao mesmo grupo, “resolveram” seus problemas de adaptação ao ambiente através de semelhanças morfológicas, no sentido biológico do termo. Um caso desta natureza serve para mostrar que determinadas semelhanças de estrutura não podem ser critério para defender que tais seres pertencem à mesma família. Aves e insetos, no caso, não são parentes, o que os tornam semelhantes pode ser explicado pelo fenômeno da convergência adaptativa, isto é, seres diferentes que se adaptam às exigências ambientais de maneira análoga. Neste caso, nem os seres compartilham do mesmo processo formativo da evolução das espécies nem apresentam características similares, como nos casos de homologia.

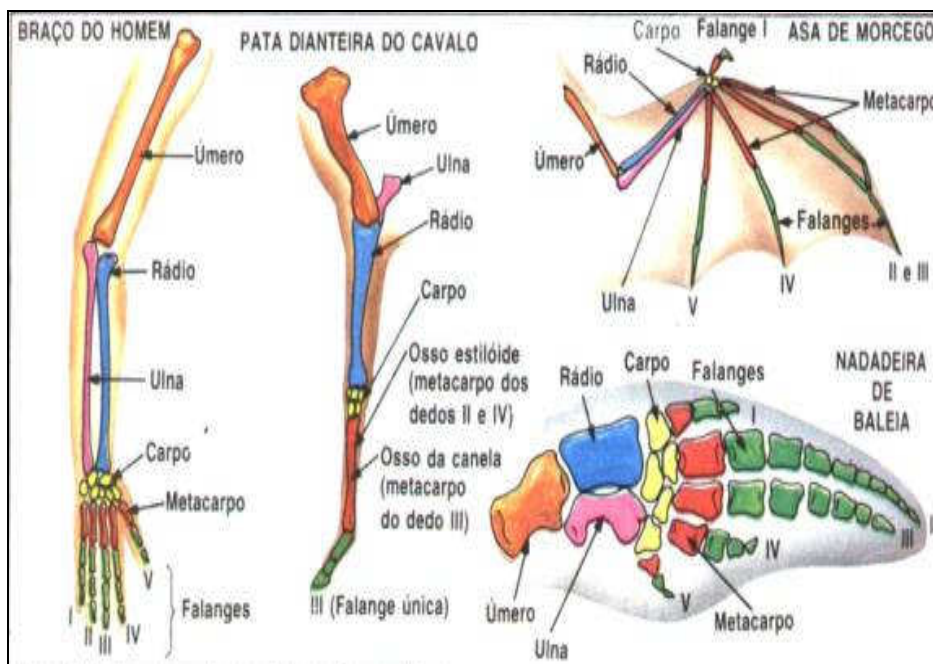


FIGURA 10 – HOMOLOGIA ENTRE OS MEMBROS ANTERIORES DOS MAMÍFEROS

FONTE: <<http://www.biologia.net>>

A figura mostra que, por homologia, o homem, o cavalo, o morcego e a baleia pertencem ao mesmo grupo: o dos mamíferos. Não é preciso realizar um exame muito minucioso da figura para se perceber as semelhanças flagradas entre esses seres. Seus membros anteriores possuem características comuns, embora todos realizem funções distintas - pegar e manipular objetos, no caso humano; correr, no caso do cavalo; voar, no caso do morcego e, finalmente, nadar no caso dos cetáceos.

De acordo com os biólogos dessa área, a explicação para tal semelhança talvez esteja no fato de que todos pertençam à mesma origem embrionária, ou seja, todos esses seres parecem ter sido gerados por uma mesma fonte de vida. À luz dessa teoria, talvez o fato de todos compartilharem do mesmo fenômeno formativo possa ser uma hipótese produtiva para estudar as semelhanças e as diferenças entre eles, o que deve representar uma possibilidade de diálogo com a proposta de Bakhtin, como ainda se verá neste capítulo.

Após essa rápida discussão das origens do conceito de transmutação, o leitor atento já se perguntou e até já fez algumas relações entre o tratamento dado ao

referido conceito pela Física e pela Biologia e o tratamento sócio-discursivo dado por Mikhail Bakhtin. Para sistematizar essas relações, abrirei uma próxima seção na qual será discutida a categoria à luz desse filósofo da linguagem. Na medida em que for apresentando as proposições do estudioso russo, tentarei retomar o conceito à luz da Física e da Biologia, a fim de que sejam estabelecidas as devidas relações. Antes, porém, de discutir a categoria transmutação sob a perspectiva de Bakhtin, julgo instrutivo mostrar a partir de qual cenário ele desenvolveu suas reflexões sobre os gêneros do discurso.

2. 4 A TRANSMUTAÇÃO DE GÊNEROS

Se há um aspecto que pode ser apontado como consensual entre os estudiosos de gêneros, é o de a gênese desse debate residir na Poética, na Retórica e na Literatura. Como existem estudos que discorrem sobre esse fato, sinto-me desobrigado de repetir aqui o que pode ser facilmente encontrado em bons trabalhos, como o de Breure (2001), Brandão (2001), Faraco (2003), Távora (2003) e Machado (2005). Mas desejo realçar que na origem dos estudos sobre os gêneros está a vocação para um exercício de classificação, tal como propuseram Platão e Aristóteles. Este realce é importante porque será exatamente a partir dele que Bakhtin e seus seguidores ressignificarão o tratamento dado ao tema dos gêneros do discurso.

Subjacente às taxionomias propostas por Platão e Aristóteles está a concepção de que os gêneros literários e retóricos são produtos que seguem formas rígidas e imutáveis. No entanto, como bem assinalam Faraco (2003), Marcuschi (2005) e Machado (2005), este tratamento normativo dado aos gêneros fora abalado pela Estética Romântica que trouxe em seu bojo as possibilidades da hibridização através dos gêneros da prosa. Entre estes gêneros estava o romance para o qual Bakhtin lançou um olhar todo especial. De acordo com Faraco (2003), “o Romantismo abalou profundamente a teoria clássica dos gêneros e pôs o tema *gêneros* numa permanente crise” (p. 109).

As razões desse abalo são bem discutidas por Machado (2005). Segundo ela, antes da prosa, a visão de mundo da cultura clássica era regida pela fixidez hierárquica dos gêneros poéticos. A intransitividade da poética não cedia lugar para as formas pluriestilísticas, pois estas eram vistas como desvios e anomalias literárias. Esta maneira de conceber os gêneros era também um reflexo da concepção purista de mundo, que se manifestava poeticamente como uma tentativa de uniformizá-lo, tornando-o homogêneo. Todavia, com o advento da prosa, da qual faz parte o romance, parece ter acontecido uma “transgressão” aos valores ético e estético da poética, pois “o romance surge como um gênero de possibilidades combinatórias não apenas de discursos como também de gêneros” (p. 153).

Machado diz ainda que foi com a *prosificação* da cultura letrada que os gêneros prosaicos passaram a se formar a partir da mistura e da combinação de materiais diversos. Bakhtin ([1953] 2000), através de uma concepção mais alargada de linguagem, conseguiu ir além da simples classificação do produto, demonstrando sensibilidade para o processo dialógico subjacente à produção, à formação e aos usos dos gêneros do discurso, pois eram a produção, a formação e os usos que o interessavam e não as formas. Tal postura advém do entendimento de que os gêneros, agora vistos para além dos limites da Poética, da Retórica e da Literatura, servem a muitos outros propósitos das atividades interativas entre os homens, uma vez que eles, ao mesmo tempo em que são **transmutados** por outros, são também **transmutantes**⁴⁹.

O termo transmutação é usado por Bakhtin para se referir aos processos formativos de alguns gêneros. De suas explicações, é possível inferir que o referido fenômeno dá conta do processo dinâmico de formação dos gêneros secundários, os quais são diferenciados dos primários a partir das esferas de comunicação a que

⁴⁹ Tenha o leitor em mente que, no contexto deste trabalho, usarei a categoria transmutação para me referir ao processo formativo dos gêneros. Usarei o termo transmutante para me referir ao gênero que está em formação ou que tenha se formado de outro. Designarei de transmutado o gênero que foi absorvido e reinterpretado pelo transmutante. Assim, por exemplo, o *chat* educacional seria um gênero transmutante, a aula seria o gênero transmutado e o fenômeno responsável por essas mudanças, a transmutação.

pertencem. Portanto, os gêneros primários são aqueles que estão circunscritos a “circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea”, pertencem às esferas do cotidiano; e os gêneros secundários pertencem às esferas que favorecem “uma comunicação cultural mais complexa e [...] evoluída, principalmente escrita” (BAKHTIN [1953] 2000, p. 281).

Acontece que, devido à *prosifcação* da cultura letrada, os gêneros tenderam a mudar de esferas, permitindo cruzamentos e misturas em função das complexificações impostas pelas práticas discursivas. Para defender esse aspecto dos usos da linguagem, Bakhtin recorre ao romance que, como já disse neste capítulo, foi um gênero que despertou muito a sua atenção. Para ele, o exemplo de uma carta que passa a ser parte constitutiva de um romance pode ser visto como um caso de transmutação (cf. BAKHTIN [1953] 2000). A carta pessoal, geralmente, pertence à esfera do cotidiano, por isso pode ser definida como um gênero simples ou primário, ao passo que o romance é um gênero secundário, pois se enquadra em uma esfera mais culturalmente evoluída: a literária.

À luz das concepções bakhtinianas, é importante notar que a transmutação não se reduz a uma mera aglutinação, ou seja, não é simplesmente a carta no romance. É algo que vai além disso, pois o gênero transmutado passa a assumir outras características, próprias do transmutante. A expressão **transmutação**, em si, como já vimos na apresentação da etimologia da palavra, tem dois elementos mórficos interessantes: *-trans* e *mutação*. Enquanto o primeiro remete à noção de “movimento para além de”, o segundo denota a idéia de mudanças. Por seguir esse raciocínio, não posso reduzir o fenômeno do qual fala Bakhtin à idéia de aglutinação. Como explica o autor,

os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios – por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta (...) só se integram à realidade existente através do romance

considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literário-artística e não da vida cotidiana (BAKHTIN [1953] 2000, p. 281).

Esta citação é muito rica para minhas suposições porque há nela três elementos essenciais para fundamentar o meu entendimento acerca da transmutação de gêneros.

O primeiro diz respeito ao fato de o gênero transmutado passar a ser um componente do transmutante. Se o autor parasse aí, talvez fosse possível entender a transmutação unicamente como aglutinação: um gênero no outro. Ocorre que ele avança para um segundo ponto que é relevante para a compreensão do fenômeno formativo dos gêneros: a **mudança de esfera**. Ao serem absorvidos como parte constitutiva de um outro gênero, os gêneros transmutados *adquirem uma característica particular*: distanciam-se de suas realidades anteriores, pois passam a pertencer a uma outra esfera de comunicação. Este fato permite o avanço para o terceiro aspecto que me chama a atenção: a **mudança de gênero**. O fato de haver uma mudança de esfera, no caso específico, provoca uma mudança de gênero, pois a carta não é mais vista como tal, mas ascende ao *status* do gênero que a absorveu e passa, assim, a representar um outro fenômeno social que, no caso do exemplo do autor, diz respeito à vida literário-artística e não mais à vida cotidiana.

Neste ponto da reflexão, creio ser possível retomar a concepção de transmutação, enquanto fenômeno físico. Como já foi dito, além das transmutações naturais, como as estudadas por Becquerel, existem as brilhantes manipulações de elementos, como vimos em relação aos estudos desenvolvidos por Rutherford que, ao desenvolver cálculos bastante complexos, conseguiu forjar transmutações artificiais. A partir de sua habilidade em bombardear o **Nitrogênio** com partículas alfa de **Ra C**, o cientista conseguiu alterar de tal maneira o primeiro através das características do segundo que gerou um terceiro elemento químico: o **Oxigênio-17**. Em outras palavras, o **Nitrogênio** absorveu e reinterpretou em seu interior as partículas alfa de **Ra C**, transformando-se no **Oxigênio-17**. Conseqüentemente, seguindo a esteira do

raciocínio bakhtiniano, sinto-me impelido a sugerir que o **Nitrogênio** e o **Ra C** perderam suas relações com a realidade que lhes era anterior e passaram a constituir um terceiro elemento: o **Oxigênio-17**.

Mesmo que seja impossível afirmar com segurança que Bakhtin se inspirou no fenômeno físico da transmutação, as relações entre as duas concepções teóricas são latentes. Ao recordar a discussão sobre as misturas de estilos e de gêneros que a estética romântica trouxe para os estudos da linguagem (FARACO, 2003) e a discussão sobre a *prosifcação* da cultura letrada (MACHADO, 2005), é razoável sugerir que, para estudar um gênero, como o romance, Bakhtin (1993) lançou mão da categoria que estamos discutindo, afinal, segundo as suas próprias palavras

o romance é uma **diversidade social de linguagens** organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, **linguagens de gêneros**, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável do gênero romanesco. É graças a este **plurilingüismo social** e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os **gêneros intercalados**, os discursos das personagens **não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilingüismo se introduz no romance** (pp. 74-5 [grifos meus]).

O excerto acima sinaliza para a presença de rastros deixados pela transmutação de muitos elementos pelo romance. Tais indícios revelam de tal maneira peculiaridades da constituição do romance que permitem a sugestão de que este gênero da prosa literária carrega em sua gênese um profundo poder absorvivo, ou seja, estamos diante de um gênero transmutante, no sentido físico do termo. A habilidade do autor em manipular o plurilingüismo social, materializado em outros gêneros, em função do romance, remete-me às transmutações artificiais

desenvolvidas por Rutherford a partir da transformação do **Nitrogênio** e do **Ra C** em **Oxigênio-17**.

Os gêneros do discurso que apresentam essas características, salvaguardando as devidas dimensões, parecem ser resultado de um trabalho tão laborioso quanto os cálculos complexos desenvolvidos pelo físico acima. As práticas discursivas são, por essência, complexas e, para se organizarem dentro de determinadas esferas, os homens tendem a “fazer misturas”, a experimentar captações e subversões genéricas, a fim de equacionar as misturas na medida certa. Tudo isso provoca **mudanças** nos gêneros. Ademais, por mais esdrúxulo que possa parecer, é possível fazer a seguinte relação: se for arte um trabalho como o que fez Dostoiévski a ponto de seduzir Bakhtin, não seria demais considerar arte as inventivas, criativas e complexas manipulações físico-químicas realizadas por Rutherford.

Esta dinâmica formativa dos gêneros, também interessa a Todorov ([1978]1981), um dos mais renomados estudiosos do assunto na contemporaneidade. Ele ancora seu entendimento acerca dos gêneros do discurso na proposta bakhtiniana, pois suas reflexões sobre o assunto resvalam para o fenômeno da transmutação. Ao se questionar sobre a origem dos gêneros, o autor parece reivindicar o fenômeno físico da transmutação, pois conclui de modo simples que: “um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamentos, por combinação” (p. 46).

Isto é um indicativo de que, assim como há atividades que se estabilizam e outras que param de existir, existem aquelas que são reinterpretadas e outras completamente novas que surgem em função de novas práticas discursivas. Bronckart ([1997] 1999, p. 74), ao tecer considerações sobre a instabilidade dos gêneros, fala que “alguns tendem a desaparecer, mas podem, às vezes, reaparecer sob formas parcialmente diferentes; alguns modificam-se” e outros aparecem totalmente novos, acrescentaria. De igual modo, Faraco (2003) observa que embora existam

“gêneros altamente estandardizados [estes também] aceitam variações, mesmo que ligeiras” (p. 113).

É neste sentido que Berkenkotter & Hunckin (1995) afirmam que o gênero é uma espécie de lugar onde se flagram “conflitos entre a estabilidade e a instabilidade” (p. 6), pois ele é algo que “se transforma, desenvolve-se e decai [...]. O número de gêneros existente em uma sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade daquela sociedade” (MILLER, 1994, p. 36). Daí, ser conveniente concluir com Miller que é o gênero “a chave para a compreensão sobre como participar das ações de uma comunidade” (p. 39).

Não obstante as explicações acima, afigura-se relevante atentar para o fato de que Bakhtin reduz a transmutação a uma noção de hierarquização, pois só os gêneros primários podem ser transmutados e os secundários são os únicos transmutantes. Ocorre, no entanto, que existem casos em que os gêneros secundários, para se formarem, também transmutam outros secundários, todavia, pelo que se pode perceber, Bakhtin não previu esses casos. A mala direta parece ser um caso desses, pois em si ela é um gênero secundário que, em sua constituição, absorve e reinterpreta outros gêneros secundários (cf. TÁVORA, [2003] 2005). Também o *chat*, tal como cheguei a imaginar, não transmuta somente as conversas cotidianas (ARAÚJO, [2003] 2005a), mas reinterpreta, em função de novos propósitos comunicativos, gêneros secundários como a aula (ARAÚJO, 2004c; 2005a).

Ao atribuir à transmutação o surgimento de gêneros secundários, mesmo que não tenha percebido que um secundário pode transmutar outro secundário, assim como um primário pode transmutar gêneros secundários e primários, Bakhtin permite um notável avanço nos estudos sobre os gêneros porque a categoria **transmutação** demonstra que os gêneros não são estanques, mas se ajustam aos movimentos constantes das necessidades dos usuários da língua. E é neste aspecto que talvez o conceito de transmutação e evolução das espécies de Charles Darwin também se aplique ao que prega Bakhtin.

Como já foi observado, na teoria de Darwin, as espécies animais não são estanques, eternas, elas se adaptam e se modificam de acordo com as condições climáticas do planeta. Isto significa que a cada grande modificação ambiental, as espécies animais farão um interminável movimento de ajustes às novas necessidades que lhes forem impostas. Acontece que deste processo se originam novas espécies, embora características que lhes eram anteriores permaneçam nas novas, de algum modo, em sua anatomia, seja por homologia (cf. figura 10), seja por analogia (cf. nota 47).

Aplicando a noção de transmutação da Biologia aos pressupostos teóricos da Análise de Gêneros, Bakhtin e tantos outros que o sucederam, como Schneuwly (1994, p. 157) e seus colegas do grupo de Genebra, corroboram esse pressuposto porque reconhecem que os gêneros sofrem adaptações constantes, de acordo com as novas necessidades humanas de comunicação. Este fato é tão importante no cenário das pesquisas em nossa área que muitos autores já observaram essa característica “fluida” dos gêneros do discurso (cf. MARCUSCHI, 2005). Por isso, muitos são os termos usados por esses autores para se referirem aos movimentos de formação dos gêneros, tais como **miscelânea de gêneros** (LUGRIN, 2001), **gêneros híbridos** (RAJAGOPALAN, 2001), **captação** e **subversão** (MAINGUENEAU, 2002; LAURINDO, 2005), **mescla de gêneros** (MARCUSCHI, 2002), **hibridismo** (PAGANO, 2002; GOMES, 2005) e **transmutação** (BAKHTIN, [1953] 2000; ARAÚJO, [2003] 2005a).

Em meio a essas categorias, é importante perguntar se transmutação e hibridização são a mesma coisa. Não obstante as explicações acima, e para ser coerente com a vereda bakhtinina que estou a seguir, julgo relevante assumir que só há transmutação quando um gênero muda de esfera de comunicação. Basta recordar o exemplo dado por Bakhtin ([1953] 2000) sobre a carta que migra da esfera do cotidiano para a esfera literária, sendo transmutada pelo gênero romance, e por ele reinterpretada. Simultaneamente a esse deslocamento de esferas, provavelmente

poderemos flagrar o fenômeno da hibridização. Mas será que a hibridização é uma consequência direta do fenômeno da transmutação?

O mundo empírico parece mostrar que a hibridização nem sempre é consequência imediata da transmutação, pois é possível que gêneros pertencentes à mesma esfera de comunicação humana possam se misturar, a fim de atender a novas necessidades que possam ter surgido em determinada formação discursiva. Assim, quando houver misturas de gêneros da mesma esfera, é possível falar somente em hibridização, mas ao capturar gêneros de esferas distintas se imbricando, teremos como abordar os dois fenômenos simultaneamente.

Por outro lado, é bom ter em mente que a questão não é assim tão comportada e simples como podemos ter deixado transparecer nos parágrafos precedentes, pois é de fácil constatação que o anúncio, por exemplo, gênero originariamente da esfera publicitária, pode figurar em outras sem deixar de ser um anúncio. Um exemplo claro disso é o que se observa em algumas das páginas principais de grandes portais da Internet, como o Universo On-Line, como mostra a figura a seguir.



FIGURA 11 –ANÚNCIO-LINK NO PORTAL DO UOL

FONTE: <<http://www.uol.com.br>>

Nesta figura, o anúncio está envolto a um quadro laranja para que o leitor o visualize melhor. É comum o fato de que nos primeiros segundos em que a conexão com o UOL é efetivada, apareça na tela um anúncio em forma de um *link* móvel, como o da figura acima, o qual perambula pela tela digital por uns 5 a 6 segundos. As formas imagéticas assumidas pelo *anúncio-link* são as mais variadas possíveis. No caso da figura acima, o anunciante usou o movimento e a imagem da água para fazer a propaganda da empresa submarino.

A composição de anúncios, como o destacado na tela acima, é de uma heterogeneidade semiótica incrível. No caso da figura 11, além da escrita, o anúncio mostra em sua composição outras semioses, como luz, cores, movimentos e, às vezes, música, características hipertextuais da esfera que o transmutou. O que quero mostrar aqui é que existem casos em que a transmutação de uma esfera para outra sofrida por algum gênero não garante uma alteração genérica, portanto a

transmutação não pode ser considerada uma garantia teórica de mudança de gêneros, ainda que isto aconteça em muitos casos, como os *chats*, por exemplo.

A *Web*, conforme defendo em trabalhos anteriores e ratifico nesta nova pesquisa, é uma esfera de comunicação, e a publicidade é outra, então estamos diante de esferas distintas, mas o gênero é o mesmo, ainda que o processo de transmutação de uma esfera para outra tenha imprimido nele algumas marcas da esfera digital, chegando até a assumir características bem hipertextuais, como a presença de *links* e uma rica intersemiose. Como é possível notar, não ocorreu apenas uma mudança de suporte – como por exemplo, de um *outdoor* qualquer para a tela digital – mas também de esfera – da publicidade para a Internet. Deste modo, a figura 11 serve para mostrar a complexidade dessas categorias, pois o exemplo caracteriza uma transmutação, embora o gênero permaneça o mesmo⁵⁰, uma vez que o seu propósito comunicativo não foi alterado pela mudança de esfera.

Ao travar a discussão acima, espero ter deixado claro que não é a minha intenção eleger uma melhor categoria, pois, entendo que os conceitos de **transmutação**, **hibridização** e outros que lhes são correlatos representam, na verdade, um grande esforço intelectual dos estudiosos para operar com a fluidez que parece ser constitutiva dos gêneros.

Mainueneau (1997), ao discutir sobre as dificuldades que todo analista enfrenta para manejar os gêneros, aponta como o aspecto mais delicado o fato de eles se imbricarem entre si, dificultando uma possível classificação, já que “um mesmo texto encontra-se geralmente na intercessão de múltiplos gêneros” (p. 35). O linguísta francês atribui esse fenômeno ao fato de os gêneros serem sócio-históricos, portanto variáveis de acordo com cada lugar e época.

⁵⁰ A questão é bastante complexa e carece de mais investigações para que se possa afirmar algo mais consistente. Assim, um estudo que queira caracterizar o anúncio como uma possível constelação de gêneros, talvez pudesse apontar elementos curiosos sobre o fato de esses gêneros se organizarem em uma constelação cujos gêneros que a compõem se ambientam em diferentes domínios discursivos.

Marcuschi (2002), referindo-se aos gêneros emergentes, especialmente aos da esfera digital, sinaliza para o fato de “novos gêneros” passarem a existir a partir de “velhas bases”, como já anunciei anteriormente. Válidas, neste contexto, são as palavras de Kress & Jewitt (2003), para quem

Falar de ‘gêneros híbridos’ de fato ainda é uma concepção mais antiga dos gêneros como realidades estáveis que podem ser hibridizadas. Uma maneira nova de pensar poderia ser que com base em uma percepção geral da categoria dos gêneros, ou de suas formas e contextos, falantes e escritores produzem novas formas genéricas a partir de recursos disponíveis (p. 186 [aspas no original]).

Apesar das explicações dos autores acima, é bom recordar que este aspecto também já fora preconizado por Bakhtin ([1953] 2000), para quem o “repertório de gêneros do discurso [...] vai diferenciado-se e ampliando-se à medida que a própria esfera de comunicação se desenvolve e fica mais complexa” (p. 277). Além disso, em “Problemas da poética de Dostoiévski”, ele assegura que

ao nascer, **um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes**. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas **amplia o círculo** de gêneros existentes. Ora, **cada gênero tem seu campo** predominante de existência em relação ao qual é insubstituível (BAKHTIN, [1929] 2002, pp. 273-4 [grifos meus]).

Esta citação é reveladora de que, com as transmutações, os gêneros transmutados não deixarão de existir em detrimento dos gêneros transmutantes, isto é, a carta sempre será a carta e o romance sempre será o romance. Não deixaremos de usar a boa e útil conversa cotidiana (em todas as suas modalidades), nem deixaremos de ministrar e assistir às aulas presenciais ou de realizarmos entrevistas face a face porque agora temos o *chat* aberto, o *chat* educacional e o *chat* com convidado, por exemplo.

Seguindo o raciocínio da citação destacada acima, pode-se dizer que esses últimos gêneros apenas otimizam as possibilidades de comunicação. Além do mais,

Bakhtin é categórico ao afirmar que “cada gênero tem seu campo”, no sentido de esfera, e nele é insubstituível. Sendo assim, a aula presencial, por exemplo, pertencente às esferas pedagógicas, é insubstituível nos limites de suas esferas, o que significa dizer que o *chat* educacional não substituirá a aula convencional, pois aquele é um gênero transmutante que atua em outra esfera, organizando outras práticas discursivas, ainda que tenha em sua base a reinterpretação do gênero transmutado.

O que se percebe é que a transmutação de gêneros reflete a variabilidade da organização das atividades humanas de comunicação. Bakhtin ([1953] 2000) mostra que enquanto há gêneros, como a ordem militar, documentos militares, etc., que tendem a ser estandardizados, há aqueles que são absorvidos e reinterpretados como parte constitutiva de outros. Ao aceitar, com Bakhtin, que “os gêneros do discurso são, em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar, mais ágeis” (p. 404), estou entendendo a língua como um lugar onde os sujeitos se completam, pois criam e, de um certo modo, “estabilizam” modelos de comunicação que atendam às suas reais necessidades comunicativas.

De uma maneira análoga, Bhatia ([1997] 2001) também observa que os gêneros são propícios à inovação ou à imbricação. Para o autor indiano, essas inovações não acontecem aleatoriamente, mas nascem de necessidades reais dos produtores/consumidores dos gêneros. Um exemplo disso se refere aos profissionais da publicidade, que assumem esse caráter inovador do gênero como estratégia eficiente de atingir seus objetivos, pois

como a demanda por práticas comunicativas se torna cada vez mais complexa, os profissionais experientes começam a responder às novas situações retóricas utilizando estratégias estabelecidas e, mais freqüentemente, muitas estratégias inovadoras para atingir uma variedade de objetivos complexos (BHATIA, [1997] 2001, p. 106).

Torna-se importante destacar, neste excerto, que o uso de “estratégias inovadoras” na elaboração de “novos” gêneros está associado ao fato de o usuário ser um membro experiente da comunidade discursiva da qual faz parte. Neste sentido, vale lembrar o trabalho de Kathpalia (1997), no qual a autora também faz observações em seu estudo sobre as variações culturais do que ela chama de gênero “orelha de livro”. Para ela, “somente os usuários proficientes de um gênero ousam distanciar-se das convenções estabelecidas, a fim de inovar” (p. 426). Assim, não seria demais a afirmação de que os publicitários e os produtores de orelhas de livro, assim como os físicos em suas transmutações artificiais, manipulam e subvertem habilmente os gêneros em busca de amplificarem seus usos, o que os pode levar a novas formas ou a agrupamentos em constelações.

Geertz ([1983] 2000), iluminado pelos olhares antropológico e sociológico, também demonstra interesse pela “mistura de gêneros”. Para ele, o fato de “fantasias barrocas [serem] apresentadas como sérias observações empíricas [...], histórias [serem] compostas de equações e tabelas [...], parábolas [adotarem] a postura de etnografias” (p. 34) provoca uma espécie de “desordem estilística”. Ele cita Foucault como exemplo de um autor cuja obra é difícil de classificar entre história, filosofia e sociologia do conhecimento.

O que me atrai na obra de Geertz, além da orientação etnográfico-interpretativista, é a reflexão que este autor faz diante da variabilidade e da mistura dos gêneros do discurso. Como mencionei, seu olhar é antropológico, por isso sua explicação para este fenômeno chama a atenção. Para ele, a mistura de gêneros reflete não somente um remapeamento das práticas sociais com a linguagem, pois “o que estamos observando não é apenas uma versão mais recente do mapa cultural [...] e sim **uma mudança no próprio sistema de mapear**” (GEERTZ [1983] 2000, p. 34 [grifos meus]).

Segundo o etnógrafo, se a essência da organização das práticas humanas de comunicação está sendo reformatada, então não se trata apenas de dar uma roupagem

nova para versões anteriores de gêneros, embora isto seja possível. O que o autor me faz inferir vai além disso, pois significa olhar mais atentamente para algumas noções que pareciam sólidas. Por exemplo, parece que as noções de tempo, de distância, de espaço⁵¹, de oralidade, de escrita, e possivelmente outras, são forçadas a serem “revisitadas” à luz do novo “sistema de mapear” que surge com as novas tecnologias digitais de comunicação, entre elas, a Internet que tem provocado um grande debate na Academia.

Longe de ser um deslumbre, como talvez me acusassem alguns, considero a discussão dessa temática um imperativo, pois, como muito bem destaca Vieira (2004), estamos, de fato, diante de “novas formas de conhecimento estratégico ou esquemas para lidar com tecnologias na vida diária e habilidade para ler/produzir textos típicos da era da multimídia e da informação” (p. 252). Assim, em meu entender e à luz do que já foi discutido até aqui, o fato de Bhatia atribuir a variabilidade genérica à complexidade das práticas comunicativas e de Geertz enxergar nisso indícios de uma complexificação cultural os aproxima muito da perspectiva bakhtiniana, na qual se inscreve a minha Tese.

Para concluir esta seção, talvez fosse possível sugerir ainda que a hibridização entre os diferentes gêneros, de esferas distintas ou não, apenas realça a complexidade do objeto. No caso do presente estudo, a categoria transmutação de gêneros significou uma via teórica que permitiu compreender a constelação dos *chats*, pois parte de sua complexificação decorre exatamente do fenômeno da transmutação. Além da transmutação de gêneros de esferas distintas, como as conversas cotidianas, a aula e a entrevista, é inegável a existência de uma verdadeira miscelânea entre os

⁵¹ Sobre alguns conceitos como **tempo**, **espaço** e **presença**, Virilo (2000) mostra que “a aplicação do tempo real pelas novas tecnologias [...] é uma aplicação de um tempo sem relação com o tempo histórico, isto é, um tempo mundial” (p.13). Mais adiante, o autor mostra que quanto ao espaço e à presença, “a questão da telepresença deslocaliza a posição, a situação do corpo. Todo o problema da realidade virtual é, essencialmente, o de negar o *hic et nun*, o de negar o ‘aqui’em proveito do ‘agora’ (p. 48 [destaques do autor]).

tipos de *chats*, uma vez que determinados aspectos, como será mostrado mais adiante, parecem ser conservados em todas as suas variedades.

Por tudo que já se discutiu até aqui, estou convencido de que é razoável admitir o empreendimento de estudar os bate-papos na Internet como uma constelação de gêneros porque eles parecem compartilhar da transmutação como um mesmo processo formativo que o marca por uma miscelânea de outros gêneros. Como são muitas as suas funções sociais, é preciso afunilar melhor a reflexão e a análise a fim de verificar de que maneira os seus propósitos comunicativos se distribuem por entre as suas variedades, alterando as relações sociais entre os seus produtores/consumidores.

2.6 O PROPÓSITO COMUNICATIVO

Com base na prosificação bakhtiniana, é aceitável a compreensão de que a categoria **propósito comunicativo** está fundamentada na premissa de que um gênero é sempre um constructo social, cuja existência se deve a uma necessidade que o gerou, isto é, um gênero é sempre o resultado de uma construção social. Se for verdade que a sociedade não elaboraria um gênero se este não tivesse uma função social a cumprir, já que ele é uma peça sócio-discursiva que foi semiotizada e elaborada pelos fios do tear das necessidades humanas, então é razoável admitir que identificar sua função social é uma tarefa possível, embora a prática na Academia tenha revelado o quanto o conceito em tela tem se complexificado, como será mostrado nesta seção.

Se o leitor recordar a primeira figura deste capítulo, a qual foi designada de **percurso para a investigação de constelações de gêneros**, perceberá que o propósito comunicativo ‘encerra’ o percurso do estudo da constelação. Deixá-lo por último não significa reduzi-lo diante dos demais, pois a definição de constelação elaborada neste trabalho precisa dos três critérios, uma vez que cada um atende a uma especificidade do agrupamento genérico. Mas eu diria que encerrar o percurso com ele seria uma

maneira de, após conhecer a esfera e perscrutar a base da formação genérica da constelação, reunir dados que lhe permitam atestar a funcionalidade dos gêneros, o contrário disso poderá ser improdutivo, como veremos mais adiante com Swales (2004).

Em função disso, trabalho com a suposição de que as funções sociais dos gêneros que emergem do contexto digital se definem por um processo complexo de formação. Para defendê-la, sugiro que, após as vivências do pesquisador dentro da esfera e após o rastreamento feito das marcas deixadas pelo fenômeno da transmutação, será possível ver em que consistiram as reinterpretações sofridas pelos gêneros transmutados.

Trazendo isso para o meu objeto de estudo, minha crença é a de que a complexidade do evento “bater-papo na Internet” parece consistir no fato de ele enfeixar variados propósitos comunicativos, o que o faz se desdobrar em muitos gêneros. Se há uma variedade de objetivos que se tornaram complexos, então surgirão novos gêneros cuja base estará em outros que lhes preexistem. Por esta razão, penso que talvez esse possa ser um caminho promissor para chegarmos enfim à caracterização de uma constelação de gêneros.

Contudo, para entender bem as searas disciplinares que originaram o conceito propósito comunicativo, é instrutivo conhecer seu quadro epistemológico. Quem faz uma boa discussão sobre isso é Bhatia (1993), para quem o propósito comunicativo é necessariamente multidisciplinar, pois deve ser estudado, além da Lingüística, pelo caminho da Psicologia e da Sociologia⁵². Assim, pode-se inferir que, além da Lingüística, há dois caminhos teóricos para se operar com a categoria e cada um dos caminhos vai implicar em um conceito diferente de gênero. Na seqüência, discuto cada uma dessas bases, a fim de deixar claro qual o viés que vai interessar a minha análise.

⁵² Para maiores detalhes sobre essa discussão, ver Bhatia (1993).

No primeiro domínio teórico, o gênero deve ser considerado em suas dimensões psicológicas, o que significa afirmar que se deve entendê-lo como uma **ação** de linguagem. Bronckart ([1997] 1999) ensina que o conceito de ação, para a Psicologia, designa a relação entre propriedades psíquicas e propriedades comportamentais que encadeiam fenômenos, envolvendo um ser humano. Com base nisso, os estudiosos que se alinham a esta base epistemológica compreendem que a ação é algo delimitado pelo agir comunicativo. Isto é revelador de que, no âmbito da Psicologia, só há ação quando há intenção, portanto, neste quadro, intenção equivale a propósito.

Por esta razão, Bronckart ([1997] 1999) diz que as ações de linguagem prevêm condutas que “envolvem um aspecto de intervenção **intencional**” [...], ou seja, para que um indivíduo realize uma ação ele deve “intervir no curso das coisas, decidir, exercer um poder; e o exercício desse poder assim como sua orientação intencional estão numa relação de interdependência com motivos, pelo menos parcialmente” (p. 40 [grifo meu]).

Assim, a moldura do quadro das ações de linguagem parece ser a **intenção** e foi ela que despertou o interesse de Bhatia (1993). Ainda que este autor reivindique para si a perspectiva da etnografia interpretativista de Clifford Geertz e que, por isso, defenda o “conhecimento exaustivo do contexto sociológico e cultural” (p. 18) do gênero, ele também busca na Psicologia elementos para a discussão sobre a categoria propósito comunicativo do gênero. Tal categoria, segundo as ilações que podem ser feitas de sua leitura, traria para dentro da Análise de Gêneros o elemento cognitivo. Assim, para reivindicar o estatuto psicológico para o estudo de gêneros, Bhatia parte de uma crítica a Swales (1990). De acordo com o autor indiano, Swales (1990)

oferece uma boa fusão de fatores lingüísticos e sociológicos em sua definição de gêneros; **entretanto ele não considera os fatores psicológicos, diminuindo a importância dos aspectos táticos da construção dos gêneros**, o que representa um papel significativo no conceito de gênero como um processo social e dinâmico e não como um processo estático (BHATIA, 1993, p. 16 [grifos meus]).

Segundo Bhatia, o elemento de natureza cognitiva é importante para a análise porque, ao mobilizar um gênero, o usuário está executando uma legítima **ação** de linguagem, portanto é possível capturar suas intenções ou propósitos, afinal “o propósito comunicativo reflete, indubitavelmente, a estruturação cognitiva interpretativa do gênero que, de alguma maneira, representa suas regularidades organizacionais” (p. 21). Por isso, no conjunto de seus trabalhos, Bhatia (1993; 1997; 1999; 2001; 2004) considera o propósito comunicativo como critério privilegiado e altamente seguro para confirmar o estatuto de uma forma genérica.

Ao adentrar agora nos domínios da Sociologia, teremos uma outra orientação teórica, a qual permite falar de uma **função social do gênero**. Isto é possível porque, ancorada no materialismo dialético, esta disciplina, entre outras coisas, também se interessa pelo estudo do papel dos instrumentos ou das ferramentas na organização social entre os homens. De acordo com Marx ([1887] 2005), Marx & Engels (1968, **on-line**) e Yajot [s/d], os homens, graças a sua força de trabalho, organizam-se socialmente através de instrumentos que eles elaboram. É fazendo uso desses instrumentos que os sujeitos se engajam em uma atividade cujo funcionamento é regulado por convenções que impõem algumas restrições de como tais instrumentos devem ser usados.

Desta maneira, seguindo a esteira sociológica, o gênero passa a ser visto aqui como uma **atividade** de linguagem⁵³ e, como nenhuma atividade humana se realiza sem uma ferramenta, autores como Scheneuwly (1994), Dolz & Scheneuwly (1998) atribuem esse rótulo ao gênero, que, por ser semiotizado por seus produtores/consumidores, possibilita as realizações das atividades de linguagem. Assim como na sociologia marxista, os gêneros, enquanto instrumentos, também não são utilizados aleatoriamente porque há restrições que devem ser observadas pelos usuários. Isto se deve ao fato de que a sua convenção genérica está aliada à função

⁵³ Este termo procede da Sociologia e dela recebe um sentido estrito e um sentido amplo. O primeiro designa as organizações funcionais de comportamentos cooperativos e o segundo denota uma faculdade particular do indivíduo que lhe é dada pela linguagem (cf. BRONCKART, [1997] 1999).

social para a qual eles estão destinados. É neste sentido que Martin (1984) define os gêneros como sendo “uma **atividade** direcionada para um objetivo e dotada de um propósito” (p. 25).

Não obstante a filiação de Martin à escola australiana, esta também parece ser a base epistemológica que orienta a prática de pesquisa da fecunda escola norte-americana de Análise de Gêneros, que vê tal objeto como uma ação social recorrente e previsível (cf. MILLER, 1994); como tipificações de ações, graças aos aspectos sócio-psicológicos e como “lugares familiares a que recorremos para realizar **atividades comunicativas**” (cf. BAZERMAN, 1997, p. 19; 1988; 2005 [grifos meus]); como estruturas retóricas dinâmicas (cf. HUNT, 1994); como “formas típicas de lidarmos com situações recorrentes” (cf. FREEDMAN & MEDAWY, 1994, p. 2), ou ainda, como uma classe de eventos sociais cujos propósitos comunicativos são compartilhados por seus usuários (cf. SWALES, 1990).

Dos autores citados no parágrafo anterior, cabe um destaque ao último porque ele é muito importante para a fundamentação de meu terceiro objetivo específico. Assim sendo, partirei de sua definição de gênero, para dela extrair alguns elementos que permitam discutir mais sobre a noção de propósito comunicativo.

Para Swales (1990), um gênero

compreende uma classe de eventos comunicativos, em que os membros de uma comunidade discursiva compartilham um conjunto de **propósitos comunicativos**, os quais **constituem a razão do gênero**. Essa razão modela a estrutura esquemática do discurso, influenciando e restringindo as escolhas de conteúdo e estilo. **O propósito comunicativo, além de ser um critério privilegiado, também opera para manter o escopo de um gênero [...]** Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de semelhanças em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiências (SWALES, 1990, p. 58 [grifos meus]).

Dessa definição, pode-se depreender que a filiação epistemológica de Swales é sociológica. Isto fica evidente porque ele considera que os gêneros se realizam

sempre no seio de uma comunidade discursiva qualquer e que seus propósitos comunicativos são compartilhados pelos membros dessa comunidade. Sendo assim, seus membros saberão reconhecer a finalidade de cada um dos gêneros que forem usados, por maior que seja o repertório genérico da comunidade. Mas isto é muito curioso e por isso suscita a seguinte indagação: em que se apóiam os membros de uma comunidade discursiva para saber a funcionalidade de um gênero⁵⁴?

A resposta a essa pergunta parece estar na afirmação swalesiana de que o propósito comunicativo reveste o gênero de uma **razão própria**. Para entender isso melhor, convém retornar aos pressupostos epistemológicos do materialismo dialético. A razão do gênero, sobre a qual fala Swales, é sociológica e apriorística⁵⁵, portanto ela se realiza nas práticas coletivas. Talvez, tenha sido neste sentido que Biasi-Rodrigues (1999), após, a análise dos resumos de dissertações de mestrado, tenha concluído que

não se pode negar que temos conhecimentos intuitivos de gêneros textuais que faz parte dos nossos esquemas cognitivos, mas, por outro lado, os gêneros não se organizam aleatoriamente, eles são determinados nas situações de uso, decorrentes de diferentes práticas discursivas (p.256).

Aplicando isso ao pensamento do autor norte-americano, pode-se dizer que um gênero é apriorístico, no sentido de que só o usamos porque conhecemos a priori a sua função social. Salvaguardando a ponderação da autora, parece-me que, à luz de sua explicação, podemos nos sentir à vontade para dizer que o reconhecimento da função de um gênero reside em algo cuja natureza é de ordem mais sociológica do que psicológica⁵⁶.

⁵⁴ Ver a este respeito a excelente discussão feita por Hemais & Biasi-Rodrigues (2005, pp. 13-14) e Carvalho (2005, p. 135).

⁵⁵ Não no sentido de Kant (1999).

⁵⁶ A discussão do parágrafo acima parece dialogar com a seguinte passagem capturada na obra de Bakhtin ([1953] 2000): “Nós aprendemos a moldar nossa fala segundo as formas do gênero e, ouvindo a fala do outro, sabemos de antemão, já nas primeiras palavras, a pressentir-lhe o gênero” (p. 302).

Nesta linha, não seriam incabíveis as palavras de Bazerman (1997), já que para ele

gêneros são formas de vida, **modos de ser. Eles são enquadres para a atividade social.** São ambientes para a aprendizagem. São lugares em que o sentido é construído. Os gêneros **moldam os pensamentos que formamos e as relações comunicativas pelas quais interagimos.** Os gêneros são os lugares familiares a que recorremos para realizar atos comunicativos inteligíveis e as **placas de sinalização que usamos para explorar um ambiente desconhecido** (p. 19 [grifos meus]).

De acordo com o raciocínio de Bazerman (1997), só é possível ver no gênero uma forma de vida, uma placa sinalizadora indicando pistas para que os homens se localizem em lugares que lhes sejam desconhecidos porque eles são lugares familiares. Isto tudo dialoga com a concepção de gênero de Swales (1990), pois somente pelas convenções sociais é que os homens se guiam. Se for assim, então a concepção de propósito comunicativo de Swales se distancia da defendida por Bhatia, embora ambos admitam a supremacia deste critério para decidir se um discurso pertence a uma categoria genérica particular.

As duas abordagens acima sobre o propósito comunicativo servem para evidenciar que os pressupostos teóricos da Análise de Gêneros são bastante complexos, exigindo do pesquisador uma postura política, já que a tomada de posição é inevitável. Talvez, pensando nisso é que Swales, em co-autoria com Askehave, reviram o conceito em pauta. Os autores expõem as fronteiras incertas que gravitam em torno da categoria e acabam por minarem sua inabalável força metodológica de identificação genérica. Eles propõem um procedimento metodológico através do qual o propósito comunicativo possa se manter operante (cf. ASKHAVE & SWALES, 2001).

Askehave & Swales revisitam alguns dos trabalhos de Bhatia para dizer que, na perspectiva do autor indiano, os propósitos comunicativos são muito “evasivos, plurais, intrincados e complexos, **distanciando-se do que foi originalmente imaginado**” (p. 197 [grifos meus]). O grifo da citação é muito curioso porque revela uma espécie

de “zona muda”⁵⁷ no discurso de Askehave & Swales, ou seja, se o tratamento que Bhatia dá ao propósito comunicativo não serve como um critério seguro para conferir o estatuto a uma forma genérica é porque Bhatia se distanciou “do que foi originalmente imaginado”. Por conta disso, “a ligação [que Bhatia faz] de textos promocionais de diferentes tipos de audiência, em um mesmo gênero, cria mais problemas do que resolve”, dirão Askehave & Swales (2001, p. 207).

A razão dessa crítica se justifica porque, na perspectiva de Bhatia, o propósito comunicativo parece ser uma teia intrincada de intenções particulares que podem complicar o processo de análise, tornando o conceito inoperante. Isto parece ficar claro em alguns trabalhos em que Bhatia (1997) mostra que os usuários mais proficientes de determinados gêneros “misturam os propósitos comunicativos socialmente reconhecidos com suas intenções particulares” (p. 637) ou ainda, ao se referir à dinamicidade dos gêneros profissionais, quando afirma que tais gêneros “têm uma tendência natural de misturar não somente **uma variedade de propósitos comunicativos**, mas também **intenções particulares** dentro do contexto dos contextos comunicativos socialmente reconhecidos” (BHATIA, 1999, p.29 [grifos meus]).

O propósito comunicativo na perspectiva de Bhatia é criticado por Askehave & Swales (2001) e, por esta razão, os autores afirmam que, se o conceito for operado da maneira como Bhatia propõe, ele deixa de ser um critério privilegiado e seguro para se tornar ilusório, pois, ao invés de dar um caráter mais sistematizável à análise, antes a compromete. Assim, os autores, ao mesmo tempo em que sugerem o abandono do propósito comunicativo como um método rápido e seguro de confirmar o estatuto de um gênero, não deixam de recomendar que os estudiosos mantenham seu *status* de critério privilegiado. A explicação para essa aparente contradição, a

⁵⁷ Para maiores esclarecimentos sobre o conceito de zona muda do discurso, remeto o leitor para o trabalho de Guimelli & Deschamps (2000).

meu ver, parece residir na filiação epistemológica que, no caso de Askehave & Swales, é sociológica⁵⁸.

Assim, devido à alegada fragilidade do propósito comunicativo explicado pelo autor indiano, Askehave & Swales (2001) sugerem dois procedimentos de análise de gêneros que podem variar, dependendo da orientação que o estudioso esteja seguindo. Para uma orientação mais lingüística, ou seja, orientada pelo texto, os autores sugerem um percurso de cinco passos.

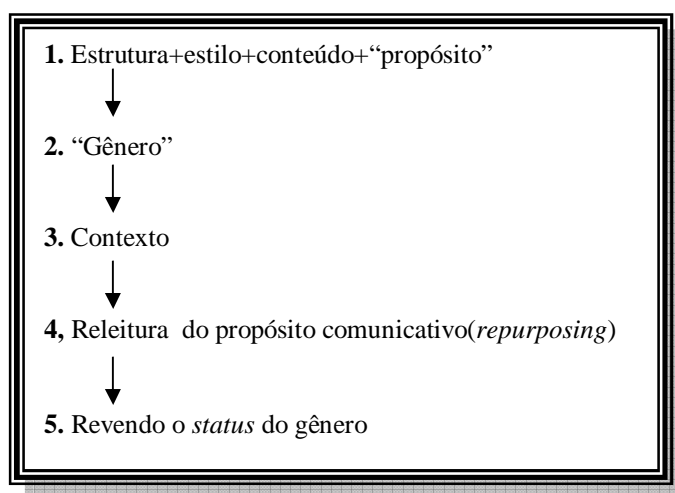


FIGURA 12 – PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE GÊNEROS ORIENTADOS PELO TEXTO

FONTE: ASKHAVE & SWALES, 2001, p. 207.

Ao revisitar a categoria propósito comunicativo em um trabalho mais recente, este esquema é retomado por Swales (2004). Nele, o autor explica que as aspas na palavra propósito (passo 1) e gênero (passo 2) servem para indicar o caráter provisório desses procedimentos. O contexto (passo 3) é visto como uma categoria aberta, o que demonstra que o analista deverá ficar atento às suas especificidades. Somente após uma releitura do propósito (passo 5), é que o analista

⁵⁸ Em um trabalho mais recente, Bhatia (2004) continua defendendo o propósito comunicativo como critério privilegiado na identificação do estatuto genérico.

no final do processo, procura acessar as implicações mais amplas do que tem sido descoberto, por exemplo, vendo como o gênero, agora com a releitura de seu propósito comunicativo, enquadra-se em uma **rede de gêneros** (p. 72 [grifos meus]).

Esta proposição de Swales (2004) me interessa muitíssimo na medida em que ajuda a fundamentar o percurso teórico-metodológico que construí para a análise da constelação dos *chats*, embora eu não considere os gêneros *chats* como uma **rede de gêneros** (cf. 1.5.1). O leitor poderá retornar à figura 12, para observar que, ao contrário de Bhatia (1993), que defende a identificação do propósito comunicativo como o primeiro passo em uma análise de gênero, é mais prudente deixar o exame desse critério como o último passo. Voltarei a esta discussão após a apresentação do segundo procedimento sugerido por Askehave & Swales (2001).

De acordo com o que mencionei anteriormente, há ainda um segundo procedimento, que, de acordo com os seus autores, é bem mais complexo do que o primeiro. Tal como eles aconselham, este procedimento poderá ser melhor aproveitado por estudiosos que pretendam conferir contornos mais etnográficos à atividade de pesquisa, cuja prioridade não é o texto, mas o contexto ou uma comunidade discursiva específica. Os passos são os que se seguem:

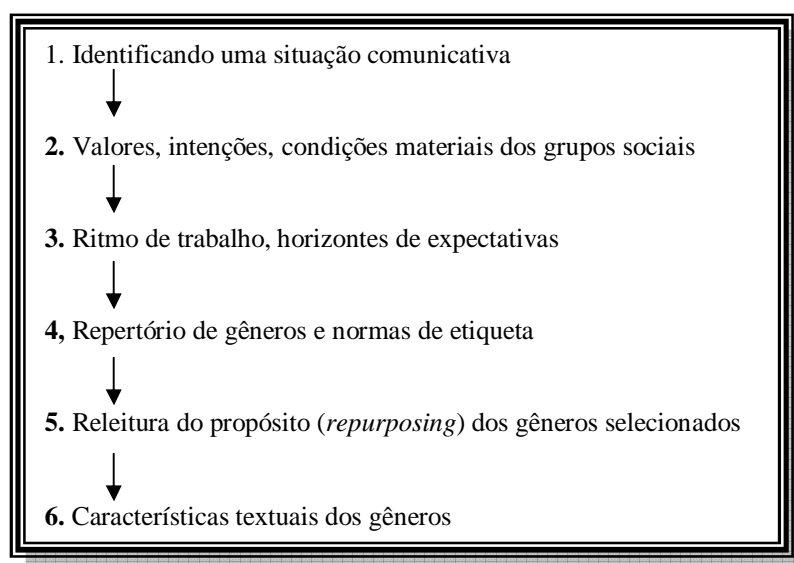


FIGURA 13 – PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE GÊNEROS ORIENTADOS PELO CONTEXTO

FONTE: ASKHAVE & SWALES, 2001, p. 208

Interessa-me retomar, juntamente com Swales (2004), a importância que ele confere ao passo 4 (no caso da figura 12) e ao passo 5 (no caso da figura 13). Em ambos os casos, o autor enfatiza as vantagens desses procedimentos para evitar uma análise apressada do propósito comunicativo do gênero. Independentemente da orientação em que se inscreve a pesquisa (seja centrada no texto, seja no contexto), ambos os procedimentos não podem de modo algum prescindir dos referidos passos, pois se um gênero regula uma determinada **atividade social**, então é provável que as coisas possam mudar no interior dos grupos sociais. Isto implica que

os propósitos sociais evoluem, podendo se expandir ou se retrair [ou seja] os quadros de atividade social e os padrões podem mudar [...] características mais prototípicas podem ocupar posição mais central, atitudes institucionais podem se tornar mais ou menos amigáveis para os de fora, e até mesmo os atos de fala podem dar espaço para diferentes interpretações (SWALES, 2004, p. 73).

Estas considerações são importantes para o meu constructo teórico, pois enxergo nelas uma possível guarida teórica para uma de minhas suposições, segundo a qual os rastros deixados pela transmutação podem revelar a ressignificação que o gênero transmutado sofreu pelo transmutante. Ou seja, pelo estudo diacrônico do gênero, entenderei melhor o propósito comunicativo em seu estágio sincrônico. Talvez, haja aqui uma pequena fresta para que se possa apropriar-se do conceito de *repurposing*, se o entendermos como uma tentativa de tirar a “prova dos nove” acerca do propósito comunicativo do gênero⁵⁹.

Além disso, o fato de Swales (2004) salientar com veemência e insistência que as práticas discursivas, ao mesmo tempo em que têm características prototípicas, são

⁵⁹ Quero salientar que a confirmação do propósito comunicativo de um gênero não é algo que pode ser decidido pelo analista, sobretudo se a pesquisa for revestida por contornos etnográficos. Assim, para operar com o conceito swalesiano de *repurposing*, o pesquisador terá de elaborar dispositivos metodológicos que lhe permitam extrair essa confirmação dos autênticos produtores/consumidores dos gêneros da constelação.

também provisórias, a meu ver, o aproxima muitíssimo da perspectiva bakhtiniana, muito embora ele, em uma estranha confissão, admita que descobriu Bakhtin muito tardiamente (cf. SWALES, 1992). Isto é importante para o meu trabalho porque, ao defender a transmutação como uma das categorias de estudo da constelação de gêneros, admito não só as possibilidades de mutações desse objeto, como também uma provável relação entre essas mutações e os propósitos comunicativos dos gêneros.

Diante da impossibilidade de operar com o propósito comunicativo enquanto um feixe de intenções particulares, Swales (2004), citando Askehave (1980), enfatiza que não há como “decidir se um tipo particular de discurso pertence a uma categoria genérica”, pois parece impossível saber “quais os *reais* propósitos comunicativos daqueles textos” (p. 69). Assim, a saída é utilizar o conceito de *repurposing* o gênero, apresentado de forma criativa por Swales (2004) “como parte do *kit* de ferramentas para a Análise de Gêneros” (p. 73-74).

Trazendo isso para minha pesquisa, pode-se imaginar que se estudar o propósito comunicativo de um único gênero pelo viés psicológico não é produtivo por causa da complicada e intrincada teia de intenções particulares de seus usuários, o que dizer da aplicação dessa categoria dentro de uma constelação de gêneros como a dos *chats*. Assim sendo, em função do percurso teórico que se tentou construir até aqui, preciso assumir a categoria pelo viés sociológico.

Em acréscimo, o conceito de *repurposing* o gênero, trazido recentemente por Swales (2004), parece equivaler ao que estou defendendo durante este capítulo: estabelecer um propósito comunicativo de um gênero é algo que só pode ser feito, correndo todos os riscos, após um longo percurso de análise. Afinal, somente após o exame mais cuidadoso dos propósitos comunicativos dos gêneros é que se “completará o círculo hermenêutico” sobre o qual falam Askehave & Swales (2001, p. 210).

Neste contexto, as palavras de Martin (1992), também citado em Swales, podem representar claramente a minha opção, pois, assim como ele, também eu considero que “os gêneros são processos sociais, e seus propósitos devem ser interpretados em termos sociais e não psicológicos” (p. 503).

Em virtude do que se discutiu neste capítulo, estou convencido de que, ao entrar na esfera discursiva que ambienta a constelação dos *chats* para rastrear os indícios da formação dos gêneros que a compõem e conhecer suas funções sociais, podemos chegar a uma aproximação das características desse agrupamento constelar. Em termos mais específicos para o presente estudo, as características sobre as quais estou falando remetem à hipertextualidade, como marca maior da esfera digital; à transmutação como fenômeno formativo dos *chats* e ao propósito comunicativo como categoria operante para o estudo de suas funções sociais. Como isso foi estudado é o que passo a apresentar no próximo capítulo.

Segunda Parte

*Os Chats atendem ao constructo de
Constelação de Gêneros?*

Metodologia e Análise

CAPÍTULO 3

ETNOGRAFIA & EXOTOPIA: OPÇÕES METODOLÓGICAS

Nas ciências, não houve uma época em que existisse uma mesma e única orientação (uma orientação predominante, quase sempre existe). Não é uma questão de ecletismo: a fusão de todas as orientações numa única e mesma orientação seria fatal à ciência (se a ciência fosse mortal). Não há mal algum em que as delimitações sejam muito marcadas, mas devem ser conciliadoras.

BAKHTIN (2000, p. 376)

Os rótulos quantitativo e qualitativo que se queira conferir à atividade de pesquisa têm suscitado muita discussão e acirrado os ânimos dos autores que se inscrevem em uma ou em outra das duas tendências. Longe da pretensão de julgar positivamente uma em detrimento da outra, pretendo, “para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica” (GAMBOA, 1997, p. 84), discutir a abordagem que selecionei para a realizar o intento da pesquisa em tela.

Para tanto, discutirei as idéias defendidas por Bakhtin ([1953] 2000) acerca das ciências humanas para associá-las às discussões teóricas da abordagem qualitativa e da pesquisa etnográfica. A finalidade dessa discussão é relacioná-la aos

procedimentos selecionados, justificando-os quanto ao alcance dos objetivos traçados para a pesquisa.

3.1. BAKHTIN E A PESQUISA QUALITATIVA: PONTOS DE ENCONTRO

Bakhtin ([1970-71] 2000), ao tecer considerações acerca da pesquisa em ciências humanas, denuncia que, em sua época, a interação necessária entre o *analisante* e o *analisado* foi deixada de lado pelas ciências. Nesta denúncia, é possível ver as marcas de uma concepção de ciência mais alargada, a qual, a partir da segunda metade do século XIX, na Alemanha, passaria a ser designada de pesquisa qualitativa (cf. SANTOS-FILHO, 1997). A relação entre Bakhtin e esse paradigma científico parece ficar mais acentuada, sobretudo se pensarmos nas pesquisas que assumem contornos etnográficos, visto o autor postular que o observador deve enxergar o objeto semiotizado à luz dos sujeitos que o manipulam e enquanto interagem durante o processo de construção dos dados.

Consoante ele salienta, “recusar a idéia de uma fronteira intransponível” (BAKHTIN ([1970-71] 2000), p. 385) entre o investigador e o investigado consiste, basicamente, na mesma e grande diferença que se instaura entre as ciências humanas e as ciências naturais. Assim, ao enveredarem por esta perspectiva, alguns estudiosos de Bakhtin (cf. AMORIM, 2001; 2002; 2003; FREITAS, 2003; GERALDI, 2003) também acreditam que transcender esta fronteira instável e, por vezes, insustentável entre os paradigmas significa vivenciar dois momentos na atividade da pesquisa.

O primeiro é entender o sujeito na perspectiva de seu contexto e o segundo remete à descrição científica no relatório de pesquisa, o que, inevitavelmente, deverá ocorrer influenciado pela exotopia⁶⁰, ou seja, pela complexa mudança de

⁶⁰ A palavra exotopia diz respeito à habilidade de o investigador saber sair do lugar [*ex* (fora); *topus* (lugar)] da pesquisa para entrar em uma outra cena enunciativa: a escritura da Tese. Segundo Amorim (2003), manter uma postura exotópica na pesquisa qualitativa é importante porque o “meu olhar sobre o outro não coincide nunca com o olhar que ele tem de si mesmo. Enquanto pesquisador, minha tarefa é tentar captar algo do modo como ele se vê, para depois assumir plenamente meu lugar exterior e dali configurar o que vejo do que ele vê. Exotopia significa desdobramento de olhares a partir de um lugar exterior” (p. 14).

enunciações. Isto significa que o cientista, ao sair do lugar da pesquisa para o relato científico, deverá ficar atento durante essa passagem porque a saída do ambiente da investigação para a escrita do texto final da pesquisa é muito complexa. Sobre isso, Amorim (2001) afirma que

o texto “relatante” é necessariamente uma outra enunciação, um outro contexto dialógico, com novas particularidades. Este novo contexto tenta **inscrever a singularidade do diálogo de campo em algo de reprodutível** ou inteligível **segundo certos princípios de sistematicidade** (p. 201[aspas da autora, negritos meus]).

É preciso pensar melhor sobre este desafio, o qual nos impele a inscrever os dados construídos durante a pesquisa em uma outra enunciação que se *discursiviza* segundo “certos princípios de sistematicidade”. Veja-se o caso desta Tese que, ao relatar a pesquisa acontecida em um ambiente digital, precisa trazer elementos da etnografia realizada sem se desviar das normas acadêmicas, pois ao mesmo tempo em que o texto relatante está inserido em uma enunciação distinta daquela que gerou os dados, ele precisa fazer ecoar as vozes da realidade sócio-histórica da outra enunciação.

Por isso, ainda que as duas realidades suscitem um paradoxo, acredito que os procedimentos qualitativos utilizados pelo pesquisador possam-lhe ser úteis para equacionar o que é distinto das duas enunciações, complementando-as. E isso é possível porque, ao participar do ambiente da pesquisa, o cientista não perde sua identidade como tal, o que quer dizer que fazer etnografia não significa confundir o papel de pesquisador com o papel dos sujeitos da pesquisa, mas fundi-los durante a observação para separá-los durante a elaboração do texto relatante. Neste sentido, cabem aqui as palavras de Freitas (2003), que, ao defender “uma visão humana da construção do conhecimento”, baseia-se em Bakhtin para dizer que

o pesquisador ao participar do evento observado constitui-se parte dele, mas ao mesmo tempo mantém uma posição exotópica que lhe possibilita o encontro com o outro. E é este encontro que ele procura descrever no seu texto, no qual revela outros textos e contextos (p. 32).

A reflexão feita até aqui permite entendermos que, de alguma maneira, em Bakhtin já havia prenúncios do que hoje os antropólogos chamam de pesquisa etnográfica. Logo, estudar o homem sem compreendê-lo em seu contexto é tarefa inimaginável para Bakhtin ([1971] 2000) e, por isto, ele indaga se “haverá algo que corresponda ao *contexto* em ciências naturais” (p. 411). Este pensamento do autor russo, de um certo modo, pode ser associado às premissas da etnografia interpretativista de Geertz ([1973] 1989), já que para este último, “o *lócus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias [...], eles estudam nas aldeias” (p. 32)⁶¹.

Grosso modo, as afirmações de Geertz sobre o contexto podem equivaler ao que Bakhtin denomina de esfera de comunicação humana. Neste caso, para fazer etnografia, exige-se que o pesquisador se inscreva no paradigma qualitativo de pesquisa, pois um estudo que se pretenda qualitativo, de acordo com Taylor & Bogdan (1998), deve buscar compreender o fenômeno à luz de sua realidade sócio-histórica. Inscrita nesta perspectiva de pesquisa, Freitas (2003) diz que

as questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua compreensão, complexidade e em seu acontecer histórico [...] o processo de coleta de dados caracteriza-se pela **ênfase na compreensão** (p.27 [grifos meus]).

Isto significa que os resultados devem ser apresentados de maneira descritiva e interpretativa – e não reduzidos a gráficos e tabelas.

Essa discussão introdutória sobre a abordagem etnográfica é importante porque serve para localizar em qual perspectiva metodológica se inscreve este estudo, além de realçar que nenhuma postura selecionada para orientar uma pesquisa é ingênua. Todo pesquisador parte daquilo que acredita e julga defensável. No que diz

⁶¹ A rubrica de etnografia interpretativista, que procede de Geertz ([1973] 1989; [1983] 2000), justifica-se porque tal autor defende que a cultura semiotiza instrumentos os quais podem ser vistos como um texto cujo sentido lhe é extraído pela interpretação do estudioso interessado.

respeito a esta Tese, acredito que não se pode estudar o fenômeno dos agrupamentos constelares de gêneros se não fizermos a devida associação do objeto com a sua esfera de comunicação. Esta é, aliás, uma premissa defendida por Bakhtin ([1953] 2000), conforme discussão feita no capítulo 2.

Assim sendo, tal como advogam Bogdan & Biklen (1994), para garantir o rigor na descrição e interpretação dos dados, é necessária a inserção do pesquisador no ambiente natural da pesquisa. Segundo eles,

os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando observadas no seu ambiente habitual de ocorrência (p. 48).

Desta maneira, estes autores caracterizam a pesquisa qualitativa a partir de cinco passos:

- O pesquisador participa do ambiente natural onde se dá o fenômeno estudado, pois a ambiência natural dos sujeitos é a fonte dos dados e o pesquisador é o instrumento principal;
- Os dados devem ser descritos à luz da “forma em que estes foram registrados ou transcritos” (p. 48).
- O interesse do cientista deve ser muito mais pelo processo do que pelo produto;
- Os pesquisadores “não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou informar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando” (p. 50);
- É preciso privilegiar o significado que o fenômeno estudado tem para os sujeitos da pesquisa.

Esses passos recomendados por Bogdan & Biklen são importantes porque mostram que o controle, neste tipo de atividade científica, não se restringe aos

índices numéricos subjacentes às variáveis, mas se espraiou à interpretação dos fatos. Em busca de tentar aplicar o meu constructo aos *chats*, procurei atender a estas recomendações, utilizando-me da técnica da observação participante, usando diferentes *nicks*, tais como **curioso** e **observador** para participar dos *chats* estudados na presente pesquisa.

No início da investigação, não houve nenhum critério no qual me baseasse para a escolha dos apelidos que eu deveria usar, de maneira que eles eram utilizados aleatoriamente. Talvez por esta razão, após algum tempo nas salas de *chats*, quando abordava alguns sujeitos, não era muito fácil para eles acreditarem que se tratava de um estudo sério, já que a desconfiança é comum nos ambientes das salas de bate-papo, como mostra o exemplo abaixo.

EXEMPLO 1

- 1.(05:00:10) **curioso** *entra na sala...*
- 2.(05:06:22) **curioso** *fala para medica amiga*: Estou fazendo Tese de Doutorado sobre chat com convidado. Gostaria de saber se poderia responder algumas perguntas através do e-mail?
- 3.(05:07:16) **medica amiga** *fala para curioso* Eu hein! q papo + estranho inventa outra aí, maluko
- 4.(05:07:36) **curioso** *fala para medica amiga*: é serio pq vc acha q estou inventando?
- 5.(05:08:05) **medica amiga** *fala para curioso* Esse nick naum é de pesquisadaor uma dica: kd a prova q eh coisa seria?

O exemplo faz um recorte de um dos momentos da inserção deste pesquisador na esfera o qual me fez perceber que eu deveria ter pensado em critérios para escolher um *nickname*, a fim de tornar mais fácil para os sujeitos acreditarem no trabalho. Por outro lado, compreendi, também, que não é muito simples escolher uma alcunha para deixar claro minha intenção acadêmica quando abordava os participantes dos *chats*. Após esse dado, decidi utilizar o *nick* de meu *e-mail* pessoal – **julcra**, pois imaginei que por ser um endereço divulgado, através de minhas

publicações, pudesse servir de “prova” sobre a veracidade de minhas intenções nos *chat rooms*, como sugeriu a pessoa com quem teclei em um *chat* com convidado, apresentado no exemplo 1. É importante dizer que em nenhum outro momento da pesquisa me deparei com um questionamento acerca de meu apelido, de maneira que não é possível afirmar se houve uma aceitação do *nick julcra* ou se simplesmente as pessoas, generosamente, dispuseram-se a participar do estudo.

O exemplo acima mostra que interpretar os dados, segundo a perspectiva qualitativa de ciência, é acreditar que assim como os valores podem influenciar as questões do estudo (WEBER, 1992), eles também podem lançar luzes que ajudem a clarificar os achados (LOWY, 1987). Assim, iluminados por esta perspectiva, autores, como Parker (1994), Gamboa (1997), Santos-Filho (1997) e Haguette (2000), defendem que os números não podem ser vistos como o elemento controlador dos achados, mas podem ser anexados ao trabalho como dados importantes que auxiliam a interpretação. Esta premissa é importante porque, como também defendem Cook & Reichard (1979), “as lacunas de um paradigma são as virtudes do outro” (p. 26).

3.2 A ABORDAGEM ETNOGRÁFICA: PROCEDIMENTOS GERAIS

Dentro do paradigma qualitativo de investigação, a pesquisa etnográfica se destaca como um método promissor de estudo para as ciências humanas de um modo geral. Como já ficou dito, este método sugere que o fenômeno a ser estudado não pode estar divorciado de seu contexto, especialmente porque o contexto é um grande provedor da construção de sentido que se dará aos dados. Inscrito nesta perspectiva, Geertz ([1973] 1989) advoga que o uso dessa abordagem de pesquisa conduz o cientista para a inevitável atividade de interpretação, porque

se a interpretação está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece [...] é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia. Uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar (p. 28).

Este método, originariamente utilizado pelos antropólogos e sociólogos, tem se tornado tão útil na construção da compreensão das práticas sociais que migra hoje tanto para a Educação (cf. ROCKWELL, 1986; ANDRÉ, 1995; AQUINO, 1998; PASCUAL, 2002; DIEB, 2004a; 2004b) quanto para outras áreas, tais como a Lingüística (CANÇADO, 1994; MOITA-LOPES, 1994; ARAÚJO, S., 2003).

Ao que me parece, o fato de a etnografia interessar às pesquisas em Lingüística se justifica porque a ciência da linguagem tem também se preocupado com a complexificação das práticas discursivas. Sobre este aspecto, Marcuschi (2004) afirma que a Lingüística “vê como sua tarefa a análise da língua enquanto atividade interativa” (p. 67), o que parece ser bem mais saliente em pesquisas que se inscrevem na perspectiva da Análise de Gêneros (cf. SWALES, 1992; BHATIA, 1993; ARAÚJO [2003] 2005a; MARCUSCHI, 2004; HOFFNAGEL, 2004).

Neste sentido, ao estudar a contelação dos gêneros, somos reclamados a imprimir um caráter etnográfico nos procedimentos metodológicos selecionados, desde a construção até a análise dos dados. Para a construção dos dados porque se deverá ter o cuidado em discernir o que é realmente rotineiro nestes gêneros e o que foi provocado pelo “choque inicial”, causado pela presença do cientista. Para a análise, porque a transposição da enunciação dos dados para a enunciação do relatório de pesquisa é complexa e requer uma posição exotópica. Certamente por isso, Marcuschi (2004) afirma que um “aspecto urgente na análise desses novos modos de interação ligados aos respectivos gêneros é uma **análise etnográfica**” (p. 19 [negritos do autor]).

Portanto, ao seguir a etnografia interpretativista de Geertz (1989), digo que tenho procurado desenvolver meus estudos, e este mais especificamente, através da idéia de que não estudo a Internet, mas na Internet. Minha intenção foi a de compreender, à luz dos usuários, como se organiza a constelação dos gêneros *chats* e, ademais, persigo a finalidade de descrever como eles se caracterizam à luz do

constructo apresentado no capítulo 2. Por isso, apresento subseqüentemente a seleção dos procedimentos que adotei para o alcance desse objetivo.

3.3. ENTRANDO NO PROCESSO DA PESQUISA

Para que se compreenda bem a organização do *corpus* durante a análise, decidi organizá-lo através de um código simples. Os nomes dos *chats* serão reduzidos a algumas letras maiúsculas – não necessariamente siglas – as quais se apresentarão entre *brackets* < >. Assim, leia-se⁶²:

- Chat aberto <CAB>
- Chat educacional <CED>
- Chat com convidado <CCO>
- Chat reservado <CRE>
- Chat personalizado <CPE>
- Chat privado <CPR>
- Chat de atendimento ao assinante <CAT>

É importante a informação de que todos os bate-papos estudados, com exceção do <CED> e do <CPE>, estão ambientados no provedor Universo On-Line (UOL). A opção por este provedor se deve ao fato de que, além de eu ser um dos seus assinante, o UOL se configura hoje em toda a América Latina como o provedor que mais abriga tipos diferentes de salas de *chats*.

No entanto, o UOL ainda não disponibiliza salas de *chat* destinadas ao <CED>, fato que me levou a supor que o *chat* educacional está circunscrito aos provedores das Instituições de Ensino as quais aderiram a programas de Educação a Distância. Uma das instituições que aderiram a este tipo de programas educacionais é a

⁶² As designações desses gêneros não são definitivas, como tudo em ambiente digital. Nomeá-los como se pode ver acima foi, antes, uma necessidade para que o objeto de estudo pudesse ser categorizado. Dois foram os critérios que utilizei para nomear os *chats* da maneira como estão acima. O primeiro foi o de observar como as pessoas os designam e o segundo foi observado a literatura que se forma em torno deles.

Universidade Federal do Ceará (UFC) que, através de sua Faculdade de Educação (FACED) faz parte de um projeto nacional chamado **TeLEduc**. Foi através desse projeto que pude ter acesso aos dados relativos ao <**CED**>. Segundo a *homepage*⁶³ desse projeto,

o TeLEduc é um ambiente de ensino a distância pelo qual se pode realizar cursos através da *Internet*. Está sendo desenvolvido conjuntamente pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (NIAED) e pelo Instituto de Computação (IC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Para a construção dos dados relativos ao <**CPE**>, a segunda exceção, operei com o programa de conversação instantânea do provedor <<http://www.msn.com>> que disponibiliza um tipo de bate-papo semelhante ao tradicional **ICQ** que funciona em um rico ambiente digital conhecido por todos por **MSN**. Aliás, foi este fato que levou Demétrio (2000) a considerá-lo como um tipo de **ICQ**⁶⁴. O critério utilizado para selecionar este tipo de *chat* foi o da popularidade, pois, ao contrário do antigo **ICQ**, o <**CPE**> abrigado pelo **MSN** é gratuito, fato que o tornou bastante popular entre os adeptos desse gênero.

A atividade de participação nos *chats* aconteceu durante os anos de 2003, 2004 e 2005, portanto foram três anos de observação. Esse tempo foi muito importante para que eu pudesse construir uma compreensão melhor acerca do universo das práticas discursivas dos bate-papos, como, por exemplo, sua volatilidade.

Tal característica consiste no fato de que, no domínio discursivo digital, é impossível ter uma relação tátil com o hipertexto, tal como a que se tem com os textos impressos. Essa **imaterialidade**, como diria Xavier (2002), marca todo o modo digital de enunciar e, por isso, os *chats* não ficariam incólumes, pois qualquer

⁶³ <<http://teleduc.multimeios.ufc.br>>

⁶⁴ Conforme explico em um outro trabalho “a sigla ICQ é alusão à pronúncia da expressão inglesa *I seek you* (aiciqiu), cuja tradução seria ‘eu procuro você’ (ARAÚJO, 2004a, p. 29).

“queda” de conexão, por exemplo, pode significar a perda definitiva de todo o material hipertextual, como mostra a figura abaixo.

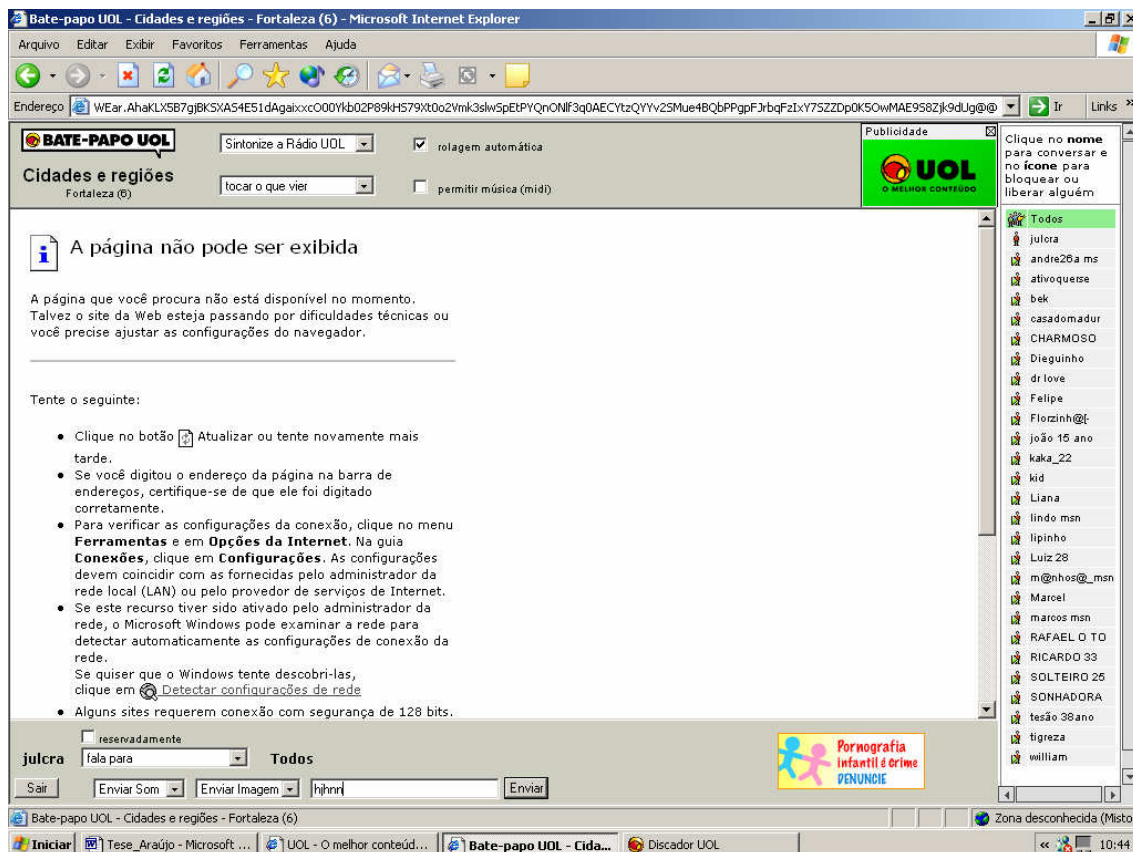


FIGURA 14 – VOLATILIDADE DOS CHATS

FONTE: <<http://www.uol.com.br>>

Esta figura retrata bem a volatilidade que marca os gêneros hipertextuais, obrigando os pesquisadores a criarem artefatos para armazenar os dados. Por conta disso, para não inviabilizar o estudo, construí um banco de dados com as sessões de *chat* observadas, as quais foram transformadas em arquivos de *Word*. Este procedimento, de acordo com Yi Yuan (2003), é uma estratégia que, após o momento da interação, permite que o analista faça um exame mais cuidadoso dos dados já que os bate-papos virtuais são voláteis e, ao menor problema técnico, podem sumir da tela, fazendo com que se perca todo o material a ser observado.

Para que isso fique melhor discutido, passo, na seqüência, ao relato sobre o funcionamento dos *chats* e, concomitantemente, mostro como realizei a constituição do *corpus*.

3.3.1 O FUNCIONAMENTO DOS *CHAT*SE A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Minha experiência como *chatter* me fez perceber que os bate-papos se organizam em duas grandes categorias de funcionamento: *chats* coletivos e *chats* duais. O primeiro grupo reúne *chats* cujas interações se voltam para o coletivo, como ocorre no *chat* aberto, onde todos falam para todos, tentando conquistar parceiros; no *chat* educacional que se pauta por uma busca de uma construção colaborativa do conhecimento; e no *chat* com convidado, o qual reúne fãs e ídolos para uma conversa sobre o trabalho dos últimos. Em todos eles, o que realmente importa é a totalidade dos participantes.

No caso do segundo grupo, as relações se dão entre pares que se isolam em ambientes digitais, permitindo conversas mais íntimas. Neste grupo, temos o que aqui estou designando de *chats* duais, os quais são formados, aproveitando as palavras de Marcuschi (2004), “quando as relações deslizam para o interpessoal mais definido, [pois é desse modo que] surge(m) novo(s) gênero(s)” (p. 48 [acréscimos meus]). É neste grupo que se encontram o *chat* reservado, o *chat* personalizado, o *chat* privado e o *chat* de atendimento ao assinante⁶⁵. A figura 15 ilustra os gêneros da constelação organizados pelas categorias discutidas acima.

⁶⁵ Gostaria de acrescentar que as designações *chat* aberto, *chat* reservado, *chat* privado e *chat* educacional são nomeações sugeridas por Marcuschi (2004), as quais serão também assumidas neste trabalho.

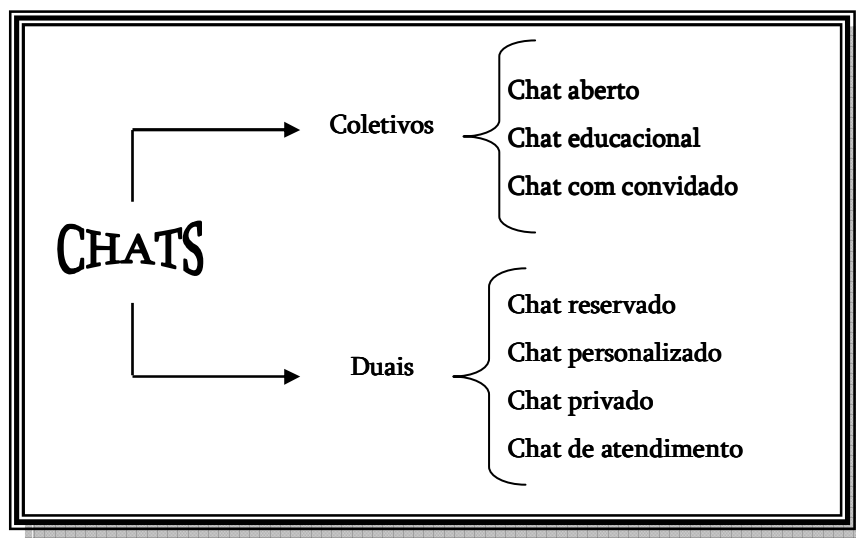


FIGURA 15 – CHATS COLETIVOS & DUAIS

Com base na organização da constelação em duas categorias de *chats*, o *corpus* foi constituído pela seleção de 2 sessões de cada um deles, entre as muitas que foram gravadas durante o tempo da observação e pelas entrevistas que realizei por *e-mail*, como ainda será mostrado. No caso dos *chats*, não consegui seguir uma padronização de tempo de conversação porque tive de levar em consideração as especificidades de cada bate-papo.

Aparentemente, a amostra selecionada do universo é pequena, no entanto, como a dinâmica conversacional desses gêneros é muito intensa, em pouco tempo de interação tem-se um grande número de turnos na tela do computador, gerando um grande volume de texto conversacional.

Além disso, como destaca Bakhtin ([1929] 2000), “o gênero possui sua lógica orgânica, que em certo sentido pode ser entendida e criativamente dominada a partir de poucos protótipos ou até fragmentos de gênero” (p. 159). Seguindo esta ótica bakhtiniana, atesto que os recortes selecionados com a observação participante serviram para ilustrar a operacionalidade das categorias de análise que me

permitiram caracterizar a constelação dos gêneros *chats*, cujo funcionamento detalharei a seguir.

3.3.1.1 O *CHAT* ABERTO

O *chat* aberto <**CAB**> parece consistir na variedade mais usada de bate-papo eletrônico, pois os interessados podem acessá-lo, livremente, a qualquer dia e hora, bastando apenas ter as condições técnicas mínimas para isso: um computador com um navegador do tipo *Explorer* e com placa de fax modem, além de uma linha telefônica para se conectar à *Internet*. Neste tipo de *chat*, o maior número de participantes tende a se “reunir” aos domingos à noite, por ser, talvez, o dia e horário mais baratos para as ligações telefônicas. Foram exatamente nestes dias e horários em que procedi com as participações neste tipo de *chat*.

No que diz respeito à constituição do *corpus*, não houve um critério estabelecido para a escolha das duas sessões que iriam compor a amostra, pois, ao ler as muitas sessões gravadas, percebi o quanto esse gênero é marcado por um grande fluxo de “entradas” e “saídas” e os que ali ficam fazem uso do *chat* reservado que funciona com um simples *clik* de *mouse* sobre um recurso que se apresenta nas telas das salas onde também funciona o <**CAB**>.

A etnografia mostra que a sala onde funciona o *chat* aberto se assemelha a uma grande praça para a qual seus participantes vão todos em busca de conhecer novas pessoas. Ao cumprir esse propósito, os usuários ou passam ao <**CRE**> ou acionam o **MSN** para o <**CPE**>, como sugere a ilustração abaixo.

EXEMPLO 2

1.(04:09:36) **m°chuteira** *fala para* anjinho sarado: tem mns

2.(04:10:24) **peter** (*reservadamente*) *fala para* Todos: safadao_crazy@hotmail.com me adicionem so mulheres

3.(04:14:35) legalmnte leao(f) *fala para* PLAYBOY(MSN_TUF): ei vc ã axa melhor falar comigo em reservado?????

O exemplo mostra claramente que os *chatters* fazem uso do <CAB> em busca de conquistar parceiros para outros gêneros de bate-papo que permitam uma conversa mais tranqüila, como mostra este outro exemplo.

EXEMPLO 3

6.(04:08:21) **gatinho msn** (*reservadamente*) fala para **julcra**: aqi eh melhor naum acha?

7.(04:08:25) **julcra** (*reservadamente*) fala para **gatinho msn**: aki onde? pq?

8.(04:08:27) **gatinho msn** (*reservadamente*) fala para **julcra**: no reservado. agente pode ficar mais a vontade e quem sabe neh.... vc tc de onde? qual tua idade? vc tem msn?

3.3.1.2 O CHAT EDUCACIONAL

Quanto ao *chat* educacional <CED>, o funcionamento não é o mesmo do <CAB>, pois o número dos participantes é comumente restrito e tem horário e tema previamente combinados. Este fato é indicador de que a observação deve se submeter aos dias e horários estabelecidos pelos sujeitos. Em meu caso, devido ao fato de conhecermos alguns dos sujeitos, os dados foram construídos a partir dos *chats* educacionais que comumente ocorrem tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação da FAGED/UFC, através do projeto **TelEduc**⁶⁶, acima apresentado.

Por esta razão, busquei a autorização para participar de uma disciplina chamada *Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire*, co-ministrada pelos professores Dra. Ercília de Olinda Braga e Dr. João Figueiredo para os alunos de

⁶⁶ Foi preciso obter a autorização não só da Instituição como também dos participantes, pois, como observa Guerra-Vicente (2000), ao “realizar um estudo, principalmente se este envolve a observação do cotidiano de um determinado grupo de pessoas, o pesquisador vê-se na necessidade de tomar decisões que envolvem um grande número de alternativas morais e responsabilidades” (p. 60). Por isso, são sábias as palavras de Paiva (2004) para quem “se a pesquisa envolve pesquisadores e pesquisados [...] é importante que a ética conduza as ações de pesquisa, de modo que a investigação não traga prejuízo para nenhuma das partes envolvidas” (p. 44). Ver autorização nos Anexos desta Tese.

Mestrado e Doutorado em Educação daquele programa⁶⁷. Participei ativamente do grupo, pois além dos encontros presenciais na FACED, estava previsto o uso de *chats* educacionais. Não obstante as muitas vezes que encorajei o grupo para a realização dos <CED`S>, eles não aconteceram, ficando as aulas limitadas aos encontros na FACED e o uso do ambiente digital do **TeleEduc** restrito às ferramentas assíncronas, o que significou um grande problema metodológico para mim.

Diante disso, procurei resolver esse problema com a ajuda de um dos monitores do **TeleEduc**, o aluno Adriano Lima, com quem consegui ter acesso, através de seu *login* e *senha*, a um imenso banco de dados de <CED`S>. Feito isso, optei por utilizar, mais especificamente, as sessões de *chat* ocorridas na disciplina *Novas tecnologias e educação a distância*, ofertada pelo professor Dr. Hermínio Borges Neto, no segundo semestre de 2003, para os alunos de Graduação em Pedagogia da FACED. Como não dispunha de mais tempo, nem de sorte para haver outras disciplinas das quais eu pudesse participar em tempo hábil, procurei durante a pesquisa fazer uso acadêmico daqueles dados que a referida disciplina gerou e que me foram fornecidos pelo monitor supracitado.

Após as muitas leituras desse material, decidi que o critério para a escolha das sessões que iriam compor a amostra seria a recorrência de índices que me permitissem operar com a hipertextualidade, a transmutação e o propósito comunicativo, características da constelação dos *chats*. Desse modo, acredito ter solucionado o problema, já que o ocorrido não inviabilizou o processo da pesquisa. Ademais, sabe-se que a inscrição do estudioso no paradigma de pesquisa já aludido aqui pode levá-lo a se deparar com problemas que não podem ser previstos, fato que deve servir para suas reflexões em busca do aprimoramento de seu constructo, já

⁶⁷ A aceitação de minha pessoa pelo grupo foi tanta que fui convidado pelos professores supracitados para participar com um capítulo de um livro que nasceu das fecundas discussões travadas durante a disciplina sobre Paulo Freire (cf. ARAÚJO & DIEB, 2006). Para mim, publicar com aquele grupo representou muito, pois revela o quanto a presença do pesquisador foi aceita.

que ele se vê obrigado a tomar decisões metodológicas a cada obstáculo que lhe aparecer.

3.3.1.3 O *CHAT*COM CONVIDADO

Os *chats* com convidado <CCO> funcionam de acordo com os eventos que ganham notoriedade no Brasil. Por esta razão, estão geralmente associados a artistas do teatro, da música, da TV e do cinema ou a outras personalidades famosas, tais como os políticos, os dançarinos, os pesquisadores, etc. No UOL, por exemplo, sempre que um cantor está lançando um novo álbum ou um ator está estreando um novo trabalho no teatro, na TV ou no cinema, há um *chat* para que seus fãs possam conversar com seu ídolo.

Os provedores, normalmente, constroem agendas destes bate-papos, a fim de divulgar na Rede o dia, o horário, o entrevistado e o tema do *chat*. Assim, nossa participação no <CCO> dependeu da agenda do próprio provedor que a enviava previamente para o *e-mail* dos interessados do UOL (cf. figura 22), inclusive para o meu *e-mail* pessoal. Assim, a escolha do material para compor a amostra não seguiu nenhum critério, pois o exame dos dados não mostrou grandes mudanças entre uma sessão e outra.

3.3.1.4 O *CHAT*RESERVADO

Quanto ao *chat* reservado <CRE>, como já foi mencionado, seu funcionamento ocorre no mesmo ambiente digital da sala que também abriga o <CAB>. Quando o usuário ativa o <CRE>, o *software* torna os interagentes “invisíveis” a todos os outros participantes e, como explica Marcuschi (2004) “as relações deslizam para o interpessoal mais definido, então surge um novo gênero” (p. 48). O fato de clicar no *mouse* para ativar uma espécie de “conversação em segredo” é algo tão curioso, do ponto de vista científico, que provoca uma mudança de relações sociais, oferecendo

um outro tipo de material empírico bastante interessante para compreendermos a constelação. A figura abaixo ilustra o recurso que permite o acesso ao *chat* reservado:

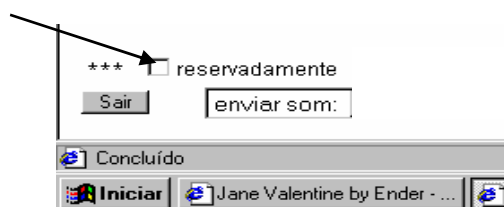


FIGURA 16 – RECURSO QUE ATIVA O <CRE>

FONTE: ARAÚJO, 2003, p. 143.

Como se pode inferir por essa figura, não há outro modo de ter contato com o conteúdo deste bate-papo senão assumindo a postura de um *observador participante ativo* (cf. HAGUETTE, 2000). Assim, a construção dos dados sobre esse gênero esteve condicionada ao seu acesso, o que significa que tive de fazer a utilização do recurso “reservado” mostrado na figura 16.

Isto não significa que o uso desse procedimento não estivesse previsto para os outros tipos de *chats*. O que quero realçar aqui é que, em alguns *chats*, é possível ficar sem participar ativamente da construção do (hiper)texto, já que são muitos os participantes da atividade, ao passo que no <CRE> a única maneira de ter acesso aos dados é sendo, inevitavelmente, um de seus co-autores. Foi muito difícil conseguir material empírico deste *chat* porque as pessoas nem sempre empreendiam uma conversa duradoura através deste gênero. Assim, o critério para a escolha de duas sessões para compor a amostra foi o da produtividade, isto é, optei pelas sessões mais longas de bate-papo que consegui registrar.

3.3.1.5 O CHAT PERSONALIZADO

Se o <CED> e o <CCO> oferecem as dificuldades apresentadas acima, o mesmo não ocorreu com o <CPE> do MSN. Este tipo de bate-papo funciona mediante a

instalação de um *software* no computador no qual ficam gravados os *e-mails* gratuitos ofertados pelo provedor. Estes *e-mails* equivalem aos famosos números de ICQ que rastreiam todos os amigos listados pelo usuário (cf. DEMÉTRIO, 2001). Assim, cada vez que o usuário se conecta à Internet, o programa, automaticamente, faz uma varredura, procurando amigos que estejam cadastrados em sua lista e que também estejam conectados naquele momento, sem o acionamento das escolhas para não serem importunados, como: ficar ausente, invisível, hora do almoço, etc.

Geralmente, os encontros virtuais ocorrem desta maneira ou previamente combinados, daí também a denominação de *chat* agendado (cf. MARCUSCHI, 2004). A construção dos dados relativos ao <CPE> ocorreu nestas condições impostas pelo MSN, ou seja, cada vez que estive conectado à *Internet* pude (ou não) ter acesso a tantos outros amigos que tinham seus números gravados em minha lista de contato. A figura abaixo mostra uma parte dessa lista.



FIGURA 17 – LISTA DE CONTATOS DO <CPE>

O critério utilizado para o cadastro das pessoas foi a aceitação espontânea ao convite para participar de minha pesquisa. Como todos aceitaram ser sujeitos do

estudo, a escolha das sessões para compor o *corpus* também não seguiu nenhum critério especial.

3.3.1.6 O *CHAT* PRIVADO

Em relação ao *chat* privado <CPR>, o tempo necessário para a observação participante não pôde ser previsto. Marcuschi (2004) esclarece que estes *chats* “não são muito populares” (p. 51), o que talvez possa ser explicado pelo fato de que o *software* que permite o funcionamento desse gênero foi elaborado para comportar, no máximo, dois internautas. Esta especificidade do <CPR> também provocou um grande problema de ordem metodológica para a geração de dados relativos a este gênero.

Em outras palavras, como ter acesso ao que conversam duas pessoas em um gênero que impõe tal restrição? Além disso, os provedores mantêm um acordo de privacidade com os assinantes, de modo que não há como ter acesso ao conteúdo dos bate-papos que ocorrem nestas salas. A opção, tal como fizemos em relação ao <CRE>, foi ser um dos dois participantes do <CPR> para conhecê-lo um pouco melhor. O exemplo abaixo retrata bem as dificuldades em gerar dados relativos a este *chat*.

EXEMPLO 4

- 1.(04:52:45) **julcra** *entra na sala...*
- 2.(04:54:09) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) *fala para julcra: é vc?*
- 3.(04:54:16) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) *fala para julcra: diz?? Estou te esperando faz bom temp* 🌸
- 4.(04:54:27) **julcra** *fala para Casado_1.90m_40aSP: tudo legal :)*
- 5.(04:54:37) **julcra** *fala para Casado_1.90m_40aSP: vc espera por alguem?*
- 6.(04:54:46) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) *fala para julcra: vc naum é a carol* 😊
- 7.(04:54:47) **julcra** *fala para Casado_1.90m_40aSP: naum? Pq?*

8.(04:54:52) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) *fala para julcra*: porra saia daqui. To de encontro marcado 🤔

9.(04:55:20) **julcra** *fala para Casado_1.90m_40aSP*: e eu naum psso ficar pq?

10.(04:55:27) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) *fala para julcra*: aki é uma suíte ekeceu? 🤔

O exemplo mostra que, ao entrar na sala, meu interlocutor pensava que eu era a pessoa com a qual ele marcou o suposto encontro. Como não respondo logo à pergunta que me faz, ele manda outro turno seguido da imagem de uma flor, como quem recebe alguém que realmente estava sendo esperado. Ao respondê-lo, ele fica desapontado porque começa a perceber que não estava teclando com quem imaginava. Esta certeza parece se concretizar no turno 7 e, por esta razão, meu interlocutor é direto e, demonstrando irritação, expulsa-me da sala, alegando estar de encontro marcado (cf. turno 8).

Insisto em querer ficar, mas ele retruca com veemência dizendo “*aki é uma suíte*”, e eu percebi que não era bem vindo ali, pelo menos naquela situação. De fato, fora do universo digital, só entra em uma suíte quem for seu dono e quem mais for convidado por ele, de maneira que qualquer outro modo de entrar nela será interpretado como uma invasão de privacidade. Deste modo, é provável que a observação participante neste tipo de *chat* não permitiu que as rotinas próprias desse gênero fossem capturadas, dado o choque que a presença do pesquisador provoca na interação. Este fato obrigou-me a “fingir” ser alguém interessado a sentir-me em uma “suíte virtual” a fim de pelo menos me aproximar das rotinas do gênero. Essa minha postura será melhor relatada mais adiante, na seção 5.6.

3.3.1.7 O *CHAT* DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Finalmente, minha participação em um outro *chat* da constelação, o de atendimento ao assinante <CAT>, foi bem menos complicada, pois o atendimento ao cliente no provedor UOL é um serviço disponibilizado durante 24 horas seja por

telefone 0800, seja pelo próprio *chat*. Este tipo de bate-papo comporta no máximo quatro participantes: o atendente e três assinantes do provedor. O trecho abaixo de uma conversa que tive um dos atendentes do provedor exemplo ilustra o funcionamento do <CAT>.

EXEMPLO 5

01.(1:18:04 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: e este aqui? Comporta qtas pessoas?

02.(1:19:10 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: 4 assinantes

03.(1:19:53 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: vc esta tc c qtos assinantes agora?

04.(1:20:21 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: 3 porque ?

05.(1:22:51 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: estou tentando conhecer um pouco sobre os chats. Por isso estou tentando tirar algumas dúvidas com vc

06.(1:23:55 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: ok. À vontade, senhor.

07.(1:24:21 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: são 4 pessoas c vc ou com vc somam 5 participantes?

08.(1:24:34 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: 5

09.(1:36:49 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: gostaria de saber se há como outros assinantes perceberem a "presença" de outras pessoas além da atendente.

10.(1:37:10 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Não , por questão de segurança e privacidade.

11.(1:38:32 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: ok. Isto então quer dizer q neste momento vc pode estar ajudando outro assinante além de mim

12.(1:38:43 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Sim, estou.

13.(1:39:49 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: Por isso q o recurso RESERVADAMENTE é muito importante p este chat não é?

14.(1:40:15 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Sim.

15.(1:40:43 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: observei q eu não o seleciono como faço em outros chats. Ele já está automaticamente selecionado

16.(1:41:09 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Isso mesmo , pois a pergunta vem somente para mim

O exemplo ressalta bem as especificidades desse gênero, como o restrito número de participantes e o contrato de privacidade existente entre o provedor e o assinante. Esta última característica aponta para a importância que o recurso “reservadamente” tem para o <CAT>. Para escolher as sessões desse *chat*, as quais compuseram o *corpus* de análise, também não segui nenhum critério, visto que as ocorrências foram bastante similares em todas as sessões.

3.4 PROCEDIMENTOS ESPECÍFICOS

Um dos objetivos desta Tese foi a verificação da aplicabilidade do meu constructo à constelação dos *chats*. Por isso, selecionei a **hipertextualidade**, a **transmutação** e os **propósitos comunicativos** como categorias que me serviriam para caracterizar o conjunto das práticas discursivas engendradas pelo evento “bater papo” na Internet como uma constelação de gêneros. Para isso, desdobrei aquele objetivo em três passos, os quais, uma vez articulados, deram-me as condições de caracterizar o referido agrupamento constelar.

Conforme já anunciado no capítulo 2, cada fase esteve pautada por um dos três eixos temáticos dos quais foram extraídas as categorias que desencadearam a análise: a hipertextualidade, para o estudo da **esfera discursiva digital**; a transmutação de outros gêneros, para o estudo do **fenômeno formativo dos chats**, e a teia de propósitos comunicativos, para o estudo da **funcionalidade social** da constelação. Assim sendo, passo a relatar os meus procedimentos específicos para essa aplicabilidade.

3.4.1 ANÁLISE DA NATUREZA HIPERTEXTUAL DOS CHATS

O primeiro passo foi analisar a distribuição da hipertextualidade na constelação dos gêneros *chats*. Esta curiosidade nasceu dos achados de uma pesquisa

anterior que desenvolvi durante o curso de Mestrado (ARAÚJO [2003] 2005a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC. Nela, baseado em Xavier (2002), assumi “a terminologia *gênero hipertextual* por [compreender] que o *chat* [aberto], além de compartilhar do mesmo espaço hipertextual [da *Web*], assume, também, características próprias deste espaço, como a intersemiose marcada pelo som, imagem e escrita” (p. 54).

Na presente pesquisa, quis saber como os produtores/consumidores dos referidos gêneros vêem e operam com a natureza hipertextual de todos os *chats*. Este objetivo encontra guarida teórica nas palavras de Erickson (2000), para quem um gênero é “uma combinação de forças individuais, sociais e **técnicas** implícitas numa situação recorrente de comunicação” (ERICKSON, 2000, p. 03 [grifo meu]). Assim, para que conseguisse ter sucesso nesta primeira fase do estudo, organizei a análise em dois momentos, os quais ocorreram quase que simultaneamente, o que significa que a divisão que farei aqui deve ser entendida apenas para que se visualize melhor os procedimentos adotados.

No primeiro momento, selecionei figuras das telas que pudessem retratar a manifestação de marcas hipertextuais em todos os bate-papos, com as quais operam os *chatters*. Essa análise serviu para mostrar uma comparação entre os *chats*, a fim de observar como a imagem, o som e a escrita (e outros recursos hipertextuais) atravessam e se distribuem pela constelação desses gêneros, revelando similaridades e diferenças. O segundo momento da análise se deu a partir de recortes de vários *chats* os quais serviram para visualizar o modo pelo qual os *chatters* usam e reconhecem a natureza hipertextual dos gêneros da constelação, ao enunciar do espaço digital.

3.4.2 ANÁLISE DAS MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO

A segunda fase do “teste” seria, pelo viés diacrônico, observar nos *chats* as marcas da transmutação dos gêneros que são reinterpretados por eles. Como se sabe, embora os *chats* tenham a sua pré-existência em gêneros orais, como a conversa

cotidiana, a aula e a entrevista, eles passam a ter “características próprias” e, como destaca Marcuschi (2004), “esses gêneros [...] devem ser analisados em particular” (p. 31).

Paradoxalmente, uma dessas características consiste exatamente na distância entre os *chats* e os gêneros transmutados por eles. Essa distância pode ser observada pela ausência físico-espacial dos interlocutores, o que provoca na interação entre eles uma completa falta de informação extralingüística *in presentia*, como os gestos e as atitudes que caracterizam uma interação presencial, como por exemplo, as piscadelas de olho, os beijos, bocejos, barulho do ambiente, melodia da fala, entre tantos outros. Vale a ressalva de que esses aspectos próprios de uma interação face a face são criativamente substituídos pelos *chatters* por outros recursos extra-lingüísticos, como os *emoticons*, por exemplo.

Desse modo, procurei observar como cada tipo de *chat* opera e reinterpreta essas marcas porque acredito que elas podem ser um indicativo de que o simples fato de eles serem todos *chats* não os faz homogêneos. Para analisar como os usuários operam lingüisticamente para driblar a ausência de elementos próprios dos gêneros orais, selecionei alguns recortes de cada um dos tipos de bate-papos que podem ilustrar as marcas da transmutação dos gêneros orais pelos *chats*.

O que estou defendendo como marcas da transmutação são as estratégias co-elaboradas pelos *chatters* para simular ou aproximar o *chat* da interação presencial. Entre essas estratégias estão os mais variados usos de paralinguagens, como os *emoticons*, as abreviações, as repetições de letras e de sinais de pontuação, a dinâmica da troca e o tamanho de turnos, bem como a sustentação de temas que emergem das interações. Mas, bem mais importante, estão as (re) definições de papéis durante a interação, como se verá no capítulo 5.

3.4.3 ANÁLISE DA TEIA DOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS

A terceira fase foi analisar a maneira como os propósitos comunicativos de cada *chat* influenciam nas relações entre seus participantes, nos usos que eles fazem dos recursos semiológicos e nos temas tratados durante as interações. Esta análise priorizou o critério sincrônico dos gêneros, ou seja, o seu estágio atual. Por conta disso, a abordagem etnográfica na qual me inscrevi me fez operar com o aspecto mais qualitativo da investigação.

Acerca disso, Silva (1998) mostra que em pesquisas de cunho sociológico e antropológico, como esta, “o ponto de vista dos envolvidos nos fenômenos assume prioridade” (p. 162). Proceder desta maneira é reconhecer a subjetividade dos participantes da pesquisa, os quais devem ser considerados como sujeitos e não como objeto de estudo. Segundo Freitas (2003),

considerar a pessoa investigada como *sujeito* implica compreendê-la como possuidora de uma voz reveladora da capacidade de construir um conhecimento sobre sua realidade que a torna co-participante do processo de pesquisa (p. 29).

Por esta razão, julguei útil organizar esta última fase da análise também em dois momentos.

Em primeiro lugar, submeti o *corpus* a uma triagem para categorizar os propósitos comunicativos dos *chats*. Esta categorização foi feita por mim, através de um tratamento mais hermenêutico⁶⁸ do objeto de análise. Para isso, selecionei trechos de bate-papos pelos quais pudesse inferir acerca de seus propósitos comunicativos. Ressalto que esse primeiro momento equivale aqui ao primeiro passo metodológico de Análise de Gêneros sugerido por Askehave & Swales (2001) e retomado por Swales (2004).

⁶⁸ Como afirma Besse & Boissière (1998) a “hermenêutica é uma técnica de leitura que busca compreender, **interpretar**, de maneira clara, os textos” (p. 52 [Grifo meu]). A palavra hermenêutica, contudo, parece carregar um ranço antigo, o que, nas palavras de Geertz ([1983] 2000), pode evocar “imagens de zelotes bíblicos, fraudes literárias ou professores teutônicos” (p. 36). Por isso, seguindo a ótica desse antropólogo, ressignifico o termo com o sentido de “interpretação”, já que me inscrevo na etnografia interpretativista.

Estes autores sugerem que em uma análise de gêneros, seja ela orientada pelo texto ou pelo contexto, pergunte-se primeiramente pelo seu propósito comunicativo. Contudo, consoante a discussão apresentada no capítulo 2, a identificação do propósito comunicativo de um gênero não é uma tarefa simples, por isso, é preciso submetê-lo a uma confirmação (*repurposing*, conforme SWALES, 2004). Em minha opinião, essa confirmação do propósito comunicativo do gênero deve partir de uma consulta aos seus autênticos produtores/consumidores. Para que eu chegasse (ou pelo menos me aproximasse) dessa confirmação, passei para um segundo momento dessa análise.

O segundo momento contemplou o ponto de vista dos usuários dos gêneros estudados, o qual foi capturado através da técnica da entrevista com os participantes. Este procedimento é recomendado por muitos analistas de gêneros, como Bhatia (1993), que orienta o estudioso a se perguntar “por qual motivo os membros de uma comunidade de especialistas escrevem como escrevem?” (p. 1). Este autor, que também se inscreve na etnografia interpretativista de Geertz ([1973] 1989), e salvaguardando as críticas feitas no capítulo 2, prevê a consulta àqueles que são os verdadeiros produtores/consumidores do gênero, em nosso caso, os *chatters*.

Para conseguir realizar este feito, tentei, como fizeram Guerra-Vicente (2000) e Nader (2000), contactar por *e-mail* o maior número possível de participantes. A grande quantidade de sujeitos que tentei contactar se justificou porque não foi muito fácil convencê-los a participar das entrevistas, sobretudo os que participam dos <CAB>, <CCO>, <CRE> e dos <CPR>, pois as pessoas não acreditaram com facilidade que se tratava de uma pesquisa acadêmica. Tal dificuldade não foi encontrada, por exemplo, no <CED> e no <CPE> porque os sujeitos conhecem o pesquisador. Dessa empreitada, consegui reunir uma amostragem de 10 entrevistas as quais chegaram em minha caixa postal sem obedecer a uma ordem de qualquer natureza que fosse, pois precisei me submeter à boa vontade de meus informantes.

Reunido o material da entrevista, selecionei trechos que apontavam para os propósitos comunicativos dos *chats*. De posse deles, fiz um cruzamento entre os fragmentos de *chats* e os da entrevista com a finalidade de me aproximar dos propósitos comunicativos dos gêneros. Assim, interpretação dada pelo investigador pode ser cruzada com as opiniões dos produtores-consumidores desses gêneros⁶⁹. Como se verá adiante, além de confirmar os propósitos comunicativos dos gêneros, essa análise serviu também para verificar em que medida os índices de transmutação verificados no exame dos dados relativos à segunda fase do estudo dialogam com os resultados do cruzamento dos dados a que me refiro neste parágrafo.

Dadas as dificuldades em trabalhar a entrevista no meio digital, entendi ser instrutivo dizer que experiências bem sucedidas de pesquisas mostram que, mesmo sendo difícil usar este procedimento com usuários de *chats*, não é impossível conseguir êxito (cf. GUERRA-VICENTE, 2000; NADER, 2000; MAYANS, 2002). Assim sendo, acreditei que também poderia conquistar participantes que aceitassem ser entrevistados, como mostra o exemplo subsequente, retirado de uma sessão de um <CPR>.

EXEMPLO 6

- 01.(03:53:57) **Cadu** *fala para julcra*: deve ser interessante essa pesquisa
- 02.(03:54:03) **Cadu** *fala para julcra*: o que a turma procura mais por aqui??
- 03.(03:54:33) **julcra** *fala para Cadu*: Tudo bem entao qto usar nosso papo em minha Tese de Doutorado??
- 04.(03:54:39) **julcra** *fala para Cadu*: Isso quem vai me dizer sao eles, como vc fez!!!
- 05.(03:54:39) **Cadu** *fala para julcra*: claro, pode sim
- 06.(03:54:59) **Cadu** *fala para julcra*: use à vontade amigo
- 07.(03:55:47) **julcra** *fala para Cadu*: Obg cadu
- 08.(03:55:51) **Cadu** *fala para julcra*: por nada, boa sorte

⁶⁹ Conforme vimos no capítulo 3, esses procedimentos tendem a corresponder aos 1º, 4º e 5º passos de análise de gêneros propostos por Askehave & Swales (2001).

09.(03:58:39) **julcra** *fala para* Cadu: Vc pode me dar teu e-mail, para que eu possa completar essa “entrevista”?

10.(03:58:56) **Cadu** *fala para* julcra: kk_2005@hotmail.com

11.(03:59:31) **Cadu** *fala para* julcra: me passe o seu tb, de repente a gente faz contato

12.(03:59:40) **julcra** *fala para* Cadu: blz, sera um prazer julcra@uol.com.br

Este exemplo retrata um bate papo que tive com um dos sujeitos da pesquisa o qual, depois de um certo tempo, aceitou participar do estudo. Sua aceitação foi além da autorização para o uso do conteúdo do *chat* na pesquisa, já que gentilmente se dispôs a responder algumas perguntas que lhe fiz através do *e-mail*. Sobre isso, Morse (1994) destaca a importância da paciência por parte do cientista para conquistar a confiança dos sujeitos envolvidos com os fenômenos que ele pesquisa. Devido às dificuldades aludidas aqui, o critério para selecionar os entrevistados foi simplesmente o de eles quererem colaborar com a pesquisa. As questões feitas aos usuários podem ser vistas nos anexos da Tese.

Desta maneira, os parâmetros sugeridos aqui foram importantes porque eles se mostraram um caminho produtivo para o estudo dos fatores que fazem do conjunto dos *chats* uma constelação de gêneros, pois ele se pauta por uma série de elementos que irmanam e distinguem, ao mesmo tempo, os tipos de bate-papos virtuais. Afinal, segundo Geertz ([1983] 2000),

quando se trata de categorizar textos, as propriedades que os conectam uns aos outros, ou que os colocam, pelo menos ontologicamente falando, no mesmo nível, começam a ser mais importantes que aquelas que os dividem (p. 35).

Foi por meio dos procedimentos e decisões metodológicos apresentados neste capítulo que acreditei poder demonstrar que a hipertextualidade, a transmutação e o propósito comunicativo são categorias operacionalizáveis para a caracterização do conjunto das práticas discursivas engendradas pelo bate-papo como uma constelação

de gêneros na Internet. Cada um desses critérios atendeu a uma especificidade da constelação, de maneira que não pôde haver hierarquia entre eles⁷⁰. Assim, enquanto a hipertextualidade serviu para verificar a marca da esfera em que se ambienta a constelação e a transmutação para o estudo diacrônico dos *chats*, o propósito comunicativo foi útil na distinção entre os gêneros da constelação.

⁷⁰ Do mesmo modo que a oralidade e a escrita são estudadas a partir de sua distribuição nas práticas sociais em um *continuum*, evitando distorções interpretativas, como as famosas dicotomias (cf. YATES, 2000; MARCUSCHI, 2001a; 2001b; 2001c; HILGERT, 2001; BARROS, 2001), penso que as categorias acima podem caracterizar melhor a constelação dos *chats* sem hierarquizá-las.

CAPÍTULO 4

A HIPERTEXTUALIDADE NA
CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS *CHATS*

Utilizo bastante as carinhas. Considero-as fundamentais para tentar amenizar a distancia imposta pela Internet. É muito satisfatório enviar e receber imagens ou pequenos sons pq eles ajudam na paquera, deixando o papo mais envolvente e ajuda tb p evitar mal entendidos. Tb costumo trocar muitos endereços meus e de sites q costumo acessar. Gosto de trocar idéias sobre o q as pessoas acham do meu blog aí rola muito papo enqto meus amigo virtuais visita minha pagina.

[ENTREVISTADO 1]

Estudar a distribuição das marcas de hipertextualidade dentro da constelação dos gêneros *chats* é a primeira fase para alcançar o objetivo de “testar” o constructo que elaboramos para o estudo de constelação de gêneros. A suposição é a de que as manifestações dessas marcas não se distribuem de igual maneira em todos os gêneros da constelação, pois muitos são os aspectos que influenciam nesta distribuição. Entre esses aspectos estão as especificidades dos *softwares* dos bate-papos, o fenômeno formativo desses gêneros bem como os seus propósitos comunicativos que, de algum modo, influenciam nas escolhas hipertextuais feitas pelos produtores/consumidores desses gêneros.

Para analisar a natureza hipertextual nos *chats*, retomo a discussão do item 2.2, a fim de realçar que, segundo o ponto de vista aqui defendido, o hipertexto não

pode ser reduzido à manifestação de *links* dentro de uma *webpage* qualquer, embora eu admita que neste ambiente a manifestação hipertextual parece se realizar de modo mais intenso. Por este prisma, talvez não seja demais sugerir que a *homepage* se constitua um dos espaços mais privilegiados para se flagrar os recursos da hipertextualidade.

Não obstante isso, acredito que a definição de hipertexto formulada por Xavier (2002) permite maiores avanços nas reflexões sobre este instigante tema, já que sua tese central é a de que se trata de um “espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar **um modo digital de enunciar e construir sentidos**” (pp. 28-29 [negritos meus]). Ao falar de hipertexto durante esta Tese, não vislumbro unicamente uma página eletrônica qualquer cuja ostentação dêitica se materialize em seus *links*, mas espraio minha compreensão a esse respeito, pois entendo, com Xavier, que o hipertexto é um modo digital de enunciar. Por esta razão, o grifo feito na citação acima destaca dois importantes elementos que merecem discussão.

O primeiro deles faz alusão a um modo de enunciar feito a partir de um espaço virtual. Para além de verificar se há ou não *links* nos gêneros próprios deste espaço, o qual desigmo de esfera discursiva digital, sugiro que se entenda que as formas de enunciar digitalmente não são iguais. Assim, a enunciação digital dependerá dos gêneros que vão operar com mais ou menos características da hipertextualidade.

Se em um *e-forum*, por exemplo, não houver a presença de *links*, fato comumente considerado por alguns como a condição *sine qua non* para a existência do hipertexto, não se deixa de ter um gênero digital, porque, como explicam Xavier & Santos (2005), o *e-forum* é “incrementado por inovações tecnológicas e dotado de mais abrangência espacial – *ubiquidade* – e participação irrestrita por qualquer indivíduo – *universalidade*” (p. 30). Logo, a *ubiquidade* e a *universalidade* podem ser associadas às características do modo digital de enunciar e, conseqüentemente, às características do hipertexto (cf. XAVIER, 2004a).

Seguindo este raciocínio, é possível afirmar que o *e-forum* também é um gênero hipertextual e isto ocorre porque o sujeito, ao utilizar esse gênero para enunciar digitalmente, faz uso de características as quais vão estar prenes da hipertextualidade, tais como a volatilidade, a interatividade, a iteratividade, a espacialidade topográfica, a não-linearidade, entre tantas outras. Estas são algumas das marcas que podem caracterizar o modo digital de enunciação, conforme salienta boa parte dos autores citados no capítulo 2.

Entre esses autores, Marcuschi (2004) afirma que o “*hipertexto* não pode ser tratado como um gênero e sim como **um modo de produção textual** que pode estender-se a todos os gêneros, dando-lhes, neste caso, algumas propriedades específicas” (p.26 [negritos meus]). Com essa afirmação, Marcuschi ratifica a tese de Xavier sobre o hipertexto como um modo de enunciação digital e em nota de pé de página acrescenta que ela se “configura como um ponto de vista novo e produtivo, já que há efetivamente alguns fatos que distinguem esse formato enunciativo do tradicional” (MARCUSCHI, 2004, p. 26, nota 23).

Assim compreendido, é razoável pôr em questão o fato de se eleger um único traço como o principal eixo definidor da hipertextualidade, seja o *link* ou qualquer outro índice. Por isso, compreendo que a hipertextualidade se manifesta, de alguma maneira, em todo os gêneros digitais, acrescentando que essa manifestação ocorre, porém, em graus diferentes. Por conseguinte, continuo a defender que as características hipertextuais dependem, além de fatores técnicos que ponteiavam esses gêneros, de sua formação genérica e de seus dos propósitos comunicativos.

O outro aspecto desenvolvido por Xavier, e bastante discutido por muitos autores, diz respeito à novidade que o hipertexto traz em relação à construção de sentidos. Este tema tornou-se alvo de muita discussão entre os lingüistas e, como vimos no capítulo 2, ainda anda longe de um consenso. De qualquer modo, são muitas as obras publicadas que atestam este caráter de novidade do hipertexto, tais como se pode ler nos títulos ou subtítulos de alguns livros, a saber: “**Novas**

tecnologias, **novos** textos, **novas** formas de pensar” (COSCARELLI, 2002a [grifos meus]); “**novas** formas de construção de sentido” (MARCUSCHI & XAVIER, 2004 [grifos meus]); “**novas** formas de usar a linguagem” (ARAÚJO & BIASI-RODRIGUES, 2005a [grifos meus]), sem falar nos títulos de inúmeros capítulos dos livros e artigos publicados em periódicos e/ou anais de congressos.

Entendo que a insistência desses autores em usar o adjetivo destacado acima, para além de um deslumbramento gratuito, como poderiam assinalar os mais conservadores, revela que, de fato, a forma digital de enunciar tem suscitado diferentes maneiras de construção do sentido na contemporaneidade e isto representa, sem dúvidas, “desafios lingüísticos, literários e pedagógicos”, como bem se frisou, recentemente, no **I Encontro Nacional sobre Hipertexto** (cf. capítulo 2). Sendo assim, torna-se um imperativo na Academia que se discuta e se invista mais em pesquisas com a finalidade de, se não conseguirmos explicar tudo, pelo menos comecemos a tentar construir uma compreensão dessas novas estratégias de (hiper)textualidade oriundas do domínio discursivo digital.

Acerca dessa questão, Coscarelli (2005) pondera que “ainda não conseguimos compreender bem a leitura de textos impressos [...] e já temos que explicar a leitura de hipertextos” (p. 109). Não obstante essa constatação, Freitas (2005) compreende que “as novas formas de mediação semiótica oportunizadas pelo computador, mais especificamente pela *Internet*, podem estar trazendo alterações qualitativas para a cognição de seus usuários” (p. 30), embora ainda não se saiba como, e em que grau, a construção de sentido acontece na produção/recepção de hipertextos. Neste sentido, o fato de não sabermos ao certo como lidar com os desafios que este objeto traz aos lingüistas, aos pedagogos, aos psicólogos, aos sociólogos, aos antropólogos e a tantos outros pesquisadores interessados no tema nos sugere uma boa seara de pesquisa que está sendo aberta.

Em busca de abraçar essa missão, alguns estudos têm mostrado que enunciar digitalmente, ou seja, inserir-se no universo hipertextual, significa saber lidar com os

novos gêneros. Esta exigência implica a reclamação de novas posturas e de novos letramentos das pessoas que deles se utilizam (cf. CORRÊA, 2002; DELL'ISOLA, 2002; XAVIER, 2004b; PINHEIRO, 2005; COSCARELLI & RIBEIRO, 2005; RIBEIRO, 2005; FRAGA & FLORES 2005). Sendo assim, caracterizar a hipertextualidade dentro da constelação dos gêneros *chats* é, antes de tudo, compreender que tais gêneros são hipertextuais porque se configuram como ferramentas semióticas que materializam a enunciação digital feita por um sujeito cujo lugar de fala permite-lhe enunciar digitalmente, com todas as características hipertextuais que esta ambiência proporciona. Convém, desta maneira, que se observe como tais características se distribuem pela constelação, não bastando apenas mapeá-las, mas procurando compreender as razões de natureza social, técnica e discursiva dessa distribuição. Neste sentido, parafraseio Fraga & Flores (2005) para dizer que os usuários desses gêneros “influenciados pela ambiência hipertextual, *desenvolve uma competência lingüística nova*” (p. 116 [itálicos no original]).

Imbuído deste raciocínio, fiz uma incursão pelos sete dos *chats* mais conhecidos que compõem a constelação destes gêneros para ver como a hipertextualidade se distribui entre eles. Na presente análise, que seguirá a ordem dos *chats* apresentada no capítulo 3, defenderei que todos estes bate-papos possuem em comum a hipertextualidade porque são gêneros que emergem em um ambiente digital⁷¹, portanto todos podem ser compreendidos como gêneros hipertextuais.

4.1. A HIPERTEXTUALIDADE ENTRA NA SALA...

Conforme já havia anunciado, procede de Marcuschi (2004) o rótulo *chat aberto*, o qual é usado por ele a fim de designar um tipo de bate-papo que não impõe aos seus produtores/consumidores certas restrições de participação, tais como o

⁷¹ Nesta Tese, o termo digital deve ser entendido à luz da “existência material das imagens, sons, textos que, na memória hipertextual do computador, são definidos matematicamente e processados por algoritmos, que são conceitos científicos operacionalizados como disposição para múltiplas formatações-intervenções-navegações da parte do usuário. E uma vez que a imagem, o som e o texto, em sua forma digital, não têm uma existência material, eles podem ser entendidos como campos de possibilidades” (SILVA, 2002, p. 9).

horário agendado, o tema previamente escolhido e divulgado, e os mediadores, entre outras, que são comuns em outros tipos de *chats*, consoante ainda se verá nesta análise.

O <CAB> se manifesta de muitas maneiras e em muitos provedores. Sua existência é, geralmente, organizada por grupos temáticos, tais como **por idade**, **cidades e regiões**, **tema livre**, **variados**, etc. A figura, abaixo, retirada do provedor com o qual estou trabalhando, o UOL, foi recortada, adaptada e legendada para dar uma idéia dessa organização.

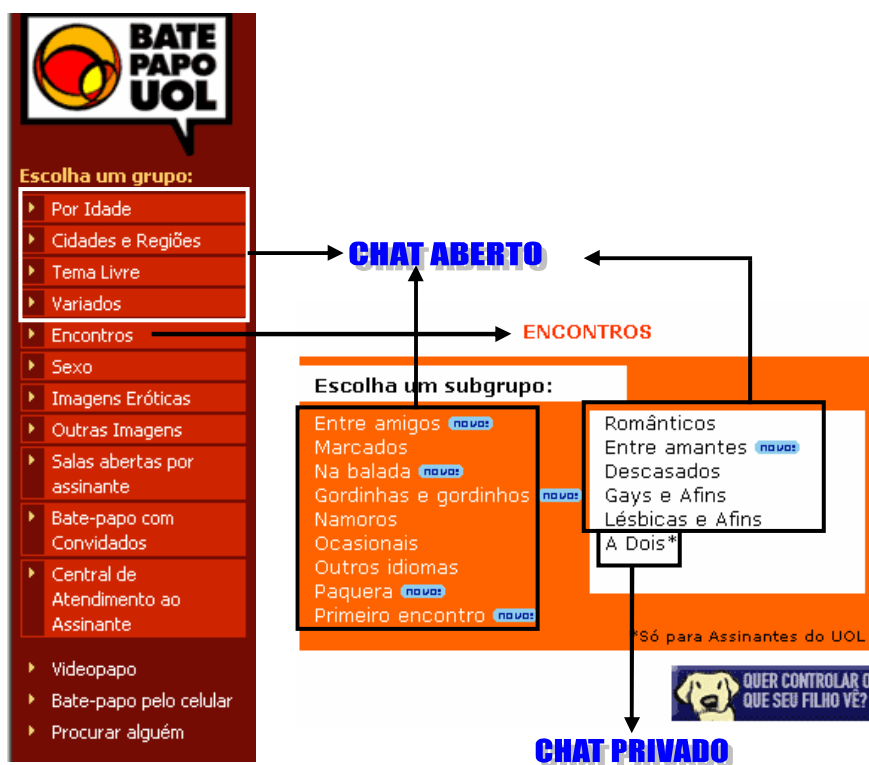


FIGURA 18 – OPÇÕES DE CHATS DO UOL

No lado esquerdo desta figura, em sua parte mais vertical, está uma espécie de sumário dos tipos de *chats* disponibilizados pelo UOL. Cada nome é, na verdade, um *link* que conduz o internauta para o interior de uma sala de bate-papo desejada e, assim, a parte superior da figura, com destaque branco, reúne alguns grupos

temáticos pelos quais se organizam os <CAB`S>. No entanto, é válido ressaltar que, não obstante os rótulos temáticos dados às salas, o conteúdo das conversas, em sua grande maioria, não se restringe aos seus temas, devido à heterogeneidade tópica que neles se pode flagrar. Além disso, não é impossível que se encontre em salas de bate-papos com outros temas o uso do <CAB> pelos internautas.

A figura também mostra outros tipos de *chats* que serão estudados mais adiante, tais como o *chat* com convidado e o de atendimento ao assinante, os quais não se caracterizam como um *chat* aberto. Para se chegar a uma das salas, basta clicar no *link* desejado. Ao clicar, por exemplo, no *link* **encontros**, pode-se chegar a uma tela, aqui representada na parte direita da figura 18 através da qual se observa que outros grupos se abrem, formando uma teia de possibilidades interativas. Assim, se os usuários “descasados” (cf. figura acima) desejam se encontrar, basta fazer uso deste tipo de *chat* que está **aberto** para todos. É curioso assinalar que, além dos <CAB`S>, a escolha do *link* **encontros** também desemboca em um outro tipo de *chat* o qual, segundo Marcuschi (2004), constitui-se um gênero distinto dentro da constelação: o *chat* privado. Destacar isso é importante porque mostra que a diversidade de *chats* se avoluma na medida em que se clica nas temáticas gerais.

A intenção de mostrar a figura foi apenas a de não negligenciar o fato de que não é seguro caracterizar um <CAB>, simplesmente, pelo tema que supostamente será discutido na sala, já que este gênero se materializa em muitas salas de bate-papo. Assim sendo, é mais interessante observar a facilidade com que se pode “entrar” nas salas de bate-papo do que estudar seus *chats* por meio do que sugerem as temáticas que lhes indicam. A este respeito, Nader (2001) observou, em relação aos *chats* ambientados nos canais do **IRC**, que os bate-papos deste espaço nunca seguem uma temática única, embora os usuários possam ler, na tela principal, o tópico definido. Para a autora, “o tópico deixado na entrada do canal não possui relação com aquilo que será conversado entre os dois usuários em particular ou na tela geral” (p. 54).

Feitas essas explicações, devo dizer que estudar a natureza hipertextual do <CAB> não consiste em uma novidade absoluta, pois em trabalhos anteriores concentrei esforço para discutir esse assunto, seja sozinho, como em Araújo ([2003] 2005a; 2004a), em cujos textos procurei rastrear os índices da transmutação da conversa do cotidiano pelo *chat* aberto a partir das interfaces semióticas flagradas nas telas, seja em co-autoria, como em Araújo & Biasi-Rodrigues (2005b) e Costa & Araújo (2006).

No primeiro trabalho em co-autoria, a partir da análise de um protocolo verbal produzido por um usuário pouco proficiente no uso do gênero em questão, foi discutido sobre o conhecimento que o sujeito teria construído acerca das características hipertextuais do <CAB>. Na segunda co-autoria, foi empreendido um esforço para caracterizar a composição do gênero, observando como os traços de hipertextualidade definiam essa composição.

No caso desta Tese, justifica-se continuar a discussão sobre a hipertextualidade no <CAB> porque não se trata mais de estudar um *chat* em particular, como feito nos trabalhos citados, mas a constelação na qual ele e os outros se organizam. Por isso, a fim de mostrar como a hipertextualidade atravessa este gênero da constelação dos *chats*, disponibilizo a seguir uma figura cuja legenda sinaliza para os recursos que tornam o <CAB> hipertextualmente complexo.

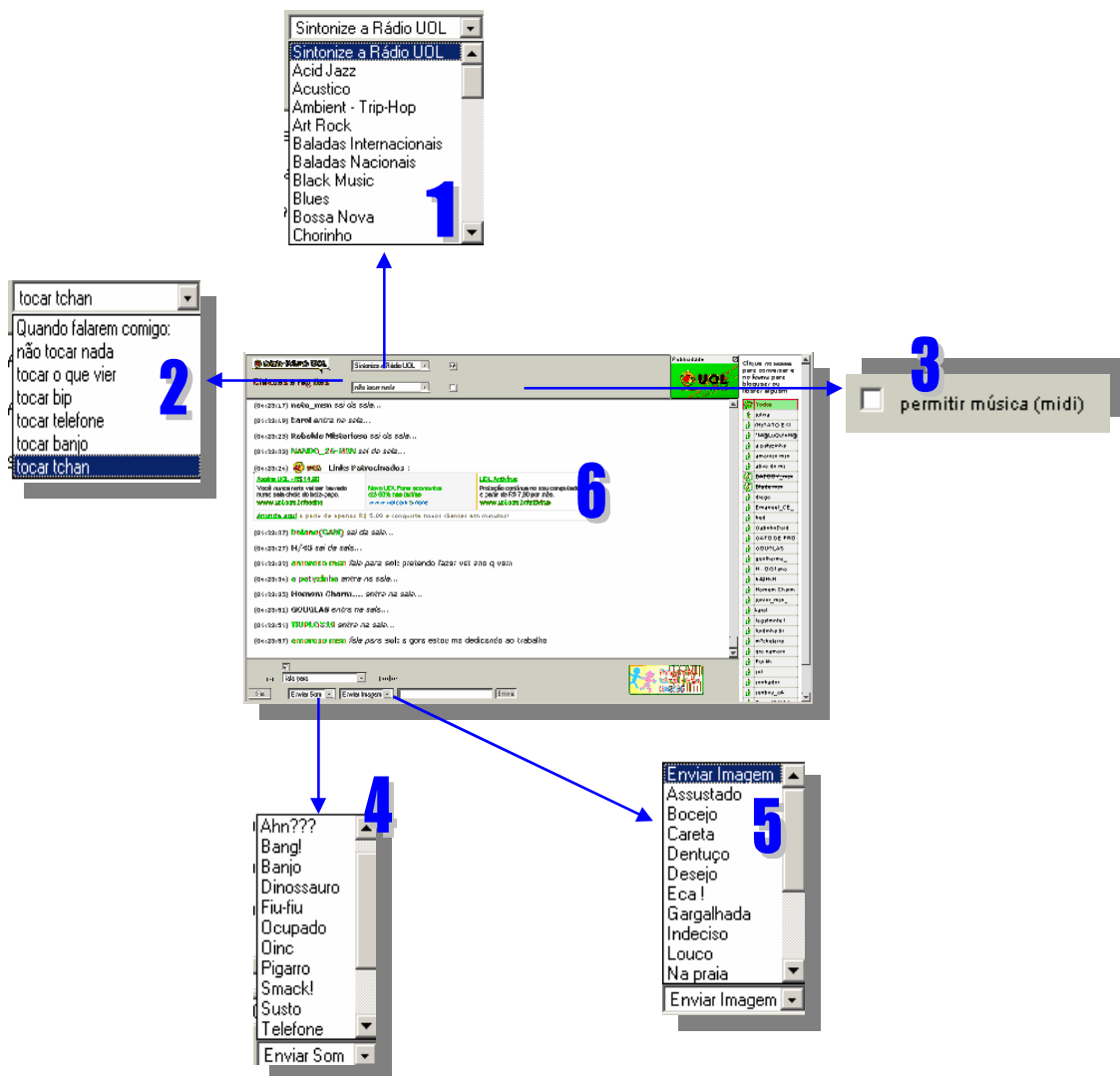


FIGURA 19 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CAB>


A figura traz no centro uma representação da tela, onde se “materializa” o <CAB>. Em torno dela, gravitam pequenas “janelas” representando as várias interfaces semióticas que marcam profundamente este gênero. Apresentar esta figura e outras que ainda veremos durante este capítulo é importante porque, como também compreende Carvalho, M. (2005), “quando abordamos o ato enunciativo neste meio, devemos considerar que este se realiza por intermédio de interfaces

específicas e, neste sentido, é imprescindível entendermos seu funcionamento” (p. 2)⁷².

Dadas as explicações necessárias, passo à descrição das interfaces do <CAB>. Os quatro primeiros recursos se referem aos diversos usos do som dentro do gênero. O primeiro deles, diz respeito a uma rádio digital, disponibilizada pelo provedor. Para o acesso aos canais da rádio, basta um clique na barra de rolagem para que a janela indicada em 1 se abra com as opções, como se pode ver na figura. Os participantes podem escolher um canal e ouvir música enquanto interagem na sala. Há casos em que eles combinam o mesmo canal e a mesma música, o que suscita tópicos conversacionais, como pode ser lido em Araújo (2004a).

O recurso 2, chamado por Marcuschi (2004) de *sistema de alerta*, mostra-se muito útil para quem não quer ou não pode se desligar de alguma outra atividade na Internet, enquanto participa do *chat* aberto. Para garantir isso, ao clicar na barra de rolagem a janela indicada em 2 se abre com as opções de som que podem ser selecionadas. Ao selecionar qualquer um daqueles sons indicados, o internauta pode continuar suas tarefas com uma certa tranqüilidade porque, se a ele(a) for destinada uma mensagem, o próprio sistema o avisa através de um som, como mostra o exemplo, abaixo, retirado de um trabalho anterior:

(12:48:26) **Secretã videokê** @ *grita com b@nb@n@: perdaum, estava minimizada vendo o e-mail! Mas ouvi teu chamado e vim :-))* (ARAÚJO, 2004a, p. 102 [destaques no original]).

O recurso indicado em 3 é uma possibilidade concreta de enviar uma música para todos na sala (ou para quem o internauta se interessar). Este envio se dá por uma curiosa materialidade gráfico-visual de um botão digital, como este , retirado do *corpus* analisado no trabalho mencionado acima (cf. ARAÚJO, 2004a). Como se afirmou naquele trabalho, a projeção hipertextual se dá por um jogo

⁷² Sobre a relevância de estudar as interfaces dos gêneros digitais ver também o trabalho de Watters & Shepherd (1997).

intersemiótico entre a imagem do botão, o som que decorre de sua ativação e da escrita que ele suscita, já que os participantes não deixam de comentar, por escrito, a música enviada.

A janela indicada em **4** representa a quarta possibilidade do uso de aspectos sonoros do hipertexto produzido no <CAB>. Trata-se do envio de sons que preenchem alguns canais paralingüísticos próprios da comunicação nos *chats*. Caso os participantes deste *chat* não possuam, em seu “kit multimídia”, uma câmera e um microfone, eles não se vêem nem se ouvem e, por isso, não têm acesso aos sons do ambiente e/ou da melodia da voz de seus interlocutores, o que os obriga a tentarem superar esse vazio com os sons indicados em **4**. Neste caso, se alguém deseja exprimir o desejo de beijar, pode enviar um som que simula este gesto, basta selecionar, por exemplo, a opção *smack* indicada na referida figura.

Além do som, como defende Xavier, no conjunto de seus trabalhos, a imagem também faz parte do modo digital de enunciar, uma vez que ela entra nas negociações de sentido que são deliberadas pelos produtores/consumidores dos gêneros de hipertexto. Neste sentido, o recurso **5**, também destacado na figura acima, serve para que se enviem pequenas imagens que, geralmente, indicam o estado de espírito dos participantes. Finalmente, no centro da tela, o número **6** representa a presença dos *hyperlinks* dentro do gênero, os quais assumem diversas funções que variam, comumente, de publicidades do provedor até a intensa troca de endereços eletrônicos, geralmente, de *sites*, *blogs* ou *fotologs* entre os participantes.

Antes de passar para o próximo gênero da constelação, desejo salientar que os recursos destacados na figura não são exclusividade do *chat* aberto, pois alguns deles se repetem em outras salas de bate-papo onde funcionam outros gêneros da constelação. O que pude constatar é que o uso desses recursos é mais constante no <CAB> e, a meu ver, isto se justifica porque a concorrência por parceiros é bem maior neste gênero do que nos *chats* duais da constelação, o que possibilita a

afirmação de que os recursos acima se configuram como características mais do *chat* aberto do que de outros.

4.2 HIPERTEXTUALIDADE PEDAGÓGICA

Ao iniciar este item, considero importante descrever as possibilidades interativas presentes na tela do <CED>, o qual, como foi anunciado no capítulo 3, está hospedado no ambiente digital chamado **TelEduc**. A descrição que apresento a seguir é relevante porque mostra um conjunto de combinações técnico-lingüísticas das quais dependem a construção do hipertexto produzido neste tipo de *chat*.

O **TelEduc** foi, originalmente, elaborado pelo Núcleo de Informática Aplicada a Educação (NIED), um grupo de pesquisa da Universidade Estadual de Campinas interessado em ensino a distância através da *Internet*. Todavia, esse dispositivo se expandiu para outros centros universitários, como a Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), por exemplo. São várias as possibilidades de interação que se pode encontrar ali, entre os quais está o foco de meu interesse, que é o bate-papo.

Segundo Viviane Pereira (2004), que estudou “algumas perspectivas educativas” no *chat* do **TelEduc**, o ambiente digital deste bate-papo educacional é

leve (cores, estrutura e *design*) e amigável, no sentido de que, embora não tenha muitos recursos [...] (compartilhamento de programas, *webcam* etc.), o usuário sente menos dificuldade em acessá-lo. Vale ressaltar que, para acessar este ambiente virtual, é necessário o usuário ter um *login* e uma senha (identificação do usuário) de acesso ao curso que, previamente, deverá estar inscrito (p.32).

A fim de ilustrar essas afirmações e informações da autora, disponibilizo abaixo uma figura que representa as interfaces do *chat* educacional ofertado pelo **TelEduc**. O objetivo é o de destacar que a produção do hipertexto conversacional é

sempre o resultado de um conjunto de comandos que se assemelham à manipulação dos *links* em uma *homepage* qualquer.

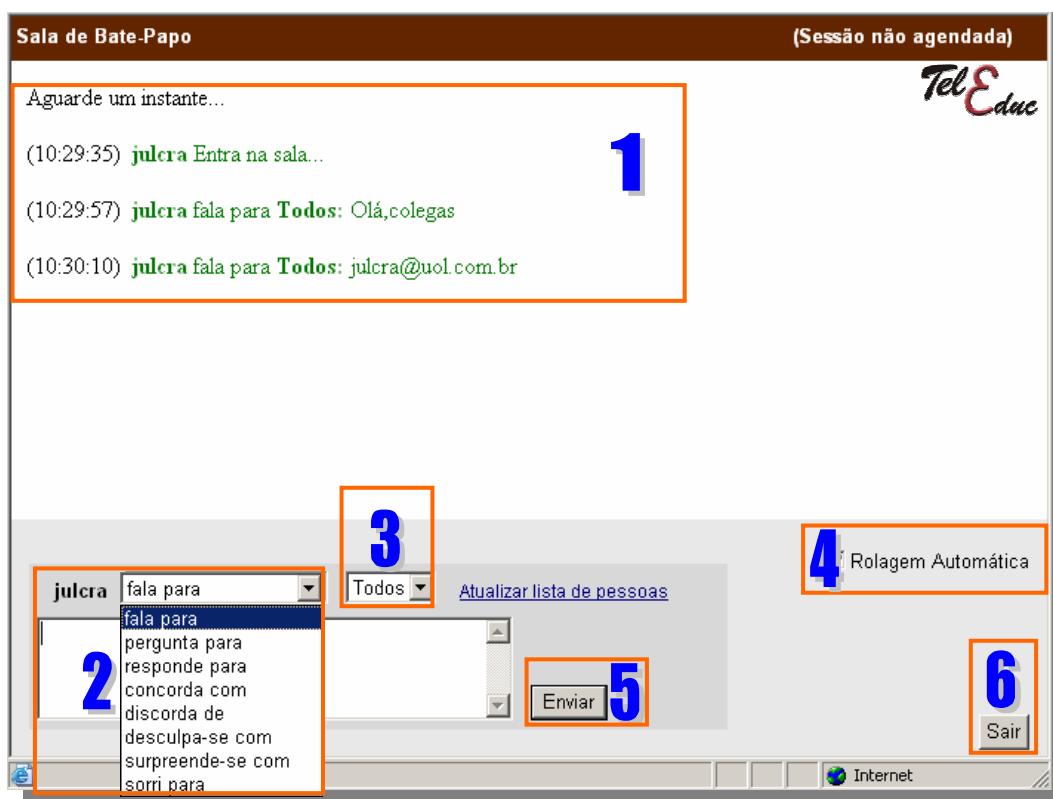


FIGURA 20 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CED>

A tela acima, também legendada para facilitar a compressão da análise das interfaces, evidencia o ambiente volátil onde se materializa o gênero <CED>, ambientado, neste caso, no projeto **TelEduc**. A apresentação desta figura se faz relevante porque ela realça os recursos operacionais que devem ser manipulados pelos participantes, a fim de efetivarem o uso do gênero. De acordo com Freire (2003), uma das restrições impostas por esses “novos” gêneros é justamente aprender a lidar com os recursos de suas interfaces, os quais assumem sempre uma função relevante para o funcionamento do gênero. Aprender a utilizá-los é, portanto, uma das condições de participação nos bate-papos.

Em qualquer sala de *chat*, o sujeito deve saber utilizar alguns dispositivos digitais cujo funcionamento se assemelha àqueles que são próprios da navegação

hipertextual. Esse uso exige do *chatter* a mesma necessidade de saber operar com o teclado e, sobretudo, com o *mouse* para manipular os *links* de uma *homepage*, por exemplo, a fim de adentrar no labirinto da atividade de hiperleitura. Assim, é possível afirmar que não haverá a presença da escrita no *chat* se esta não for uma mescla constante entre o uso intenso do teclado e os muitos cliques do *mouse*.

Ao observar a tela da figura 20, é fácil compreender que o hipertexto produzido no *chat*, representado pela legenda 1, é resultado de uma série de operações bastante similares às aquelas usadas na manipulação dos *links* dispostos em uma página eletrônica qualquer. Basta que se veja, por exemplo, como o ato de fala se processa nos *chats*. Há nas telas destes gêneros dispositivos que permitem a articulação entre os atos ilocutórios e as intenções pretendidas pelos produtores/consumidores do <CED>. Para que essa combinação ocorra satisfatoriamente, é necessário que o sujeito tenha a habilidade de acionar o recurso 2 da figura, pois, ao fazê-lo, poderá optar por vários atos ilocutórios, tais como o *fala para*, o *pergunta para* [...] o *desculpa-se com*, etc. A mesma operação é feita com a utilização do item 3, cujo funcionamento permite selecionar o interlocutor a quem se direcionará o turno digitado. Esses procedimentos permitem a abertura de uma janela contendo as informações necessárias para o acesso aos atos ilocutórios, no caso de 2, e aos *nicknames* de todos os participantes do *chat*, no caso de 3.

Ao marcar com o *mouse* a opção 4, o hipertexto produzido naquele ambiente passa a assumir um movimento vertical e, dependendo da quantidade de sujeitos a utilizar o gênero naquele momento, a rolagem é tão rápida que pode dificultar o acompanhamento dos tópicos em construção, o que exige dos sujeitos muita habilidade e rapidez na leitura e na digitação. Tal exigência me lembra as palavras de Mestrinelli (2005) quando afirma que “o texto produzido nesse espaço surge na tela por meio de uma grande quantidade de linhas paralelas (como na escrita usual) [só que] em movimento” (p. 63). Isto significa, em outras palavras, que é preciso saber operar com a barra de rolagem automática, cujo recurso está indicado na tela por 4,

pois o movimento vertical é ressignificado pelos *chats* como um elemento semiótico e pode ser considerado, sem dúvidas, uma das características do hipertexto produzidos nesses gêneros.

Finalmente, os itens **5** e **6** na interface do **TelEduc** representam uma espécie de botões digitais, semelhantes ao mostrado na análise anterior. Cada um desses botões desempenha funções diferentes. Enquanto o primeiro é um comando de envio do texto digitado para o interlocutor selecionado no item **3**, o segundo funciona como uma espécie de *link* que ejecta o participante para fora da sala de bate-papo, conduzindo-o para um outro ambiente do **TelEduc**. Por isso, saber manipular os dispositivos destacados na figura acima é uma habilidade que, se não tem como berço a cultura da informática, intensificou-se com os usos cotidianos dos gêneros hipertextuais.

A este respeito, Paiva (2004), ao reivindicar o *status* de gênero para o *e-mail*, faz uma bela analogia entre a noção de competência tecnológica e o conceito de competência pragmática desenvolvido por Crystal (1985)⁷³. Discutindo essas noções e as aplicando ao domínio discursivo digital, a autora realça a importância de os internautas desenvolverem

a habilidade para fazer escolhas adequadas e **observar restrições** na interação social de forma a se comunicar de forma efetiva e bem sucedida. O usuário com competência pragmática, além de **usar a língua de forma adequada ao contexto** [no caso, um <CED>], seleciona e utiliza seus atos de fala, silêncios e *emoticons* de modo a produzir sentido e estimular a interação [...] **tirando o melhor proveito possível de todas as ferramentas** disponíveis (PAIVA, 2004, p. 78 [grifos meus]).

As palavras de Paiva sinalizam para, pelo menos, três aspectos que caracterizariam a competência tecnológica sobre a qual discute: a habilidade para fazer escolhas, a observância das restrições impostas pelo gênero e o uso adequado da língua. Assim, é possível afirmar com a autora que, para obter êxito em práticas

⁷³ CRYSTAL, D. **A dictionary of linguistics and phonetics**. 2nd. Edition. Oxford: Blackwell.

discursivas da *Web*, como o <CED>, por exemplo, é preciso ser habilidoso para **fazer determinadas escolhas**.

No caso da figura 20, as escolhas podem ser relacionadas à seleção dos interlocutores e dos atos ilocutórios que permitem a interação com esses parceiros. Neste sentido, como bem descreve Firmino (2005), é importante saber operar com o recurso de selecionar os parceiros porque é por meio dele que se estabelecem as formas associativas possíveis em um bate-papo, Segundo este autor,

a seleção dos parceiros em um *chat* pode variar enormemente, abrangendo um espectro que vai de uma interação massiva, cujo objetivo é a totalidade dos integrantes da sala, passando por constituições mais restritivas, as quais têm por finalidade limitar o número de opções interacionais possíveis em um *chatroom* [...]. Assim, podemos acreditar que o número de opções existentes num *chat* tende a aumentar enormemente, caso o usuário tenha destreza suficiente para administrar sua participação em vários níveis associativos (FIRMINO, 2005, p. 47).

Além disso, é bom ter em mente que a hipertextualidade do *chat*, neste caso específico, pode ser explicada pela necessidade de “agenciamento de conexões”, a qual é representada pelos recursos legendados na figura acima. Saber gerir essas conexões promovidas pela combinação dos recursos no caso do <CED> é importante porque o usuário “estará escolhendo de onde partir e o que utilizar, de acordo com as outras escolhas feitas anteriormente por outros usuários” (cf. MESTRINELLI, 2005, p. 69). Vejamos o exemplo subsequente.

EXEMPLO 7

1. (14:32:18) **Marcus Fábio** fala para Cristiane: a internet também possui muitos sites interessantes com jogos educativos...
2. (14:32:37) **Marcus Fábio** fala para Cristiane: o site do escaleno, do iguinho...e outros
3. (14:34:51) **francimar** fala para Marcus Fábio: Me diz o endereço do iguinho este eu naum conheço...

Para que Marcos Fábio enviase o turno para Cristiane, antes ele selecionou o ato ilocutório **fala para** (cf. recurso 2) e o interlocutor **Cristiane** (cf. recurso 3) para depois acionar a tecla **enviar** (cf. recurso 5). Como essas combinações técnicas foram feitas por Marcos Fábio, elas nortearam as escolhas de **francimar**, confirmando a citação acima retirada de Mestrinelli (2005).

Por outro lado, quando não se gerencia bem as escolhas dos recursos, como o **3**, podem ocorrer mal entendidos conforme a ilustração do trecho abaixo.

EXEMPLO 8

- 1.(14:23:57) **Janete** fala para **Ana Rafaela**: Fale com o Professor Hemínio a respeito envie um email para ele
- 2.(14:25:30) **Ana Rafaela** fala para **Janete**: um email sobre o que??
- 3.(14:25:57) **Abelardo** fala para **Janete**: Sei sim. Ok enviarei.
- 4.(14:26:13) **Janete** fala para **Ana Rafaela**: desculpe, a mensagem era para o Abelardo
- 5.(14:26:26) **Ana Rafaela** fala para **Janete**: ah! tudo bem...

O segundo aspecto destacado na citação de Paiva (2004) diz respeito à **observação das restrições impostas pelo gênero** por parte de seus usuários. Uma das restrições, no caso dos *chats*, sem dúvida consiste em conseguir acompanhar o hipertexto produzido na sala, o qual, devido ao intenso fluxo conversacional que ponteia o *chat*, é acometido por um intenso movimento vertical, dependendo do número de participantes. Neste caso, as barras de rolagem farão com que toda a produção do hipertexto conversacional ganhe um frenético movimento vertical na tela digital, impondo aos participantes a necessidade de rapidez na digitação e fluência na atividade de leitura. Mesmo que em um <CED> não haja imagens em movimentos e/ou inserção de elementos sonoros como acontece em outros *chats* da constelação, considero que o movimento vertical do hipertexto na tela já influencia na produção/recepção do que é co-produzido ali.

EXEMPLO 9

1.(14:32:13) **Lia Sales** Entra na sala...

2.(14:36:21) **Lia Sales** fala para **Todos**: Acabei de chegar e estou um pouco perdida. O que está sendo discutido?

Os turnos reunidos no exemplo 9 demonstram bem o vertiginoso movimento do hipertexto no <CED>. Lia Sales entrou exatamente às 14:32 horas e o *chat* educacional havia começado precisamente às 13:35 horas. Ciente da existência das barras de rolagem e que elas se movimentam “conduzindo” todo o texto para cima, a internauta envia o turno 2 para pedir ajuda no sentido de situar-se na discussão. Ao fazê-lo, a usuária mostra ser conhecedora da natureza hipertextual do gênero que está a usar, pois sabe que, sem ajuda, não conseguirá compreender todo o hipertexto produzido antes de sua “entrada” na sala do <CED>, a fim de continuar interagindo sobre o assunto discutido. A preocupação com as barras de rolagem do hipertexto do <CED> pode ser ilustrada com o exemplo abaixo.

EXEMPLO 10

1.(14:06:19) **Jonathas** fala para **Todos**: a rolagem automatica de vcs funciona?

2.(14:07:29) **Marcus Fabio** fala para **Viviane**: funciona.

Retornando à citação de Paiva (2004), o terceiro aspecto que pode ser discutido diz respeito à necessidade da **adequabilidade do uso da língua** neste gênero. Isto remete também às palavras de Coscarelli (2002b), para quem as interações nos *chats* provocam manifestações lingüísticas com “características próximas da fala espontânea, tais como: a mudança constante de turno, frases curtas, discurso fragmentado” (p. 70), entre tantas outras. Claro que estas diferenças não se manifestam igualmente em todos os gêneros da constelação, mesmo que todos tenham sua pré-existência em gêneros orais. Todos estes aspectos, que também foram destacados por Paiva (2004), são corroborados por outros cientistas e indicam que se

os usuários conseguirem, de fato, tirar “o melhor proveito possível de todas as ferramentas disponíveis” (p. 78) nos *softwares* que permitem o funcionamento dos *chats* poderão ter sucesso em suas atividades de interação.

É neste sentido que Mestrinelli (2005) diz que os *chats* são gêneros poderosos, e que a sua utilização exige “o domínio de determinados comandos básicos” (p. 70). Assim, os comandos ilustrados pela figura 19 servem para mostrar que as habilidades, designadas por Paiva (2004) de **competência tecnológica**, não se limitam unicamente à navegação pelas páginas da *Web*, mas se estende às mais variadas formas de enunciar na esfera discursiva digital, inclusive aos *chats*. Quanto a um exemplo de adequabilidade do uso da língua no <CED>, o trecho abaixo traz uma boa ilustração.

EXEMPLO 11

1.(15:18:23) **Eufrasio** fala para **David**: Ei Luiz David. O que vc ta achando deste Chat?

2.(15:20:04) **David** fala para **Eufrasio**: Amigo Luis, aqui tá tudo ok... Vai tentando acompanhar, no início é meio estressante tentar dar conta de tudo que se fala aqui,, mas relaxa aí que vc vai se acostumar:-)

Os turnos que compõem o exemplo 11 ilustram bem a maneira como os participantes iniciantes, no caso do turno 1, e os mais proficientes, no caso do turno 2, sentem-se no <CED>. Mesmo **Eufrásio**, o qual demonstra estar “perdido”, faz um bom uso da noção de adequabilidade do uso da língua no gênero, já que ao interpelar **David**, o faz como se estivesse face a face, usando o vocativo acima. Além disso, faz uso de formas abreviadas porque sabe que se trata de um *chat*. **David**, cujo turno permite a inferência de que ele seja um usuário mais proficiente do gênero, confirma que os gêneros hipertextuais, de fato, podem provocar um certo *stress* cognitivo nos iniciantes (cf. ARAÚJO, 2004a).

O curioso é que, segundo este exemplo, o usuário acaba por se adaptar àquilo que antes lhe provocava *stress*. Se for assim, é porque talvez os sujeitos estejam

desenvolvendo novas estratégias cognitivas para operar com gêneros tão complexos, como os digitais. Como isso é demonstrado empiricamente aqui, talvez seja razoável, ao menos, cogitar que estamos diante de uma pista segundo a qual os gêneros hipertextuais, de algum modo, “podem [sim] estar trazendo alterações qualitativas para a cognição de seus usuários” (FREITAS, 2005, p. 30). No turno de **David**, além dessas pistas de adaptações cognitivas às restrições impostas pelo gênero, é possível flagrar ainda o uso adequado da língua que ele faz, pois ainda que esteja usando a modalidade escrita da língua ele se sente falando, confirmando o que Hilgert (2001) já havia discutido em um trabalho bem anterior a este.

A própria palavra *chat* utilizada por **Eufrásio** serve para reforçar essa análise, já que em nenhum momento eles se referem ao evento como se estivessem em uma aula⁷⁴. Nesta esteira, pode ser importante para minha análise recordar um outro trabalho no qual, ao observar a caracterização do discurso pedagógico em *chats* educacionais, constatei que algumas lexicalizações encontradas no *corpus*, tais como

chat, **nosso papo**, **divertido** sugerem que todos estão cômnicos de que não estão em uma aula convencional. Sentem-se muito mais como *internautas* que “batem papo” em uma sala de *chat* do que como alunos e professores em uma aula localizada entre os muros de uma escola qualquer (ARAÚJO, 2005a, p. 102 [destaques no original]).

Com base nesta afirmação, o leitor poderia se perguntar sobre o que o discurso pedagógico em um *chat* tem a ver com a hipertextualidade. A resposta é fácil, o que não significa dizer que o assunto não seja polêmico e complexo.

Ao assumir com Xavier (2002) e Marcuschi (2004) que o hipertexto é, no caso do primeiro, “um modo digital de enunciar e construir sentidos” (pp. 28-29), e no do segundo, “um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros” (p. 26) da ambiência digital, então é coerente a afirmação de que o <CED>, sendo uma

⁷⁴ No capítulo 5, retornarei a esta discussão com mais detalhes, já que ela fatalmente resvalará para o fenômeno formativo dos gêneros da constelação alvo desta Tese.

das ferramentas semióticas que permitem a enunciação digital, é um gênero hipertextual, seja por alterar sensivelmente o discurso pedagógico, já que este se constrói circundado por outras condições de produção, seja pelas complexas combinações realizadas entre os recursos técnicos disponíveis aos participantes. Some-se ainda a complexa simulação que os usuários têm de fazer de uma interação oral em pleno ambiente hipertextual, desafiando conceitos, como o de temporalidade, o de espacialidade, o de oralidade, o de escrita, o de presença e tantos outros.

Na seqüência, apresento mais um fragmento de bate-papo, retirado de um <CED> para continuar explicitando a natureza hipertextual desse gênero, desta vez focalizando as possibilidades da presença de *links* em seu interior.

EXEMPLO 12

1.(14:32:18) **Marcus Fábio** fala para **Cristiane**: a internet também possui muitos sites interessantes com jogos educativos...

2.(14:32:37) **Marcus Fábio** fala para **Cristiane**: o site do escaleno, do iguinho...e outros

3.(14:34:21) **Daniele** fala para **Todos**: A internet possui muitas possibilidades, mas como qualquer outro programa precisa ser bem utilizado e para isso é preciso dominar o uso de suas ferramentas

4.(14:34:51) **francimar** fala para **Marcus Fábio**: Me diz o endereço do iguinho este eu naum conheço...

5.(14:35:14) **lianeide** fala para **Cristiane**: A internet sendo utilizada como fonte de pesquisa, pois é rápida e eficiente. Porém o problema que os alunos não leem o que pesquisa só copia.

6.(14:36:01) **Marcus Fábio** fala para **francimar**: www.iguinho.com.br

7.(14:36:14) **Cristiane** fala para **Todos**: Lianeide ese problema não acontece somente com a internet, mas tb com livros, não acha?

8.(14:36:38) **francimar** fala para **Marcus Fábio**: Valeu, vou utilizar com a criançada...

9.(14:37:19) **Cristiane** fala para **Todos**: Pois é pessoal, a internet propicia a criação de ambientes ricos, motivadores, interativos, colaborativos, cooperativos...

10.(14:37:39) **lianeide** fala para **Marcus Fábio**: Marcus os meus alunos a 1ª série adoram esse site, porque tem vários jogos nós aplicamos os conteúdos em sala depois adequamos a um dos jogos do iguinho. Muito legal mesmo...

11.(14:38:37) **David** fala para **Todos**: Ei, fui la esse site eh bem legalzinho msm!

Neste exemplo, pude obter dois tópicos conversacionais que se intrinacam. O primeiro diz respeito à temática que gira em torno da inserção das novas tecnologias no ensino. Percebi por parte dos participantes uma certa cautela, a fim de podar os excessos de euforia oriundos dos outros parceiros. Gravita em torno desse tópico maior, a curiosidade acerca de *sites* pedagógicos que possam ser utilizados como ferramentas para o ensino. É neste segundo tópico que reside o meu interesse porque ele abre a possibilidade de trocas de endereços eletrônicos no <CED>. Neste sentido, os endereços eletrônicos servem de *links* que podem levar os participantes para outros ambientes do *cyberspace*, sem que eles deixem a sala onde ocorre o <CED>.

Logo no primeiro turno, **Marcus Fábio** desperta a curiosidade de todos ao falar dos *sites* educativos que ele conhece. O turno 1 parece ser o desencadeador de todos os outros, já que com ele a presença de *links* dentro do <CED> é defensável. Sem digitar os endereços dos *sites*, **Marcus Fábio** apenas os cita como “*o site do escaleno, do iguinho*”. No turno 4, **Francimar** solicita o endereço do iguinho. Em meu entender, este sujeito compreende as especificidades do meio digital de enunciar, pois ao pedir o endereço de seu interlocutor, na verdade, ele está pedindo um *link*, pois sabe que tal “engenhoca”, como diz Burbules (1998), tem o poder de representar o hipertexto “como uma teia sêmica de relações de significado” (p. 105) e de transportá-lo ao outro ambiente digital que lhe despertou o interesse.

Isto se justifica porque **Francimar** compreende que os *links* “oferecem diferentes caminhos para os usuários” (SNYDER, 1998, p. 126), inclusive os de <CEDS>. É tendo também essa consciência, ainda que intuitiva, sobre a qual teorizam Burbules e Snyder, que **Marcus Fábio** envia para **Francimar** o seguinte *link*: www.iguinho.com.br. Ao aparecer dentro do *chat*, um outro participante, através do turno 11, oferece uma pista inegável de que o *link* funciona no *chat*, pois ele afirma categoricamente: “*Ei, eu fui lá esse site eh bem legalzinho msm*” [grifos meus].

O dêitico **lá** não está, inocentemente, neste turno, pois sinaliza bem para as funções enunciativas dos *hiperlinks*, as quais, de acordo com Xavier (2002), são **lingüísticas e dêíticas**. Essas funções tornam os *hiperlinks* indispensáveis

devido à sua natureza de dispositivo técnico-informático, que lhes permite realizar **ágeis deslocamentos de navegação on-line por locais de informação nunca antes visitados pelo usuário**, e também por causa de sua **capacidade de fazer referências digitais-remissivas**, que possibilitam ilações mentais e acessos virtuais instantâneos do hiperleitor a Hipertextos outros, algumas vezes completamente incompatíveis entre si, outras vezes ligados por laços retórico-argumentativos (XAVIER, 2002, p. 160 [grifos meus]).

Assim sendo, esta citação lança luzes que me permitem clarificar melhor a presença e o uso do *link* no interior do <CED> em análise.

Os grifos feitos no excerto realçam que os participantes estão conscientes de que podem sair do *chat* e realizar ágeis deslocamentos para outros ambientes, além de fazer uso de outros gêneros. Como se pode capturar do turno 11, o *link* permitiu que Davi tivesse acesso a um local que nunca havia visitado antes: a página do provedor **IG** que se destina ao entretenimento educativo do público infantil. Na tentativa de compreender a importância que os sujeitos atribuíam àquele *site*, resolvi acessar o endereço para o qual remetia o *link* acima, o que me levou à seguinte tela:



FIGURA 21 - *SITE DO IGUINHO*

Não é meu interesse analisar os recursos pedagógicos do *iguinho*, apenas julguei importante buscar conhecê-lo já que os sujeitos demonstraram gostar muito desta *homepage*. Basta observar os detalhes da figura para ver o quanto as ilações possíveis de serem realizadas através do *link* www.iguinho.com.br podem ser confirmadas. Isto se explica porque o *site* traz, consoante já anunciei, uma gama de sugestões de atividades educativas. Neste sentido vale retomar aqui o turno 10 do exemplo 12 no qual

(14:37:39) **lianeide** fala para **Marcus Fábio**: Marcus os meus alunos a 1ª série adoram esse site, porque tem vários jogos nós aplicamos os conteúdos em sala depois adequamos a um dos jogos do iguinho. Muito legal mesmo...

O que é interessante destacar aqui é o fato de o usuário poder se deslocar da sala de bate-papo que abriga o <CED>, por um simples clique de *mouse*, sem, contudo, desligar-se da interação do *chat* educacional. Isto só é possível graças à função dêitica do *link*, a qual, segundo Xavier (2002) “funciona como um *apontador enunciativo*, e, por essa razão, é também um *focalizador* de atenção” (p. 163), já que sua aparência se destaca dos outros elementos composicionais do hipertexto, seja porque aparece sublinhado em cor diferenciada, seja porque pode assumir formas de imagem. Além disso, complementa Xavier, “toda essa roupagem que reveste o *hyperlink* torna-o um atrativo e poderoso recurso de sedução do leitor e de enunciação do seu desejo de conhecer os segredos que se escondem *por trás dele*” (pp. 163-164).

Isto pode ser observado no trecho do <CED> aqui analisado, sobretudo pelo último turno do exemplo 12, cujo conteúdo revela que David não resistiu aos segredos que estavam escondidos “por trás” do www.iguinho.com.br. Finalmente, é salutar dizer que, não obstante essa “suposta” liberdade que os *links* dão aos *hiperleitores*, é importante observar com Marcuschi (1999) que um leitor sem objetivos claros pode se perder no labirinto da *hiperleitura* e perder a noção de **coerência** e de **topicidade** (p. 33). Nessas palavras, o autor sugere que um internauta sem orientação, por mais raro que isso possa ser no caso dos <CED`S>, pode ficar tão “envolvido” com o que descobriu ao clicar no *link* disponibilizado no *chat* a ponto de esquecer de voltar para o <CED>, por exemplo.

Para encerrar a discussão sobre a natureza hipertextual do <CED>, vale a pena mostrar outro exemplo no qual os participantes não só evocam a presença de *links*, como os percebem como dispositivos necessários para a complementação dos sentidos que estão sendo construídos dentro do bate-papo educacional.

EXEMPLO 13

1.(15:24:37) **Adriano Lima** fala para **Todos**: Tive a oportunidade de presenciar uma apresentação bastante interessante sábado em um curso de especialização onde eu e Dina estamos monitorando e

gostaria que o André pudesse dizer o [link](#) da página que ele apresentou e [faz uma abordagem bastante interessante sobre a Exclusão Digital](#)

2.(15:27:14) **André** fala para **Adriano Lima**: aí vai o site da Revista Eduk - para quem quiser ler ou enviar opinioes e informações sobre informática educativa
http://www.neomaster.com.br/Colegio_Master_arquivos/Informatica/Revista%20Eletrônica/Index.html

3.(15:28:08) **Adriano Lima** fala para **André**: VALEU ANDRÉ!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

O que convém destacar no exemplo acima, além da presença do *link*, é a consciência que os participantes deste gênero possuem acerca de sua natureza hipertextual, evocando, inclusive, a palavra **link**, no turno 1.

Ao fazê-lo, o participante desta sessão me leva a interpretar sua escolha lingüística como uma importante pista de que todos sabem que podem “ir” ao ambiente indicado por André (cf. turno 2), mas sem “sair” da sala onde ocorre o <CED>. O exemplo mostra que qualquer gênero da constelação dos *chats* é passível de ser *hiperlinkado* a outros gêneros digitais que permitam sua utilização no complemento da construção de sentidos acerca do tema discutido durante a conversa. Isto implica na afirmação de que os *links* não são características hipertextuais exclusivas do <CED>, mas de um modo digital de enunciar do qual faz parte a constelação dos gêneros *chats*.

4.3 UMA “ENTREVISTA” HIPERTEXTUAL

Hilgert (2001) define o *chat com convidado* <CCO>, aqui considerado um gênero transmutante, como uma **conversa** informal, o que já remonta ao fato de a entrevista, gênero transmutado, ser primordialmente oral. Quando define o <CCO> como uma conversa ‘por escrito’, Hilgert também adianta algumas características do funcionamento desse evento e informa que, semelhantemente ao que ocorre com o <CED>, no *chat com convidado* também há uma hora previamente marcada e publicada para que o bate-papo aconteça sob os comandos de um mediador.

Em suas palavras,

o **bate-papo com convidado** consiste numa **conversa informal** entre um grupo de pessoas numa sala virtual e um convidado, que pode ser um escritor, um cantor, um artista, um publicitário ou qualquer outra personalidade. A interação tem início em **hora marcada antecipadamente anunciada** e é coordenada por um **mediador** que seleciona as perguntas a serem dirigidas ao convidado (p. 23 [grifos meus]).

A figura abaixo ratifica as palavras de Hilgert (2001).

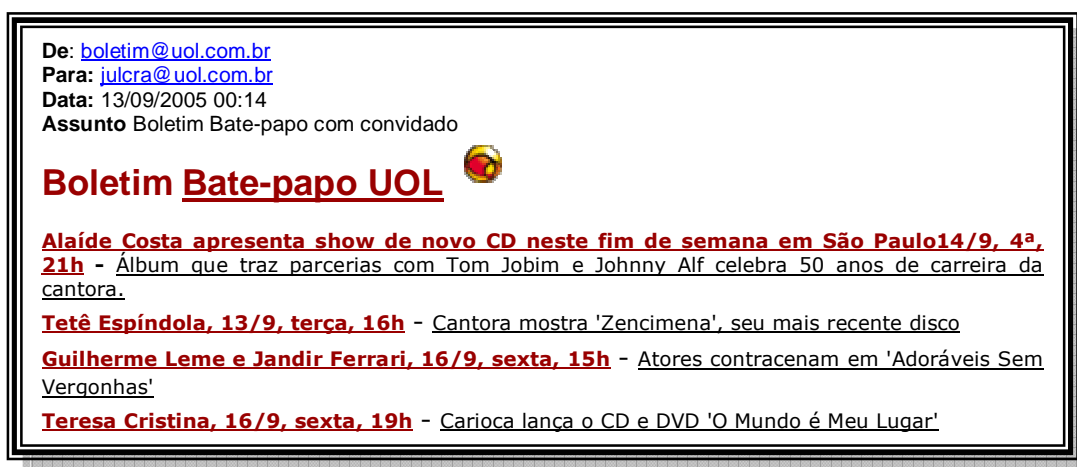


FIGURA 22 - BOLETIM DO <CCO> DO UOL

Este boletim é enviado aos *e-mails* dos assinantes do provedor e cumpre a função de divulgar a agenda dos *chats* com convidado. Como se pode ver, são publicados a personalidade convidada, o assunto, o dia e o horário do *chat*. Neste sentido, talvez a designação **chat agendado** usada por Marcuschi (2004) para se referir ao **ICQ**, também se adequasse ao <CCO>.

Embora Hilgert (2001) mostre aqueles elementos que são pertinentes para o entendimento desse *chat*, acredito que há mais para se verificar, tal como a sua natureza hipertextual, por exemplo. Além disso, é bom lembrar que, em seu trabalho, não é o **chat com convidado** o objeto focalizado e sim o **chat aberto**. Por

esta razão, ocupando-me do primeiro, passarei à análise de seus aspectos hipertextuais.

Marcuschi (2004) afirma que “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a **centralidade da escrita**” (p. 18 [grifos meus]). Gostaria de pensar um pouco nessa afirmação para dizer que a considero fechada demais face à definição de hipertextualidade discutida no capítulo 2 e retomada no início deste. Faço tal afirmação porque os dados desta pesquisa autorizam a sugestão de que, no domínio discursivo digital, a linguagem verbal não é tão central assim, o que também não significa dizer que é hierarquicamente inferior às outras que coexistem juntamente com ela.

Acerca disso, Xavier (2002, p. 100), ao falar da intersemiose que se projeta na tela digital, afirma que

essa bricolagem digital de modos de enunciação, em uma mesma e única tecnologia enunciativa, apóia a teoria de que o Hipertexto disponibiliza ao homem pós-moderno mais um modo de enunciar: o digital, e, ao mesmo tempo, **descentraliza a escrita**, enquanto tecnologia enunciativa dominante. O Hipertexto pulveriza os modos de enunciação e **esvazia não só a idéia de predomínio do modo verbal, mas lança [...] vários outros modos que devem ser processados “todos ao mesmo tempo agora”** [grifos meus].

Com base na citação acima, entendo que a intersemiose passa a ser uma característica importante nos gêneros digitais que, ao aclimatar tantos outros em seu interior, reinterpreta-os em seu ambiente virtual e se enriquece com outras linguagens.

Sendo assim, é relevante conceder destaque à intersemiose som-imagem-escrita presente no **chat com convidado** a fim de flagrar suas características hipertextuais. Para isso, veja-se a figura 23 a seguir, a qual foi legendada com números azuis e caixas laranjas para ajudar sua compreensão por parte do leitor.

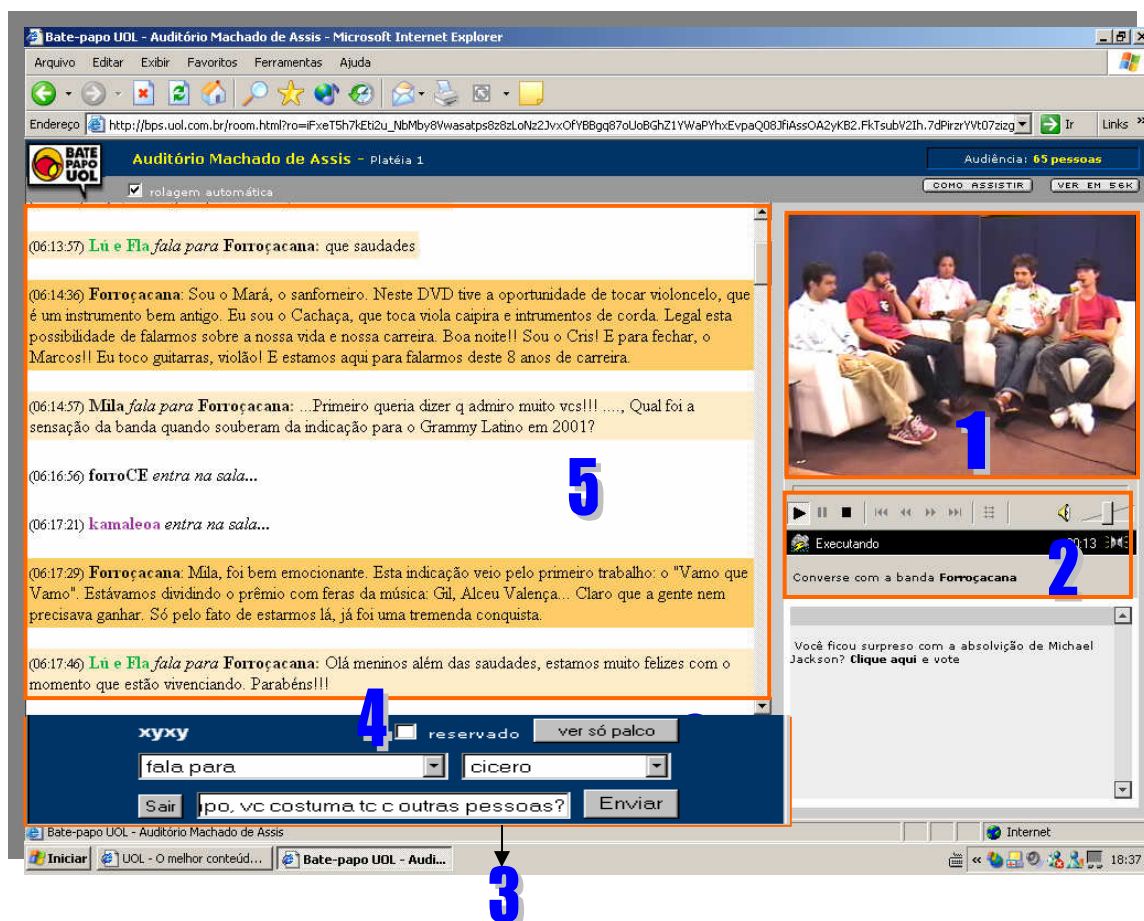


FIGURA 23 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CCO>

Seguindo o sentido horário, podemos verificar como essa variedade de bate-papo opera com os índices hipertextuais (som-imagem-escrita), próprios da *Web*, além de outros recursos técnicos.

No recurso 1, o usuário pode ver o(s) convidado(s) em tempo real, graças à transmissão ao vivo de vídeo e áudio no formato *Windows Media*. Este recurso permite que o usuário assista em vídeo às imagens do(s) convidado(s), ao mesmo tempo em que também conta com a linguagem verbal para escrever e ler as perguntas e as respostas do bate-papo. Ainda na parte da tela em que é exibido o vídeo, indicado por 2, o *internauta* pode operar com o som através dos “botões digitais”, que com um simples clique de *mouse*, oferece os recursos de ativar a pausa, aumentar ou diminuir o volume da voz do(s) entrevistado(s) e do moderador que lhe transmite as perguntas.


Os recursos **3** e **4** são iguais para todas as variedades de *chats*. O primeiro é o espaço onde o usuário digita suas “falas” e o segundo permite que se acione o recurso *reservado*. Ao ativá-lo, os turnos enviados só aparecerão na tela de quem foi selecionado para recebê-los. Tal recurso, segundo advoga Marcuschi (2004) e segundo o que também defendo aqui, gera uma outra variedade de *chat*, denominado de **chat reservado**, já que apresenta outras características, como o uso mais reduzido de *emoticons*, de abreviações e de outras semioses, além de fazer com que os turnos possam ser maiores do que no **chat aberto**, por exemplo.

O recurso indicado por **5** representa a parte da tela onde se projeta o hipertexto conversacional em si. No caso da figura 23, os turnos ilustram um bate-papo entre uma banda de forró e seus fãs. Finalmente, ao acionar o “botão”, indicado por **6**, o sujeito pode escolher entre as opções **platéia** e **palco**. Optando pela primeira, o usuário verá projetado em seu monitor, além dos turnos dos entrevistados e as perguntas selecionadas, todo o desenrolar do bate-papo. Este recurso é importante porque permite que os usuários conversem entre si, instaurando, por vezes, dentro do **chat com convidado** uma espécie de **chat aberto**, ou seja, ocorre uma hibridização entre gêneros da mesma esfera discursiva.

É possível perceber pela tela que os turnos se projetam sob três cores. As duas primeiras são tons diferenciados de amarelo e a terceira sobre um fundo cinza⁷⁵. O amarelo mais forte destaca as mensagens enviadas pelo convidado do *chat* ao passo que a tonalidade mais fraca representa os turnos dos entrevistadores, isto é, os participantes. Ressalte-se que as cores, neste caso, são semiotizadas porque elas fazem parte da geração de sentido dentro desta modalidade de bate-papo. Isto significa que, se algum turno não estiver sob esses “fundos” coloridos, é porque ou não foi selecionado pelo mediador do *chat* ou não se dirige ao(s) convidado(s).


⁷⁵ Na análise as cores não aparecem, pois, com a finalidade de padronizar os dados, foi feita uma edição dos bate-papos.


EXEMPLO 14


(05:03:07)  **MODERADOR** (*reservadamente*) *fala para observador:* Sua mensagem foi enviada para o moderador UOL. Caso seja selecionada será publicada sobre um fundo amarelo. Obrigado.


O exemplo 14, além de mostrar a existência de um moderador neste tipo de bate-papo, sobre o qual discutirei mais adiante, chama a atenção para o fato de o entrevistador não ter a garantia de sua pergunta ser selecionada. Para que o participante/entrevistador saiba disso, é preciso que ele saiba qual o sentido que as cores assumem no <CCO>. No caso do exemplo 14, há um fundo cinza que indica ser sempre uma resposta automática do moderador. Em acréscimo, a mensagem do moderador orienta para que o entrevistador fique atento à cor amarela, pois, se sua pergunta for selecionada, ela será publicada para toda sala sobre um fundo com a cor indicada. O exemplo que se segue mostra uma situação que é muito comum no <CCO>, após muitas tentativas frustradas de “falar” com o entrevistado, o participante abandona a sala de bate-papo.

EXEMPLO 15

1.(06:31:03)  **==ñÄ@a o@1giñã|=-** *entra na sala...*

2.(06:38:07)  **==ñÄ@a o@1giñã|=-** *fala para Todos:* tá devagar né???

3.(06:42:14)  **==ñÄ@a o@1giñã|=-** *fala para Todos:* XAU GALERA MINHAS PERG NAUM SAUM SELECIONAD

4.(06:43:47)  **==ñÄ@a o@1giñã|=-** *fala para Todos:* FORROÇACANA, BJO A TODOS

O exemplo 15 mostra que a participante do *chat* que conversava com a banda **Forroçacana** direciona seus turnos para a opção **Todos** como quem protesta por não ter suas perguntas selecionadas. Neste caso, os turnos não estão marcados por nenhum fundo colorido e, antes de deixar a sala, a única forma que a fã da banda encontrou para “falar” com seus ídolos foi selecionando a opção **fala para Todos** e mesmo assim essa atitude foi para marcar a sua despedida da sala.

Esses recursos técnicos, tais como os que já foram descritos até aqui, são próprios da *Web* e exigem um mínimo de letramento digital por parte dos usuários que transitam por essa esfera complexa de comunicação. Além disso, os sujeitos, especialmente os inexperientes com as situações comunicativas da *Internet*, tendem a sofrer uma sobrecarga cognitiva, visto que operar com tantas semioses conjugadas e reinterpretadas nestes eventos comunicativos não consiste em uma tarefa muito fácil, sobretudo quando se tem que operar com o *mouse* e o teclado, simultaneamente. Sem falar na velocidade da leitura e da escrita, que deve ser razoável, a fim de dar conta de gêneros como os *chats*, cuja natureza conversacional é sincrônica.

Na seqüência, apresento um trecho do bate-papo com a banda **Forroçacana** que esteve na agenda do **UOL** no dia 14 de junho de 2005. Nele, alguns aspectos de hipertextualidade surgem, como o uso de um *link*, semelhantemente ao que se viu na análise do <CED> e se verá ainda em outros gêneros da constelação alvo deste estudo.

EXEMPLO 16

1.(06:52:59) **Aline** fala para **Forroçacana**: qual o horário da apresentação no Jóquei?

2.(06:56:11) **Forroçacana**: Aline, a gente não sabe exatamente. Mas procure na Internet sobre a "Festa da Providência". Qualquer informação está disponível no fone do nosso escritório (21) 2558 9913. E só para lembrar, o site da banda é www.forroçacana.com.br

Antes de qualquer coisa, adianto que o par dialógico (P-R) não se manifesta como o exemplo 16 mostra, o que poderá ser melhor compreendido no item 5.3. Na verdade, os horários entre parêntesis servem para mostrar a distância entre as perguntas feitas pelos fãs e as respostas enviadas pela banda. Sabe-se que a sincronia e a velocidade com que funcionam os gêneros *chats* provocam no hipertexto conversacional uma sintaxe bem diferente daquelas que se observa em outras situações comunicativas. Como foi observado em Araújo ([2003] 2005a) “os pares adjacentes, devido à rapidez com que se dá esta modalidade de **CMC**, não parecem mais adjacentes e o usuário deverá realizar as ligações coesivas mentalmente” (p. 64). Assim, para que facilitasse a análise, como anunciei na metodologia, foram feitos

pequenos recortes a fim de que facilitasse para o leitor a compreensão dos temas discutidos nos *chats*.

O turno 1, enviado por Aline, mostra uma de tantas possibilidades de manifestação concreta de hipertextualidade dentro do <CCO>, pois ao inquirir a banda sobre o horário de um dos shows, a fã foi remetida ao *site* dos artistas (cf. turno 4) através de um *link*, comprovando a tese de que os *chats* são gêneros hipertextuais. Insisto, porém, em dizer que não é o *link* que faz do <CCO> um gênero hipertextual, pois se assim o fosse, seria contraditório e redutor de minha parte.

Na realidade, o *link*, assim como todas as outras possibilidades descritas nas interfaces e turnos recortados dos *chats*, apenas realçam a materialidade do modo digital de enunciar que este gênero possui. O que o faz hipertextual, acima de qualquer outra coisa, é o fato de ser um gênero que permite a enunciação em um ambiente internetiano. E como diz Bakhtin ([1953] 2000), cada gênero carrega consigo as marcas da esfera a que pertence, então é natural que estas marcas se distribuam pelos gêneros que dão “suporte” verbal aos enunciadores.

À primeira vista, poderia afirmar que o <CCO> não apresenta grandes alterações hipertextuais, já que, assim como a maioria dos que compõem a constelação, permite a troca e a manipulação de *links*, de imagens e sons. No entanto, pautando-me pelos dados, posso afirmar que estamos diante de um gênero, do ponto de vista da hipertextualidade, bem mais complexo. Esta afirmação se justifica mediante o fato de que os participantes têm acesso à imagem em tempo real dos convidados com os quais conversam bem como o som das vozes do moderador e dos convidados. Diante dessa peculiaridade do *chat* com convidado, poderíamos nos perguntar: o que o internauta faz ao usar esse gênero, assiste a uma entrevista na **TV** ou bate papo na *Internet*? Ao que me pareceu, os recursos hipertextuais do <CCO> produzem um misto de entrevista televisiva com *chat*, deixando gênero em foco, hipertextualmente, mais complexo do que os outros da constelação.

4.4 A HIPERTEXTUALIDADE DOS SEGREDOS

Gostaria de começar a análise do *chat* reservado <CRE> retomando minha dissertação de mestrado (ARAÚJO [2003] 2005a) para dizer que naquele trabalho a leitura feita deste gênero foi muito redutora, já que ele foi compreendido apenas como um recurso do *chat* aberto. Atualmente, com Marcuschi (2004), entendo que estamos diante de um outro gênero, haja vista ser possível perceber sensíveis diferenças entre o <CRE> e os demais gêneros da constelação, como ainda será mostrado.

Na realidade, para isto ficar mais claro, é preciso entender que o reservado é também um recurso não só das salas de bate-papo onde ocorre o *chat* aberto, mas da maioria das outras também. Isto implica dizer que não se pode confundir a sala com o gênero que ela ambienta. Como salienta Wallace (2001 *apud* MARCUSCHI, 2004)⁷⁶, a sala de bate-papo é um dos muitos ambientes internetianos.

Seguindo este raciocínio, entendo que tais ambientes abrigam diferentes gêneros *chats*, constituindo a constelação. Por isso, pode-se usar o gênero *chat* reservado em qualquer sala, desde que ela disponibilize o recurso que permite o seu funcionamento. Neste sentido, Marcuschi (2004) mostra que

este gênero opera no mesmo ambiente que o anterior [*chat* aberto] e é uma de suas variações mais notáveis, porquanto a sala e seus recursos ficam os mesmos, mas só ficam presentes as duas pessoas que se selecionaram para interagir reservadamente (p. 48).

Os parágrafos e a citação precedentes sugerem que a natureza hipertextual do <CRE> se assemelha a dos outros, já que os recursos descritos, por exemplo, na análise feita no item 4.1 são os mesmos. A diferença reside exatamente na diminuição dos usos das interfaces semióticas, que não compromete a hipertextualidade do gênero. A natureza hipertextual da constelação dos *chats* não deve ser restringida à

⁷⁶ WALLACE, P. *The psychology of the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

presença/ausência de *links* e da intersemiose. Em minha opinião, o que deve ser observado é a ambiência digital na qual o <CRE> é abrigado, pois mesmo que a escrita tenda a ser a semiose mais utilizada por seus usuários, ela só será projetada na tela do computador, graças ao gerenciamento feito pelos internautas dos recursos já discutidos na análise dos outros *chats*.

Portanto, de acordo com o conceito de hipertexto adotado nesta Tese, o fato da existência de um *chat* reservado na *Internet*, independentemente de se poder flagrar ou não índices de hipertextualidade, já é o suficiente para reivindicar para ele o *status* de um gênero hipertextual. Veja-se o exemplo abaixo.

EXEMPLO 17

- 1.(04:07:59) **julcra** *entra na sala...*
- 2.(04:08:05) **gatinho msn** *(reservadamente)fala para julcra: oi quer tc reservado?*
- 3.(04:08:06) **julcra** *(reservadamente) fala para gatinho msn: tudo bem*
- 4.(04:08:19) **gatinho msn** *(reservadamente)fala para julcra: oi... blz??? 😊*
- 5.(04:08:20) **julcra** *(reservadamente) fala para gatinho msn: tudo*
- 6.(04:08:21) **gatinho msn** *(reservadamente)fala para julcra: aqi eh melhor naum acha?*
- 7.(04:08:25) **julcra** *(reservadamente) fala para gatinho msn: aki onde? pq?*
- 8.(04:08:27) **gatinho msn** *(reservadamente) fala para julcra: no reservado. agente pode ficar mais a vontade e quem sabe neh.... vc tc de onde? qual tua idade? vc tem msn?*
- 9.(04:08:29) **julcra** *(reservadamente) fala para gatinho msn: calama aí, são muitas as tuas perguntas. quem sabe o q?*
- 10.(04:08:30) **gatinho msn** *(reservadamente) fala para julcra: h ou m?*
- 11.(04:08:37) **julcra** *(reservadamente) fala para gatinho msn: h*
- 12.(04:08:39) **gatinho msn** *(reservadamente)fala para julcra: cara... to a fim de um papo bem legal com outro cara. e soh aqi no reservado agente pode falar neh? ai qem sAbe se vc topar... 🐞*

Este exemplo mostra bem o *chat* reservado como um gênero que permite evidenciar os “segredos” que não podem ser falados em aberto, talvez por isso se justifique o convite que recebi de meu interlocutor no turno **2**.

Ao aceitar de bom grado usar o <CRE> para estabelecer comunicação, meu parceiro de *chat* faz uso das imagens por duas vezes, o que torna o hipertexto ali produzido com mais riqueza semiótica. A primeira imagem é enviada no turno **4** para sugerir uma piscadela de olho, a qual, pelo conteúdo do bate-papo, está a serviço da construção do sentido. A segunda imagem aparece somente no último turno do recorte acima e serve para significar algo como desejo, excitação, justificando o título dado a esta seção da análise.

Ao contrário do <CCO>, não considero que o <CRE> apresente alguma característica hipertextual que o faça se destacar dentro da constelação, pois os usos de recursos hipertextuais que constatei nele também se repetem nos outros gêneros. Assim, a imagem e o gerenciamento de recursos, como barra de rolagem e o próprio recurso que ativa o “reservado” não são características exclusivas do <CRE>, mas de toda a constelação dos gêneros *chats*.

4.5 HIPERTEXTUALIDADE INSTANTÂNEA

Marcuschi (2004), ao se referir a um programa de bate-papo chamado ICQ, discute sobre um tipo de *chat* que se realiza em um *software* com este mesmo nome. Trata-se de uma conversação instantânea que ele designa de “bate-papo agendado” (p. 59) ou “gênero de bate-papo ICQ” (p. 50). A denominação **agendado** ou **agendável**, como pondera o autor, deve-se ao fato de o programa reunir uma lista de contatos, em sua grande maioria de pessoas conhecidas, com os quais se pode marcar um bate-papo em um determinado dia e horário. Mas pode ser que o gênero emerja de um encontro casual, no sentido de os interactantes não terem agendado aquele bate-papo. Isso é possível porque é próprio do *software* a possibilidade de rastrear os contatos adicionados na lista dos amigos desejados pelo usuário.

Para a presente análise, foi escolhido um gênero que, se não for o mesmo do ICQ, é muito próximo a ele, pois possui propriedades técnicas e características lingüístico-discursivas bastante aproximadas. Trata-se do *chat* personalizado do **MSN**, que, ao contrário do que pensava Marcuschi (2002-2004) na época em que produziu seu texto⁷⁷, é um gênero de muita popularidade. Em adendo, é importante dar destaque à observação de que o <CPE> é um gênero “bastante familiar aos que freqüentam salas abertas e gostam de montar agendas com pessoas interessantes ali conhecidas” (2004, p. 51).

Este realce é válido aqui porque a etnografia empreendida para a realização desta pesquisa confirma a observação do autor. Uma forte evidência disso está inscrita nos *nicks* dos participantes dos *chats*. Em meus dados, é possível perceber a insistência da expressão **MSN** na composição dos *nicknames* como se sugerisse a intenção de aumentar a lista de contatos de seus “donos”. Veja-se a figura subsequente.

NICKNAMES	CHATS
João msn	<CCO>
@RCANJO - msn	<CCO>
Peidaumsn	<CAB>
Ø ka@€nte(MSN)	<CRE>
MsNjA	<CRE>
M§µ§eksuagoraja	<CAB>
vamoproMSN?	<CAB>
gatinho msn	<CRE>

FIGURA 24 – A POPULARIDADE DO MSN FLAGRADA NA COMPOSIÇÃO DOS *NICKS*

A figura 24 reúne alguns exemplos que ilustram o quanto o *chat* personalizado abrigado pelo **MSN** é aceito pelos usuários dos gêneros *chats*. Os poucos exemplos do quadro servem para se ter uma idéia das muitas ocorrências desta natureza, o que vem ao encontro da constatação feita por Marcuschi (2004). Além dos *nicks* dos participantes, é comum encontrar alusão ao **MSN** também nos

⁷⁷ A referência ao texto de Marcuschi (2004) tem sua versão primeira em uma conferência feita pelo autor durante a abertura do GEL, acontecido na USP entre os dias 23 a 25 de maio de 2002.

turnos trocados, como os que se seguem no trecho de um <CCO>, abaixo, quando realizava minhas tentativas de conquistar os usuários de *chats* para uma entrevista.

EXEMPLO 18

(05:27:11) **julcra** (*reservadamente*) *fala para Sérgio-REC*: Vc se importa de participar de uma entrevista q estou fazendo sobre usuários de chat com convidado? Para facilitar, usarei meu e-mail. Trata-se de uma Tese de Doutorado sobre bate-papo virtual.

(05:34:52) **Sérgio-REC** (*reservadamente*) *fala para julcra*: ok, tens msn?

Este exemplo e a figura 24, ao mesmo tempo em que servem para mostrar a popularidade do <CPE>, podem ser utilizados aqui para se compreender a razão de tanta aceitação deste gênero.

Minha suposição é a de que, além de o gênero oportunizar uma conversa mais “personalizada”, sua natureza dinâmica e plurissemiótica atrai os usuários, sobretudo pela possibilidade da troca de fotos e outros arquivos, como vídeos, por exemplo. Neste sentido, é possível afirmar com Xavier (2004a), ao definir hipertexto, que este gênero é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagens que dialoga com outras interfaces semióticas” (p. 171), como mostra a figura 24 a seguir.

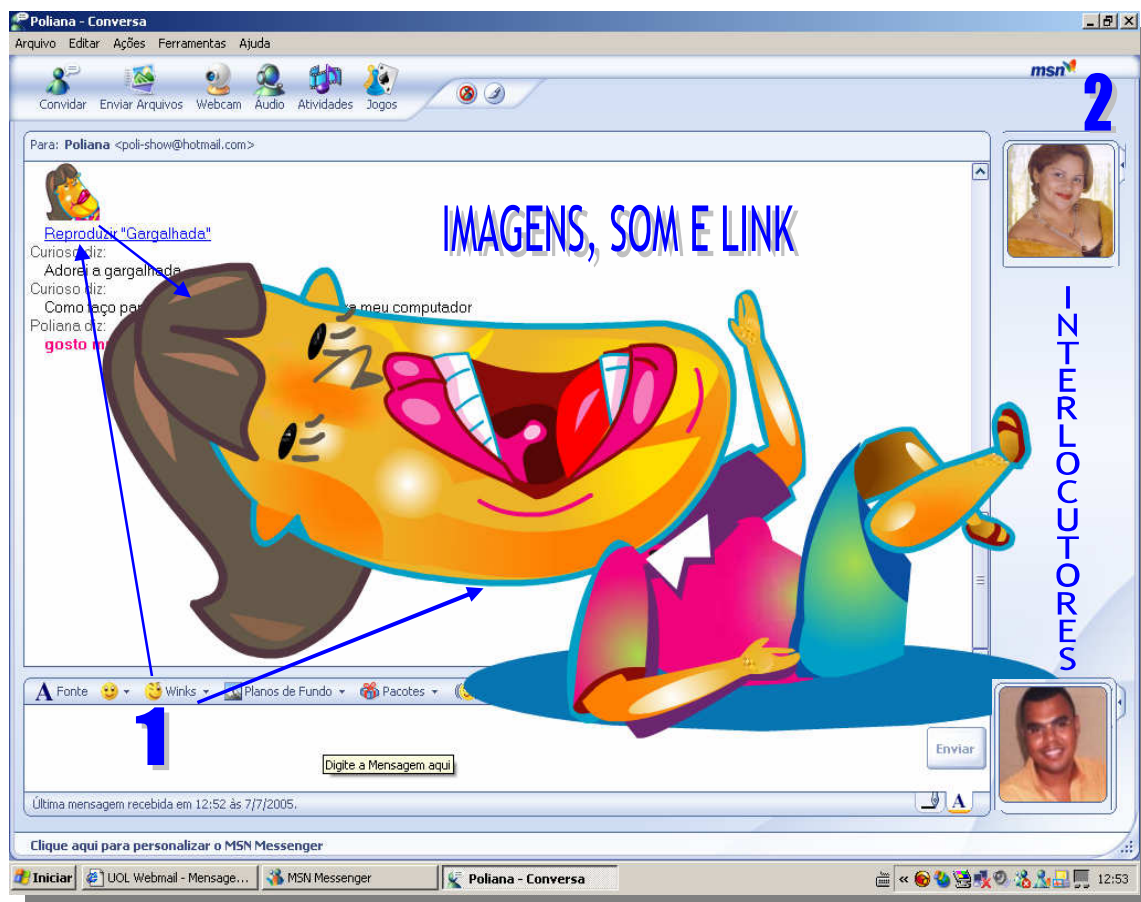


FIGURA 25 – INTERFACES SEMIÓTICAS NO <CPE> -

A tela flagra um momento de bastante descontração entre os interlocutores **Curioso** (um dos *nicks* usados por mim durante a etnografia) e **Poliana**. Esta descontração se manifesta pelo realce da intersemiose que se estabelece entre a escrita verbal, o som e a imagem, pois o hipertexto produzido neste tipo de *chat* é, como diria Lévy (1999), móvel e caleidoscópico, já que ele gira, dobra-se e desdobra-se à vontade de seus co-elaboradores.

Para compreender melhor a plurissemiose mostrada na tela, observe-se o recurso 1, comumente, chamado de *winks*⁷⁸, que no inglês significa “pisar”. Talvez por isso na tela esteja seguida por esta carinha 😊, a qual indica um rosto humano piscando o olho. Para os usuários desse *chat*, este recurso passou a significar uma

⁷⁸ Em anexo uma tela com os Winks disponibilizados pelo MSN.

estratégia que eles usam para chamar a atenção do interlocutor sobre alguma coisa. Veja-se o exemplo que se segue.

EXEMPLO 19

1. Curioso diz: eheheheh é 🕒 do almoço ne
2. Poliana diz: **n tive tempo de ir almoçar, tô atolada de serviço**
3. Curioso diz: tadinha de vc
4. Poliana diz: **olha q tortura, tô digitando um cardápio, ninguém merece** 🐌
5. Poliana envia um wink: 🙄 [Reproduzir "Gargalhada"](#)
6. Curioso diz: Adorei essa risada.....
7. Curioso diz: Como faço para "baixar" essa gargalhada para meu computador
8. Poliana diz: **gosto muito de utilizá-la, espanta os males**
9. Curioso diz: Quero te-la em meu computador. como faço
10. Poliana diz: **vc n dispoe dos winks? ela tá lá**

No turno 1, chamo a atenção de minha interlocutora para o fato de eu querer deixar o *chat* para ir almoçar. Isto é reforçado pela substituição da palavra **hora** pela imagem de um relógio. Ao entender o efeito de sentido pretendido pelo turno anterior, **Poliana** diz que ainda não conseguiu deixar o trabalho para ir almoçar. Ela encerra o turno 4 com uma imagem de uma caracol, talvez para indicar o quanto está lenta na digitação do trabalho e, por isso, sua hora para o almoço irá tardar.

Mas o foco que quero dar ao exemplo 19, começa no turno 5, enviado por **Poliana**, pois ele evidencia o envio de um *wink*. Focar este aspecto se faz relevante porque, ao acionar tal recurso, a usuária faz com que a característica caleidoscópica deste gênero se manifeste, já que uma série de movimentos, cores e sons são acondicionados pelo *chat*, tornando-o concretamente hipertextual. Este exemplo lembra as palavras de Xavier (2004a), segundo as quais

a apreensão do sentido não [é] apenas composto por palavras, mas junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre a mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros formando um todo significativo e de onde sentidos são complexivamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital (p. 171).

O exemplo inteiro serve para ilustrar o excerto acima, ainda que o foco nele seja o movimento da figura da mulher que começa pequenina e fica gigante fazendo soar uma grande e envolvente gargalhada a se espriar por alguns segundos durante o bate-papo.

Um outro aspecto curioso que envolve os *winks* diz respeito ao fato de eles aparecerem pequeninos no hipertexto como se estivessem *hiperlinkados* (cf. turno 5). Basta um simples clique de *mouse* na expressão [Reproduzir "Gargalhada"](#) para que eles cresçam a ponto de tomar as proporções da tela quase toda, como se pôde perceber na figura que ilustra o *chat Messenger*, acima.

O recurso 2, destacado na tela, refere-se à possibilidade de os usuários trocarem suas fotos, o que facilita muito a construção de uma possível intimidade entre eles. Além dessa possibilidade, os usuários contam também, neste tipo de *chat*, com outros aparatos técnicos, como os que destaco a seguir através de um pequeno recorte feito da tela do *Messenger*.



FIGURA 26 – RECURSOS DO <MSN>

Esta figura destaca um recorte da parte superior da tela do **MSN** onde funciona o <**CPE**> (cf. figura 25). O destaque se justifica porque nesta parte da tela estão vários

recursos que, uma vez usados, tornam o gênero em questão muito complexo. Esses recursos demandam de seus usuários um grau razoável de letramento digital, além de tornar o ambiente da enunciação semioticamente mais rico.

Na maioria das vezes, como se verá na análise do propósito comunicativo, o <CPE> é utilizado somente por duas pessoas que, comumente, já se conhecem. Essa característica aproxima muito esse bate-papo de um *chat* reservado ou de um *chat* privado, salvaguardando, claro, as dimensões e características de todos. Esta afirmação se justifica porque com a ativação do recurso 1 da figura 26, as relações deixam de ser duais e deslizam para as relações grupais, aproximando-se dos *chats* coletivos, como mostra o exemplo 20 abaixo.

EXEMPLO 20

1. **Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada.** diz: [ei um amigo aceitou participar da tua pesquisa eu convidei. Tudo bem?](#)
2. **Curioso** diz: q ele seja muito bem vindo entaum
3. **Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada.** diz: [perá q vou mandar o teu msn pra ele](#)
4. **Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada.** diz: [ei meu amigo tava com medo de vc ser alg virus e pediu p eu te convidar para o meu bate-papo c ele.](#)

Os turnos reunidos neste fragmento do <CPE> giram em torno do recurso 1, destacado na figura 26. É importante mostrá-los porque eles revelam que este gênero hipertextual é, como assinala Xavier (2004a), protocolo de uma nova ordem social, por ele designada de tecnocrática, cuja textualização é resultado de um modo digital de enunciar. Ao acionar o recurso em realce, o sujeito demonstra não ser apenas alguém conhecedor de engenhocas informáticas, mas também alguém que busca sobreviver nesta “sociedade da informação”. Neste sentido, ele compreende estes recursos como modos de amplificar suas possibilidades interativas que são próprias

das “novas tecnologias conversacionais” (SILVA, 2002, p. 13), o que parece ser o caso de toda a constelação dos gêneros *chats*.

Na figura 26, há ainda o recurso 2 que permite a troca de arquivos entre os usuários. Durante a etnografia empreendida para esta pesquisa, tive algumas experiências com o tal recurso, como mostra o pequeno excerto a seguir.

EXEMPLO 21

1.00:24:44 ENCLESTER envia um arquivo 55.jpg

2.00:25:36 Você recebeu <C:\Documents and Settings\usuario\Meus documentos\Meus arquivos recebidos\55.jpg> com êxito de ENCLESTER.


3.00:26:29 julcra diz: **gostei dos ursinhos... são os tais ursinhos carinhosos???**

Na seqüência, disponibilizo um exemplo que ilustra usos dos recursos 3 e 4 da figura em discussão.

EXEMPLO 22

1.22:42:56 FRANCISCO JOSÉ diz: **manda seu webcam e seu audio**

2.22:43:24 Curioso diz: o tio nao tem WEBCAM....Q PENINHA....

3.22:42:56 FRANCISCO JOSÉ enviou o wink  [Reproduzir "Beijo"](#)

4.22:44:25 FRANCISCO JOSÉ diz: **eo audio**

5.22:45:13 FRANCISCO JOSÉ está convidando você para iniciar uma conversa por áudio. Deseja Aceitar (Alt+C) ou Recusar (Alt+D) o convite?

6.22:45:29 **Você recusou o convite de para iniciar uma conversa por áudio**

7.22:45:57 Curioso diz: NAO TENHO NEM MICROFONE NEM WEBCAM....Q PENA....

8.22:46:07 Curioso diz: TEM Q SER TECLANDO MESMO

9.22:46:22 FRANCISCO JOSÉ diz: **aceita a minha imagem que vocês nos vêem**

10.22:46:40 FRANCISCO JOSÉ está convidando você para iniciar exibição de webcam. Deseja Aceitar (Alt+C) ou Recusar (Alt+D) o convite?

11.22:46:56 Você aceitou o convite para iniciar exibição de webcam

12.22:47:27 FRANCISCO JOSÉ diz: *tu estás nos vendo?*

13.22:47:29 Curioso diz: EL... TO VENDO VCS

14.22:47:29 Curioso diz: NOSSA COMO A BIA TÁ LINDONA

O trecho do bate-papo acima é um recorte de um momento de interação vivenciado por pessoas conhecidas e muito amigas. Na ocasião, eram duas famílias tentando se comunicar: a minha e a de um amigo muito próximo que, gentilmente, permitiu o uso destes dados para a pesquisa. O destaque deste exemplo, no entanto, começa logo no primeiro turno quando sou solicitado a acionar os recursos **3** e **4** mostrados na figura 26.

A partir dele, a temática passa a ser as tentativas de otimizar o *chat*, no sentido de incrementá-los com os recursos de áudio e vídeo. Caso eu dispusesse do microfone e da *Webcam*, acredito que o foco passaria ser a modalidade oral da língua, ainda que a escrita pudesse aparecer, mesmo que em menor escala. Talvez isso ocorresse porque a imagem em tempo real dos interlocutores também passaria a ser priorizada pelos internautas envolvidos no bate-papo.

É interessante perceber que, mesmo um dos parceiros não dispondo da *Webcam*, basta que a aceitação do “convite” enviado para que o recurso **3** seja acionado, como evidenciam os turnos 9, 10, 11, 12, 13 e 14 do trecho acima. Os recursos do *Messenger* não se esgotam nos apresentados aqui, por isso é conveniente dizer que existem outros. Como bem mostra Pereira (2004),

podemos salvar o bate-papo, imprimir, anexar arquivos, utilizar *webcan*, voz, formatar as fontes como desejar (negrito, itálico, sublinhado, mudar as cores, o tipo e o tamanho), *emoticons* (rostinhos com expressões) e mudar o fundo como um papel de cartas. Tanto no *Yahoo* como no *MSN Messenger*, podemos conversar individualmente ou chamar os usuários que desejarmos para a “sala” de bate-papo (p. 30).

Destacar esses recursos é relevante porque eles vão muito além de “ornamentos” para a tela do *chat*. Na verdade, eles entram na composição do hipertexto conversacional que é co-produzido seja nas salas de bate-papo, seja em *softwares* como o **MSN** que permitem um *chat* personalizado. Sua utilização está sempre associada às necessidades dos usuários, como ouvir a voz do interlocutor (áudio) ou ver sua imagem (*webcam*) ou ainda tornar a conversa mais interativa quando o recurso de convidar mais amigos para participar do bate-papo é acionado, entre outros aspectos.

Faz-se relevante mostrar ainda a existência de *links* também neste tipo de *chat*. Para isso, veja-se a figura subsequente.



FIGURA 27 – LINKS NO <CPE>

A tela acima mostra uma conversa minha com um dos sujeitos do estudo com o qual falava sobre o recurso de exibição das fotos dos interactantes do <CPE>. Como não conseguia visualizar a foto de meu interlocutor na tela do *chat*, ele enviou um *link* que me permitia acessar sua *homepage* pessoal, onde poderia, enfim, localizar suas fotos. O bate-papo da tela acima é importante porque corrobora a idéia que estou a defender aqui: nenhuma característica hipertextual que se encontre nos

gêneros da constelação dos *chats* é utilizada sem propósito, está sempre ligada aos embates interativos que revelam o esforço dos interagentes para construir os sentidos da interação, no caso da figura 27, a busca da foto.

Este *chat*, assim como o <CCO> também apresenta algumas peculiaridades que o torna, do ponto de vista hipertextual, mais complexo do que os outros. Tal complexidade está associada aos recursos do *software* que abriga o <CPE>, tais como conferência, o uso da *Webcam* e do microfone. Esses recursos permitem o acesso em tempo real à imagem e ao som da voz do interlocutor, assim como a troca de arquivos, seja de qual aplicativo for. Quanto a isso, é preciso admitir que esses recursos são do programa computacional que abriga o funcionamento do <CPE>. Mas isto também ocorre com os outros *chats* e são aproveitados pelos usuários que acabam por transformá-los em marcas hipertextuais do gênero.

4.6 HIPERTEXTUALIDADE ÍNTIMA

Durante a etnografia pude perceber que **suíte** é o nome dado às salas que permitem o funcionamento de um gênero chamado **chat privado <CPR>**. Este gênero, de acordo com Marcuschi (2004), recebe o referido nome exatamente por uma particularidade que o faz distinto dentro da constelação. Trata-se do fato de na sala só poderem entrar, única e exclusivamente, duas pessoas e nenhum participante a mais, como mostra a figura abaixo.



FIGURA 28 – AS SUÍTES VIRTUAIS DO UOL

Esta figura representa uma extensão da figura apresentada na seção 4.1. deste capítulo. Nesta, podem ser observadas as suítes que ambientam o <CPR>, cuja maioria se encontrava vazia, no momento em que gravei esta tela. É interessante destacar os ícones **entrar** – representada por desenhos de pegadas – e o **espiar** – representado por uma imagem que lembra o “buraco de uma fechadura”. Por esses mecanismos, pode-se entrar na suíte ou dar uma “espiadinha”, com a falsa esperança de saber quem está lá e sobre o que conversam. Digo falsa porque ao tentar “espiar” em uma dessas suítes, o que vi foi a seguinte tela:

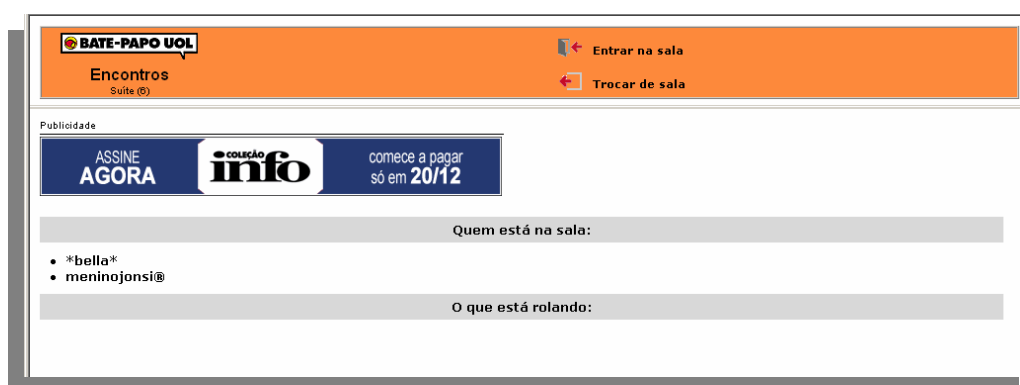


FIGURA 29 – ESPIANDO AS SUÍTES VIRTUAIS

A figura indica que é até possível saber quem está no <CPR> porque os *nicknames* aparecem, mas saber “o que está rolando” lá é impossível. Isso acontece porque, segundo um *chat* de atendimento ao assinante <CAT> de que participei, o provedor preza pela privacidade de seus assinantes, como mostra o exemplo subsequente.

EXEMPLO 23

1.(1:15:57 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: Olá.... Vc poderia me informar se a sala de chat "A DOIS" só comporta realmente 2 participantes?

2.(1:17:48 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: sim. Devido ao contrato de privacidade que o UOL tem com os senhores assinantes.

3.(1:21:07 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: estou realizando uma pesquisa para minha Tese de Doutorado sobre os chats. estou tentando conhecer um pouco sobre os chats. Por isso estou tentando tirar algumas dúvidas com vc.

4.(1:23:55 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: ok. À vontade, senhor.

Tanto a figura 29 sobre o <CPR> quanto o exemplo acima, retirado do <CAT>, mostram o rigor do UOL no que concerne ao acesso às “suítes virtuais”. Talvez seja por isso que, como afirma Marcuschi (2004), este gênero de bate-papo não seja tão popular como os outros, já que ele impõe esta restrição quanto ao número de participantes que a sala comporta.


A natureza desse gênero foi um grande desafio para a pesquisa porque não foi muito fácil interagir com os seus usuários, a fim de garantir a geração dos dados dos quais necessitava para a escritura deste relatório. Algumas tentativas foram frustradas porque os usuários, na maioria dos casos, estão ali esperando alguém e, por isso, ao entrar em uma das suítes, logo eu era “expulso” pelo outro, que interpretava minha entrada como ameaça para o suposto encontro marcado. Basta que se recorde o caso do exemplo 4, mencionado no capítulo 3. Ao retomar aquele exemplo aqui, gostaria de realçar alguns aspectos hipertextuais que nele podem ser identificados, começando pela insistência do sujeito em enviar imagens ou “carinhas” as quais aparecem nos turnos **3**, **6**, **8** e **10**. As carinhas vão assumindo, dentro deste <CPR>, estágios na construção do sentido.

No primeiro caso, a imagem da flor representa a alegria pela chegada de alguém que, “há um bom tempo”, estava sendo aguardado. O turno **6** traz outra imagem, simulando um sentimento de decepção que se desenha em um rosto humano. Na seqüência, meu interlocutor envia outra imagem que indica sua mudança de estado de espírito, pois a carinha simula um rosto transfigurado de raiva, o que reforça a seqüência imperativa enviada. Finalmente, pode-se flagrar uma

imagem que representa uma “camisinha” usada, o que permite a inferência das intenções dos participantes desses gêneros.

Além das imagens, que por si já ilustram bem a hipertextualidade do <CPR>, há ainda a presença de *links*, como demonstra o exemplo 24.

EXEMPLO 24

(05:02:27)  **UOL Links Patrocinados** : [Aumento do pênis R\\$ 49,90](#). Aumente 8 cm do pênis usando a mão e controle da ejaculação precoce. www.aumentonatural.com.br. [Anuncie aqui](#) e em outras estações UOL e BOL a partir de R\$ 5,00!

No tocante à presença de *links* neste bate-papo, pode-se dizer que eles se limitam à publicidade do provedor. Mas a publicidade aqui apresentada parece manter um estreito diálogo semântico com a imagem da “camisinha” (cf. turno 10 do exemplo 4), o que pode ser uma pista importante para compreender a função social do gênero. Deixarei para aprofundar essa discussão no capítulo dedicado ao estudo dos propósitos comunicativos dentro da constelação. Ainda sobre a combinação dos recursos técnicos que são comuns nos *chats*, pode-se afirmar que tudo o que foi descrito em relação aos outros bate-papos pode ser estendido também ao <CPR>, o que autoriza a afirmação de que, quanto à hipertextualidade da constelação, este gênero não apresenta características que lhe sejam típicas.

4.7 RECLAMAÇÕES EM HIPERTEXTO

Há, na constelação, um tipo de *chat* muito curioso que, no caso da presente pesquisa, é o de atendimento ao assinante do provedor UOL. Para se chegar ao chat de atendimento ao assinante <CAT>, basta seguir o índice indicado na figura 28 e clicar na opção **central de atendimento ao assinante**. Percorrendo esse caminho, o usuário se depara com a seguinte mensagem:

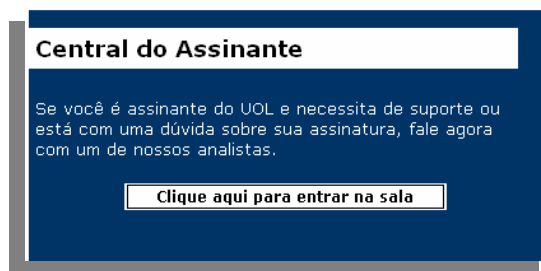


FIGURA 30 – LINK PARA O <CAT>

O *link* destacado na figura 30 conduz o assinante à sala de bate-papo que abrigará o <CAT>, como mostra a tela a seguir.

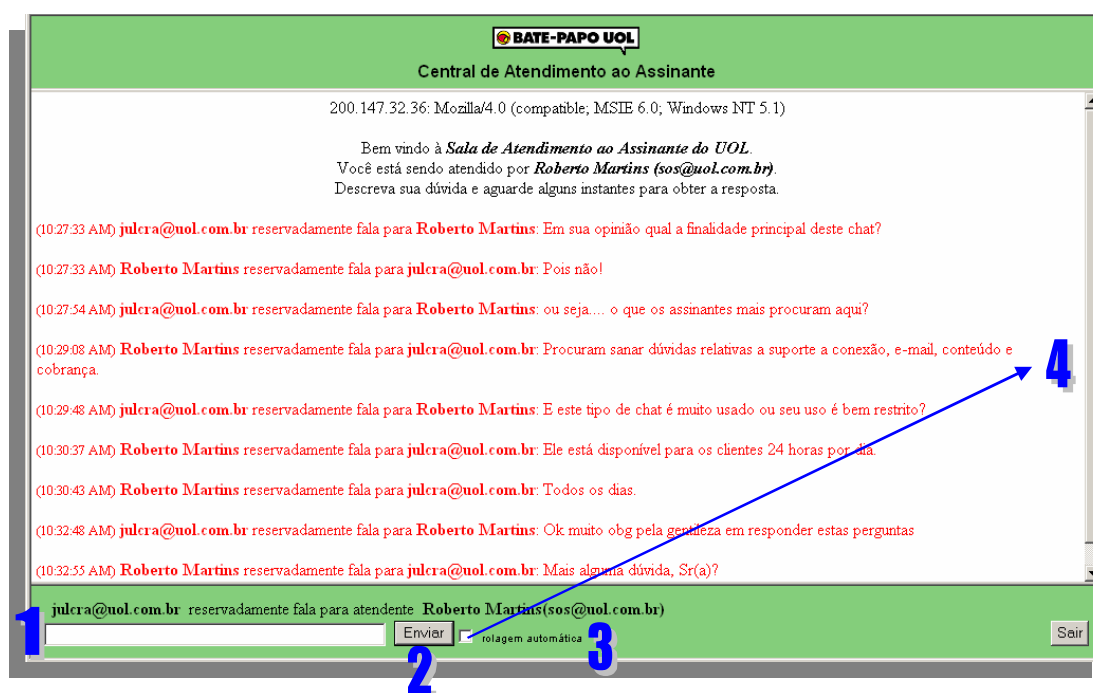


FIGURA 31 – TELA DE UM <CAT>

A figura mostra que os recursos que salientariam a natureza hipertextual deste gênero são bastante limitados e isso, consoante apresentarei mais adiante, pareceu-me estar associado ao seu propósito comunicativo. No momento, considero importante realçar a natureza hipertextual deste gênero, embora eu admita que, em comparação com os demais *chats* da constelação, o <CAT> seja, pelo menos até o atual estágio deste gênero, um bate-papo bastante simples. Nele, não há tantas opções de interfaces semióticas à disposição de seus usuários, mas isto não significa que o <CAT> não seja também um gênero hipertextual. Basta observar a legenda, feita na

figura acima, para perceber que o recurso de número 1 usado para o reservado não é um recurso sobre o qual o assinante tem gerência, de modo que tanto os turnos do atendente quanto os do assinante aparecem na tela digital do computador sempre acompanhados com os dizeres “*reservadamente fala*”.

Alguém poderia perguntar qual o índice de hipertextualidade que se pode perceber aqui. Neste caso, sugeriria que enunciar neste *chat* é ter a certeza de que as reclamações dos assinantes serão respeitadas e a ninguém se destinam senão a quem assume um lugar de fala que possa resolver os problemas levados pelos assinantes. Para se ter então a certeza de que outros assinantes não terão acesso ao conteúdo das reclamações, todo o bate-papo acontece reservadamente, a fim de garantir a absoluta discricção e “preservação das faces”.

Outra evidência da hipertextualidade está na manipulação do botão digital, recurso 2, que aparece logo depois do espaço para a digitação. Ao digitar suas reclamações ali, o assinante deverá clicar no botão digital para enviá-las ao custo de um clique de *mouse* no botão ou, caso prefira, apenas apertar a tecla *enter* de seu teclado. Estas duas opções servem para projetar a escrita na tela do *chat*. Assim, a hipertextualidade é bem mais evidente aqui do que no caso anterior, no sentido de o usuário gerenciar um recurso que lhe garante a “materialidade” verbal de suas queixas.

Outra marca de hipertextualidade que pode ser apontada é o movimento que é semiotizado pelos usuários de *chat* como sendo o desenrolar da conversa entre os interagentes. Embora o *chat*, neste caso, se dê unicamente pela via escrita, é preciso saber que ele está fluindo e isso é visualizado pelo movimento vertical da produção conversacional que ocorre quando o assinante aciona o recurso 3. Ao clicar com o *mouse* dentro do quadrado que antecede a expressão “rolagem automática”, o hipertexto co-produzido ali passa a possuir um movimento caleidoscópico porque as barras de rolagem, na figura indicadas pelo número 4, foram ativadas.

Neste sentido, como observam Marquesi & Elias (2004),

aquele que lê [escreve] um texto na tela do computador não tem, como em um livro, a visão do todo. É preciso usar a barra de rolagem, como se se tratasse de um texto enrolado que precisasse ser desenrolado, com a vantagem, porém, de o leitor [ou o produtor] deste texto gozar da liberdade de movimentos, inexistente para o leitor [produtor] em papiro ou pergaminho (p. 351).

Como a discussão sobre o propósito comunicativo deste gênero será retomada mais adiante, deixo para explicar a ausência dos recursos que suscitam as manifestações semióticas do som ou da imagem na seção dedicada a estas questões. Não obstante isso, afigura-se relevante destacar ainda a presença de *links* dentro do <CAT>, embora a função social do gênero não permita tanto o seu uso. Isso pode ser observado no exemplo subsequente.

EXEMPLO 25

- 1.(10:53:39 PM) **Carlos Eduardo** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Boa noite! Em que posso ajudá-lo(a)?
2. (10:54:01 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Carlos Eduardo**: Eu baixei o virus scan para meu PC ... 'mas tenho um laptop tb e gostaria de saber.... se posso baixar para meu laptop sem pagar outra vez
3. (10:55:09 PM) **Carlos Eduardo** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Aguarde um momento por favor.
4. (10:56:46 PM) **Carlos Eduardo** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Você deseja instalar o Antivírus nas duas máquinas correto?
5. (10:57:08 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Carlos Eduardo**: sim
6. (10:57:54 PM) **Carlos Eduardo** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Você possui o e-mail com o link de instalação?
7. (10:58:05 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Carlos Eduardo**: sim
8. (10:58:33 PM) **Carlos Eduardo** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Então basta efetuar a instalação no micro desejado ou acessar nossa página www.uol.com.br/central
9. (10:58:55 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Carlos Eduardo**: isto garante q eu nao vou pagar outra vez????

10. (11:00:10 PM) **Carlos Eduardo** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Não será cobrado novamente.

Como se pode perceber, a consulta relatada neste exemplo diz respeito ao serviço de antivírus que o UOL disponibiliza aos assinantes. No caso, como eu já havia instalado o antivírus em minha máquina convencional, quis saber se poderia estender o serviço para uma outra máquina sem que isso fosse algo oneroso para mim. A esta altura da análise, dizer que o hipertexto co-produzido acima é o resultado das combinações dos recursos já explicados anteriormente não é novidade, por isso destaco o uso do *link* pelo atendente.

Qual seria a função de um *link* dentro de um <CAT> que existe para resolver os problemas dos assinantes do provedor? Não seria desprestigiar a função do gênero? Na realidade, considero que nada mais natural do que “*hiperlinkar* um cliente” diretamente à possível solução de seus problemas. Ademais, no caso acima explicitado, o *link* representa apenas uma das possibilidades sugeridas pelo atendente. É interessante notar que, se houvesse uma vontade por parte do assinante, o endereço poderia ser acessado, o que não o tiraria do <CAT>. Assim, seria possível imaginar que, enquanto o assinante tentaria resolver seu problema no ambiente para o qual lhe remeteu o *link*, ele poderia continuar usando o *chat* para conversar com o atendente, caso julgasse necessário. Além disso, quem põe fim a esta interação é sempre o assinante, como mostra o exemplo a seguir.

EXEMPLO 26

1.(10:32:55 AM) **Roberto Martins** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Mais alguma dúvida, Sr(a)?

2. (10:33:40 AM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Roberto Martins**: naum obg.

3. (10:33:48 AM) **Roberto Martins** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: A Central de Relacionamento UOL agradece sua participação e coloca-se à disposição. Para fechar a sala utilize o

botão "Sair". Preenchendo a Avaliação⁷⁹ sobre o Atendimento você estará contribuindo para a melhoria deste serviço.

O curioso do exemplo 26 consiste em mostrar que, enquanto o assinante não “fechar a sala”, o atendente fica a postos para continuar o atendimento. Isso pode ser ilustrado pelo destaque dado ao turno 3 do exemplo acima, no qual o atendente evoca a manipulação do botão digital, cuja característica o torna semelhante a um *link*, como quem sinaliza para o fim da conversa.

Sumarizando as discussões sobre a natureza hipertextual da constelação, pode-se dizer que é exatamente a combinação dos elementos descritos nesta seção que torna a constelação dos gêneros *chats* complexa, no sentido bakhtiniano deste termo, pois a Internet se mostra como uma esfera que abriga, suscita e ressignifica gêneros cujos usos estão ambientados “em circunstâncias de uma comunicação [...] mais complexa e relativamente evoluída” (BAKHTIN [1953] 2000, p. 281).

Afirmar que a Internet é uma esfera de comunicação mais complexa do que a esfera do cotidiano, por exemplo, se justifica se pensarmos que o amálgama estabelecido entre as diferentes interfaces semióticas era algo impensado até antes da criação da primeira. Isto se sustenta, sobretudo, ao recordar o fato da possibilidade dos usos da escrita para se comunicar em tempo real seja com uma só pessoa ou com várias. Sustentar que se trata de uma esfera mais evoluída é possível porque não se tem notícias de uma esfera discursiva que tenha conseguido a façanha de ampliar, consideravelmente, as possibilidades interativas entre os humanos, como a Internet.

Sendo assim, não é esdrúxulo dizer que a hipertextualidade, principal característica desta esfera, consiste em uma marca indelével presente em todos os gêneros que emergem neste domínio discursivo, assim como foi marcante a carnavalização nos gêneros do sério-cômico. E isto não seria diferente com os *chats*

⁷⁹ Um exemplar dessa ficha de avaliação sobre o atendimento virtual pode ser encontrado no anexo.

aqui analisados, cuja pré-existência está nos gêneros orais e, portanto, trata-se de gêneros transmutados, como discutirei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5

TRANSMUTAÇÃO: A FORMAÇÃO DOS *CHATS*

*os bate-papos do teleduc/faced tem uma função bem diferente dos bate papo loucos do uol. Não chega a ser uma aula,mas parece um pouco. Todo mundo fica muito a vontade sem a pressão da aula, mas todos tem q ter uma postura de respeito para os colegas ali [...]Agente não fica tão presa ao professor, sabe? **Todo mundo é meio q professor tb.** Isto eh muito bacana no chat educ.*

[ENTREVISTADO 2 – ACERCA DO CED].

Darwin provou que as espécies animais não são imutáveis, mas se ajustam às necessidades que lhes são impostas pelas alterações climáticas sofridas pela Terra, o que explicaria o fato de algumas formas de vida sumirem da face do planeta ou ainda se transformarem em outras espécies. Em analogia a isso, pode-se dizer o mesmo quanto aos gêneros do discurso, pois eles são tão dinâmicos que podem simplesmente desaparecer ou se transformar em outros. A diferença é que, em relação às modificações genérico-discursivas, os gêneros não são seres vivos que se submetem às condições naturais do meio, mas são artefatos semiotizados, fruto de negociações humanas coletivas, portanto, produzidos pelos homens a fim de atender às suas necessidades enunciativas.

Se for assim, em que medida se justifica a analogia entre o conceito de transmutação da Biologia e o bakhtiniano? A analogia com a Biologia é bem vinda no

sentido de buscar compreender os fatores sócio-culturais que marcam as alterações feitas nos instrumentos semióticos criados para dar “suporte” verbal aos grupos sociais que os criaram. Assim, seguindo este raciocínio, é defensável a suposição de que determinado grupo de gêneros carrega semelhanças que lhes são oriundas de sua formação.

Se a compreensão das mudanças e formações genéricas está associada não a fatores de ordem natural, mas às atividades e manipulações linguageiras feitas pelos usuários da língua, então é razoável retomar o conceito de transmutações artificiais surgido com Rutherford que, ao dedicar-se a muitos cálculos probabilísticos, provou ser possível transformar um elemento químico em outro.

A comparação entre as misturas químicas de Rutherford e as feitas pelos usuários da língua é válida mediante o fato de que as misturas relativas aos gêneros do discurso não são naturais, como aquela estudada por Becquerel (cf. capítulo 2) e, por isso, podem ser comparadas às transmutações artificiais elaboradas por Rutherford. Isto significa que são os usuários dos gêneros, sobretudo os mais proficientes, que conseguem equacionar na medida certa as misturas genéricas a fim de dar conta de suas necessidades comunicativas, como demonstra Kathpalia (1997) em relação às “orelhas de livro” e Bhatia (1997) em relação aos profissionais da publicidade⁸⁰.

Como foi visto no capítulo 2, pensar os gêneros nesta perspectiva significa abandonar as idéias desenvolvidas por Platão e Aristóteles para quem os gêneros eram formatos imutáveis de textos. Distantes das idéias dos gregos, os estudos contemporâneos têm definido o gênero como um artefato sócio-discursivo usado pelas pessoas com a finalidade de organizar suas práticas discursivas, por esta razão nada do que se afirma sobre os gêneros do discurso pode ser considerado definitivo. Nesta esteira, o gênero é um eterno paradoxo entre a estabilidade e a instabilidade

⁸⁰ Com isso não quero dizer que um gênero nasce de uma montagem consciente de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos que decidem criar um novo gênero.

cujo conflito pode ajudar na explicação do fato de alguns se agruparem em torno de aspectos comuns.

Isto recorda, por exemplo, a homologia que existe entre os animais mamíferos, como o homem, o cavalo, o morcego e a baleia (cf. figura 10), os quais apresentem semelhanças inegáveis entre si no que diz respeito à anatomia de seus membros anteriores, mesmo que a função de cada membro (braço humano, pata de cavalo, asa de morcego, e nadadeira de baleia) os torne bastante distintos uns dos outros. Os biólogos explicam essas semelhanças e diferenças entre os mamíferos através da teoria das transmutações das espécies, ao trabalharem com a hipótese de que os mamíferos compartilham o mesmo fenômeno formativo.

De um certo modo, sem deixar de considerar as devidas dimensões dos objetos dessa comparação, assim como a anatomia de uma asa de morcego “esconde” os mesmos elementos encontrados no braço humano, na pata de um cavalo ou na nadadeira das baleias, tornando estes seres similares, penso que a descrição dos diversos *chats*, pode revelar aspectos que justifiquem as semelhanças entre esses gêneros.

Esta inquietação se alimenta da tese de que nenhuma transmutação ocorre sem deixar rastros, portanto é possível tentar fazer uma espécie de “caminho de volta”, atentando para as “pegadas” deixadas pelo gênero transmutado, as quais são reinterpretadas pelo gênero transmutante. No caso dos *chats*, o *chat* educacional, conforme um de seus produtores/consumidores, assemelha-se à aula, como mostra a epígrafe de abertura deste capítulo. Convencido disso, passo a mostrar a próxima análise da constelação a qual se orienta, assim, pela busca dos rastros dos gêneros transmutados dentro dos gêneros transmutantes que compõem a constelação dos *chats*.

5.1 DAS RODAS DE CONVERSAS DO COTIDIANO AO *CHAT* ABERTO

Firmino (2005), ao estudar as formas associativas existentes nas salas de bate-papo, mostra que a conversa cotidiana é tão antiga quanto o homem. Provavelmente, as famosas “rodas de conversas” já existiam nos grupos humanos primitivos que, em volta do fogo, faziam o uso desse gênero. Tal prática, como não poderia deixar de ser, visto se tratar de uma necessidade básica humana, chegou até os dias contemporâneos em forma de encontros em grandes praças, praias, *shoppings* ou em qualquer outro lugar que possa reunir grandes e pequenos grupos.

Seja onde e como for, as pessoas utilizam esse gênero, ou para fortalecer suas identidades coletivas, ou simplesmente para atender a uma necessidade humana básica: a comunicação. Em tempos de comunicação digital, é válido lembrar com Firmino (2005) que hoje “não mais em volta do fogo, mas sim diante da fosforescência da tela do microcomputador, milhões de pessoas, diuturnamente, procuram por seus pares imbuídos dos mais diversos propósitos” (p. 39).

Rodas de conversa no computador? Isto é possível? Até o verão de 1988, ano de criação do *chat*, não era. No entanto, após a revolucionária criação de um *software* por Jarkko “WIZ” Oikarinen e os desdobramentos que provocaram o seu aperfeiçoamento, conversar com muitas pessoas ao mesmo tempo utilizando a escrita e outras semioses através de um computador passou a ser possível sim. Diante disso, algumas questões naturalmente se impõem: o que muda com essa transmutação midiológica? O que é conversar coletivamente através do computador, usando a escrita para isso? Como se configura o produto dessa escrita? Será que ela seria uma mancha no tecido branco do idioma? Seria uma ameaça para a escola? (SANTOS, 2005).⁸¹

⁸¹ Foram questões semelhantes a estas que levaram alguns pesquisadores a se debruçarem sobre o tema. Para detalhes, vejam-se Santos (2005), Ribeiro (2005) e Ribeiro & Araújo (2006). Estes autores tiveram a preocupação em estudar se as questões acima alimentavam os velhos mitos do purismo lingüístico ou se, de fato, haveria razões para o pânico. Em todos os trabalhos, a linguagem escrita da *Internet* não se mostrou como ameaça ao ensino da linguagem, pelo contrário foi vista como aliada no sucesso de crianças em processo de letramento inicial, no caso dos dois últimos trabalhos citados nesta nota.

De acordo com Maingueneau (2002), com quem concordo, “muitas mutações sociais se manifestam através de um simples deslocamento midiológico” (p. 72). No caso do <CAB>, todavia, penso que não se trata unicamente da mudança de mídia, mas também de esfera discursiva, portanto de gênero⁸².

A conversa face a face entre os membros de um grupo de amigos permite o acesso à presença físico-espacial de seus pares, bem como à melodia de suas vozes e aos sons do ambiente, entre outros aspectos paralingüísticos que os atores podem mobilizar durante a construção do sentido. Ao ser transmutada, porém, pelo ambiente digital da *Internet*, naturalmente muitas mudanças podem acontecer com a roda de conversa. Entre elas, um alto grau de informalidade e liberdade discursivas jamais vistas, o que refletirá em pequenas alterações na dinâmica da troca de turnos.

Comumente, as rodas de conversas reúnem nas calçadas ou em qualquer outro lugar pessoas conhecidas que, na maioria dos casos, são amigas. Todavia, ao “reunirem-se” virtualmente, tendo a sua frente apenas a iluminada tela digital, os participantes dessa outra roda de conversa nem sempre se conhecem, por isso, devido ao anonimato garantido por seus *nicknames*, entram em um jogo criativo de linguagem que acaba por revelar aspectos que, em uma situação comunicativa presencial, seriam inconfessáveis.

Isto mostra que a transmutação da conversa cotidiana em grupos pelo *chat* aberto promove alterações sociais de tal ordem que, como diz Marcuschi (2004), “revela uma importante faceta oculta de nossa sociedade contemporânea reprimida e que agora aflora no anonimato das salas de bate-papo” (p. 44). Sobre isso, veja-se um trecho de um <CAB> a seguir:

EXEMPLO 27

⁸² Gostaria de chamar a atenção para o fato de que não há uma garantia teórica segundo a qual uma mudança de esfera de comunicação provoca, necessariamente, a transformação de um gênero em outro. Isso parece acontecer em muitos gêneros, como os *chats*, por exemplo, mas não com o anúncio (cf. discussão sobre a figura 11).

- 01.(04:09:38) **PLAYBOY(MSN_TUF)** *fala para gato msn:* vai da o cu furia gay
- 02.(04:09:46) **dmi** *entra na sala...*
- 03.(04:09:52) **RENATO 40anos** *sai da sala...*
- 04.(04:09:58) ***Tímido*** *sai da sala...*
- 05.(04:10:00) **elves kazu** *entra na sala...*
- 06.(04:10:00) **gaspazinho** *entra na sala...*
- 07.(04:10:01) **Duducacetudo** *entra na sala...*
- 08.(04:10:02) **BADBOY_mns** *sai da sala...*
- 09.(04:10:05) **rodrigo** *entra na sala...*
- 10.(04:10:05) **RENATO 40anos** *entra na sala...*
- 11.(04:10:19) **dmi** *sai da sala...*
- 12.(04:10:19) **PaiZim_MSN_CAM** *entra na sala...*
- 13.(04:10:23) **PLAYBOY(MSN_TUF)** *fala para gato msn:* qro so v se v6 vom vir aqui?
- 14.(04:10:24) **peter** *(reservadamente) fala para Todos:* safadao_crazy@hotmail.com me adicionem so mulheres
- 15.(04:11:05) **PLAYBOY(MSN_TUF)** *fala para Blade msn:* vai da o cu filho da puta
- 16.(04:11:44) **Blade msn** *fala para PLAYBOY(MSN_TUF):* ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO
 ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO
 ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO
 ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO ASSASSINO
 ASSASSINO ASSASSINO

A marca automática enviada pelo provedor atestando quem entra e quem sai da sala de bate-papo (cf. COSTA & ARAÚJO, 2006) dá uma idéia de como é dinâmico o fluxo das entradas e das saídas de internautas na sala. O exemplo destaca que dos 16 turnos reunidos nele, 11 mostram as entradas e saídas dos internautas da sala de bate-papo. Somente 5 turnos são elaborados pelos usuários cuja participação se limita a insultos que se materializam em uma linguagem proibida, no sentido que Preti

(1983) dá a esse termo. Essa linguagem parece encontrar guarida nos *nicknames* utilizados pelos participantes, os quais tendem a revelar muito de suas intenções e personalidades ao mesmo tempo em que escondem suas faces (cf. HOFFMAN, 1996). Turnos, como os que fazem o exemplo, acima, mostram que os *chatters*

libertam-se de todas as normas socioculturais que costumam comandar as relações humanas por meio do uso da linguagem e interação de maneira pretensamente íntima, descambando até para intervenções gratuitamente chulas (HILGERT, 2001, pp. 51-52 [itálicos do autor]).

Diante dessas alterações, a dinâmica da troca de turnos ganha características distintas das que marcam as interações presenciais, pois as condições de produção às quais se submetem os usuários do <CAB> deixam marcas na construção do hipertexto conversacional desse gênero. Diferentemente de uma conversa presencial, o *chat* aberto promove uma maior simetria entre seus participantes, pois o próprio gênero quebra a possibilidade de uma só pessoa manter o turno consigo por mais tempo. Isso ocorre porque o turno demora o tempo de sua digitação e envio, o que imprime uma velocidade incrível nas conversas realizadas neste gênero. Observe-se o exemplo subsequente.

EXEMPLO 28

- 01.(04:08:19) **gatinho msn** fala para **qro namoro**: H ou M??
- 02.(04:08:22) **ticiano_fisio_cam** entra na sala...
- 03.(04:08:25) **legalmnte leao(f)** fala para **Todos**: ola atodos
- 04.(04:08:26) **PLAYBOY(MSN_TUF)** fala para **gato msn**: rrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrrsrr
- 05.(04:08:32) **qro namoro** fala para **qro namoro**: sou homem kra q
- 06.(04:08:37) **m°chuteira** fala para **anjinho sarado**: oi 😊
- 07.(04:08:39) **ticiano_fisio_cam** (reservadamente) fala para **Todos**: alguma gata afim d tc:-)
- 08.(04:08:43) **ticiano_fisio_cam** (reservadamente) fala para **Todos**: loiro 00 azuis 1,75 /86 kg cavanhaque cab curtinho ,malho estudo fisio na fic pinto quadros pratico artes maciais
- 09.(04:08:44) **m°chuteira** fala para **anjinho sarado**: vc e de onde

- 10.(04:08:46) **qro namoro** (*reservadamente*) fala para Todos: indiozinho17@hotmail.com
- 11.(04:08:47) **ticiano_fisio_cam** (*reservadamente*) fala para Todos: ticianofisio@hotmail.com
- 12.(04:08:47) **gatinho msn** sai da sala...
- 13.(04:08:51) **Moreno4.5** entra na sala...
- 14.(04:08:56) **qro namoro** fala para **qro namoro**: ta proucurando outro 😊
- 15.(04:09:02) **doido por rock** sai da sala...
- 16.(04:09:04) **ativo do msn** fala para Todos: alguem aim de tc 🐛
- 17.(04:09:05) **Nilo** sai da sala...
- 18.(04:09:14) **legalmnte leao(f)** fala para **ticiano_fisio_cam**: ticiano q dizer q vc e tudo de bom e tal 😊
- 19.(04:09:17) **legalmnte leao(f)** fala para **ticiano_fisio_cam**: 😊

É comum que entre um turno e outro apareçam muitas outras intervenções, provocando um intervalo que, no caso do *chat*, parece durar muito tempo. No exemplo acima, entre os turnos dos *chatters* **qro namoro** e **gatinho msn** há um espaço de tempo considerável. Isto pode ser visto pelo horário da interação que aparece entre os parênteses. O segundo participante pergunta sobre o sexo de seu interlocutor, usando para isso apenas as letras maiúsculas **H** ou **M** seguidas da repetição do sinal de interrogação. Até que a resposta seja projetada no vídeo, passam 13 segundos, o que mostra que durante este intervalo, possivelmente, muitas pessoas teclavam no reservado enquanto outras usavam o *chat* aberto para conseguir pares para interagir.

Ao responder à pergunta feita por **qro namoro**, o parceiro abre outro intervalo entre as trocas de mensagens. No turno 5, ele começa a resposta que demorará 24 segundos para se completar, quando ele envia o turno 14. Nesta mensagem, há algo muito interessante de se perceber. A mensagem de **qro namoro** é enviada para ele

mesmo. Isto só aconteceu porque seu interlocutor, possivelmente impaciente com a espera, saiu da sala (cf. turno 12).

Quando *gatinho msn* sai da sala, ele já havia esperado 13 segundos, o mesmo tempo esperado anteriormente. O curioso é que *gro namoro* não havia percebido a mensagem automática do provedor indicando a saída do parceiro, o que talvez sinalize para o fato de que ele estivesse teclando com várias pessoas ao mesmo tempo no *chat* reservado. A este respeito, Marcuschi (2004) explica que

ocorre a possibilidade de eu ter selecionado alguém e somente ele, mas esta pessoa estar comigo e também estar respondendo a outros de modo que eu não saiba nem possa controlar. E ela pode estar recebendo reservadamente mensagens que eu não controlo. Tudo isso torna a natureza do *chat* muito diversa do que uma conversação face a face (p.48).

Marcuschi está se referindo a um dos recursos presentes nas salas de bate-papo que ele chama de “seleção de parceiros” (p. 46). A figura abaixo representa a janela que se abre quando os usuários dos *chats* acionam o referido recurso que determina as formas associativas de participação na conversa virtual.

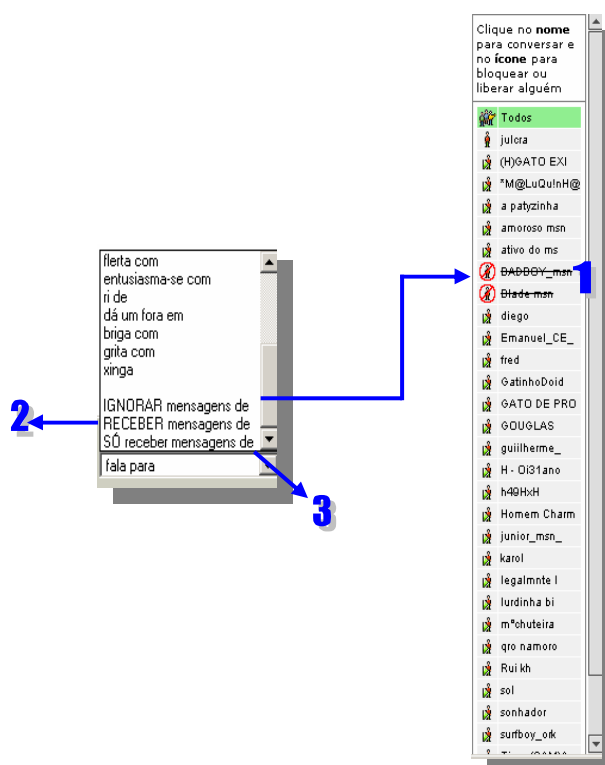



FIGURA 32 – SELEÇÃO DE PARCEIROS NO <CAB>

A figura destaca as maneiras de arregimentar a participação dentro da conversa virtual. Como já foi demonstrado, é preciso ter um mínimo de domínio do *mouse* e do teclado para dar conta desse recurso tão importante para os gêneros de bate-papos eletrônicos. Importante porque, no *chat*, a organização e alocação dos turnos passam, necessariamente, pela seleção de parceiros, os quais são listados à extrema esquerda da tela, como mostra a parte mais vertical da figura 32.

Em uma conversa face a face, a seleção dos parceiros tem a função de autorizar a passagem de turno para o interactante que pode se dar por expressões paralingüísticas ou lingüísticas. Ocorre que nem sempre o turno é concedido, havendo verdadeiras disputas, gerando o que os analistas da conversação designam de superposições de vozes (cf. MARCUSCHI, 1986). Com a transmutação da conversa face a face pelo *chat* aberto, a natureza sincrônica e tecnológica do gênero transmutante não permite de modo algum a ocorrência desse fenômeno, como também mostra Hilgert (2001).

Outro aspecto muito importante de ser observado na transmutação da conversa grupal para o *chat* aberto é a manifestação explícita de que os participantes sabem que estão utilizando um gênero que foi formado a partir de um gênero cotidiano oral, como no exemplo 29, a seguir.

EXEMPLO 29

- 1.(04:14:35) **legalmnte leao(f)** *fala para* PLAYBOY(MSN_TUF): ei vc ã axa melhor falar comigo em reservado?????
- 2.(04:14:40) **PLAYBOY(MSN_TUF)** *fala para:* **legalmnte leao(f)** eskute aki bixo, naum kero falar c macho naum
- 3.(04:14:51) **legalmnte leao(f)** *grita com* PLAYBOY(MSN_TUF): ESKUTO PORCARIA SEU MAL EDUC
- 4.(04:14:52) **PLAYBOY(MSN_TUF)** *fala para:* va gritar c sua mae poorraaaaa sou surdo naum 

5.(04:15:12) **boy** fala para PLAYBOY(MSN_TUF): cara de deixa de zoada vcs pertubam o papo da hlera

6.(04:15:25) PLAYBOY(MSN_TUF) fala para **boy**: te mete naum caralho 🤪

O exemplo realça algumas escolhas lexicais que permitem a inferência de que os participantes têm alguma consciência de que o *chat* aberto transmutou um gênero oral. No turno **1** o participante usa a expressão “falar comigo” ao convidar o parceiro para um *chat* reservado. Ao recusar o convite, no turno **2**, o interlocutor usa as expressões “escute aqui” e “não quero falar”. É interessante perceber que os parceiros entram em conflito e manifestam isso por escrito, mas como se sentissem usando a modalidade oral da língua. No turno **3**, o sujeito seleciona o ato ilocutório “grita com” para mais uma vez fazer alusão ao verbo “escutar”, no que seu parceiro retruca dizendo que não é surdo, portanto o outro não deveria gritar. Como se trata de uma “roda de conversa”, **boy** interfere (cf. turno **5**) para pedir aos “brigões” que parem de fazer “zoada” na sala, pois o barulho está atrapalhando o *chat* aberto.

Os turnos que compõem o exemplo acima corroboram o trabalho de Hilgert (2001), que, ao caracterizar a troca de turnos no *chat*, percebeu que os interactantes se sentem como se estivessem falando em um texto que, na realidade, é escrito. É este sentimento dos usuários de *chats* que os fazem deixar na construção do hipertexto do <CAB> rastros indicativos da transmutação, os quais podem ser identificados para sustentar a tese de que os *chats* são gêneros transmutantes. Afinal,

neste tipo de interação, os interlocutores estão em contato por um canal eletrônico, o computador. Eles sentem-se falando, mas, pelas especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, ou seja, interagem, construindo um texto “falado” por escrito (HILGERT, 2001, p. 17 [aspas do autor]).

O contrário do que se discutiu acima também acontece e, de acordo com o meu ponto de vista, também é um indício revelador da transmutação da conversa coletiva pelo *chat* aberto. Trata-se da consciência dos usuários de que, embora

estejam construindo um hipertexto conversacional, a modalidade da língua imposta pelo gênero é a escrita. Veja-se o exemplo na seqüência.

EXEMPLO 30

- 1.(04:15:31) **amoroso msn** *fala para sol*: tc comigo?
- 2.(04:15:32) **BOMBADO KER SAFADA** *fala para sol*: naum entra no papo dele que tc comigo? Sou bom de tecladi
- 3.(04:15:33) **amoroso msn** *fala para BOMBADO KER SAFADA*: keima meu filme naum meu irmaum :-(((
- 4.(04:15:41) **sol** *fala para amoroso msn*: oi naum gosto de quem digita lento tc de onde:-)
- 5.(04:15:52) **amoroso msn** *fala para sol*: legal teclas de onde gata?

Ao se referir à natureza da escrita nos *chats*, Marcuschi (2001a) diz que “este ‘escrever’ tem até uma designação própria: *teclar*; tal é a consciência da novidade” (p. 18). Também Hilgert (2001) diz que “a consciência de que a conversação ocorre por escrito vem amiúde atestada por meio da referência metonímica *teclar*” (p. 24).

Duas expressões se repetem nas palavras desses autores: **teclar** e **consciência**. A primeira é usada para se referir à natureza da escrita do *chat*, a qual se realiza pelo uso do teclado do computador e a segunda diz respeito ao fato de os atores envolvidos no evento comunicativo saberem que não estão falando, ou seja, não estão usando a materialidade fônica para se comunicar uns com os outros, mas a escrita. Minha etnografia corrobora a análise dos referidos autores, pois os dados mostram, por várias vezes, a evocação da expressão **teclar** e suas correlatas, como **tc**. *Addenda*, os internautas evidenciam saber que a materialidade da comunicação se dá pela via escrita, pois os dados também tornam explícitas expressões que aludem ao ato de digitar, como se pode confirmar lendo os turnos 2 e 4 do exemplo 30.

Os dados mostram que os usuários do <CAB> fazem uso da escrita sem deixar de ter a consciência de que “comunicar-se em tempo real com mais de um

interlocutor através da palavra escrita exige **que se diga muito escrevendo pouco**” (OTHERO, 2002, p. 23 [negritos do autor]). Isso fica evidente quando, no turno 2, o sujeito tenta ganhar sua parceira dizendo que é “bom de teclado” e ela deixa claro que não gosta de teclar com quem não tem rapidez na digitação. Logo parece ser um contrato estabelecido entre os usuários o fato de saber manipular com rapidez o teclado a fim de não deixar seu interlocutor esperando. Esse contrato, que vem se aprimorando nas salas de bate-papo, serve para mostrar que o <CAB> é um gênero transmutante, haja vista esta suposição de trabalho ganhar guarida nos dados.

Esta afirmação ganha força mediante o fato de que os dados mostram a necessidade de os usuários realizarem algumas acomodações ortográficas, pois ao mesmo tempo em que escrevem para se comunicar, o fazem iluminados pela representação que eles têm da conversa entre amigos que ocorre face a face. Como no caso do *chat*, esta prática é rápida porque eles precisam se comunicar com muitos parceiros ao mesmo tempo, é natural que a escrita padrão deixe rastros gráficos, como as abreviações, as repetições de letras e de sinais de pontuações, os vocábulos onomatopaicos, os alongamentos vocálicos e outros índices. Tais marcas foram analisados, em um outro trabalho, como marcas da transmutação (ARAÚJO, [2003] 2005), já que elas representam fortes indícios de oralidade inseridos na escrita do *chat*⁸³. Assim, ser breve e ser rápido são características desejáveis e cultivadas pelos usuários dos *chats*, o que permite a ilação de que a centralidade da escrita nestes gêneros se orienta pelo que se costuma designar de pressão pragmática (CRYSTAL, 2002)⁸⁴.

Para além dos recursos técnicos de seleção de parceiros, de abreviações, usos de *emoticons* e de imagens, a transmutação das conversas coletivas pelo *chat* aberto é

⁸³ O leitor pode encontrar uma boa descrição dessas marcas no livro de Gabriel Othero (2002) que se propôs a mostrar “uma visão lingüística de nosso idioma na era digital” a partir da análise de *chats*.

⁸⁴ O mesmo vale para os *emoticons*, os quais compreendo como índices da transmutação de estados de espírito e de gestos faciais para o <CAB> a fim de preencher as lacunas paralingüísticas que ponteiavam não só o <CAB>, mas toda a constelação.

um convite para que comecemos estudos mais sistemáticos em busca de compreender como as pessoas têm arregimentado e gerenciado as novas maneiras de se relacionar em ambiente digital. Os *nicknames*, por exemplo, são bons exemplos para perceber até que ponto a liberdade que eles conferem aos usuários desse gênero influenciam em suas relações interpessoais.

5.2 DA AULA PRESENCIAL AO *CHAT* EDUCACIONAL

Com a inserção das novas tecnologias digitais nas práticas discursivas, a escola também passou a ser partícipe, embora ainda não de maneira desejável, desse novo contexto. Uma prova disso é a literatura que vem se formando em torno da temática, cujos autores têm tentado descrever as práticas educacionais na *Internet* sob vários aspectos⁸⁵. Não obstante o número expressivo de estudos acerca do ensino na *Web*, considero importante, no caso do *chat* educacional, estudar sua formação genérica, uma vez que se trata de um gênero transmutante que compõe uma constelação na qual mantém alguma relação de similaridade com os outros gêneros.

Como foi visto anteriormente, as rodas de conversas foram reinterpretadas pela *Web* e assumiram estatuto de um gênero transmutante designado de *chat* aberto, o qual modifica as relações interpessoais a ponto de ser possível flagrar em sua superfície hipertextual marcas lingüístico-textuais indicadoras da transmutação. Ambos os gêneros, tanto o transmutado quanto o transmutante, têm em sua constituição a natureza conversacional sincrônica. Olhando agora para o <CED>, seguindo a mesma esteira, a presente seção se orienta pela curiosidade de saber se existem elementos da aula que se permitem flagrar no *chat* educacional, já que ambos os gêneros possuem naturezas conversacionais distintas. A análise também procurará verificar como se definem os papéis dos atores envolvidos na atividade interativa do <CED>.

⁸⁵ A quem interessar, ver Motteram (2001), Buzato (2001), Martins-Fontes (2002), Sabbag (2002), Pitombeira (2003), Ferreira & Collins (2004), Geraldini (2005), além dos já citados no capítulo de introdução.

Um dos aspectos mais salientes no <CED> é a necessidade de um horário de início e de término definido bem como de um tema para ser discutido, sendo estes aspectos que servem também para caracterizarem a aula. Os dados gerados para essa análise mostram o quanto os participantes do <CED> conservam essas marca da aula, como ressalta o exemplo 31, abaixo.

EXEMPLO 31

- 1.(13:57:03) **Marcus Fábio** fala para **Cristiane**: Cris, para que horas está marcado o chat?
- 2.(13:57:25) **Cristiane** fala para **Todos**: 14:00h
- 3.(13:58:38) **Ivoneide** fala para **Todos**: Podemos iniciar a discussão, ou vamos aguardar um pouco?
- 4.(13:59:16) **Janete** Entra na sala...
- 5.(13:59:23) **Marcus Fábio** fala para **Todos**: Acho melhor aguardarmos + 5 min pra ver se chega mais participantes
- 6.(13:59:53) **Janete** fala para **Todos**: Sim, vamos aguardar mais um pouco

O exemplo mostra a entrada dos participantes no ambiente virtual que abrigará o <CED>. Como já era do conhecimento de todos, o *chat* deveria começar em horário marcado, embora os dados mostrem que muitos participantes acessavam a sala sempre um pouco antes do início da sessão. No trecho acima, os internautas negociam se começam ou não o bate-papo educacional e chegam à conclusão de que ferir este princípio seria ferir o próprio gênero, o que pode significar prejuízo para os que acessarem a sala depois.

Este aspecto, quando comparado ao funcionamento do <CAB>, torna-se muito relevante porque ajuda na compreensão do propósito comunicativo, como será aprofundado no próximo capítulo. Enquanto o <CAB> não tem horário e/ou tema previamente combinados, o <CED>, por representar – de alguma forma – as vozes institucionais do discurso pedagógico, mostra-se como um evento que exige planejamento e preparação dos participantes. Esperar o horário combinado pelo

grupo para dar início às discussões é uma “prova” de disciplina. Assim, considero que uma das marcas da aula que se pode capturar no <CED> é exatamente o cumprimento de horários e agendas, aspectos bastante comuns nas aulas presenciais que foram transmutados pelo gênero transmutante em questão.

Outro aspecto relevante que caracteriza a aula é a assimetria entre professor e alunos, pois cabe ao primeiro o controle do evento comunicativo. Nesta direção, Altet ([1998] 2001) assinala que o professor, além de regular a estruturação e a gestão dos conteúdos, administra também a interação no interior da sala de aula. Talvez seja por isso que a aula presencial tenha a pergunta como uma das características lingüístico-discursivas pela qual se pode reconhecê-la.

Esta prerrogativa advém do trabalho de Araújo, S. (2003), para quem a aula é um evento comunicativo marcado pela pergunta tanto da parte do professor quanto da parte do aluno. Foi esta característica da aula que levou o estudioso a procurar investigar os tipos de perguntas e suas funções usadas nas aulas de professores de língua estrangeira. Na análise que faz, o autor mostra que a pergunta serve para o professor manter o controle da assimetria durante o evento, pois, ao realizar perguntas aos alunos, ele demarca um lugar de fala e se reconhece nele, impondo ao aluno o papel de respondedor, mesmo que, em muitos casos, para as perguntas feitas já saiba as respostas.

Os dados de minha pesquisa mostram que a pergunta também aparece no <CED>, mas isso é comum em todos os gêneros que compõem a constelação. Esta constatação também pode ser encontrada em Hilgert (2001), que, ao caracterizar os turnos no *chat*, mostrou que eles “são constituídos, predominantemente, por pares adjacentes pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento” (p. 29).

Não obstante essa característica das interações nos diferentes *chats*, é preciso salientar que, no caso do <CED>, percebi que o professor realiza perguntas para saber se houve ou não a compreensão do assunto por parte dos alunos. Este tipo de

pergunta, designada por Araújo S. (2003) de pergunta de verificação de compreensão, faz parte de uma categoria maior que ele denomina de pergunta interativa. O exemplo 32 retrata um caso desses.

EXEMPLO 32

- 01.(15:31:28) **Herminio** fala para **Todos**: Então pessoal, concluímos o que? O que são tecnologias??
- 02.(15:32:16) **David** fala para **Herminio**: Pra mim, métodos para facilitar as nossas vidas...
- 03.(15:32:21) **Marcus Fábio** fala para **Herminio**: tudo aquilo que é construído com um objetivo específico, seja na antiguidade ou na atualidade.
- 04.(15:32:47) **Adriano Lima** fala para **Herminio**: Ao menos foi o que foi proposto inicialmente
- 05.(15:32:48) **Marcus Fábio** fala para **Herminio**: para facilitar a vida do homem.
- 06.(15:32:57) **André** fala para **Herminio**: o que produzimos em resposta a nossas necessidades, material ou intelectualmente...
- 07.(15:33:24) **Jonathas** fala para **Herminio**: Tecnologia é uma forma de expressar conhecimentos, técnicas, etc voltados para a solução de um conjunto de problemas da mesma natureza.
- 08.(15:34:02) **Ana Rafaela** fala para **Todos**: São ideias construídas com o objetivo de facilitar tarefas
- 09.(15:34:48) **Herminio** fala para **Todos**: Concluindo as respostas de vcs... viva a tecnologia e o homem que criou a mesma. Cabe a ele saber usá-la :)
- 10.(15:34:57) **Adriano Lima** fala para **Herminio**: é tudo que é planejado a partir da necessidade individual ou coletiva no sentido de aplicar uma técnica.
- 11.(15:35:10) **Marcus Fábio** fala para **Herminio**: Exatamente.
- 12.(15:35:28) **David** fala para **Herminio**: E muito cuidado pra não ser eliminado por ela! :P

Os temas desse *chat* foram “o que são tecnologias” e “como vivemos com as tecnologias”. Para garantir uma boa participação nesse bate-papo, os internautas teriam que ter lido um texto indicado pelo professor a fim de que os temas fossem ganhando espaço e corpo durante a construção do hipertexto do <CED>. A fim de saber se a discussão e a leitura tinham sido favoráveis, o professor faz uma pergunta do tipo de verificação de compreensão. O que se observa é que dos 13 turnos, no

trecho, apenas 2 partes do professor. É a partir da pergunta dele que desencadeiam uma série de respostas, o que sugere que o par dialógico P-R em um <CED> é uma constante.

A aparente centralidade que a figura do professor assume na discussão do parágrafo antecedente se desfaz quando se percebe que a maior quantidade de turnos gerada no <CED> é gerenciada pelos alunos. Isto acontece porque, mesmo que o professor desenvolva a função de mediador do *chat*, a natureza sincrônica do evento não hierarquiza os participantes, de maneira que todos podem digitar e enviar suas mensagens na hora que quiserem. Em outras palavras, o gênero utilizado não é a aula, mas um <CED>, cujas características alteram sensivelmente as relações interpessoais.

Difícilmente, em uma sala de aula, com pelo menos 30 alunos, o professor se disponibilizará a ouvir a resposta de todos diante da pergunta que direcionou à turma. No caso aqui analisado, isso é possível devido às condições de produção a que se submetem os atores, entre elas a própria temporalidade do evento e a habilidade dos participantes com o teclado que lhes permite enviar seus turnos dentro de um curto espaço de tempo. Observe que entre o turno 1, a pergunta do professor, e o turno 10, última resposta do aluno, há apenas 4 minutos. Certamente em uma sala de aula, as respostas individuais demandariam um tempo bem maior do que o do <CED>.

De qualquer maneira, é possível dizer, com base nos dados, que os papéis sociais desempenhados pelo professor e pelos alunos são de alguma maneira redefinidos no <CED>. Isso fica evidente nos turnos 9 e 12 do exemplo 32. No primeiro, o professor tenta fazer uma conclusão que condense as opiniões dos alunos, diluídas pelos turnos 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11. O turno 12, embora seguido de um *emoticon* que parece funcionar como uma espécie de modalizador, revela uma opinião crítica do aluno diante da conclusão feita pelo professor. É como se ele quisesse dizer que a conclusão do professor foi ingênua ou não tivesse dado conta de todos os matizes de sentido sobre o tema discutido no <CED>.

A figura professoral, embora seja importante para o funcionamento e a existência do <CED> não é mais central na atividade de interação, mas isso não significa que ela não deixa de tentar recuperar o controle da assimetria. Parece ser natural que, da parte do professor, isso aconteça, pois uma vez acostumado com o gênero aula, ainda se sente confuso e perdido ao utilizar o gênero transmutante. Sobre isso, vale citar Abreu (2002) que deu voz a uma professora partícipe de sua pesquisa, a qual faz o seguinte depoimento: “(...) tenho saído dessas duas horas de *chat* totalmente exaurida [...] Meu Deus, esse *chat* é uma verdadeira sabatina” (p.92).

Este tipo de depoimento docente talvez explique o fato de existirem no <CED> “por parte de alguns professores, tentativas de evidenciar sua autoridade professoral, mesmo que o discurso pedagógico esteja submetido a outras condições de produção e veiculado por uma outra *mídia*, que tende à neutralização do autoritarismo” (ARAÚJO, 2005a, p. 107[itálicos no original]). Ao confrontar os dados da presente pesquisa com o último trabalho citado, é possível confirmar esse achado, conforme o exemplo que se segue.

EXEMPLO 33

01.(14:15:27) **Cristiane** fala para **Todos**: Pessoal, o professor Hermínio pediu para que todos entrassem no bate-papo com os seus respectivos nomes.

02.(14:16:05) **Marcus Fábio** fala para **Todos**: Exemplificando: Ao construir um computador estou utilizando da tecnologia, mas para trabalhar com ele necessito de técnicas para manusiá-lo.

03.(14:16:29) **Cristiane** fala para **Marcus Fábio**: Marcus, por favor troque o seu nickname, ok! Muito obrigada!

04.(14:17:03) **Marcus Fábio** fala para **Cristiane**: Tenho que sair e entrar novamente?

05.(14:18:26) **Cristiane** fala para **Marcus Fábio**: Isso mesmo! Desculpe-me mas é a regra do jogo!

06.(14:18:42) **Ana Rafaela** fala para **Todos**: O que o adriano falou eh igual ao que o marcus falou na minha opiniao

07.(14:18:49) **Cristiane** fala para **Marcus Fábio**: Espero que vc me entenda!

08.(14:18:51) **Marcus Fábio** fala para **Cristiane**: Para que eu não perca a linha de raciocínio deixe-me ficar com esse nick somente hoje.

09.(14:19:42) **Marcus Fábio** fala para **Todos**: Acredito que não, pois como irei construir algo sem pensar em como manusiá-lo.

10.(14:20:23) **Cristiane** fala para **Todos**: Tudo bem, mas na próxima vc entra com o seu nome, ok?

11.(14:20:50) **Marcus Fábio** fala para **Cristiane**: Palavra de Escoteiro!!!!

O exemplo mostra uma das monitoras, **Cristiane**, usando o nome do professor para fazer valer uma determinação que já fora combinada: todos deveriam usar seus nomes em vez de *nicknames*. É interessante observar que, ao se referir a Todos, **Cristiane** na realidade está direcionando sua mensagem para **Marcus Fábio**, o qual não está usando seu nome costumeiro, o que não o impede de contribuir para que o *chat* educacional aconteça com sucesso. No entanto, ocorre que, embora o aluno esteja contribuindo muito no *chat*, ele é convidado a deixar a sala, trocar de *nick* e retornar à atividade. Os turnos **3**, **4**, **5**, **7** e **8** retratam bem o conflito entre os sujeitos.

Diante da rica participação de **Marcus Fábio**, a pergunta é: seria mesmo necessário interromper a discussão para que ele saísse do ambiente do <CED> e voltasse a acessar a sala pela simples exigência de trocar o *nick*? Esta atitude professoral da monitora⁸⁶ não estaria revelando sua tentativa de controle, semelhante àquelas que os professores, comumente, usam em suas aulas presenciais?

Por outro lado, é importante não deixar de considerar que o gênero utilizado por **Marcus Fábio** não é o <CAB>, o qual não impõe nenhuma restrição quanto ao uso do *nick*, ao horário marcado, ao tema a ser discutido, etc. Assim, pode-se também imaginar que **Marcus Fábio** sabe que se trata de um <CED>, portanto quem “feriu” o contrato social foi ele. Seja como for, o mais importante aqui não é saber quem está com a razão, mas assinalar que é comum encontrar nos dados situações de conflitos como essa que sinalizam para marcas que nos lembrem uma aula presencial.

⁸⁶ Considero a autoridade de **Cristiane** professoral porque é dela a responsabilidade pela mediação pedagógica no referido <CED>.

Ainda desse exemplo pode-se pensar sobre os famosos casos de expulsão que alguns alunos sofriam (ou sofrem ainda?) em aulas presenciais. É um pouco demais imaginar que, em um caso como o ilustrado acima, o aluno, em aula presencial, continuaria falando com os seus colegas como se o professor não estivesse se dirigindo a ele. O exemplo mostra que, enquanto se desenrola o conflito entre **Marcus Fábio** e **Cristiane**, o primeiro continua tranqüilamente a discussão com seus pares, como realçam os turnos **6** e **8**. Este fato é revelador de que a transmutação da aula pelo *chat* educacional altera muito as relações professor-aluno, já que a figura do professor perde a centralidade na cena enunciativa, fazendo com que as relações sejam mais **hiperpessoais**, ou seja, centradas no grupo, do que **interpessoais**, centradas em um indivíduo, no sentido que Marcuschi (2004) dá aos termos grifados. Além disso,

no contexto eletrônico, há um rompimento na verticalidade dessa relação [professor/aluno], na medida em que cada membro do grupo ocupa um lugar virtual e pode negociar sua participação de forma mais isonômica [...] O deslocamento do centro de atenção do professor para o grupo contribui para o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico do aluno (MOTTA-ROTH, 2001, p. 24).

Ainda sobre as marcas da transmutação no <CED>, pode-se dizer que é comum, em aulas presenciais, pedir dos alunos tarefas que versem sobre o conteúdo da aula. Ao fazer isso, o professor está querendo gerar dados que lhe sirvam para a avaliação de seus alunos. Sem querer discutir o complicado e polêmico tema da avaliação no *chat* educacional, é interessante a análise que se segue acerca do exemplo 34.

EXEMPLO 34

01.(15:27:48) **Janete** fala para **Todos**: vc jah colocou alguma atividade no seu portfolio?

02.(15:27:51) **Adriano Lima** fala para **Ana Rafaela**: Creio que não será necessário até pq este chat é a prova de que lemos o texto ou ao menos deveríamos ter lido.

- 03.(15:28:26) **Ana Rafaela** fala para **Todos**: porque eu vi no cronograma que o dia 15 eh o ultimo diz para entregar pendencia, e eh citado o resumo do capitulo, porem nao vi onde pediram-nos para fazer o resumo.. ai fiquei na duvida
- 04.(15:28:49) **Janete** fala para **Todos**: vc estah onde agora?
- 05.(15:29:35) **Ana Rafaela** fala para **Todos**: entao nao eh pra fazer neh?
- 06.(15:29:35) **Ivoneide** fala para **Ana Rafaela**: Sim, é preciso fazer o resumo do capítulo.
- 07.(15:29:57) **Ana Rafaela** fala para **Todos**: ah.. tah..tudo bem...
- 08.(15:30:19) **Marcus Fábio** fala para **Ivoneide**: O resumo vai para o portfolio?
- 09.(15:31:03) **Ivoneide** fala para **Ana Rafaela**: O resumo é para ser colocado no portfólio.
- 10.(15:31:11) **Janete** fala para **francimar**: Qd terminar o chat vc pode vir aqui no multimeios para ajeitarmos

Este exemplo mostra que o hábito de solicitar dos alunos trabalhos escolares também migrou da sala de aula para a sala de *chat*, mesmo que essa transmutação tenha provocado o surgimento de um outro gênero. No caso da aula, nem sempre temos como saber se todos os alunos leram ou não o texto solicitado pelo professor, enquanto que no <CED> a leitura do texto gerador da discussão se torna condição *sine qua non* de participação, tanto é que um dos alunos se mostra surpreso com a exigência da apresentação de um resumo do texto que eles leram para poder participar do *chat*. O destaque feito do turno 2, ao mesmo tempo em que ilustra bem o espanto do *chatter* diante da exigência da monitora/professora (turnos 6 e 8), também mostra sua representação de avaliação: provar que cumpriu com uma obrigação de leitura determinada pelo professor, no caso.

Como os dados mostram, o gênero em foco é atravessado pela natureza sincrônica de comunicação, por isso apresenta uma grande hiperpessoalidade que o aproxima muito do <CAB> o que justifica o fato de ambos pertencerem à mesma constelação de gêneros.

Além de compartilharem a característica hipertextual advinda da esfera digital, também comungam do mesmo fenômeno formativo pelo qual é possível rastrear marcas indicadoras do gênero transmutado no transmutante, ainda que elas sejam reinterpretadas pelo último, como melhor discutirei no próximo capítulo quando tratarei dos propósitos comunicativos dos gêneros da constelação-alvo desta análise. De qualquer modo, é possível dizer com Barros (2002) que este gênero emergente integra características típicas dos *chats* e das aulas, o que também o torna distinto entre os demais da constelação.

5.3 DA ENTREVISTA FACE A FACE AO *CHAT* COM CONVIDADO

O funcionamento de uma entrevista, como analisa Fávero (2001), comporta participantes que interagem em uma relação assimétrica, devido aos dois papéis sociais desempenhados pelos usuários desse gênero: o de entrevistador e o de entrevistado. De acordo com essa autora, comumente, são apenas dois os participantes desse evento, sendo que o entrevistador é aquele que desempenha o papel de conduzir e orientar a interação, ao passo que ao entrevistado é imposto o papel de aceitar a situação comunicativa.

Porém, o que se sabe é que o funcionamento interacional de uma entrevista não é assim tão simples. Os participantes não se resumem exatamente ao número de duas pessoas, mas a dois papéis. Nesta direção, são elucidativas as palavras de Hoffnagel (2002) ao esclarecer que

quando houver mais de dois participantes, como, por exemplo, quando uma banda de rock é entrevistada, os vários membros da banda respondem às perguntas, mas continua havendo **dois papéis** desempenhados – o de perguntador e o de respondedor (p. 181[destaque da autora]).

No que diz respeito à assimetria que pontua esta interação, Fávero (2001) pondera ao verificar casos em seu *corpus* que sinalizam para a possibilidade da “inversão de

papéis, pois o entrevistado [pode muito bem dirigir] a entrevista, aprovando ou não a ação do entrevistador” (p. 80)⁸⁷, gerando alguns conflitos na interação.

Um exemplo de conflitos oriundos da relação assimétrica da entrevista pode ser encontrado no trabalho de Rejane Carvalho (2005), que observou como esse gênero pode estar atravessado por duas formações discursivas, desde que esteja a serviço de uma interdiscursividade, no sentido que Maingueneau atribui a este termo. Carvalho, R. (2005), ao analisar a entrevista como um gênero que reflete o conflito entre o discurso político e o discurso midiático, questiona-se: “como entender que mesmo identificando os interlocutores (representantes da grande mídia) como inimigos o entrevistado se submeta aos riscos de ser por eles interrogado?” (p. 67).

É relevante pensar nisso, pois nem sempre a interação em uma entrevista acontece sem conflitos, os quais são gerenciados em função das intenções daqueles que estão envolvidos no evento. No caso analisado por Carvalho, R. “os dois campos, o da mídia e da política fundam sua legitimidade em um mesmo princípio: o da visibilidade” (p. 68), portanto, em função desse princípio, os interagentes usam o gênero tirando dele o melhor sem deixar de gerenciar a “preservação de suas faces”, no sentido de Goffman ([1979] 1998).

Barros (2001) e Fávero (2001) mostram que a entrevista passa por três fases: o tempo de preparação, a entrevista propriamente dita e, finalmente, a edição. Dependendo das condições de produção, cada fase dessa é mais própria do entrevistador, como a preparação, por exemplo, o que gera “um número menor de marcas de elaboração e reelaboração” (BARROS, 2001, p. 61). A edição também é uma fase importante para o gênero, pois embora a entrevista seja primordialmente oral, quando esta é veiculada pelos jornais ou revistas, “a edição apaga boa parte das

⁸⁷ Este ‘choque’ entre os partícipes da entrevista pode ser oriundo também do suporte/canal/meio, como analisa Bonini (2000).

marcas de reformulação, de repetição” (BARROS, 2001, p. 62), mas também pode manter-se oral quando o suporte for a TV ou o Rádio (FÁVERO, 2001, p. 83).

Há ainda outro aspecto que merece discussão: a audiência que pode ser representada por ouvintes (Rádio), telespectadores (TV) e leitores (revistas e jornais). Muito embora nem sempre a audiência esteja presente no exato momento da entrevista, lembro com Hoffnagel (2002) que “tanto as perguntas como as respostas são formuladas com uma audiência específica na mente” (p. 183). Isso significa que, de algum modo, a audiência é capaz de orientar as perguntas e as respostas da entrevista, sobretudo quando se tratar de personalidades conhecidas que desejem manter uma imagem boa diante de seu público, como foi o caso estudado por Carvalho, R. (2005).


Diante das considerações feitas aqui, é razoável supor que a entrevista é um dos gêneros transmutados pela constelação dos *chats*. Neste sentido, defenderei que o que ocorre na sala de bate-papo com convidado não é uma entrevista em si, como sugerem Marcuschi (2004) e Carvalho, M. (2005 **on-line**), mas um outro evento comunicativo com estatuto genérico próprio o qual designo de *chat* com convidado <CCO>, haja vista ser possível flagrar nele aspectos próprios de um bate-papo eletrônico.

Foi visto, no capítulo anterior, o quanto o *chat* com convidado opera com recursos de hipertextualidade, pois seus atores podem lançar mão da escrita, do som e, inclusive, da imagem em tempo real do convidado, aspectos que o tornam muito próximo dos outros *chats*, devido a sua natureza hipertextual. Nesta seção, é meu intento mostrar que o fenômeno formativo do <CCO> sinaliza para mais um aspecto que o irmana à constelação, pois se trata de um gênero transmutante que, para existir, absorveu e reinterpretou a entrevista face a face.

Ao afirmar que “a entrevista não é um gênero em si, mas uma constelação de gêneros [...] com uma forma característica que se dá numa estrutura marcada por

perguntas e respostas”, Marcuschi (2000a, p. 22) permite o entendimento de que, embora haja alterações na função comunicativa, a entrevista apresenta uma organização textual que se conserva em suas muitas variações.

Na realidade, o que me interessa nessa afirmação do autor é o fato de ele reconhecer uma relativa estabilidade no plano composicional dos muitos eventos realizados pela entrevista. Nesta direção, também assumo o mesmo interesse, pois acredito que com a transmutação desse gênero para o *chat* na *Web* há alguma alteração em sua organização textual, que se configura do seguinte modo:

1. SAUDAÇÃO DO MODERADOR	Bem-vindo ao Bate-papo com Convidados do UOL. <u>Converse</u> agora com a artista Andreza Valentin sobre a exposição 'Jogo de Espelhos', em cartaz na Galeria Vermelho, em São Paulo. Para enviar sua pergunta, selecione o nome do convidado no menu de participantes. É o primeiro da lista.
2. MARCA DE ENTRADA DOS PARTICIPANTES	(04:38:37) julcra <i>entra na sala...</i>
3. SAUDAÇÃO DO CONVIDADO	(04:06:14) Andreza Valentin : Primeiro eu queria agradecer o convite do UOL e agradecer a todo mundo que fará perguntas. E estou aqui para responder as perguntas de vocês. Eu divido a minha exposição com mais dois expositores. o "Jogo de Espelhos" surgiu num bate-papo com o Eduardo Brandão, que é um dos sócios da Galeria Vermelho - onde está as obras estão expostas. O trabalho utiliza um grande espelho na entrada do prédio. Eu trabalho com a relação do jogo de imagens que os espelhos produzem.
4. PERGUNTAS AO CONVIDADO	(04:42:19) escultorur rookie <i>fala para Andreza Valentin</i> : até onde o design influencia sua arte? como vc administra o lado pragmatico e frio do design com a arte?
5. INTERVENÇÃO DO MODERADOR	(04:34:24)  MODERADOR <i>(reservadamente) fala para julcra</i> : Sua mensagem foi enviada para o moderador UOL. <u>Caso seja selecionada</u> será publicada sobre um fundo amarelo. Obrigado.
6. CONVERSA ENTRE OS PARTICIPANTES	(04:41:19) SOLTEIRO <i>fala para fofinha</i> : JÁ VIU MINHA OBRA (04:41:59) escultorur rookie <i>fala para SOLTEIRO</i> : conte-nos sobre sua obra (04:42:20) fofinha <i>(reservadamente) fala para SOLTEIRO</i> : sim (04:42:50) jtd <i>ri de fofinha</i> : oi (04:43:19) jtd <i>sorri para fofinha</i> : fala gatinha

7. RESPOSTA DO CONVIDADO	(04:44:09) Andreza Valentin : escultor rookie, eu não gosto de colocar o design como pragmático. Eu repensei isso... O design me ajudou muito na arte, e vice-versa. Comunicar-me com as pessoas está muito mais solto no design quanto na arte. No design eu não tenho certas preocupações que tenho na hora de fazer arte. E digo que as artes plásticas me ajudam na produção gráfica no quesito liberdade.
8. DESPEDIDA DO CONVIDADO	(04:56:39) Andreza Valentin : Queria agradecer a todos que participaram do <u>papo</u> , e quem quiser venham ver a minha obra na Galeria Vermelho. Fiquei contente em saber que <u>tanta gente</u> participou do <u>papo</u> .
9. MARCA DE SAÍDA DOS PARTICIPANTES	(04:44:13) fofinha sai da sala... (04:44:15) gabizinha sai da sala...

FIGURA 33 – A CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL DO <CCO>

A figura sintetiza o que os dados relativos ao <CCO> mostraram em relação à composição desse gênero. Foi possível perceber que toda a interação se articula dentro dos nove “momentos interativos” (COSTA & ARAÚJO, 2006) indicados acima, os quais apontam para o funcionamento interativo do <CCO>. É razoável admitir, porém, que esse funcionamento também não ocorre tão comportado como parece. Mas em linhas gerais, é desse modo que essa variedade de *chat* acontece.

É importante atentar para o fato de que a saudação do moderador, indicada em 1, não é exatamente um turno enviado, mas um texto que fica sempre no início da tela de conversação. Quanto à marca da entrada dos usuários na sala (2), verifica-se que é exatamente igual à que ocorre nos outros *chats*. Já a saudação inicial (3) do convidado ocorre logo que há um número bem expressivo de *chatters* na sala e, geralmente, prenuncia a temática do bate-papo.

A pergunta feita pelos participantes (4) não é publicada na tela para que todos conheçam o seu conteúdo até que seja escolhida pelo moderador. Geralmente, o *chatter*, ao digitar e enviar a sua pergunta, recebe uma mensagem automática (5), enviada através do recurso “reservadamente”, sobre um fundo cinza, assinada pelo

moderador, como mostra a figura 33. Em função do recurso “reservadamente”, somente o autor da pergunta é quem visualiza no monitor o turno automático do moderador.

Devido ao número de participantes, nem todas as perguntas são selecionadas pelo moderador, o que provoca chateações nos “entrevistadores”. Por causa disso, basta que os participantes ativem o botão **platéia** (cf. figura 22) para que se instaure, dentro do <CCO>, um verdadeiro <CAB> (6). Uma das explicações prováveis para a hibridização entre esses dois gêneros pode ser exatamente para atender às necessidades dos internautas que se manifestam através de insatisfações ao esperar que sua pergunta seja selecionada. Comumente, isso os faz aproveitar o *chat* para tentar namoros virtuais ou comentar com os outros sua opinião sobre o convidado, como mostra este outro exemplo.

EXEMPLO 35

- 1.(04:48:03) **jtd** *suspira por* **mama**: H ou M?
- 2.(04:48:54) **mama** *fala para* **jtd**: HOMOSEXUAL?Hetero? posso i9nterpretar de varias formas :-)))
- 3.(04:50:17) **escultoror rookie** *fala para* **Andrezza Valentin**: a técnica lhe dá liberdade de criação por possibilitar realizar tais imagens certo? o design então serve apenas como um filtro? tipo, para vc pode tornar mais comunicável e menos pessoal? ou existe um estilo dentro do design? @--,---
- 4.(04:50:42) **jtd** *entusiasma-se com* **mama**: q vc pra mim pode ser
- 5.(04:51:02) **mama** *fala para* **jtd**: DEPENDI Q SE CURTE?
- 6.(04:51:36) **jtd** *entusiasma-se com* **mama**: vc é mulher ou homem
- 7.(04:52:17) **mama** *fala para* **jtd**: vc qr trepar ne safado:0
- 8.(04:52:20) **Andrezza Valentin**: escultoror rookie, dentro do meu design existe um estilo, também. Acho que um trabalho não é filtro do outro. Fiz um trabalho de animação baseados em cacos de espelhos. E a partir deste trabalho, percebi como o design e as artes plásticas se complementam.

No plano discursivo, o exemplo 35 mostra que o <CCO> mobiliza elementos bastante complexos. Por exemplo, o fato de ocorrerem em seu interior manifestações

de um <CAB>, provocando uma hibridização de gêneros, é bastante revelador de que houve uma transmutação do gênero entrevista. Esta afirmação se justifica porque em uma entrevista face a face propriamente dita, dificilmente, o entrevistador “abandonaria” o entrevistado para “bater-papo” com outras pessoas em plena funcionamento do evento. Visto por este prisma, é razoável atribuir ao *chatter*, no caso do <CCO>, o papel que corresponderia ao de entrevistador em uma entrevista face a face. Como neste tipo de *chat* é possível conversar com outras pessoas que não só o convidado durante o tempo que o internauta julgar necessário, esta possibilidade de interação distancia o <CCO> de uma entrevista, o que sugere que o primeiro é um gênero transmutante.

Correlato a isso, está a mudança que se pode verificar nos papéis sociais desempenhados. Às figuras do entrevistador e do entrevistado soma-se a do moderador, cuja função é a de “conduzir” a interação, pois lhe cabe selecionar as perguntas que deverão ser direcionadas ao convidado. Como em uma sala os participantes podem chegar a um número exorbitante de 5.000 (cinco mil)⁸⁸, faz-se necessária a inserção dessa “nova” figura. Esta é quem seleciona as perguntas e as transmite ao entrevistado sobre um fundo cinza, como salienta o exemplo 35. Por causa disso, é relevante observar ainda que a resposta do convidado vem sempre com uma defasagem de tempo, pois, devido à sincronia do evento, são muitas as perguntas que chegam ao mesmo tempo.

Sobre a sincronia, é curioso considerar que, enquanto a entrevista, segundo Barros (2001) e Fávero (2002), passa pelos momentos da elaboração, da interação propriamente dita e da edição do texto, no <CCO> esses três momentos coexistem, posto que o papel de entrevistador se fragmenta e se distribui por entre todos aqueles que acessarem a sala de bate-papo. Assim, a preparação da pergunta e do andamento do evento acontece simultaneamente à interação. A edição também é sincrônica no

⁸⁸ No caso das salas de *chat* com convidado do UOL, por exemplo.

sentido de que ao digitar e enviar a pergunta, sendo ela escolhida ou não pelo moderador, passará a fazer parte do hipertexto que é gerado durante a interação.

Observa-se que o entrevistador, no caso do <CCO>, não assume a função de conduzir a interação, já que ele não tem garantia de que sua pergunta será publicada para toda a sala. Por outro lado, mesmo que seu papel não seja o mesmo assumido por um entrevistador em uma outra esfera de comunicação, podemos dizer que um aspecto é conservado no bate-papo: o de estabelecer os tópicos pelas perguntas que fazem. Mesmo assim, no <CCO>, a “entrevista” é um feixe de tópicos, pois cada pergunta selecionada introduz um tópico que é finalizado pelo convidado e dificilmente retomado por outro *chatter*.

Diante disso, a figura do participante do <CCO> (que equivaleria à do entrevistador), de um certo modo, apaga-se na interação. Quando o gênero transmutado ocorre em outras esferas, o entrevistador, como bem frisam Fávero (2001), Barros (2001) e Carvalho, R. (2005) estabelece uma certa assimetria na interação. No caso do <CCO> é o moderador quem o faz. Por esta razão, destituído de seu papel de conduzir a suposta entrevista, o participante do bate-papo com convidado acumula as funções de entrevistador e audiência, posto que enquanto aguarda que sua pergunta seja selecionada pelo moderador, limita-se a ler, a ouvir e a ver (simultaneamente) o desenrolar da atividade interativa, quando não instaura conversas com os outros *internautas*, como mostra o exemplo 35.

Ainda sobre a natureza conversacional, gostaria de fazer a ressalva de que o <CCO> opera tanto com o caráter assimétrico quanto com o simétrico. As duas naturezas conversacionais são constantes no mesmo evento, o que o faz bastante complexo. Devido ao número de participantes, a figura do moderador impõe uma relação assimétrica entre o “entrevistador” e o entrevistado, pois este último não tem condições de responder a tantas perguntas ao mesmo tempo. Por outro lado, tecnicamente, não há hierarquia no ato de escrever e enviar turnos, de maneira que todos podem enviar perguntas ao mesmo tempo, o que recupera o aspecto simétrico,

próprio do evento *chat*. Some-se a isso, a inserção do <CAB> que adentra no interior do <CCO>, levando o caráter síncrono da conversação às últimas conseqüências.

Assim, a natureza conversacional nesse gênero se manifesta sob dois aspectos: síncrona e assíncrona. O primeiro fica mais saliente devido à liberdade que todos os participantes têm de digitar e enviar à hora que quiserem seus turnos, bem como devido à hibridização genérica que ocorre entre o <CAB> e o <CCO>. O segundo ocorre devido à defasagem de tempo que se estabelece entre o envio das perguntas e as respostas.

Tecnicamente, não há hierarquia na elaboração e envio das perguntas, pois todos podem fazê-lo no tempo em que desejarem, obedecendo a seu próprio ritmo. Mas em seguida, até que ocorra a seleção por parte do moderador há um descompasso entre a hora de envio da pergunta e a hora de recebimento da resposta. Ao que me pareceu, o caráter síncrono do *chat*, de algum modo, permanece no bate-papo com convidado, contudo esse gênero absorve e reinterpreta também a natureza assíncrona do gênero transmutado.

5.4 DAS CONVERSAS SECRETAS AO *CHAT* RESERVADO

Confidenciar segredos é algo que sempre exige de seus atores um “cantinho” especial e um material fônico distinto, como uma voz sussurada, sobretudo se isso ocorrer perto de outras pessoas que não podem ouvir o que se diz. A prática cotidiana de falar sobre coisas impúblicáveis sempre esteve restrita a pessoas ou a situações que garantissem uma certa segurança ao quem se dispuser a fazê-lo. Talvez, por essa razão

desde a Idade Média, as sociedades ocidentais instituíram a confissão entre os ritos mais importantes para a produção da verdade. Tal procedimento foi difundido nas diversas áreas de produção do saber: na justiça, na medicina, na pedagogia, nas relações familiares e amorosas, na esfera cotidiana e nos ritos solenes (KOMESU, 2005a, p. 55).

Segundo Komesu (2005a), a Internet amplificou a prática de fazer a “publicização de si” em gêneros emergentes, como os *blogs*, o que tem gerado uma certa tensão entre o público e o privado, pois o exibicionismo e o *voyeurismo* se manifestam com muito mais força em ambiente digital. Isso acontece porque “em termos de anonimato, os dispositivos tecnológicos da rede trazem essa vantagem aos usuários” (p. 23), como a possibilidade de o internauta se mostrar despido, através do uso da *Webcam*, enquanto faz uso de gêneros, como os *chats*, por exemplo.


Enquanto nos *blogs*, de acordo com Komesu (2004; 2005a), a intimidade é escancarada para todos que tiverem acesso ao URL⁸⁹, dadas as condições de produção de seus autores, no *chat* reservado, como a própria designação do gênero sugere, o conteúdo do bate-papo é direcionado reservadamente para apenas uma pessoa. Ocorre que, na maioria das vezes, a pessoa para a qual se direcionam os “segredos” não é alguém conhecido e neste ponto o <CRE> se assemelha aos *blogs*. No entanto, o fato de “a Internet [ser] percebida como o lugar em que todos os dizeres são possíveis, já que o anonimato seria a garantia da preservação jurídica do sujeito” (KOMESU, 2005a, p. 56), autoriza usos como os que vimos no <CAB>.

Assim, a transmutação da conversa de segredo pela *Web* não significa que determinados dizeres não possam ser publicados em *chats* abertos, por exemplo, pois há um elemento muito importante que resguarda a identidade do *chatter*: o seu *nickname*. A mesma reflexão já não é válida para um <CED>, pois ali os sujeitos se conhecem e ainda que ocupem o “lugar de fala virtual” para enunciar, suas identidades não são preservadas, podendo estar vulneráveis a possíveis sanções sociais.

EXEMPLO 36

1.(04:08:30) **gatinho msn** (*reservadamente*) fala para **julcra**: h ou m?

⁸⁹ Sigla para a expressão *Uniform Resource Locator* ou *Localizador uniforme de recursos*. Trata-se de um método uniforme de localização de documentos na *Web*, sempre iniciado por **HTTP**, da expressão *Hipertext Transfer Protocol* ou *Protocolo de Transferência de Hipertexto*, sigla que aparece em todos os endereços da Rede.

- 2.(04:08:37) **julcra** (*reservadamente*) *fala para gatinho msn*: h
- 3.(04:08:39) **gatinho msn** (*reservadamente*)*fala para julcra*: cara... to a fim de um papo bem legal com outro cara.
- 4.(04:08:43) **julcra** (*reservadamente*) *fala para gatinho msn*: e sobre o q vc quer tc?
- 5.(04:08:54) **gatinho msn** (*reservadamente*) *fala para julcra*: posso dizer mesmo ;-)
- 6.(04:09:00) **julcra** (*reservadamente*) *fala para gatinho msn*: claro :-)
- 7.(04:09:06) **gatinho msn** (*reservadamente*) *fala para julcra*: aki tamo seguro neh. cara toafim de um namorado... e soh aqui no reservado agente pode falar neh? ai quem sAbe se vc topar... 

Este exemplo é a continuidade de um trecho de bate-papo mostrado no exemplo 17, no qual o meu interlocutor demonstra saber sobre a “segurança” que o <CRE> lhe confere, por isso “fala” acerca de uma questão ainda muito polêmica para a atual sociedade: a homossexualidade. Ainda que muitos *nicks* retirados de <CAB> tragam em sua composição fortes sugestões da orientação homossexual dos *chatters*, como “2HxH_BelaVista_Cam”, “18cm afim”, “ativo do MSN”, “passivo MSN já”, os dados querem sugerir que somente no <CRE> é que a temática da homossexualidade pode ser tratada com “liberdade”.

De acordo com Komesu (2005a), o público diz respeito aos temas sem caráter secreto, ao passo que o privado está “relacionado aos temas restritos à individualidade do sujeito [...] ao direito de manter certos segredos distanciados do conhecimento público” (pp. 35-36). Nesta esteira, mesmo com as conquistas já granjeadas pelos movimentos gays, considero que a homossexualidade estaria dentro do privado, dado os insultos grosseiros que se pode flagar, inclusive na *Internet*, tida como o lugar mais democrático. Assim, quando esse assunto é discutido no <CAB>, por exemplo, algumas intervenções insultuosas aparecem, como evidencia o exemplo abaixo.

EXEMPLO 37

(04:11:25) **rodrigo machaum** *fala para 2HxH_BelaVista_Cam* vai dar esse cu pra lá viadaum toligado nas mina da sala. cai fora vaido fila da puta.

É interessante perceber que mesmo tendo o *nickname* como uma espécie de escudo para se resguardar, os dados relativos ao <CRE> mostram que os internautas praticantes desse gênero preferem usar o <CAB> apenas para conquistar parceiros para *chats* duais, como o analisado nesta seção. Neste sentido, talvez fosse razoável tratar o <CAB> como um gênero que acontece em um espaço público e o <CRE> como um gênero que acontece em um espaço “reservado”, ainda que no caso do primeiro gênero haja muita publicização do íntimo e do privado também. Neste aspecto, cabem ainda as palavras de Komesu (2005a) que, baseada em Sennett (1998)⁹⁰, sugere que

o espaço público passa a ser destinado apenas à *passagem* dos indivíduos, e não mais a sua *permanência*. O espaço público morto é a razão mais concreta, segundo o autor, pela qual as pessoas procurarão um terreno íntimo que em território alheio lhes é negado (p. 43).

À luz dessa citação, podemos imaginar que falar os segredos na *Web* é algo que depende dos gêneros mobilizados pelos internautas. Como afirma Komesu (2004), em um *blog*, por exemplo, “o escrevente pode expressar o que quiser” (p. 113). Mas no caso de um *chat* aberto, como mostram os exemplos analisados nesta seção, dependerá da temática e do nível de preconceitos que podem ser deflagrados nas conversas. Assim, abandonar o “espaço público” de uma sala de bate-papo que abriga um *chat* aberto se justifica na medida em que ela parece servir apenas de “passagem” para um “terreno íntimo” e tranquilo onde se desenvolve um *chat* reservado.

Um estudo mais lingüístico desse gênero mostra que as escolhas usadas pelos internautas são um pouco distintas daquelas usadas, por exemplo, em *chats* abertos e educacionais. Enquanto nestes a velocidade impõe um ritmo que deve ser seguido para a construção de sentido, no *chat* reservado há uma sensível diminuição de

⁹⁰ SENNETT, R. O domínio público. In. _____. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 15-44.


abreviações e os turnos são curtos, entre outros elementos que são mais salientes nos *chats* coletivos.

Isto acontece porque os participantes ficam “livres” de uma série de tarefas, como coordenar a seleção de parceiros, o uso constante de recursos sonoros e imagéticos e a obrigação de manter contatos com muitas pessoas ao mesmo tempo. Sem esses encargos, os turnos tendem a crescer, pois os participantes ficam “longe” do tumulto “barulhento” do *chat* aberto e podem, com mais tranqüilidade, interagir a respeito do que lhes é íntimo.

5.5 DA CONVERSA CASUAL E/OU AGENDADA AO *CHAT* PERSONALIZADO

O <CPE> é um gênero de bate-papo bastante peculiar em relação aos demais aqui estudados. Entre os aspectos que o distinguem dos outros, está o de natureza técnica, pois se trata de um *chat* cujo funcionamento depende da instalação de um *software* no computador do interessado. Este programa, disponibilizado gratuitamente pela equipe do <<http://www.msn.com>>, como já anunciado no capítulo 4, pode rastrear os contatos que estiverem adicionados na lista pessoal de cada usuário, fato que o torna muito próximo do ICQ.

Esta natureza do *software* permite a inferência de que o gênero que ele comporta é transmutante de três tipos de conversas cotidianas: uma casual, que acontece devido a um encontro que não foi programado apenas entre duas pessoas e/ou entre uma pessoa e uma turma de amigos, além de uma conversa que foi agendada, com horário e local marcados. Neste sentido, a análise mostrará a transmutação de conversas casuais, oriundas de encontros não agendados entre duas pessoas ou entre uma pessoa e um grupo e conversas previamente combinadas, portanto agendadas entre dois amigos.

1. Poliana diz: **olá prof q surpresa boa**
2. Curioso diz: Oi, Poli. q bom te achar por aki
3. Poliana diz: **consegui a letra,mas o cd ainda n**
4. Poliana diz: **o nome da musica é chuva, suor e cerveja?**
5. Curioso diz: é sim.... bom, pelo menos a letra ja eh algo importante
6. Curioso diz: O Cd tento trazer de Fortal na próxima semana
7. Poliana diz: **vou ver se consigo por aq ainda hj te entrego no h de Estilística**
8. Poliana envia um wink: [Reproduzir "Beijo"](#) 
9. Curioso diz: Vc é danada.

Este exemplo realça bem a surpresa dos interagentes ao se “encontrarem” na *Web*. É como se um deles fosse dobrando uma esquina qualquer e se deparasse com o parceiro, ou ainda chegasse a um lugar onde o outro, inesperadamente, também estivesse lá. Por conta disso, expressões como: *olá prof q surpresa boa* ou *Oi, Poli. q bom te achar por aki*.

Neste caso, como são pessoas amigas, é natural que o conteúdo da conversa retome tópicos já iniciados em outras situações de comunicação vividas anteriormente. No caso do exemplo 38, os atores envolvidos nesta conversa instantânea somos eu e uma aluna da Graduação em Letras da UERN, que aceitou participar da pesquisa. Dois dias antes do *chat* acima, em uma de minhas aulas de Estilística, havíamos combinado analisar a letra da canção “**Chuva, suor e cerveja**”, de Caetano Veloso. Como Poliana se comprometeu em providenciar a letra e um CD com a referida canção para a turma, é natural que, ao se deparar comigo no *chat* personalizado do **MSN** ela retomasse esse assunto. Assim, o gênero é outro, mas o conteúdo da conversa é o mesmo. Trata-se de um outro gênero porque o <**CPE**> é transmutante de uma conversa que emerge de um encontro não programado entre

duas pessoas que se conhecem, por isso simula uma conversa instantânea entre elas que têm consciência do ambiente digital que abriga o gênero usado.

Isso se faz perceber de forma mais intensa no turno 8, quando minha interlocutora envia um *wink* carinhoso para mim. Ao clicar com *mouse* em cima da expressão *linkada* [Reproduzir "Beijo"](#), surge em minha tela a imagem de uma boca que vai crescendo e, concomitantemente, simulando um som nítido de um estalo provocado por um beijo. Esse gesto, inclusive, é próprio de despedidas entre amigos que encerram uma conversa como a que foi transmutada por este tipo de *chat*. Algumas vezes, em conversas dessa natureza, os interlocutores aproveitam para agendar novos “encontros”, como realça o exemplo 39, na seqüência.

EXEMPLO 39

01. Curioso diz: Desculpe querida.... é q tou meio ocupado agora
02. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **to vendo**
03. Curioso diz: mas podemos tc algumas coiasinhas rapidas
04. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **vc vai ficar o dia todo hj?**
05. Curioso diz: hj naum
06. Curioso diz: to indo p Fortaleza jaja
07. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **vc ta em assu?**
08. Curioso diz: em Pindoretama interior do CE 40km de Fortal
09. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **o senhor poderia acessar na segund a a trde pra conversra comigo sobre minha monogrfia?**
10. Curioso diz: Tudo bem na segunda a tarde
11. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **to precisando de ajuda**
12. Curioso diz: Mande-me antes o q vc já fez por e-mail daí nosso papo ficará mais legal na 2.
13. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **to mandando agora**
14. "Eduquem os meninos e nao será preciso castigar os homens" diz: **como e que ta a sua tese?**
15. Curioso diz: Caminhando....

Este exemplo também mostra um bate-papo instantâneo entre mim e uma aluna da Universidade. A conversa não havia sido programada, ela só aconteceu porque o programa do **MSN** rastreou aquele contato. Quando ela se deu, estava bem na hora de eu encerrar a conexão, por isso não tive como bater-papo com minha amiga virtual. Na impossibilidade, ela agendou um “encontro” para que pudéssemos conversar sobre o seu trabalho de pesquisa. Infelizmente, por problemas técnicos, o *chat* acabou não acontecendo e a conversa que ela queria comigo ocorreu face a face no campus universitário.

O exemplo 24, discutido no capítulo anterior, ilustra um *chat* personalizado que aconteceu após uma combinação por telefone. Embora os *nicks* que aparecem naquele exemplo sejam o meu e o de meu amigo, é válido dizer que tanto os membros de minha família como os membros da família dele puderam manter contato uns com os outros através desse gênero de bate-papo, utilizando, inclusive, recursos que lhe são próprios, como a *Webcam*, por exemplo.

O <**CPE**> é um gênero de bate-papo dual que permite relações mais hiperpessoais, já que ele resulta da transmutação de conversas que emergem de encontros inesperados, rotineiros ou combinados entre pessoas que se conhecem. Isso não quer dizer, no entanto, que o *chatter* usuário desse gênero, no momento em que esteja interagindo com alguém não esteja conectado a outros amigos. O programa permite abrir, para cada contato, uma janela diferente, além de ter o recurso de conferência, que permite convidar outras pessoas para entrar na conversa, conforme o exemplo que se segue.

EXEMPLO 40

1. Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada. diz: [ei meu amigo tava com medo de vc ser alg virus e pediu p eu te convidar para o meu bate-papo c ele.](#)

2. Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada. diz: [ei fala aí com ele](#)

3. Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada. diz:

meu amigo tá tc na outra janela seja educado e fale com ele.

4. Curioso diz: **Naum consigo dar conta de tantas janelas aki Junior :-))))**

5. Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada. diz: **Elimine tudo fike só c agente**

6. Curioso diz: **e os ouyros? ta loko?**

7. Atrás de um grande homem, sempre existe uma mulher ... cansada, triste, chateada, estressada. diz: **já falou c o cara?**

8. Curioso diz: **sim**

Os três primeiros turnos desse exemplo mostram uma certa pressão que sofreu de meu interlocutor para “falar” com outros amigos ao mesmo tempo em que também teclava com ele. O exemplo serve para mostrar que é possível que o usuário, caso queira e consiga, gerencie muitas conversas paralelas, com vários amigos ao mesmo tempo. Como está registrado nos dados, eu mesmo, ao viver essa experiência durante a etnografia, cheguei à conclusão de que administrar uma teia de conversas com conteúdos e pessoas diferentes provoca uma certa confusão, já que a rapidez com o teclado e o *mouse* deve ser bem maior, pois o movimento de maximizar e minimizar janelas é tão intenso que provoca o envio de mensagens para pessoas erradas.

O que percebi, no caso do exemplo 40, é que o *chat* parece transmutar a conversa que resulta de um encontro inesperado de uma pessoa com uma turma de amigos em um mesmo lugar, no qual todos querem falar sobre assuntos diferentes ao mesmo tempo com uma só pessoa, experiência que dificilmente tem sucesso, como mostrou o referido exemplo.

5.6 DA CONVERSA ÍNTIMA AO *CHAT* PRIVADO

A intimidade e a privacidade, nos “limites sem limites” da *Internet*, são transformadas em material para a publicação na Grande Rede, como é o caso dos

blogs, gêneros que operam com a confissão de um sujeito escrevente como “parte integrante do modo de enunciação caracterizada pelo jogo entre a publicização de si e a intimidade construída” (KOMESU, 2005a, p. 56).

No âmbito da constelação dos *chats*, a tensão entre o público e o privado pode ser vista em gêneros como o <CRE> (cf. item 5.4) e o <CPR>, como será mostrado nesta seção. Antes de evidenciar como essa tensão acontece, é preciso dizer que este *chat* parece transmutar conversas que emergem de encontros amorosos que acontecem em segredo, como em um motel, por exemplo. Pressupõe-se que, em um ambiente como esse, as condições de produção do discurso imprimem na conversa entre os atores envolvidos na cena um conteúdo voltado para o íntimo, portanto inconfessável para o público.

Quanto a este tipo de conversa, não obtive muito sucesso na geração de dados porque não agendei nenhum encontro amoroso nas “suítes virtuais” do UOL e minhas tentativas de “entrar” nesses ambientes de intimidades geraram nos *chatters* inquietude e irritação, uma vez que eles interpretavam minhas tentativas de usar e conhecer esse gênero como alguém que só atrapalhava seus encontros. Neste sentido, vale a pena retomar três turnos que fazem parte de um trecho já apresentado no exemplo 4, no capítulo 3.

8.(04:54:52) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) fala para **julcra**: porra saia daqui. To de encontro marcado 🤔

9.(04:55:20) **julcra** fala para **Casado_1.90m_40aSP**: e eu naum pssso ficar pq?

10.(04:55:27) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) fala para **julcra**: aki é uma suíte ekeceu? 🤔

Retomar esse exemplo é muito importante porque mostra que o que se flagrou ali não é próprio do gênero, mas apenas resultado do choque provocado pela

presença do pesquisador, portanto um “estranho” na “aldeia”. Ao mesmo tempo, o conflito entre o sujeito e o pesquisador é um forte indício do que seria, de fato, rotineiro nesse gênero. A este respeito, cabem aqui as palavras de Marcuschi (2004) sobre essas salas de bate-papo. Segundo o pesquisador,

muitas vezes, esses ambientes isolados de todos os demais são buscados [...] para estímulos e brincadeiras sexuais [...] É comum que ali surjam amizades que passem para o plano real fora da relação internetiana. Há casos reais de pessoas que hoje namoram parceiros ou parceiras conhecidas em *chats* (p. 49).

Outro tipo de conversa cotidiana que parece ser transmutada pelo *chat* privado é aquela que ocorre quando alguém decide freqüentar determinados lugares que oferecem uma certa privacidade, como um “barzinho intimista”. Nesses lugares, comumente, o freqüentador pode se “isolar” em um lugar estratégico que lhe permita realizar pequenas “paqueras” ou “flertes”. Em acontecendo a conversa, sabe-se que o sujeito estava naquele ambiente à espera de alguém interessante que por ventura pudesse surgir ali. Neste caso, a temática da conversa girará em torno de estratégias de sedução para conquistar o parceiro.

EXEMPLO 41

01.(03:19:35) **julcra** *entra na sala...*

02.(03:23:11) **julcra** *(reservadamente) fala para Cadu:* Olá cadu

03.(03:23:36) **Cadu** *fala para julcra:* olá

04.(03:23:50) **julcra** *(reservadamente) fala para Cadu:* O que vc faz aki???

05.(03:24:08) **Cadu** *fala para julcra:* nada em especial, apenas esperando alguém interessante entrar e vc?]

06.(03:24:54) **julcra** *(reservadamente) fala para Cadu:* O mesmo. Quem sabe!!

07.(03:25:02) **Cadu** *fala para julcra:* pois é

08.(03:25:07) **Cadu** *fala para julcra:* de onde vc tc?

09.(03:25:27) **julcra** *(reservadamente) fala para Cadu:* Pois é o que?? há há ha Sou de Fortaleza

- 10.(03:25:37) **julcra** (*reservadamente*) *fala para Cadu*: E vc??
- 11.(03:25:48) **Cadu** *fala para julcra*: um tantinho longe de vc sp
- 12.(03:26:08) **julcra** *fala para Cadu*: Muito pouco mesmo!!
- 13.(03:26:21) **julcra** *fala para Cadu*: Isso é problema??
- 14.(03:26:25) **Cadu** *fala para julcra*: qual a sua idade?
- 15.(03:26:32) **Cadu** *fala para julcra*: não
- 16.(03:26:34) **julcra** *fala para Cadu*: 31
- 17.(03:27:15) **Cadu** *fala para julcra*: ah, então sou novinho rs tenho 20
- 18.(03:27:37) **julcra** *fala para Cadu*: E a sua??
- 19.(03:27:44) **julcra** *fala para Cadu*: Cuidado!! A idade tá na cabeça, vc nao acha??
- 20.(03:28:30) **Cadu** *fala para julcra*: é casada?
- 21.(03:30:22) **julcra** *fala para Cadu*: Não, propriamente casada
- 22.(03:30:46) **Cadu** *fala para julcra*: o que vc chama de não propriamente casada?
- 23.(03:31:15) **julcra** *fala para Cadu*: deixa pra vc entender daki há pouco
- 24.(03:31:26) **Cadu** *fala para julcra*: e o que uma mulher não propriamente casada procura por aqui?
- 25.(03:32:17) **julcra** *fala para Cadu*: Talvez o q vc jamais imaginou!!!
- 26.(03:36:03) **Cadu** *fala para julcra*: mas vc ainda não disse o que vc procura
- 27.(03:36:38) **julcra** *fala para Cadu*: Talvez o q vc ainda nao descobriu e vou dizer daki a pouco
- (03:36:50) **Cadu** *fala para julcra*: tá bom, que mais quer saber então?
- (03:38:33) **Cadu** *fala para julcra*: bom, sou um cara sozinho, talvez encontre alguém interessante, outras vezes há uns papos mais digamos picantes rs

O longo trecho do exemplo 41 aqui apresentado serve para evidenciar a conversa do segundo tipo que o *chat* privado transmuta. O meu interlocutor estava ali na esperança de que “entrasse” alguém interessante (cf. turno 5). Devido às experiências de expulsão que vivenciei, como já relatei, resolvi “fingir” que também

estava ali pela mesma razão que **Cadu**. O objetivo foi tentar prender a sua atenção para que ele não desistisse do bate-papo (cf. discussão feita no capítulo 3).

Desse modo, ele foi construindo algumas ilações que pareceram ser próprias do conteúdo desse gênero hipertextual. Entre elas, estaria o fato de eu ser uma mulher e de ser casada. Ao me fazer essas perguntas, tentei me comportar como se estivesse permitindo a construção de uma conversa íntima de “paquera” e “sedução”, pois precisava saber o que era rotineiro neste gênero. Afinal, como diz Bazerman (1997), os gêneros são rotinas realizadas através de atividades linguageiras. Adentrar na rotina de um gênero praticado nas condições de produção de um <CPR> obrigou-me a entrar no “jogo” de linguagem que o marca.

Nos turnos 23, 25 e 27, vou dando pistas de que talvez eu não fosse a pessoa que meu interlocutor pensasse. A ambigüidade que ronda em volta de meus turnos foi intencional, pois ao mesmo tempo em que eu precisava daquele material empírico e, por isso, fingia estar no jogo de sedução, eu não esquecia do que recomendam Bogdan & Biklen (1994) sobre o fato de o cientista se preocupar muito mais com o processo do que com o produto. Além disso, como o estudo estava pautado por características de uma abordagem etnográfica, era preciso lembrar a ética sobre a qual recomendam Parker (1994) e Guerra-Vicente (2000).

Por conta disso, no final desse bate-papo, correndo os riscos de deixar o meu interlocutor irritado, resolvi revelar-lhe que eu não era quem ele pensou e que só estava naquela conversa eletrônica porque precisava de material empírico para um estudo acadêmico. O leitor pode recuperar parte desse momento, retornando ao exemplo 6, localizado no capítulo 3 e no exemplo que se segue, que também faz parte do bate-papo com o mesmo sujeito.

EXEMPLO 42

01.(03:45:02) **Cadu fala para julcra:** mas me conte o que vou saber?

02.(03:45:27) **Cadu fala para julcra:** vai me dizer que vc vai me passar um sermão??

- 03.(03:45:41) **julcra** *fala para Cadu*: longe de mim 😊
- 04.(03:45:45) **Cadu** *fala para julcra*: :-)))
- 05.(03:46:03) **Cadu** *fala para julcra*: então me conte pq a curiosidade matou o gato 😊
- 06.(03:46:39) **julcra** *fala para Cadu*: bem, sou... antes so mais uma questao!!!
- 07.(03:47:43) **julcra** *fala para Cadu*: o que vc acha q as pessoas procuram em um chat q so pode entrar duas pessoas??? 😊
- 08.(03:47:51) **Cadu** *fala para julcra*: privacidade 😊
- 09.(03:48:03) **julcra** *fala para Cadu*: huuuummmm bom saber disso
- 10.(03:48:11) **Cadu** *fala para julcra*: é o que eu procuro
- 11.(03:48:16) **Cadu** *fala para julcra*: pq hummmmmmm????
- 12.(03:48:18) **julcra** *fala para Cadu*: te explico jajaok?
- 13.(03:48:34) **Cadu** *fala para julcra*: já respondi, agora me conte :-)
- 14.(03:50:37) **Cadu** *fala para julcra*: agora, vai me contar ou não?
- 15.(03:51:33) **julcra** *fala para Cadu*: Bem, espero q vc nao fique chateado comigo
- 16.(03:51:40) **Cadu** *fala para julcra*: tá, pode falar
- 17.(03:52:37) **julcra** *fala para Cadu*: E gostaria que pudesse me autorizar a fazer uso CIENTÍFICO desse nosso papo Sou um pesquisador de chats e queria te agradecer pela paciencia comigo
- 18.(03:52:58) **Cadu** *fala para julcra*: me explique, talvez eu autorize
- 19.(03:53:11) **julcra** *fala para Cadu*: Sou homem
- 20.(03:53:15) **Cadu** *fala para julcra*: eu já tinha notado algo assim

Assim, ao mesmo tempo em que os exemplos 6, 41 e 42 mostram o que parece ser rotineiro no gênero transmutante <CPR>, evidenciam também o “choque” (agora sem conflitos) provocado pela revelação dos interesses acadêmicos deste pesquisador. Desse modo, a análise desta seção mostra que, assim como nos *blogs*, na constelação dos *chats*, a intimidade e o privado também ocorrem. A diferença entre os gêneros de bate-papo e os *blogs*, consiste no fato de que, enquanto os últimos jogam com a

publicização consciente das intimidades dos *blogueiros* para todos que tiverem acesso ao **URL** do *blog*, os *chateres* procuram selecionar seus parceiros.

Tal seleção, ocorre, comumente, nas salas que abrigam o <**CAB**>, já que elas representam um momento de “passagem” onde vale tudo no jogo da conquista para conduzir os parceiros para os *chats* duais, seja o <**CRE**> <**CPE**> ou o <**CPR**>. Todos esses *chats*, considerando suas especificidades, permitem uma conversa secreta, mas o último parece levar a intimidade, o inconfessável e o privado às últimas conseqüências.

Essa afirmação se justifica por *n fatores*, como a natureza do *software* que abriga essa variedade de bate-papo eletrônico, por exemplo. Como se disse no capítulo anterior, esse *chat* só comporta única e exclusivamente dois *chatters*, de maneira que o que acontece ali não pode sequer ser “espiado”, pois o programa não permite (cf. figuras 27 e 28). Portanto, este gênero também opera com o íntimo, como o nome do próprio evento já sugere, trata-se de um *chat* privado que funciona em uma sala de bate-papo que recebe a sugestiva denominação de suíte, ambiente que influencia na construção da conversa que é transmutada pelo *chat*.

5.7 DA CONVERSA DE SAC⁹¹ AO *CHAT* DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

No transcorrer deste capítulo, pôde-se perceber que a constelação dos *chats* transmuta muitos gêneros orais marcados sempre por vários tipos de conversação síncronas e assíncronas. Em cada um deles, as relações sociais entre os atores envolvidos são reformatadas pelos gêneros transmutantes, já que as condições de produção do discurso em domínio digital operam com outros fatores. Entre os gêneros transmutados, estou defendendo a suposição de que há um tipo de conversa que acontece entre um cliente de uma loja qualquer, por exemplo, e um profissional “preparado” para atendê-lo. A interação entre os sujeitos, ao usar tal gênero, é

⁹¹ Serviço de Atendimento ao Cliente.

marcada por reclamações do cliente que, como consumidor, entende que seus direitos foram violados.

O UOL, sabendo-se uma empresa de serviços, precisa tratar os seus assinantes à luz do texto da lei n.º 8.078, de 11 de setembro de 1990, a qual dispõe sobre a proteção do consumidor⁹². Sendo a empresa aqui aludida um provedor de acesso à *Internet*, nada mais natural que sejam disponibilizados gêneros digitais que transmutem a conversa de atendimento ao cliente. No caso da constelação dos *chats*, o gênero transmutante que absorve e reinterpreta esse tipo de conversa é o que aqui estou designando de *chat* de atendimento ao assinante <CAT>. Ao realizar a observação participante nesse gênero, pude perceber rastros da transmutação da conversa entre o cliente, que reclama, e o atendente, que tenta se sair da situação.

EXEMPLO 43

01.(11:12:52 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Boa noite! Em que posso ajudá-lo senhor(a)?

02. (11:13:32 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: Pq q todas as vezes q entro p fazer alguma reclamação a parte em q deveria digitar minha mensagem some de minha tela?

03. (11:14:12 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: O que está acontecendo exatamente? O senhor pode detalhar, por favor?

04. (11:14:23 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: no lugar da janela em q deveria digitar aparece uma msg dizendo q a página expirou

05. (11:14:40 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: há um tempo determinado para uma conversa com os assinantes?

06. (11:14:56 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Não.

07. (11:15:17 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: pois nao entendo a razao de esta parte de meu monitor ficar inoperante

08. (11:15:36 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Esclarecemos que nosso suporte técnico é destinado apenas aos produtos e serviços prestados pelo UOL. Sugerimos

⁹² O URL do Código de Defesa do Consumidor é <http://legislacao.planalto.gov.br/legislacao/nsf/Vwi_Identificacao/lei8.078-1990?OpenDocument>. Acesso em: dez. de 2005.

que entre em contato com o suporte técnico responsável. Não prestamos suporte para hardware, no caso, para o monitor.

09. (11:16:23 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: vc nao está entendendo. O meu monitor está ótimo. isto me acontece em qualquer PC em q teclou no chat de atendimento

10. (11:16:47 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Vc poderia esclarecer a sua dúvida, por favor???

11. (11:17:08 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: a sensacao é q vcs bloqueiam minha participação no chat para nao "ouvirem" minhas reclamações

12. (11:17:44 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: agora mesmo eu tci com um atendente chamad Carlos Eduardo⁹³ e fiquei sem poder continuar a conversa :-(

13. (11:17:47 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: O que ocorre quando você tentar acessar o Bate Papo de atendimento UOL? Pode detalhar?

14. (11:18:42 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: desisto, amigo. Parece q tou falando grego ou vc se faz de desentendido. Vou tentar de novo para ver se consigo ser atendido por alguém que entenda o meu prob;ema.

O exemplo 43 mostra o que pode ser considerado como uma rotina do gênero *chat* de atendimento ao assinante, pois há um conflito entre o assinante do provedor e o atendente. Neste caso, foi a experiência da volatilidade do hipertexto ao tentar resolver meus problemas com o provedor, que me fez utilizar, como diria Bazerman (1997), uma placa de sinalização, representada pelo <CAT>, que pudesse me ajudar a explorar um ambiente ainda desconhecido para mim ao mesmo tempo em que o gênero também me serviu como “um lugar familiar” para o qual eu, como um usuário proficiente, recorri em busca de satisfazer minhas necessidades enunciativas (cf. BAZERMAN, 1997; 1998).

Deste modo, a conversa estressante entre um cliente e um representante da empresa que aconteceria face a face no balcão de atendimento de uma loja qualquer é transmutada pelo <CAT> gerando um novo gênero. No exemplo 43, a suposta

⁹³ Cf. Exemplo 25, onde mostro uma interação minha com o atendente supra do provedor.

formalidade do atendente aponta para alguns indícios da transmutação deste atendimento, já que mesmo em um ambiente digital síncrono, ele tenta passar a imagem árida de um profissional que jamais se altera diante do cliente irritado.

No entanto, no turno 1 quando ainda não havia explicitado minha reclamação, o atendente mostra-se receptivo e isto fica evidente na seleção do pronome de tratamento respeitoso, geralmente mobilizado por essas pessoas em situações similares. Seguindo as rotinas do <CAT> procedo à reclamação no turno 2. No turno subsequente, meu interlocutor parece ainda demonstrar a paciência que um atendente precisa ter em horas difíceis desse tipo de interação, pois o pronome **senhor** ainda aparece, embora escrito com erro de digitação, “**senor**”.

Duas leituras prováveis podem ser feitas à luz desse erro de digitação. A primeira pode sinalizar para o fato de que o atendente esteja conversando, além de mim, com mais três assinantes, já que, segundo mostrou o exemplo 5, apresentado no capítulo 3, este tipo de *chat* comporta no máximo 5 participantes, incluindo o atendente do provedor. Diante dessa restrição do gênero, pode-se imaginar que o atendente esteja “ouvindo” muitas reclamações ao mesmo tempo e tendo que apontar para possíveis resoluções, o que permite a ilação de que este tipo de profissional deve ser um profundo conhecedor da empresa que representa. No caso desta primeira interpretação, recordo aqui o que Crystal (2002) designa de “pressão pragmática” para explicar a “granularidade das mensagens escritas” (cf. CHERNY, 1999) que marca a comunicação via *chats*. Como mostram tantos estudos⁹⁴ sobre esse objeto, a abreviação e os pequenos erros de digitação representam bem as marcas do fenômeno formativo dos *chats* e não, necessariamente, índices de aborrecimentos.

Por outro lado, a segunda provável interpretação também clarifica um outro indício da transmutação. Veja-se que, a partir do turno 3, o meu interlocutor parece ficar irritado. Evidentemente, a ausência físico-espacial e as condições de produção a

⁹⁴ Atentar para as referências feitas ao longo desta Tese.

que estão expostos os interactantes parecem propiciar esse conflito. No turno **10**, o atendente abandona o pronome de tratamento **senhor**, o qual, segundo apontam os compêndios gramaticais, serve para “um tratamento cerimonioso” (cf. BECHARA, 1997, p. 96). Primeiro, o atendente usa a abreviação **vc** e no turno **13** utiliza o mesmo pronome, mas escrito por extenso **você**. De acordo com Bechara, este último pronome se refere a tratamento mais “familiar”, mas segundo minha interpretação, no caso em análise, pode revelar uma postura de irritação do atendente.

O que o <CAT> transmutou aqui? – poderia alguém perguntar. O SAC face a face, pois basta que se pense nos papéis sociais desempenhados pelas pessoas envolvidas em uma situação de atendimento neste setor de uma empresa qualquer. Os papéis sociais são dois: o de reclamante e o de reclamado. O primeiro, geralmente, por se sentir no “prejuízo”, usa do direito que a lei n.º 8.078 lhe garante de “brigar” por aquilo que julga estar sendo vitimado, fazendo uso de ironias e outros aspectos lingüístico-discursivos que possam representar bem sua insatisfação.

Diante disso, imagina-se que o segundo deve ser uma pessoa criteriosamente selecionada para atender clientes insatisfeitos e, por isso, o seu perfil deve ser o de alguém que demonstre certas habilidades, tais como auto-controle, mansidão, paciência. Isto se justifica porque é intenção da empresa construir uma imagem boa diante de seus clientes, dada a vertiginosa concorrência que marca o mercado contemporâneo.

Voltando à pergunta do parágrafo precedente, é razoável acrescentar ainda que a interação no <CAT> reformata, de uma certa maneira, os papéis sociais acima citados, pois a suposta formalidade advinda do perfil do atendente parece se diluir na interação via *chat*. Em minha opinião, o fenômeno formativo desse gênero imprimiu nele a possibilidade de o atendente escamotear sua irritação, tendo a desculpa de que a conversa pelo computador não permite algumas modalizações.

Seja como for, tanto a primeira quanto a segunda interpretação – ambas no campo da probabilidade – acerca do primeiro erro de digitação destacado do turno 3 do exemplo aqui discutido aponta para a marca de um gênero transmutante que compõe a contelação dos *chats*. Ademais, os dados mostram que os atendentes do UOL têm consciência de que o <CAT> é um gênero transmutante. Isso pode ser flagrado, de forma bastante explícita, no trecho abaixo:

EXEMPLO 44

- 1.(1:51:32 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Na verdae este chat é como se fosse mesmo o SAC do provedor que o senhor assina. Só que bem mais interessante.
- 2.(1:51:33 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: vc percebe alguma diferença entre atender o cliente no chat e atender em uma Balcão como se faz nas lojas?
- 3.(1:51:35 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: no chat o cliente se sente mais satisfeito. Tentamos fazer um atendimento personalizado.
- 4.(1:51:38 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Regiane Fernandes**: mas na situação face a face isso tb ocorre....
- 5.(1:51:40 PM) **Regiane Fernandes** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: é mas aqui agente digita, portanto o SAC pode demorar o tempo em que o assinante desejar. TRabalhamos noritmo dos senhores. Outra coisa, o senhor não precisa dizer o seu nome porque o seu e-mail aparece automaticamente e isto personaliza o atendimento nao acha?

O exemplo 44 realça o fato de que o <CAT> é visto pelos atendentes como um novo gênero. No turno 1, a atendente diz que esse “chat é como se fosse mesmo o SAC”. Pelas palavras da produtora do gênero *é como se fosse*, mas não é, pois há algo que, embora ela não consiga nomear, a impele a perceber que opera com um novo gênero, sem deixar de reconhecer, contudo, que ele tem a sua pré-existência em outros. Por mais que se questione, a atendente é renitente ao defender que algo mudou com a transmutação desse gênero pelo *chat*.

Como se pode constatar, os dados desta pesquisa apontam para muitas semelhanças entre os *chats*, como a natureza hipertextual vista no capítulo anterior e o fenômeno formativo que os gerou, como se viu neste capítulo. Deste modo, espero

ter sido bem sucedido ao mostrar que os *chats* se originaram de gêneros orais, sejam eles primários ou secundários. Portanto, toda a constelação, segundo esta suposição, resulta do fenômeno da transmutação, assim como defendem os biólogos para explicar as semelhanças entre os mamíferos apresentados na figura 10. Mas o fato de os gêneros desta constelação partilharem da mesma natureza hipertextual e do mesmo fenômeno formativo não os faz iguais, já que todos cumprem propósitos comunicativos distintos. Sobre isso discutirei melhor no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6

OS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS DA CONSTELAÇÃO DOS GÊNEROS *CHATS*

*O bate-papo, de forma geral, pode ser usado nos mais diversos campos, desde amizades à namoros, de "sacanagem" à assuntos sérios, cabe a cada um filtrar o que presta ou não e utilizar da forma como achar conveniente. Agora tu entra nos **bate-papos próprios pra isso** entendeu????*

[ENTREVISTADO 7]

Os grifos que fiz no fragmento da entrevista que serve de epígrafe para este capítulo apontam para uma consciência que os *chatters* revelaram ter quanto às funções sociais dos gêneros de bate-papo que usam. Tanto a epígrafe acima quanto o conceito de propósito comunicativo, da maneira como discuti no capítulo 2 e mostrarei no presente capítulo de análise, são úteis à minha noção de constelação de gêneros porque se desviam da idéia de um propósito comunicativo geral e comum a toda constelação, como sugeriu Bhatia (1997).

Se o meu estudo seguisse a proposta bathiana, eu seria obrigado a admitir que os *chats* compartilhariam de um mesmo propósito comunicativo geral, comum a toda a constelação. Neste caso, o referido agrupamento constelar seria semelhante muito mais a um bloco monolítico de um só propósito comunicativo do que a um conjunto de gêneros que, mesmo aproximados por características da esfera que lhes são

comuns e pelo mesmo fenômeno formativo que os gerou, são distintos entre si exatamente porque atendem a propósitos comunicativos diferentes.

De acordo com a análise que venho mostrando desde o capítulo 4, é possível sugerir que os gêneros *chats* se constelaram pela hipertextualidade que os une e pelo mesmo processo que os formou. Neste caso, os dados em análise permitem falar em uma **hipertextualidade geral** que atravessa os gêneros de bate-papo (cf. capítulo 4) bem como em um **processo formativo geral** pelo qual todos se constituíram (cf. capítulo 5). Mas isso não é o suficiente para torná-los a mesma coisa, isto é, eles não são homogêneos, uma vez que atendem a propósitos comunicativos distintos, e é exatamente isto que justifica o uso da categoria **constelação de gêneros**.

Se o propósito comunicativo é o que torna distintos os *chats* entre si, como fica evidente na epígrafe acima, é importante perguntar: será que os *chats* da Internet atendem ao único propósito comunicativo de conversar ou eles atendem a vários propósitos comunicativos pelos quais poderemos reconhecer que são gêneros distintos entre si? Será que as pessoas quando fazem uso dos gêneros dessa constelação o fazem simplesmente para conversar?

A epígrafe de abertura deste capítulo sugere que existem “bate-papos próprios” para cada propósito comunicativo, o que me leva a pensar nas reflexões de Bazerman (1997). Se admitirmos com este autor que um gênero serve para realizar coisas no interior das muitas esferas de comunicação, então é razoável a suposição de que os internautas, ao usarem os *chats*, se guiam pelos muitos propósitos comunicativos dos bate-papos, o que justifica o meu investimento acadêmico aqui. Neste sentido, é útil voltar a um outro fragmento da entrevista que serviu para aquela epígrafe, para vermos isso nas palavras dos usuários desses gêneros.

EXEMPLO 45

Use eles [os chats] faz um baita tempaum. mas **cada um para cada coisa** daqueleas q te falei neh. **num vo kerer trepar c a professora num chat educativo** heheheheh desukpa a sinceridade :)))

Pelas palavras do entrevistado, é razoável admitir a existência de um contrato social que rege as práticas discursivas no contexto dos *chats*. Parafraseando o meu colaborador, é possível dizer ainda que cada *chat* autoriza uma atividade específica, pois cada um parece se diferenciar do outro exatamente por cumprir propósitos comunicativos distintos. É o que mostra o último grifo do exemplo 45 pelo qual fica evidente que em um <CED> não são permitidas intimidades como a que sugere o referido exemplo.

Também é importante realçar o fato de que não é produtiva a afirmação segundo a qual para cada gênero há um único propósito comunicativo definido, como se este fosse a luva e aquele a mão. Destacar essa premissa é, singularmente, importante para mim porque mostra o quanto às atividades languageiras são passíveis de transmutações. Nesta trilha, Swales (1990), em seu clássico *Genre Analysis*, já afirmava que “não será estranho identificar em um único gênero um conjunto de propósitos comunicativos” (p. 47), desde que todos eles sejam reconhecidos socialmente por seus produtores/consumidores⁹⁵.

Neste sentido, afigura-se relevante retomar o trabalho mais recente de Swales (2004) para mostrar que esta ainda é a sua crença teórica. Na discussão feita no final do capítulo 2 desta Tese, mostrei que, para o autor, a evolução dos propósitos sociais é inevitável, pois as transmutações pelas quais passam os gêneros só ocorrem para dar conta dessa evolução dos propósitos. Um dos exemplos citados por Swales diz respeito ao fato de que “atitudes institucionais podem se tornar mais ou menos amigáveis para os de fora” (p. 73), provocando alterações nos gêneros e em seus propósitos comunicativos.

⁹⁵ Quanto a isso, Hemais & Biasi-Rodrigues (2005) lembram que “embora os membros da comunidade discursiva tenham grande conhecimento dos gêneros, podem não concordar quanto ao propósito de determinado gênero” (p. 118).

Diante dessas inevitáveis alterações nos gêneros, talvez fosse interessante nos perguntar sobre o que pensam os usuários acerca dos gêneros que usam e o que eles enxergam nessas ferramentas a fim de reconhecer nelas as suas funções sociais. Bazerman (1994) nos permite avanços sobre isso na medida em que, para ele, é exatamente graças ao reconhecimento que os usuários fazem dos gêneros que eles existem socialmente.

Para mim, a posição de Bazerman tem uma implicação teórica e metodológica muito relevante para o estudo de gêneros. A primeira diz respeito ao aspecto sociológico pelo qual podemos entender o gênero como uma atividade social. A segunda diz respeito, como também observa Gisele Carvalho (2005), à “necessidade de consulta aos usuários de um gênero” (p. 135) a fim de confirmar, por exemplo, os seus propósitos comunicativos.

Hunt (1994) diz que “um gênero é algo inventado ou reinventado como uma resposta para cada situação social, uma espécie de resposta feita por alguém que deseja criar uma expressão vocal” (p. 247). Perguntar sobre as razões dessas (re)criações é muito importante, pois elas podem nos aproximar dos propósitos comunicativos dos gêneros. Assim, parafraseando as palavras de Hemais & Biasi-Rodrigues (2005, p. 118), posso dizer que só é possível descobrir os propósitos comunicativos dos *chats* através de sua análise. Deste modo, guiado por esse viés teórico e na mesma seqüência em que escrevi os capítulos 4 e 5, passo a apresentar a análise dos propósitos comunicativos dos *chats* que formam a constelação alvo.

6.1 “TEM MSN?”: DISPUTANDO PARCEIROS NO *CHAT* ABERTO

Os dados analisados no capítulo anterior permitiram a afirmação de que o *chat* aberto é formado pela transmutação das conversas face a face realizadas em rodas de amigos. Sabe-se que em conversas desta natureza sempre haverá alguém que se imponha naturalmente como uma espécie de líder para quem todas as atenções serão encaminhadas. Certamente, essa pessoa gerenciará e controlará a maior

quantidade de turnos, cabendo aos demais uma “luta” para conseguir participar também da roda de conversas.

Com a transmutação dessas conversas face a face entre amigos pelo *chat* aberto, no entanto, a simetria do gênero transmutado é otimizada, já que a hierarquização e a superposição das vozes praticamente inexistem no gênero transmutante, pois as condições de produção são outras. Deste modo, as interações em um *chat* aberto não se organizam em torno de uma figura central na interação, pois a luta pela conquista de parceiros é levada às últimas conseqüências. Por conta disso, os usuários desse gênero apelam para os recursos hipertextuais, os quais são mobilizados em função do propósito de garantir parceiros na interação. Foi perguntado aos sujeitos desta pesquisa o que eles diriam aos internautas iniciantes na atividade de interagir nos *chats*, sobretudo quanto às pessoas com as quais eles iriam encontrar. Um dos entrevistados assim se manifestou:

EXEMPLO 46

No chat aberto ele iria encontrar muita gente querendo chamar ele pro reservado ou pro privado ou pro msn. Ele seria uma mercadoria disputada e haja carinha e musiquinha pra isso.

[ENTREVISTADO 7]

O trecho mostra que a hipertextualidade está a serviço do propósito comunicativo do gênero, pois no desejo de conseguir parceiros para o bate-papo os usuários do *chat* aberto criam artifícios hipertextuais, como o envio de imagens e de sons, consoante o realce dado no exemplo 46. Além da hipertextualidade, também o fluxo incronometrável de entradas e saídas de uma sala que abriga um *chat* aberto serve para evidenciar o propósito comunicativo acima referido. O exemplo 47 mostra bem o fluxo de entradas e saídas e uma verdadeira disputa para ganhar parceiros. As entradas e, sobretudo, as saídas podem ser um indicativo de que, se os internautas

fracassaram na sala em que estavam, é hora de tentar ganhar parceiros entrando em outras salas.

EXEMPLO 47

- 01.(04:15:12) **boy** *fala para PLAYBOY(MSN_TUF)*: cara de deixa de zoada vcs pertubam o papo da hlera
- 02.(04:15:12) **gato msn** *sai da sala...*
- 03.(04:15:13) **lindo** *fala para ativo do msn*: oi, tudo bem? 😊
- 04.(04:15:23) **fred** *fala para sol*: AFIM DE TC ;-)
- 05.(04:15:25) **lindo** *fala para ativo do msn*: quer um bom papo? 🍷
- 06.(04:15:25) **PLAYBOY(MSN_TUF)** *fala para boy*: te mete naum caralho 😊
- 07.(04:15:31) **amoroso msn** *fala para sol*: tc comigo?
- 08.(04:15:32) **ZECA** *entra na sala...*
- 09.(04:15:32) **BOMBADO KER SAFADA** *fala para sol*: naum entra no papo dele que tc comigo? Sou bom de tecladi
- 10.(04:15:33) **amoroso msn** *fala para BOMBADO KER SAFADA*: keima meu filme naum meu irmaum
- 11.(04:15:42) **pass** *(reservadamente) fala para Todos*: algum kra ativo afim de sexo real hj? 🍷
- 12.(04:16:34) **Rui kh** *fala para garoto_16*: tem msn?
- 13.(04:16:03) **boy** *fala para Todos*: OI alguma gata afim de tc?
- 14.(04:17:21) **garoto_16** *fala para Rui kh*: oi
- 15.(04:17:21) **fred** *fala para Rui kh*: edinorb@hotmail.com
- 16.(04:17:45) **ativo do msn** *fala para pass*: tem msn???
- 17.(04:18:19) **ativo do msn** *fala para pass*: fraole3@hotmail.com me adicono tenho cam

Pelo exemplo 47, é possível inferir que no <CAB> dificilmente as pessoas se engajam em uma conversa mais demorada pela qual os *chatters* pudessem se conhecer melhor e desenvolver uma temática específica. Na realidade, esse gênero é

utilizado apenas para conhecer novas pessoas. Como mostrei na análise sobre a formação desse gênero, a transmutação das conversas em rodas de amigos pelo <CAB> alterou sensivelmente os papéis e as relações sociais. Por esta razão, é possível perceber uma busca frenética pela conquista de novos parceiros, como mostram os turnos **3, 4, 7, 12, 13 e 16** do exemplo 47.

Para realizar este propósito do gênero, os participantes tentam garantir um parceiro para continuar a atividade de interação por meio de outros gêneros de bate-papo. Desta maneira, os dados mostram claramente que o *chat* aberto é apenas uma “desculpa” para que o uso dos outros gêneros da constelação seja deflagrado pelos *chatters*.

Entre os gêneros da constelação mais requisitados estão os *chats* duais, sobretudo o <CPE>. Um rápido olhar sobre o exemplo 47 nos fará perceber o quanto este gênero de bate-papo é mencionado. As alusões ao referido *chat* dual tanto se manifestam pelos *nicknames* dos usuários (cf. figura 23) quanto pelos turnos que eles trocam. No primeiro caso, só no exemplo em análise, dos 12 apelidos que o formam, 4 fazem referências ao ambiente **MSN** na composição dos *nicks*; no segundo caso, é possível verificar essa menção nos turnos **12, 15, 16 e 17**.

Os dados descritos no parágrafo precedente revelam bem que, entre os propósitos comunicativos do <CAB>, parece existir o de conhecer novos amigos, a fim de estreitar laços longe do “barulho” que caracteriza o *chat* aberto (cf. turno **1**). Talvez, por essa razão, expliquem-se tantos insultos materializados, muitas vezes, em linguagens chulas, como a que se pode perceber lendo o exemplo 47.

Neste ponto da discussão dos dados, é produtivo retornar à análise da transmutação do <CAB> para dizer que o alto grau de informalidade ali encontrado, os intervalos temporais entre os turnos bem como as muitas acomodações ortográficas feitas pelos internautas revelam que a transmutação não ocorre sem

propósito. É preciso ser dinâmico e muito habilidoso com o teclado e com o *mouse* para não ferir o propósito comunicativo do gênero, como mostra o exemplo abaixo.

EXEMPLO 48

01.(22:18:12) **Elç Msn para mulheres** *fala para Linda*: ei, menina isto eh um chat aberto num eh a redacaum du kulegio naum...

02.(22:18:14) **Linda** *fala para Elç Msn para mulheres*: como é? Não entendi essa língua em que você escreveu.

03.(22:18:17) **Elç Msn para mulheres** *fala para Linda*: hahahahha o q é isso? Vixe!!!! pq acentua tudo????? Vc vai aborrecer todo mundo relaxe ae, gata 😊

04.(22:18:20) **Linda** *fala para Elç Msn para mulheres*: Espere aí rapaz, não vim aqui assassinar o português

05.(22:18:22) **Elç Msn para mulheres** *fala para Linda*: veio matar o chat entaum eheheh so pode ser prof vc... é gente d+ pra tc.... tu acha q t tp pra freskura? :-)

O exemplo 48 retrata bem um conflito entre dois usuários, possivelmente um deles é iniciante no uso do <CAB> e, por isso, ainda não conhece os contratos sociais que regem as práticas ali, inclusive quanto ao uso da escrita ali. A crítica feita **Linda** por **Elç Msn para mulheres**, revela que as acomodações ortográficas feitas no gênero servem ao propósito comunicativo de conseguir parceiros. Quanto mais rápido e hábil for o internauta no gerenciamento do teclado e do *mouse*, mais ele poderá conquistar amigos virtuais. Neste sentido, a escrita minimalista que pontua as interações no <CAB> acabam se transformando em estratégias discursivas de sobrevivência no gênero.

Quero destacar aqui três turnos que são fundamentais no exemplo 48: o 2, o 4 e o 5. No primeiro, **Linda** sugere que no *chat* aberto não se usa a língua portuguesa e reforça isso no segundo turno que destaquei para afirmar que não irá assassinar o idioma. A postura purista da internauta é questionada por seu parceiro quando este diz que, se ela continuar a não respeitar o contrato do *chat* aberto, não irá matar a língua mas o próprio gênero. Exageros à parte, residem neste pequeno fragmento

importantes pistas do propósito comunicativo do gênero em foco, as quais parecem ser mais conhecidas do **!ç Msn para mulheres** do que de **Linda**. Se o importante em um *chat* aberto é se mostrar interessante para conquistar amigos, o uso de uma escrita formal não cabe ali, pois além de atrasar a interação, rouba desse gênero a ludicidade que lhe é peculiar. Tanto é que o usuário mais proficiente afirma que ali não estão produzindo uma redação escolar, portanto a escrita se configura de outra maneira (turno 1).

Além desse contrato social acerca da escrita, é importante acrescentar ainda o fato de este *chat* não funcionar com base em um tema e horário previamente estabelecidos, como é comum acontecer no <CED> e no <CCO>. Destacar isso é singularmente importante porque ajuda na compreensão dos propósitos comunicativos do <CAB> os quais apontam para a necessidade de conhecer novas pessoas, de conquistar parceiros para outros gêneros da mesma constelação, sendo que, para isso, não é preciso seguir temas e/ou horários adequados, muito menos um moderador que mediatize as relações no grupo.

Ao consultar os produtores e consumidores dos gêneros *chats*, em busca de uma confirmação do propósito comunicativo do *chat* aberto, foi perguntado aos usuários de *chats* sobre o que fazem quando usam esses gêneros. Em um balanço geral, pode-se dizer que todos falaram, em relação ao *chat* aberto, que buscam encontrar gente nova, fazer amigos, tentar “paqueras” e brincadeiras sexuais mais leves. Em isto acontecendo, as relações deslizam para outros gêneros, como ainda veremos.

Os dados gerados para este estudo autorizam a afirmação de que o propósito comunicativo socialmente mais saliente do <CAB> é o de **conquistar parceiros** para namoros virtuais, o que não invalida a hipótese de que as intenções pessoais dos produtores/consumidores estejam intrincadas naquele propósito, como evidencia um de meus colaboradores

EXEMPLO 49

Gosto de testar meus parceiros de bate-papo aberto, convidado-os p o reservado. E se eu ver q é uma pessoa boa, convido para as suítes. Já tve de irmos logo pro msn... e aí já viu neh”

[ENTREVISTADO 2]

Um outro aspecto que revela bem os propósitos comunicativos do *chat* aberto é os temas que nele são conversados. Ao perguntar aos meus informantes sobre o que conversam neste tipo de bate-papo, percebi um consenso entre as sessões de *chats* das quais participei e as respostas que eles me deram durante a entrevista. Ambos os dados revelam que no *chat* aberto o tema principal se constrói em torno do erotismo e do sexo virtual, como ilustram os trechos abaixo.

EXEMPLO 50

São muitos variados, mas **existem assuntos que quase sempre estão presente, como o erotismo, a música e a paquera.**

[ENTREVISTADO 1]

Com os amigos falo de amenidades e/ou sobre trabalho [no MSN]. com os paqueras acidentais os assuntos podem variar desde **aspectos anatômicos** até filosóficos de uma “diversão [...] Estou longe dos **abertos atualmente, mas nesses o assunto sempre é séquisso.**

[ENTREVISTADO 3]

Cinema, Tv, **namoros, sexo**, univesidade (sou estudante universitário da Unesp).

[ENTREVISTADO 5]

As “falas” reunidas neste exemplo indicam sobre o que conversam os internautas ao fazerem uso do *chat* aberto. É importante salientar que, embora o *chat* aberto seja propício para a temática do sexo, esse assunto quase nunca é aprofundado, pelo menos neste gênero. É o que mostra o exemplo 51.

EXEMPLO 51

- 1.(05:47:43) **zink** *fala para blalada*: trepar? mas vc tah longe
- 2.(05:47:49) **blalada** *fala para zink*: po, agente faz pela net naum curte? msn?
- 3.(05:49:00) **zink** *fala para blalada*: naum é melhor uma suíte entaum?
- 4.(05:49:17) **blalada** *fala para zink*: é todo mundo vendo num sobe naum eheheh
- 5.(05:49:20) **zink** *fala para blalada*: q tal suíte 2?
- 6.(05:49:25) **blalada** *fala para zink*: te espero lá
- 7.(05:49:20) **zink** *sai da sala...*
- 8.(05:50:00) **blalada** *sai da sala...*

Os dados mostram que o sexo é de fato o assunto mais discutido neste gênero, muito embora tal *chat* seja logo abandonado em detrimento de outros bate-papos da constelação. No turno **2** do exemplo 51, o <CPE> chega a ser mencionado como sendo o melhor gênero para o sexo virtual que os dois usuários do <CAB> tanto desejavam. Mas, **zink** talvez não ache que haja tanta intimidade para usar o <CPE> e, por isso, nos turnos **3** e **5** negocia com **blalada** quanto ao melhor gênero para o propósito de praticar sexo virtual. Pelos turnos de **zink**, o *chat* privado pareceu ser o mais indicado e os turnos **7** e **8** podem ser um indicativo de que ambos concordaram em usar o <CPR> visto que há o registro textual de suas saídas da sala logo após a negociação.

Tratar da temática foi importante porque mostra que este gênero também atende ao propósito comunicativo de falar sobre assuntos que, comumente, não são discutidos, pelo menos com a mesma liberdade, face a face em rodas de amigos. O gênero parece permitir uma destabuização de alguns termos considerados proibidos pelas sociedades. Assim, os dados mostrados aqui revelam que os usuários buscam o *chat* aberto para falar sobre erotismo e sobre sexo, realizar pequenas paqueras e, principalmente, conquistar parceiros para os *chats* duais da constelação; sendo estas a razões que o diferenciam dos outros.

6.2 “TODO MUNDO É MEIO Q PROFESSOR TB” NO *CHAT* EDUCACIONAL

À primeira vista, tem-se a impressão de que a denominação *chat educacional* já denuncia o propósito comunicativo mais saliente deste gênero: ensinar/aprender em ambiente digital. Mas além dele, os dados gerados para esta análise revelam outros que tornam o gênero muito importante para quem o utiliza. Sobre eles, são úteis as palavras que seguem:

EXEMPLO 52

O caht educ. ajuda muito a gente a **crescer em leituras importantes** pq pra participar bem de um vc tem que ter lido sobre o q será discutido no bate-papo. Agente percebe os colegas q leram ou não pelo desempenho no chat. Agente não fica tão presa ao professor, sabe? **Todo mundo é meio q professor tb. Isto eh muito bacana no chat educ.**

[ENTREVISTADO 4]

O exemplo 52 ressalta que a função social do <CED> vai além da simples tarefa de ensinar/aprender em ambiente digital, o que seria muito redutor. As palavras do entrevistado acima mostram que tal gênero imprime uma certa autonomia intelectual aos seus usuários, pois “*todo mundo é meio q professor tb*” e isto, continua o meu colaborador, “*eh muito bacana no chat*”. Pelas palavras deste sujeito, é possível inferir que o referido gênero assume também o propósito comunicativo de elevar a auto-estima de seus participantes, que crescem “*em leituras importantes*” para a sua formação. É importante dizer que esta interpretação corrobora os estudos de Pelletiere (2000), Motta-Roth (2001), Yuan (2003) e Araújo (2005a), pois todos esses autores, pautados pelos dados de seus estudos, também puderam afirmar que o *chat* educacional influencia positivamente na descoberta da autonomia de seus participantes.

Claro que, para a realização do propósito comunicativo de elevar a auto-estima dos participantes, o *chat* educacional se pauta pelo já mencionado propósito comunicativo da mediação pedagógica e, neste aspecto, a figura do professor é muito

importante para esse gênero, o que não significa dizer central. Para que o leitor saiba o que estou chamando de mediação pedagógica, considero útil citar a definição de Masetto *et al.* (2000), para quem se trata de um “**comportamento do professor que se coloca como facilitador**, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem” ([grifos meus] p. 144-145). Esta definição de mediação pedagógica, com a qual concordo, ilumina a compreensão de um exemplo como o que se segue.

EXEMPLO 53

- 1.(13:56:28) **Viviane** fala para **Todos**: O que é importante em uma mediação?
- 2.(13:56:56) **Jonathas** fala para **Viviane**: Pode prosseguir
- 3.(13:57:17) **Viviane** fala para **Todos**: 1. atenção para a participação de todos os alunos, sempre tem um ou dois que pouco participam e por isso é importante sempre buscar a participação destes...
- 4.(13:58:19) **Jonathas** fala para **Viviane**: Isso ficará fácil se tiver mais gente do grupo mediando também
- 5.(13:58:47) **Viviane** fala para **Todos**: 2. Fugir do tema: um chat, na maioria das vezes é empolgante, deixar fluir as idéias é muito bom, mas temos que ter cuidado para não começarmos falando de tecnologias e terminarmos falando no lançamento do último filme brasileiro :)
- 6.(13:59:23) **Jonathas** fala para **Viviane**: hehe faz sentido
- 7.(13:59:31) **Viviane** fala para **Todos**: 3. Não estressar o aluno com perguntas, não podemos assumir uma postura de professor tradicional: fazendo arguição!
- 8.(13:59:54) **Viviane** fala para **Todos**: Incentivar, criticar mas tb elogiar :)

Pelo exemplo 51, o propósito comunicativo da mediação pedagógica do <CED> se define por um dos participantes que, ao assumir o lugar de fala do mediador, explica aos alunos de pedagogia da FAGED/UFC como deve ser o processo de mediação pedagógica em um *chat* educacional. Isto é um indicativo de que há um propósito comunicativo bem definido e que os futuros professores devem conhecê-lo para atuar de forma produtiva no uso desse gênero de natureza pedagógica.

Falando da mediação pedagógica, a professora lista três aspectos que não podem faltar ao professor que irá futuramente moderar a interação no *chat*: 1) garantir uma participação mais isonômica entre os participantes; 2) concentrar no tema do bate-papo e 3) “*não estressar o aluno [...] fazendo argüição*”. Considero muito importante dizer que, mesmo com a forte influência da mediação pedagógica feita pelo professor, o que se percebe é que tanto o professor quanto os alunos não enxergam neste evento uma aula tradicional. Isto fica evidente, no caso do professor, pelo turno 5, o qual se refere ao evento como *chat*. No caso dos alunos, é interessante o trecho da seguinte entrevista.

EXEMPLO 54

Por exemplo o bate-papo do teleduc/faced tem uma função bem diferente dos bate papo loucos do uol. Não chega a ser uma aula,mas parece um pouco. Todo mundo fica muito a vontade sem a pressão da aula, mas todos tem q ter uma postura de respeito para os colegas ali.

[ENTREVISTADO 4]

Definitivamente, é inegável a existência de alguns rastros da aula no <CED>, identificados na análise feita de seu processo formativo (cf. o item 5.2). Pelos dados aqui discutidos, podemos verificar a importância que os usuários dão à existência de uma hora marcada para o início do *chat*, de um planejamento por parte do professor que irá moderar a discussão, de formalidades entre os participantes, da necessidade da leitura prévia de um texto, das exigências de tarefas pós-<CED>, etc. Embora estes elementos sejam caracterizadores da aula, os dados me deixam à vontade para afirmar que, no caso do *chat* educacional, estamos diante de um outro gênero que não mais a aula.

No caso do gênero transmutante, os papéis sociais se diversificam e se complexificam muito. Como ficou demonstrado pela fala de meus colaboradores, em um <CED> “*todo mundo fica muito a vontade sem a pressão da aula*” embora todos zelem por uma certa postura, afinal de contas “*não chega a ser uma aula, mas parece*

um pouco". Isto é revelador de que a transmutação, neste caso, gerou um outro gênero de natureza pedagógica que ressignificou os papéis sociais desempenhados por alunos e professores. Estes últimos, ainda que sejam importantes para a condução do processo de mediatizar a interação, não são mais centrais no evento, pois a sincronia do *chat* dissolve a assimetria que parece ser mais característica da aula e não do *chat* educacional, talvez por isso a redução das perguntas, como sugere o turno 7 do exemplo 51.

A natureza síncrona desse gênero permite que a construção colaborativa do conhecimento seja levada às últimas conseqüências. Quanto a isso, os dados mostram que a interação no *chat* educacional é fortemente marcada pela intercolaboração entre os sujeitos que dele participam. Como também mostra Terzian (2004), tanto professores como alunos “compartilham o que sabem, trocam experiências e discutem juntos em um processo participativo durante a interação” (p. 114).

Pela análise feita nesta seção, afirmo que, no caso da constelação dos *chats*, o *chat* educacional apresenta uma natureza pedagógica pela qual se chega a um de seus propósitos comunicativos mais salientes: o da mediação pedagógica. Este se abre em um leque de outros propósitos, como o de elevar a auto-estima dos participantes, o de promover o auto-gerenciamento de sua aprendizagem, o de colaborar com o outro na construção do conhecimento.

Diante disso, é possível dizer que o <CED> se diferencia dos demais bate-papos pelos propósitos comunicativos apresentados aqui. Finalmente, é instrutivo afirmar que alguns rastros da aula identificáveis no <CED> servem tão somente para mostrar que nenhuma transmutação ocorre se não for para suprir necessidades oriundas de novos propósitos comunicativos.

6.3 “ME SINTO MAIS PERTO DO ARTISTA”: RELAÇÕES MEDIADAS NO CHATCOM CONVIDADO

Quanto ao *chat* com convidado, conforme mostrei no capítulo 4, trata-se de um gênero que, do ponto de vista da hipertextualidade, apresenta-se bem mais complexo que os demais da constelação. Tal gênero, além do movimento vertical do hipertexto na tela do computador – característica comum a todos os *chats* – opera com um misto de elementos semióticos pelos quais se pode perguntar: estamos diante de um bate-papo virtual ou de uma entrevista pela **TV**?

O que atrai os usuários neste gênero é a ilusão de uma sincronia perfeita que haveria entre os fãs e seus ídolos, comumente convidados para este tipo de bate-papo. A própria expressão *chat* ou bate-papo com um convidado importante provoca a sensação de proximidade. Segundo percebi pelas palavras de meus colaboradores, tal “proximidade” já poderia ser uma das pistas sobre os propósitos comunicativos desse gênero. O exemplo abaixo deixa isso claro

EXEMPLO 55

Me sinto mais perto do artista. Falo c ele, coisa q fora do chat seria quase impossível. Este chat é muito legal pq aproxima o fa de seus ídolos e lá todos são iguais e podem trocar palavras carainhosas.

[ENTREVISTADO 2]

Este exemplo é revelador de que um dos propósitos comunicativos do <CCO> é o de aproximar os fãs de seus ídolos. Segundo a fala do sujeito colaborador de minha pesquisa, fora deste tipo de *chat*, dificilmente um fã teria a oportunidade de “chegar tão perto” e de “falar” com algum artista que ele goste. Esta relação entre fã e ídolo parece tão próxima que, ao fazerem uso desse gênero, os participantes, em sua maioria pessoas anônimas, sentem-se entre iguais já que “*podem trocar palavras carinhosas*” de igual para igual.

Como afirmei em um trabalho anterior acerca do <CED>, “o meio virtual parece promover uma espécie de escamoteação dos sujeitos e dos lugares sociais preenchidos por eles” (ARAÚJO, 2005a, p. 104). Sendo assim, no *chat* com convidado,

tal como no educacional, os participantes se sentem ocupando o mesmo lugar de fala do convidado, de maneira que naquele ambiente todos se sentem iguais. O exemplo abaixo dá uma idéia desse propósito.

EXEMPLO 56

1. Bem-vindo ao Bate-papo com Convidados do UOL. Converse agora com o grupo Forroçacana sobre o CD e DVD "O Melhor Forró do Mundo". Para enviar sua pergunta, selecione o nome do grupo no menu de participantes. É o primeiro da lista.

2.(06:12:43) **Forroçacana:** Boa noite a todos!! Agradecemos a oportunidade de **falarmos** com vocês!! Olá, rapazeada!!

3.(06:12:50) **Kenji - SP** fala para **Forroçacana:** uhuhuhuhuhuh

4.(06:13:42) **Jujuçacana** fala para **Forroçacana:** e aeeeeeeee!!!!

5.(06:14:36) **Forroçacana:** Sou o Mará, o sanfoneiro. Neste DVD tive a oportunidade de tocar violoncelo, que é um instrumento bem antigo. Eu sou o Cachaça, que toca viola caipira e instrumentos de corda. Legal esta possibilidade de falarmos sobre a nossa vida e nossa carreira. Boa noite!! Sou o Cris! E para fechar, o Marcos!! Eu toco guitarras, violão! E estamos aqui para falarmos deste 8 anos de carreira.

6.(06:14:57) **Mila** fala para **Forroçacana:** ...Primeiro queria dizer q admiro muito vcs!!!, Qual foi a sensação da banda quando souberam da indicação para o Grammy Latino em 2001?

Para conhecer a finalidade deste tipo de *chat*, basta olhar para a mensagem inicial do exemplo 56 que aparece em negrito, anunciando o tópico e o convidado do bate-papo. De imediato, percebe-se que o propósito comunicativo mais geral deste gênero é o de tornar possível uma conversa, e não uma entrevista, entre fãs e ídolo, o que fortalece a análise feita sobre o exemplo 53. Isto fica ainda mais evidente no exemplo 54, principalmente nas expressões “*converse agora*”, em **1**, e “*falamos com vocês*”, em **2**, as quais fazem uma promessa aos usuários de que participarão de um gênero de bate-papo genuinamente simétrico, como acontece com os outros gêneros da constelação. Os turnos **3** e **4** mostram bem a euforia dos participantes, talvez por se sentirem mais perto dos componentes da banda **Forroçacana**, convidados do *chat*.

No entanto, a simetria prometida é ilusória, pois é fato comum que as salas de *chat* que abrigam o <CCO>, reúnam por volta de 5.000 participantes, o que torna necessária a figura de um moderador. Deste modo, o propósito de tornar viável uma conversa entre um artista (ou participantes de uma banda) e 5.000 pessoas, por exemplo, poderia abortar se não existisse a figura do moderador. Isto torna este *chat* muito complexo dentro da constelação, pois nele coexistem as duas naturezas conversacionais: **simétrica** – já que todos podem digitar e enviar os seus turnos na hora em que desejarem; e **assimétrica** – já que cabe ao moderador conduzir a interação, selecionando as perguntas, conforme foi dito nos capítulos 4 e 5.

Neste sentido, é importante lembrar que, durante a análise feita no capítulo 5, realcei o fato de que este tipo de *chat* transmutou a entrevista, complexificando também os papéis sociais que nele se desempenham. Por exemplo, mostrei a figura do moderador que, ao contrário do entrevistador, conduz a interação. Assim, embora estejamos diante de um gênero de bate-papo, portanto um evento de natureza conversacional sincrônica, tal figura impõe fortes vestígios de uma natureza conversacional assimétrica na atividade de interação.

Sendo assim, é aceitável afirmar que a assimetria, trazida pelo moderador ao *chat* com convidado, ajuda na aproximação de outros propósitos comunicativos desse gênero, como o de mediar a relação entre fãs e ídolos. Nenhum outro bate-papo desta constelação atende a esse propósito comunicativo, fato que torna o <CCO> um gênero distinto dos demais. Mas, nem sempre os participantes gostam da figura do moderador, como mostra o exemplo abaixo.

EXEMPLO 57

Gosto muito d chat c convid,mas qdo penso q vou me sentir um Jo Soares o moderador corta meu barato. Teve chats q nenhuma pergunta minha foi selecionada.

[ENTREVISTADO 5]

Ao evocarem um entrevistador famoso como o Jô Soares, da Rede Globo de televisão, os internautas demonstram saber da existência de rastros da entrevista no *chat*, mas logo percebem que não se trata de uma entrevista e sim de um *chat* com convidado, o qual depende, para o seu funcionamento, da figura de um moderador para orquestrar tantas vozes. Deste modo, pode ser razoável a afirmação de que o moderador existe no <CCO> em função do propósito comunicativo geral deste gênero: oportunizar um contato mais direto entre uma personalidade famosa e muitas pessoas que a admiram.

Este propósito, dadas as condições de produção do gênero, tem sofrido alterações, confirmando o que diz Swales (2004) acerca da evolução dos propósitos comunicativos de um gênero. De acordo com os sujeitos colaboradores de meu estudo, outros propósitos comunicativos podem ser detectados no *chat* com convidado, como bem destaca o exemplo subsequente.

EXEMPLO 58

no bate-papo c convidado além de falar com os artistas, agente pode fazer amigos, conhecer fãclub e acabar participando deles. Serve para trocar endereços dos faclubes dos artistas preferidos, até pra namorar. Conheço um amigo q ate hj namora com uma garota q participava de um faclub q ele entrou pra participar depois do chat.

[ENTREVISTADO 2]

Pelo menos seis outros propósitos podem ser observados neste exemplo: 1) **falar com os artistas**; 2) **fazer amigos**; 3) **conhecer fã-clubes**; 4) **participar de fã-clubes**; 5) **trocar endereços dos sites dos fã-clubes** e 6) **namorar**⁹⁶. Para compreendermos bem estes propósitos do *chat* com convidado, é preciso retornar a análise da figura 33, onde discuti sobre a hibridização que ocorre entre o <CAB> e o

⁹⁶ Note-se que **fazer amigos** e **namorar** não se configuram bem como propósitos comunicativos do <CCO>. Neste caso, podemos estar diante de **intenções** do usuário, as quais se intrinacam aos propósitos comunicativos do gênero (cf. BHATIA, 2004). Segundo os dados desta pesquisa, porém, **fazer amigos** parece ser um dos propósitos do <CAB> e **namorar** parece se relacionar mais com o <CRE> ao passo que **falar com amigos** seria mais um dos propósitos do <CPE> como veremos no item 6.5.

<CCO>. Conforme aquela análise, enquanto os participantes aguardam que suas perguntas sejam selecionadas pelo moderador, aproveitam para teclarem entre si. Deste modo, é nas conversas entre os fãs que surge a materialização dos propósitos indicados acima. Diante dessa evolução dos propósitos comunicativos do <CCO>, encontrei afirmações curiosas como a que se segue.

EXEMPLO 59

Participo muito mais do bate papo com convidado para divulgar o fã clube do qual sou presidente do que teclar com o artista. Não tenho muito disposição de esperar q o moderador escolha minhas msgs. Conheço muita gente de outros fãs clubes q fazem a mesma coisa. Posso até estar enganada, mas acho ate que este bate-papo acabou virando mais um econtro de fas clubes do que de fas com os ídolos.

[ENTREVISTADO 6]

Confirmando mais uma vez as palavras de Swales (2004), o exemplo 59 realça que os propósitos comunicativos de um gênero evoluem, de maneira que as características que antes lhe eram as mais prototípicas podem ser redimensionadas por seus usuários. Ora, se fica inviável conseguir teclar com os famosos devido ao exorbitante número de internautas que participam do *chat* com convidado, fato que exige a presença de um moderador, então os propósitos de tal gênero parecem estar sofrendo mudanças: de uma conversa amigável entre fãs e ídolos para fazer novos amigos, namorar e realizar trocas de informações entre os fãs-clubes desses ídolos. Mas isto não invalida a existência do propósito comunicativo primário, que seria oportunizar uma conversa entre famosos e seus admiradores.

Isto é muito interessante porque, como diz Bazerman (1997), se os gêneros são “lugares familiares” para os quais vamos no intento de realizar atividades e ao chegar lá não conseguimos fazê-las, então é natural que essas atividades sejam redirecionadas. Para isso, as condições de produções do *chat* com convidado obrigam aos usuários utilizarem outras “placas de sinalização” (p. 19), portanto outros

propósitos, os quais são tecidos no tear das necessidades que as práticas de linguagens desse gênero permitem realizar.

Sobre a figura do moderador presente no <CCO> é importante correlacioná-la com a figura do professor no <CED> para afastarmos qualquer comprometimento quanto à distinção dos propósitos comunicativos desses dois gêneros. Enquanto no primeiro caso, o moderador lembra a assimetria da entrevista que, de alguma forma, persiste neste tipo de bate-papo; no segundo, o professor – também uma espécie de moderador – não estabelece hierarquizações entre os turnos. Isto ocorre porque os propósitos comunicativos de ambos os gêneros se bifurcam por caminhos que os diferenciam. Assim o que torna <CCO> distinto no interior da organização constelar dos *chats* são os seus propósitos comunicativos de “aproximar” fãs e ídolos, fãs e fãs e a divulgação de fãs-clubes. Como mostram os dados, estes propósitos comunicativos não se manifestam em nenhum outro gênero da constelação.

6.4 “SOU CASADA E LOUQUINHA PARA TRAIR”: TRAIÇÕES NO *CHAT* RESERVADO

Se nos *chats* coletivos é possível detectar temas mais voltados para o campo da intimidade alheia, isso parece se manifestar com muito mais força nos *chats* duais, como o *chat* reservado, cujas interações, inevitavelmente, acabam no terreno da intimidade e dos segredos. Esta característica é reveladora de que os *chats* duais servem para compreendermos um pouco sobre a sociedade atual, pois eles trazem à tona comportamentos sociais reprimidos e segredos inconfessáveis, como a traição conjugal, por exemplo. Acerca disso, uma matéria publicada em 2004 no jornal “Folha de São Paulo” mostra que os dados de uma pesquisa feita nos Estados Unidos revelam o que todos já desconfiavam: “os internautas procuram sexo na Internet”. A matéria mostra que

se internautas querem sexo, o que não falta são opções para saciar tais desejos. No final do ano passado [2003], um estudo da empresa

N2H2⁹⁷, especializada em pesquisas qualitativas de conteúdo de Internet, revelou que mais de 1,3 milhão de servidores hospedam cerca de 260 milhões de páginas com conteúdo considerado erótico [on-line]⁹⁸.

Considero essa discussão muito importante porque ela mostra o quanto as práticas discursivas digitais podem revelar muito do que somos, enquanto sociedade. No caso da constelação dos *chats*, são curiosas as denominações que alguns gêneros receberam. A própria designação **chat reservado** é um convite para um papo mais íntimo, longe dos “olhares” dos demais. Neste caso, como também ocorre com outros bate-papos da constelação, o nome do gênero pode ser uma pista importante para se entrar no feixe de seus propósitos comunicativos. Em uma das muitas atividades de *chat* que realizei durante minha etnografia, “teclei” com alguém cujo conteúdo da conversa sinaliza para a temática da traição.

EXEMPLO 60

- 1.(21:08:07) **xxxx** (*reservadamente*) fala para **julcra**: Tc de onde? tá afim?
- 2.(21:08:21) **julcra** (*reservadamente*) fala para **xxxx**: Fort. de que?
- 3.(21:08:28) **xxxx** (*reservadamente*)fala para **julcra**: vc é mulher ou homem?
- 4.(21:08:47) **julcra** (*reservadamente*) fala para **xxxx**: H
- 5.(21:08:49) **xxxx** (*reservadamente*) fala para **julcra**: nossa! Como vc demora. Tá tc com mais alguém? sou uma mulher casada e louquinha pra trair o meu marido. Não me condene por favor. To no reservado hein?

O exemplo 60 retrata o que pode ser um dos propósitos comunicativos do <CRE>: realizar traições virtuais através de um jogo erótico de sedução. Quanto a isso, há uma matéria divulgada na Veja de 25 de janeiro de 2006 a qual tinha o seguinte título “Trair e teclar, é só começar”. Nela, a jornalista Daniela Pinheiro contava casos reais de cônjuges que quase puseram fim em seus casamentos quando descobriam que

⁹⁷ <<http://www.n2h2.com>>

⁹⁸ <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u16228.shtml>>

seus pares cometiam o que estão chamando de *e-infidelidade* (p. 78), trata-se de uma infidelidade que “começa com mensagens, evolui para confidências, logo entra no reino das fantasias sexuais”, explica a jornalista.

Neste sentido, o turno 5 do exemplo 60 mostra que, mesmo participando de um <CRE>, minha interlocutora teme represálias e julgamentos de minha parte. Contudo, no mesmo turno, ela se adianta a qualquer possível crítica minha e diz que está teclando em um *chat* reservado. Considero preciosas suas palavras, pois por elas fica evidente que se trata de alguém conhecedor do gênero que usa, do que ele permite, de quais propósitos comunicativos ele atende.

Isto significa que trair em um *chat* reservado é permitido, mas já não seria em um *chat* aberto, educacional, por exemplo. A traição é algo que se faz reservadamente e não em ambientes abertos e públicos. Mas, além de oportunizar a *e-infidelidade*, um outro propósito que os dados mostram é o de usar o *chat* reservado como um “aquecimento” para estímulos sexuais mais quentes. Vejamos o que afirmam meus colaboradores sobre isso.

EXEMPLO 61

Gosto de testar meus parceiros de bate-papo usando o reservado. se eu ver q é uma pessoa boa, convido para as suítes.

[ENTREVISTADO 2]

No aberto é bom pra conseguir alguém, mas depois o melhor eh se recolher no reservado, nas suítes ou quem sabe ateh no msn. se a proposta for sexo, o privado eh mais indicado, mas se for uma paquera mais leve, o reservado serve.

[ENTREVISTADO 6]

O *chat* reservado, segundo os produtores e consumidores desse gênero, parece permitir um grau de intimidade que serve para “testar” se os parceiros querem ou não ir mais fundo no jogo do proibido e do íntimo. Neste sentido, este gênero se assemelha ao <CAB> na medida em que este também serve ao propósito de “conseguir

alguém” para um papo mais íntimo. Como explica o entrevistado 6, se o propósito for “*uma paquera mais leve, o reservado serve*”. A “fala” desse sujeito revela que os internautas usam os gêneros de bate-papo de acordo com suas necessidades. Sobre esse conhecimento acerca dos propósitos comunicativos dos *chats*, são elucidativas as palavras de um dos colaboradores de minha pesquisa. Segundo ele,

EXEMPLO 62

cada chat possui suas particularidades e não atende os mesmos objetivos sempre. Cada um gera uma comunicação diferente e existem assuntos mais comuns em uns ou em outros, embora isto não seja regra.

[ENTREVISTADO 1]

Neste sentido, o *chat* reservado parece servir aos propósitos de iniciar interações mais íntimas, podendo ser abandonado pelos internautas em detrimento de outros *chats* duais, como o **privado** ou o *chat* personalizado, caso a intimidade entre os usuários evolua reclamando outros propósitos comunicativos, portanto outros gêneros da constelação dos *chats*.

Conforme foi mostrado no capítulo anterior, as conversas secretas foram transmutadas pelo *chat* reservado em função do propósito de conferir uma certa “segurança” aos usuários que desejam tratar de assuntos que se direcionam para as suas individualidades. Por isso, são temas polêmicos, como a homossexualidade (cf. exemplos 17 e 36) e a traição conjugal, que mais são discutidos pelos usuários, revelando o propósito comunicativo de falar sobre pequenos segredos pessoais que não interessam ao público.

6.5 “O MSN É PRA QUEM SE CONFIA”: MAIS SEGREDOS NO *CHAT* PERSONALIZADO

O <CPE> é um gênero muito especial dentro da constelação por permitir uma maior personalização do bate-papo e, por isso mesmo, uma maior intimidade entre amigos ou entre pessoas que, por confiarem, compartilham o seu **MSN**⁹⁹ com outras. Os dados mostram que é o <CPE> gênero mais utilizado e mais querido pelos usuários dos bate-papos virtuais. Segundo os internautas que produzem e consomem esse gênero, o seu propósito comunicativo mais imediato é o de falar com os amigos.

EXEMPLO 63

o Msn é pra quem se confia	[ENTREVISTADO 2]
Msn: Falar com os amigos	[ENTREVISTADO 3]
Todo dia eu uso o msn pra falar com meus amigos	[ENTREVISTADO 4]
no msn, por ex. rola mais amizades pq todo mundo se conhece	[ENTREVISTADO 7]

Pelas palavras dos usuários do <CPE>, falar amenidades com os amigos parece ser o propósito comunicativo mais geral desse gênero. Mas basta um retorno aos muitos exemplos que aludem ao ambiente do **MSN** ao longo desta Tese para percebermos que o tipo de *chat* que esse *software* abriga atende a outros propósitos comunicativos. A análise do <CAB> mostrou que o <CPE> é o gênero mais mencionado. Em meus dados, há inclusive uma pergunta que se transformou em um verdadeiro clichê no <CAB>: “*você tem msn?*”. Por esta pergunta, que aparece infinitas vezes nos dados de minha pesquisa, pode-se inferir que um dos propósitos comunicativos de tal gênero seja o de estreitar as relações já que o endereço de *e-mail* será adicionado na lista de contatos de quem o requereu. Evidentemente, isto estimula um grau maior de intimidade.

⁹⁹ Equivalente a número de telefone que se adiciona a uma agenda pessoal. No caso, é o próprio endereço de *e-mail* fornecido gratuitamente pela *Microsoft* através do provedor <http://www.msn.com>.

Como já comentado aqui, este tipo de bate-papo funciona em um programa computacional que permite o acesso à imagem dos interlocutores, seja por foto, seja pela *Webcam*; ao endereço de *e-mail* pelo qual os internautas poderão se comunicar também pelo correio eletrônico; e ao som da voz, através do uso do microfone. Como se pode perceber, o **MSN** foi todo construído para abrigar um gênero de bate-papo voltado para propiciar conversas mais personalizadas entre pessoas, comumente, conhecidas. Mas se ainda não se conhecem, que seja pelo menos alguém em quem se possa confiar o endereço eletrônico, como frisou o entrevistado 2 no exemplo 63. O propósito de conversar de modo personalizado com pessoas conhecidas – seja agendando ou não essa conversa – é algo específico do <**CPE**>, elemento pelo qual é possível diferenciá-lo dos outros gêneros da constelação dos *chats*.

6.6 “MARKEI NESSA SUÍTE”: INTIMIDADES NO *CHAT* PRIVADO

Conforme vimos, o *chat* reservado mais se parece com um processo seletivo para saber quem pode ou não ser convidado para um *chat* privado. Desta maneira, e iluminado pela discussão feita no item 6.1, o *chat* privado mais pode ser visto como a depuração do *chat* reservado, pois ele atende ao propósito comunicativo de permitir conversas bem mais íntimas, como mostrou o exemplo 51 no qual é possível flagrar uma negociação entre dois internautas quanto à escolha pelo <**CPR**>. A conversa mostrada naquele exemplo mantém uma estreita relação com outros exemplos já mostrados aqui, como o de número 61, pelos quais fica fácil perceber o propósito comunicativo mais geral do *chat* privado.

Como se trata de alguém que só está ali porque já passou por um verdadeiro processo seletivo, não há mais necessidade de usar tantos recursos hipertextuais, como se faz, por exemplo, no <**CAB**>. Sobre isso, é válido ler o que afirmou um dos entrevistados

As imagens e o som são fundamentais pra ganhar as mina. mostra a criatividade e ajuda a gente a dizer as coisas q não cabe na escrita. mas qdo tô no priv ou no reservado uso muito pouco, mas uso muito no msn q é bacana divertido e personaliza a conversa”

[ENTREVISTADO 7]

Assim como ocorre no <CPE>, no <CPR> as pessoas também podem agendar encontros íntimos, o que revela muito do propósito comunicativo do gênero. Trata-se de uma atividade de interação que fora, previamente, combinada, mesmo que seja entre pessoas que só se conheceram durante o uso do *chat* aberto. O trecho do bate-papo subsequente, na verdade, retoma o exemplo de número 4, o qual mostra um conflito entre mim e um usuário que se sentiu ameaçado pela minha “entrada” na sala virtual.

1. (05:00:17) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) fala para **julcra**: marqkei nessa suíte nesse horário. Ela deve tá tebtando tã vc está atrapalhando.... ou vc é ela? Kual teu mns

2.(05:00:25) **Casado_1.90m_40aSP** (*reservadamente*) fala para **julcra**: Tô a fim de sexo seguro 🍷

3.(05:05:42) 🍷 UOL : [Só na paquera? Mande um cartão cheio de boas intenções!](#)

Ao retomar este exemplo, pretendo destacar dois aspectos que podem ser úteis na compreensão do propósito comunicativo do <CPR>. O primeiro se mostra logo no turno 1 pelo qual se percebe que este gênero funciona de forma agendável: “*marqkei nessa suíte nesse horário*”. Tocar nesse assunto é importante porque ratifica a discussão feita relativa ao exemplo 51, onde dois internautas que teclam no <CAB> agendam um encontro íntimo, precisando inclusive o número da suíte que os abrigaria para um *chat* privado. O ato de precisar a suíte de número 2 revela que os referidos *chatters* conhecem bem o gênero que irão usar ali. Sabem que quando querem maiores intimidades, o gênero que melhor atende a este propósito é o <CPR> sobretudo por funcionar em um programa que permite unicamente a entrada de duas pessoas.

O segundo aspecto a que desejo dar realce com a retomada do exemplo 4 diz respeito à declaração feita no turno 2: “*to a fim de sexo seguro*”. Muita coisa pode ser observada neste turno. Além do uso hipertextual desta imagem de uma camisinha usada 🍆, o *nickname* do usuário parece revelar a razão de este sujeito optar pelo *chat* privado.

O apelido não é nada inocente, pois faz uma boa propaganda de si: trata-se de um homem de 40 anos, portanto maduro e que sabe o que quer. Isto pode gerar confiança na parceira que, possivelmente, já o conhece por esse *nick*. De acordo com os padrões de beleza desejáveis pela sociedade contemporânea, ele também agrada já que mede 1,90 de altura. O seu perfil pode ser, inclusive, o de um executivo importante residente na grande São Paulo. Mas de todas as informações que o *nickname* do usuário permite inferir, considero a mais importante o fato de ele ser um homem **casado** e, isto justificaria sua opção pelo *chat* privado.

Estamos de volta à discussão sobre a traição conjugal feita no item 6.4. Neste ponto vale a pena retomar a matéria escrita por Daniela Pinheiro (2006) para a firmar que “o anonimato e a multiplicação de oportunidades alimentam o furor erótico, seja para procurar parceiros [...] seja para escarafunchar todas as variantes sexuais já inventadas pelo ser humano” (p. 80). Imagino que para pessoas como o *chatter Casado_1.90m_40aSP* seria muito mais difícil vencer barreiras, como a timidez e aquelas impostas pelas convenções sociais. Por esta razão, a privacidade do <CPR> serve para ele ser quem ele quiser e realizar suas fantasias sexuais em ambiente digital¹⁰⁰.

De modo geral, é possível sugerir que o que as pessoas fazem quando mobilizam este gênero da constelação dos *chats* é participar de conversas erótico-sensuais que acontecem em um ambiente digital bastante isolado dos demais. O fato

¹⁰⁰ Conforme a jornalista da revista Veja, “segundo a revista americana *Psychology Today*, estudos recentes indicam que, em 60% dos casos, um relacionamento contínuo e profundo pela internet termina na cama” (p. 80).

de o programa computacional que abriga tal gênero ser como é impõe aos seus produtores/consumidores condições de produção propícias para a emergência de conteúdos voltados para o erótico, portanto para o íntimo.

Há ainda um elemento de natureza técnica muito importante que deve ser destacado aqui. A intimidade experimentada pelos *chatters* no <CPR> é diferente – em partes – daquela vivenciada no <CPE>, por exemplo. Neste último, os usuários se exibem na *Webcam* ou trocam fotos, ouvem a voz uns dos outros, enquanto que não é propósito comunicativo do <CPR> permitir que seus usuários se mostrem, sendo necessário manter o tom privado da interação inclusive entre os interlocutores que não querem se mostrar por muitas razões.

6.7 A “TERAPÊUTICA DA RECLAMAÇÃO” NO *CHAT* DE ATENDIMENTO

O último *chat* dual a ser analisado é o de atendimento aos assinantes do provedor UOL, no caso específico. Infelizmente, quanto às entrevistas realizadas, obtive pouca informação junto às pessoas que se dispuseram a responder minhas perguntas pelo *e-mail*. Mas, ao perguntar pelas principais motivações para participar dos *chats*, alguém me respondeu da seguinte maneira:

EXEMPLO 65

Msn: Falar com os amigos; Aberto: paquerar; [chat de] atendimento a clientes: terapêutica da reclamação e do consumo

[ENTREVISTADO 3]

De acordo com o entrevistado 3, o *chat* de atendimento serve-lhe como terapia para a reclamação e para o consumo. Brincadeiras à parte, meu colaborador revela pistas importantes para compreendermos como os usuários desse gênero reconhecem os seus propósitos comunicativos. Por suas palavras, o <CAT> atende ao propósito de o cliente fazer reclamação quanto aos serviços disponibilizados pelo provedor que assina. Se há um consumidor que paga por esses serviços, nada mais

natural que este reclame quando não se sentir satisfeito com os serviços que compra. O exemplo que se segue mostra uma opinião de um assinante do provedor sobre o *chat* de atendimento.

EXEMPLO 66

uso o chat de atendimento pq não tenho muito paciencia pra ficar ouvindo musica pelo telefone. Prefiro o batepapo pq nele o atendimento é rápido e sempre saio com os problemas resolvidos. Os atendentes são educados e pacientes, mesmo qdo sou aborrecido c eles.

[ENTREVISTADO 6]

O exemplo 66 mostra que o sujeito acima prefere o uso do gênero <CAT> ao telefonema, serviço realizado por meio do prefixo 0800. De acordo com ele, o *chat* é mais rápido, os atendentes são pacientes e sempre resolvem os problemas. Isto mostra que a natureza sincrônica, própria do evento “bater papo na Internet”, é útil por revelar rapidez na busca da solução pelos participantes.

Além da sincronia do *chat* de atendimento, há outros aspectos desse gênero que foram analisados nos capítulos 4 e 5 desta Tese e que devem ser retomados porque ajudam a compreender os seus propósitos comunicativos. Do ponto de vista da hipertextualidade, o <CAT> talvez seja o gênero da constelação mais limitado, pois ele não oferece as interfaces semióticas que a maioria tem. Talvez a ausência de sons e imagens seja para conferir ao atendimento o *ethos* de uma situação comunicativa menos lúdica, o que pode servir para que os assinantes confiem mais na empresa. Isto não deve significar, contudo, que a intersemiose subtrai a credibilidade do gênero, mas que a hipertextualidade se manifesta diferente no <CAT> em função de seus propósitos comunicativos.

Ainda sobre a hipertextualidade, vale a pena observar o recorte abaixo para recordar a importância do botão digital para este gênero. Para provocar no reclamante a sensação de que ele é quem gerencia a atividade no <CAT>, sabiamente

os atendentes concluem as sessões de atendimento com a seguinte mensagem, retomada do exemplo 26.

(10:33:48 AM) **Roberto Martins** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: A Central de Relacionamento UOL agradece sua participação e coloca-se à disposição. Para fechar a sala utilize o botão "Sair". Preenchendo a Avaliação sobre o Atendimento você estará contribuindo para a melhoria deste serviço.

A manipulação do botão digital, que se assemelha ao uso dos *links*, assume a estratégia discursiva de gerar no usuário do <CAT> a sensação de gerenciamento da interação, pois enquanto ele não clicar com o *mouse* no botão o atendente fica a postos na sala para continuar a conversa com o assinante.

Quanto à transmutação da conversa realizada em um serviço de atendimento ao cliente (SAC) qualquer pelo <CAT> é importante destacar os usos da linguagem pelos atendentes. Os dados mostram que o registro usado por eles se aproxima do padrão culto, lingüisticamente marcado pelo pronome de tratamento “senhor(a)”, como mostra o trecho, também retirado do exemplo 26.

(10:32:55 AM) **Roberto Martins** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Mais alguma dúvida, Sr(a)?

A linguagem selecionada pelos atendentes mostra que, embora os clientes estejam utilizando um gênero que compõe uma constelação de tendências lúdicas, como a dos *chats*, o <CAT> é um bate-papo sério e, portanto, o cliente pode confiar. Assim, o registro do atendente está a serviço do propósito comunicativo de mostrar uma imagem de uma empresa séria, preocupada com os seus clientes. É importante pôr atendentes que usem a norma culta, embora em um *chat*, pois isso ajuda a compor o quadro das credenciais desejáveis pela empresa.

Não obstante isso, é importante ressaltar que, mesmo vigilantes, os atendentes usam abreviações e esquecem de se referirem aos atendidos pelo pronome de tratamento **senhor(a)**. O exemplo 43, analisado no capítulo anterior, mostra um caso destes, o qual, segundo a minha interpretação, revela a irritação do atendente comigo. Abaixo, retomo os últimos turnos que formam aquele exemplo.

10. (11:16:47 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: Vc poderia esclarecer a sua dúvida, por favor???
11. (11:17:08 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: a sensacao é q vcs bloqueiam minha participação no chat para nao "ouvirem" minhas reclamações
12. (11:17:44 PM) **julcra@uol.com.br** reservadamente fala para **Sergio Luiz**: agora mesmo eu tc c um atendente chamad Carlos Eduardo e fiquei sem poder continuar a conversa :-(
13. (11:17:47 PM) **Sergio Luiz** reservadamente fala para **julcra@uol.com.br**: O que ocorre quando você tentar acessar o Bate Papo de atendimento UOL? Pode detalhar?

O recorte acima serve para ilustrar um momento de irritação entre os participantes do *chat* de atendimento. Segundo a discussão feita em 5.7, o uso da abreviação **vc** pode ser revelador de um deslize sutil do atendente, que nos turnos anteriores me tratava como **senhor**. Sua irritação parece se materializar também na repetição do ponto de interrogação que aparece três vezes na finalização do turno 10. Não há como afirmar, mas suspeito de que meu atendente tenha percebido o uso da abreviação e imeditamente, no turno 13, volta a digitar por extenso **você**. Mesmo assim, não retoma o pronome de tratamento mais respeitoso com o qual iniciou me tratando.

Esse exemplo revela bem que não se trata de uma conversa como as que acontecem em um **SAC** embora este *chat* seja um gênero transmutante daquela. A abreviação serve para mostrar que estamos diante de um gênero de bate-papo cujo propósito comunicativo mais saliente é o de reclamar e, por isso, geralmente, ele é

conflituoso, como também nos disse o entrevistado 6, no exemplo 65, apresentado na presente seção.

Como é possível perceber, além do *chat* de atendimento não há em nenhum outro *chat* desta constelação, outro gênero que atenda aos propósitos comunicativos de fazer reclamações ao provedor e de tirar dúvidas relativas ao suporte, razões pelas quais me levam a constatar que o referido *chat* se diferencia dos demais do agrupamento constelar.

6.8 A TEIA DE PROPÓSITOS COMUNICATIVOS

Este capítulo teve o objetivo de mostrar que as atividades realizadas pelos usuários de *chats* não se pautam por um único propósito, reconhecido como geral a todos eles. Neste sentido, não concordo com Pereira & Moura (2005) que, ao estudarem a produção discursiva nas salas de bate-papo, reduzem a complexidade funcional desses gêneros da seguinte maneira: “o objetivo dos que compartilham essas salas virtuais é *conversar*” (p. 72).

Como já disse acerca do fato de uma constelação se pautar por um único propósito comunicativo, no caso de meu objeto de estudo, não considero que um propósito comunicativo geral a todos os *chats* dê conta dos matizes de sentidos, das várias relações que se estabelecem entre os usuários e as várias finalidades a que atendem os bate-papos.

Neste sentido, na figura 34, abaixo, com base nos dados e na discussão feita neste capítulo, tento desenhar uma possível representação mais ou menos aproximada do complexo entrecruzamento dos muitos propósitos comunicativos a que atendem os gêneros da constelação dos *chats*.

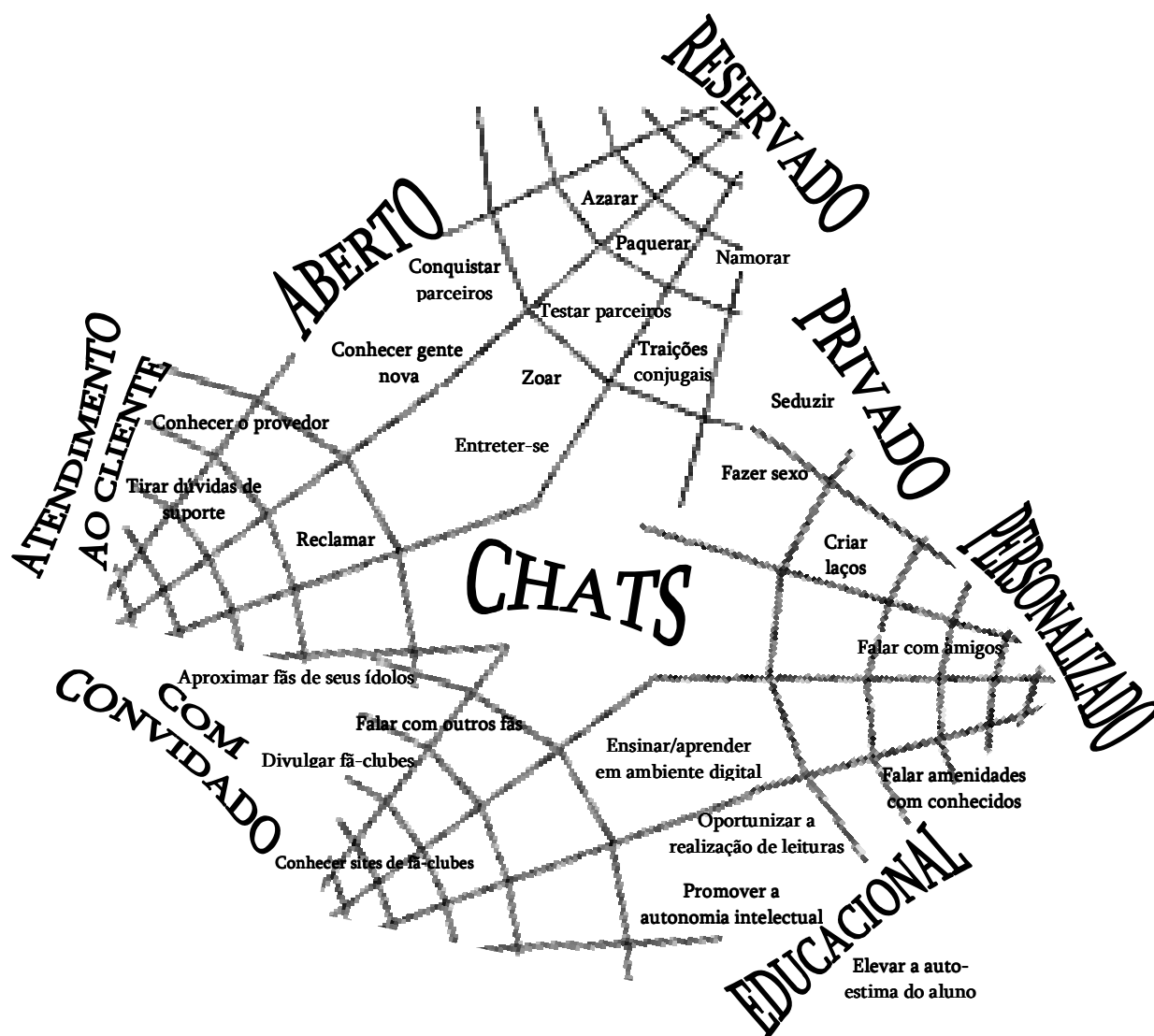


FIGURA 34 – A TEIA DOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS DA CONSTELAÇÃO DOS CHATS

A figura acima corrobora minha tese segundo a qual não é por um propósito comunicativo geral que se organiza uma constelação de gêneros, mas por um conjunto deles, que os diferencia, e por outros traços que os assemelham como os

oriundos da esfera de comunicação na qual se ambienta a constelação e os rastros deixados pelo processo formativo de seus gêneros.

Para isto, ao elaborar esta figura, tive o cuidado de fazer com que as quinas das teias se tocassem para dar a idéia das várias bifurcações. O objetivo foi retomar o que menciona Swales (2004) acerca da inevitável evolução dos propósitos comunicativos de um gênero. Na figura, o fato de os propósitos comunicativos estarem mais ou menos próximos aos seus respectivos gêneros de bate-papo revela uma tentativa de uma aproximação razoável das funções sociais dos diferentes gêneros da constelação dos *chats* pelas quais os usuários se guiam para desenvolver suas atividades de interação.

Seguindo o sentido horário da figura 34, partindo do *chat* aberto até chegar ao *chat personalizado* ambientado no **MSN**, uma observação mais apurada nos revela detalhes curiosos acerca dos propósitos comunicativos desses gêneros, os quais se solidarizam na construção da teia aqui apresentada, pois ao que me pareceu o <**CRE**>, o <**CPR**> e, principalmente, o <**CPE**> são resultados de negociações entre os usuários do <**CAB**>. Quanto a isso, é muito curiosa a resposta do sujeito que se segue:

EXEMPLO 67

nos bate p **abertos** d uol tem muita putaria kente ehehehe Qdo o neguim pega uma gatinha danada vai logo trepar c ela no **reservado** ou nas **suites** se tiver **msn** eh melhor ainda neh

[ENTREVISTADO 7]

Este exemplo, também retirado das entrevistas que realizei por *e-mail* com usuários dos *chats*, assim como os demais, revela o estilo livre e despojado de o meu gentil colaborador escrever sobre o que perguntei. Revela também a familiaridade que ele tem com a informalidade da escrita digital. Mas o que me interessa nessa “fala” é a sua consciência em relação às muitas funções sociais dos diversos bate-papos. Isso se torna muito relevante para o meu estudo porque mostra que a

constelação de gêneros aqui analisada não tem um único propósito comunicativo, já que os distintos gêneros que a compõem atendem a vários e diversificados propósitos.

A consciência de que há muitos gêneros de bate-papo pode ser capturada pelo trecho da mesma entrevista que está na epígrafe de abertura deste capítulo. O primeiro grifo feito naquele trecho mostra que os *chatters* sabem da existência de uma constelação de gêneros, pois o entrevistado destaca com uma exatidão incrível que para cada propósito comunicativo há um *chat* adequado. Em suas palavras: “...*tu entra nos bate-papos próprios pra isso entendeu*” ou, como mostra o exemplo 45, “*cada um para cada coisa daqueleas q te falei*”. Essas declarações são claras e por elas posso afirmar que os usuários entendem e usam os *chats* de acordo com as necessidades, pois, como afirma, jocosamente, o colaborador de meu estudo: “*num vo kerer trepar c a professora num chat educativo*” [exemplo 45].

Retornando ao exemplo 67, entendo-o como uma espécie de confirmação de que um dos possíveis propósitos comunicativos do <CAB> é o de conquistar parceiros com a finalidade de estabelecer relações mais estreitas no futuro. Como mostrarei no próximo parágrafo, esta interpretação é razoável na medida em que o usuário lista quatro gêneros da constelação: o *chat aberto*, o *chat reservado*, o *chat privado* e o *chat personalizado*. De acordo com a minha análise, essa lista, além de ratificar um dos propósitos comunicativos mais salientes do primeiro gênero, revela também detalhes importantes sobre o propósito comunicativo dos outros.

Ao que me pareceu, é pelo grau de intimidade que o usuário deseja construir com seus parceiros a teia dos propósitos comunicativos da constelação. Note-se que a lista dos gêneros citados pelo meu colaborador parece ser regida por um grau de intimidade próprio para cada bate-papo. Ou seja, há uma evolução que começa do primeiro e se estende até o último, pois o sujeito inicia sua fala mencionando o *chat aberto* como quem sabe que tudo começa com ele.

Depois, as relações realizadas no uso do <CAB> podem se deslizar para um *chat reservado*, no qual os usuários permanecerão ou não. Sustentar ou não a atividade interativa em um <CRE> será sempre uma escolha pautada pelo propósito comunicativo a que querem atingir os participantes. Os dados mostram que quando há a necessidade, por exemplo, de envolvimento sexuais mais fortes, os participantes migram para as suítes em busca de um bate-papo privado. De lá, caso desejem se conhecer melhor e se “encontrar” outras vezes, trocam o MSN para continuar a se conhecerem em um *chat* mais personalizado.

Em outras palavras, pelo exemplo 65, pode-se notar que o internauta menciona o ambiente digital das suítes que abriga o *chat privado* como propício a uma interação mais particular, o qual servirá para a realização de brincadeiras e estímulos sexuais com a garantia de não serem importunados por mais ninguém. Finalmente, ele menciona o MSN como o ambiente adequado para um *chat* mais personalizado que permite, por exemplo, o uso da *Webcam*, do microfone, da troca de fotos, permitindo, inclusive, que o outro tenha acesso ao *e-mail* pessoal, pelo qual podem se “achar” no ambiente internetiano para usar este tipo de bate-papo.

Quanto aos outros três chats: o de atendimento, o com convidado e o educacional é possível dizer que ambos os três se distanciam um pouco dos quatro mencionados acima. Tanto o <CCO> quanto o <CED> possuem moderadores, no sentido de alguém para mediatizar a interação. Ambos são transmutações de gêneros bastante assimétricos: entrevista e aula. No entanto, somente o primeiro manteve fortes rastros da assimetria da entrevista, em que é o entrevistador quem conduz o andamento da interação já que cabe a ele selecionar os temas, realizar as perguntas e encerrar o processo. Com o propósito comunicativo de oportunizar uma conversa amigável entre personalidades famosas e seus admiradores, o gênero transmutante reinterpreta o papel do entrevistador reduzindo sua força. No <CCO> não há exatamente uma entrevista, mas um bate-papo entre fãs e artistas, no caso do *corpus* desta pesquisa, mediado por alguém que conduz toda a atividade.

Quanto ao <CED> a assimetria é toda dissolvida devido à natureza sincrônica que marca o evento, o qual se pauta por uma forte tendência à construção colaborativa do conhecimento (cf. ARAÚJO, 2005a), embora a figura do professor seja relevante para a concretização dos propósitos comunicativos deste gênero de bate-papo.

Finalmente, o <CAT> é o gênero menos lúdico da constelação e talvez um dos mais conflituosos, pois ele atende, além dos propósitos comunicativos de tirar dúvidas relativas ao suporte e ao provedor, a função de permitir reclamações por parte dos assinantes do provedor. Isto o distancia dos demais, seja do ponto de vista da hipertextualidade seja do ponto de vista de seus propósitos. Assim como alguns dos gêneros desta constelação, ele não tem horário marcado, pois se trata de um bate-papo disponibilizado pelo provedor durante as 24 horas do dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração. As classificações são sempre recortes do objeto e não agrupamentos naturais, por isso são sempre de base teórica.

MARCUSCHI (2005, p. 18)

Esta pesquisa teve a preocupação de encetar uma reflexão acerca de um fenômeno muito curioso: o agrupamento de determinadas situações sociocomunicativas que aqui foi denominado de **constelação de gêneros**. Estudar este fenômeno foi e é importante porque ele pode revelar muito sobre a sociedade que produz e consome os gêneros, em torno dos quais as pessoas se comunicam e organizam as suas práticas e relações sociais.

Para dizer a que conclusões pude chegar acerca desta pesquisa, considero importante comentar sobre a dificuldade que senti na hora de escrever o capítulo de conclusão desta Tese. Para Motta-Roth (2005a), com quem concordo, é “esclarecendo as opções feitas, os passos dados, as rotas abandonadas e o caminho

tortuoso [...] contando a história do mesmo modo que ela foi vivida” (p. 82) que os leitores podem ficar sabendo dos entraves que um pesquisador enfrenta durante a execução de seu trabalho. Ao tentar escrever as minhas conclusões, questioneimei-me sobre qual pergunta minha pesquisa tentou responder e somente no final da escritura da Tese é que tive clareza quanto à questão que de fato norteou o meu empreendimento.

Para que fique documentado, é importante que se diga que, no início, a questão central a que me propunha responder era: “de que maneira a hipertextualidade, a transmutação e o propósito comunicativo podem ajudar na caracterização dos *chats* como uma constelação de gêneros?” No entanto, lendo sobre **constelação de gêneros**, percebi que a literatura não oferecia uma definição desse fenômeno que pudesse sustentar uma análise. Assim, percebi que a tese desta pesquisa deveria responder a seguinte questão: “o que é uma constelação de gêneros?”. Foram precisos mais de três anos para que eu percebesse isso, o que provocou uma pequena reviravolta em meu texto.

Mostrar essa reviravolta é importante porque acredito, com Motta-Roth (2005a), que “precisamos que pesquisadores, ao publicar, narrem seu processo de reflexão e pesquisa de modo a ajudar a construir a epistemologia da área nesse momento de *revirão* pós-moderno que estamos vivendo *também* na ciência” (p. 66 [itálicos da autora]). Além disso, como destaca Biasi-Rodrigues (1998) em relação à sua experiência de pesquisadora, “nem sempre a metodologia é claramente definida na elaboração de um projeto de pesquisa e mantida sem alterações durante os exercícios de análise” (p. 78). Grifar este aspecto é importante porque ele em si já aponta para uma das conclusões a que chego no “fim” deste trabalho: é somente pelo e no processo de investigação que podemos nos aproximar com mais clareza do objeto de estudo e encontrar a verdadeira pergunta norteadora da pesquisa, como foi o meu caso.

Feitas essas considerações, passo a mostrar as outras conclusões de meu trabalho. Para isso, opto por colocar as perguntas, agora redimensionadas, que orientaram minha investigação como título das subseções que se seguem. Deste modo, na medida em que for discutindo cada uma delas, darei realce às conclusões à quais foi possível chegar.

O QUE É UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?

Eis aí a questão central de minha pesquisa em busca da qual dediquei todo o meu Doutorado. Perguntei-me sobre o porquê de alguns gêneros como a **carta**, a **entrevista**, a **receita**, a **aula** e muitos outros, cada um deles se multiplicarem como práticas sociais distintas, que não atendem apenas a um único propósito comunicativo, embora recebam a mesma denominação. Considerei curioso, do ponto de vista acadêmico, pensar sobre as razões de tais gêneros serem tão múltiplos, e, por isso, fui percebendo que aquelas palavras em negrito não me levavam exatamente a um único gênero, mas a um grupo deles. Certamente, por partilharem da mesma classificação, deveriam existir características comuns que os aproximassem, assim como também deveria ter algo que os tornasse distintos.

As características que os aproximavam talvez justificassem o fato de as nomeações desses gêneros começarem com uma das vagas expressões mostradas no parágrafo antecedente. Por outro lado, imaginei que deveria existir uma característica muito poderosa capaz de tornar esses gêneros distintos entre si, razão pela qual, eu pensei, poderíamos reconhecer e nomear os gêneros pertencentes a um agrupamento grande e complexo como o da **carta**. Assim, imaginei que teríamos e reconheceríamos uma **carta precatória**, uma **carta pessoal**, uma **carta ao leitor**, uma **carta do leitor**, uma **carta de admissão** e tantos outros gêneros cartas que ainda existem nesta vasta constelação. Estendi essas reflexões à entrevista, à aula, à receita e, como o leitor percebeu, ao *chat* da Internet, que serviu de ilustração para o exposto constructo teórico-metodológico.

Mas o que seria capaz de tornar os gêneros tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo? Foi a busca por essa resposta que me fez mergulhar na literatura cuja revisão me obrigou a adentrar na discussão do conceito de constelação de gêneros, já que refletir sobre esta categoria se mostrou como uma necessidade natural que se impôs como condição *sine qua non* para a realização desta pesquisa. Assim, tive que estabelecer um debate sobre a categoria de constelação e de outras a ela relacionadas e, a meu ver, isso se justifica porque o interesse pela questão torna-se quase um imperativo no interior da Academia. Desta maneira, foi da consulta à literatura da área que cheguei a uma das primeiras conclusões desta pesquisa segundo a qual a categoria **constelação de gêneros** ainda parecia uma terra virgem, embora alguns autores já houvessem estado ali, pisando sobre aquele instigante solo movediço.

Minha incursão pelos trabalhos já realizados sobre o assunto me permitiu concluir que o fenômeno o qual me atraía ainda estava por ser sistematizado, obrigando-me a me impor um dos objetivos que acabou por se transformar no mais importante desta Tese: mesmo correndo todos os riscos, tentar uma sistematização do conceito de constelação de gêneros para compreender o fenômeno do agrupamento genérico designado por essa categoria.

Deste modo, uma das conclusões a que chego é a de que uma constelação de gêneros consiste em um agrupamento de situações comunicativas em torno das quais gravitam, em diferentes graus, **características comuns à esfera de comunicação** que ambienta os gêneros da constelação, fortes **características de sua constituição genética**, aproximando-os também quanto ao seu processo formativo e, por último, mas não menos importante, uma teia de **propósitos comunicativos** mais ou menos claros pelos quais os gêneros são reconhecidos por seus usuários, distinguindo-os uns dos outros e servindo de “guias” para a sua adequada utilização.

Esta definição, que certamente poderá ser questionada e aperfeiçoada dependendo da perspectiva teórica adotada e a da constelação selecionada, não contempla o conceito bhatiano de constelação o qual é fundado na idéia de que uma

constelação de gêneros se pauta por um único propósito comunicativo geral a todos os gêneros do agrupamento. Além disso, o conceito de subgênero com o qual esse autor trabalha, para explicar as variações de propósito comunicativo sofridas pelos gêneros, também não é considerado em minha definição, pois compreendo que as variações estão ligadas a traços genéticos pelos quais se irmanam os gêneros. Sobre este aspecto, julgo haver uma aproximação de minha definição de constelação com aquela apresentada por Marcuschi (2000a) na medida em que também para este lingüista as expressões discutidas no início deste capítulo não revelam um gênero, mas um grupo deles, os quais se organizam por um possível critério de família, nos termos de Ludwig Wittgenstein.

Da definição de constelação de gêneros que apresentei no final do capítulo 1 e do percurso teórico-metodológico que apresentei no capítulo 2, cheguei também a conclusão de que, independentemente da área em que se inscreve um pesquisador, as categorias devem ser claramente discutidas, mostrando inclusive como se chegou a elas. Senti uma grande dificuldade quanto a isso, pois nem sempre a literatura apresentou clareza ao tratar da categoria central desta pesquisa. Foi por conta disso, que uma outra questão me surgiu, servindo-me também de bússola em meus caminhos. Sobre ela discuto a seguir, realçando as minhas conclusões.

COMO ESTUDAR UMA CONSTELAÇÃO DE GÊNEROS?

Este foi um outro grande desafio que se apresentou a mim. Se definir este fenômeno foi difícil, muito mais foi tentar rastrear nos autores pistas que revelassem um possível percurso de estudo. O único autor que traz uma contribuição quanto a isso é o lingüista indiano Bhatia (1997). Para ele, um estudioso interessado em constelações de gêneros poderia percorrer dois caminhos: um seria estudar o nível mais geral do propósito comunicativo, centrando o foco no grupo de gêneros e o outro seria estudar os níveis mais específicos dos propósitos comunicativos, fato que

distanciaria o cientista da constelação para concentrar sua atenção em um gênero específico dela, como ele fez com o anúncio (cf. figura 1).

Esta metodologia, que não é suficientemente aprofundada pelo autor, não satisfaz o que entendo por constelação de gêneros. Porém, este não é só um problema de Bhatia, pois as afirmações feitas pelos outros autores com os quais trabalhei não mostram um possível percurso para se estudar gêneros constelados. Assim, as decisões que eles tomaram para as suas análises não aparecem definidas em seus trabalhos para que o leitor perceba uma pista mais ou menos segura acerca do desenho metodológico que os guiou no tratamento da questão da constelação dos gêneros.

Por isso e mais uma vez correndo riscos de reducionismos, tentei construir um percurso inicial que me permitisse operar com as categorias **esfera de comunicação, formação genérica e função social** pelas quais acreditei ser possível iniciar uma sistematização teórico-metodológica para futuros estudos sobre o fenômeno das constelações de gêneros. A decisão de operar com as três categorias acima teria algumas implicações de escolhas teóricas e metodológicas.

Quanto às escolhas teóricas, minha proposta se pauta por critérios diacrônicos e sincrônicos dos gêneros constelados. O primeiro, inspirado pelo conceito de **transmutação** de Bakhtin ([1929] 2002; [1953] 2000), sugere que o estudioso deve ficar atento para os indícios da formação dos gêneros, procurando rastrear na história da constituição do gênero transmutante importantes marcas do gênero transmutado que ficaram na nova esfera de comunicação. Foi isso que Bakhtin fez ao estudar a evolução do romance em busca de pistas diacrônicas que permitissem explicar o estágio atual do gênero romance polifônico, tal qual trabalhado por Dostoiévski.

O segundo critério permite operar com a categoria teórica **propósito comunicativo**, o que sugere que nenhuma transmutação ocorre se, antes disso, não existirem complexificações nas funções sociais dos gêneros. As marcas das

transmutações não ficam inertes a este processo e vão influenciar muito no estágio atual do gênero, uma vez que ele irá atender a novos propósitos que não mais os de antes. A sugestão teórica dessa minha proposição e a de que as marcas da transmutação podem ser produtivas para compreender como elas foram reinterpretadas em função dos novos gêneros formados. Com esta noção, em muitos casos, não teremos mais o mesmo gênero, pois alterações profundas foram realizadas durante o processo de constituição de um outro gênero e isso fica bem mais visível na nova teia de propósitos comunicativos que ele irá atender. Afinal, como afirma Todorov [1978] 1981), “um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamentos, por combinação” (p. 46).

Em relação às implicações metodológicas, é o conceito também bakhtiniano **de esfera de comunicação** que as inspira. Em primeiro lugar, é possível concluir que a abordagem etnográfica parece ser bastante produtiva em um estudo sobre as constelações de gêneros. Algumas razões podem servir de argumento para essa conclusão. Uma delas serve de resposta a questões do tipo: como rastrear as marcas da constituição dos gêneros constelados sem se inserir na esfera na qual eles estão ambientados? Mais que isso, como observar a resignificação dessas marcas nos gêneros transmutantes sem compreendê-los à luz de sua produção, consumo e circulação? Evidentemente, outras técnicas poderiam ser selecionadas, mas estou convencido de que o contato com a esfera, com os gêneros e, sobretudo, com os produtores e consumidores desses gêneros, são imprescindíveis para que o estudioso construa uma compreensão razoável do fenômeno do agrupamento constelar de gêneros.

Vem dos antropólogos, como Geertz (1989; 2000) e Mayans (2000; 2002), a preocupação com as manifestações culturais no discurso pelas quais podemos compreender mais e melhor os gêneros. Aliás, esta vem sendo cada vez mais a prática de analistas de gêneros, sobretudo os que se filiam à escola norte-americana. Neste sentido, aproximo-me de Swales (2004) que usou a etnografia para estudar as

constelações de gêneros acadêmicos na Universidade de Michigan. Além dele, outros autores como Marcuschi (2004) defendem a relevância de se estudar gêneros por este viés. Ora, isto me leva então a concluir que entre as razões que levam os gêneros a se agruparem estão a de cunho histórico – daí a importância do aspecto diacrônico – e as de cunho culturais – o que justifica o aspecto sincrônico da investigação.

Ao construir esse percurso teórico e metodológico para a análise de uma constelação de gêneros, uma terceira questão se colocou para mim: este constructo é operante? Como já estudo os *chats* da Internet há algum tempo, delimitei essa questão para este objeto, como mostro a seguir.

OS *CHATS* ATENDEM AOS POSTULADOS DO CONSTRUCTO DE CONSTELAÇÃO?

Como disse, não me dei por satisfeito com a reflexão que consegui construir e, por isso, resolvi “testá-la” com os *chats* os quais, de fato, constituem uma constelação de gêneros. A decisão de ilustrar meu constructo com a análise dos *chats* encontra guarida em Motta-Roth (2005a) para quem “quanto mais nova a tese ou menos unívocos os conceitos, mais tempo se gasta em criar um contexto relevante para a informação e fornecer exemplos que a ilustrem” (p. 69). Com base nisso, ao tomar os *chats* como uma constelação de gêneros, questionei-me se os postulados sugeridos em meu percurso seriam atendidos para o seu estudo, o que gerou um aprofundamento da problemática de minha pesquisa.

Em outras palavras, haveria alguma característica da esfera da Internet que atravessaria esses gêneros, tornando-os parecidos? O processo formativo dos bate-papos revelaria marcas que justificariam o seu agrupamento em uma constelação? Tais marcas ajudariam a conhecer e a compreender os propósitos comunicativos desses gêneros ou todos atendiam ao propósito comunicativo geral de conversar na Rede Mundial de Computadores?

Esse conjunto de perguntas se derramou sobre o meu trabalho como o desafio de tornar demonstrável a minha Tese sobre o fenômeno de constelação de gêneros. Por essa razão tratei de me inserir na Internet como pesquisador-observador, o que me rendeu três anos de observação participante em sete dos que considereei ser os *chats* mais usados pelos internautas: o **chat aberto**, o **chat educacional**, o **chat com convidado**, o **chat reservado**, o **chat personalizado**, o **chat privado** e o **chat de atendimento** ao assinante do provedor. Esses gêneros foram analisados sob três enfoques, o da hipertextualidade (capítulo 4), o da transmutação (capítulo 5) e dos propósitos comunicativos (capítulo 6).

✓ QUANTO À HIPERTEXTUALIDADE

Minha etnografia na Internet foi decisiva para eleger a categoria da hipertextualidade como a marca mais saliente dessa grande esfera discursiva. Compreendo-a com Xavier (2002) como “um modo de enunciação digital” e com Marcuschi (2004) “como um modo de produção textual que pode estender-se a todos os gêneros dando-lhes neste caso algumas propriedades específicas” (p. 26), pude concluir que o estudo da constelação dos *chats* não estaria completo sem verificar a relevância e a funcionalidade das marcas que a esfera digital imprime a “seus” gêneros.

Tal preocupação tem a ver com a premissa bakhtiniana de que nenhum gênero deve ser estudado separado de sua esfera discursiva. Deste modo, assumindo a Internet como uma esfera de comunicação humana, defendi que a hipertextualidade é uma de suas mais relevantes características, pois ela influencia, de alguma maneira, todos os gêneros digitais, marcando-os (hiper)textualmente pelos usos da imagem, da escrita e do som, pela não-linearidade da escrita e pela presença de *links*. A curiosidade foi saber como essas características hipertextuais se distribuem por todos os tipos de *chat*. A análise mostrou que a natureza hipertextual é um elemento marcante nesses gêneros cuja funcionalidade pode ser, entre outras coisas, a de atravessá-los.

É importante dizer que o fato de alguns gêneros serem mais ou menos hipertextuais do que outros dentro da mesma constelação não os tornam hierarquizáveis, como assim compreende Swales (2004) quanto às constelações de gêneros acadêmicos por ele estudadas. Na verdade, o que importa observar aqui é que cada bate-papo faz parte de um modo especial de enunciar: o digital.

Isso tem uma implicação teórica importante segundo a qual, independentemente das manifestações da hipertextualidade, os sujeitos que produzem e consomem esses gêneros ocupam o espaço virtual de fala do qual enunciam hipertextualmente guiados pelos propósitos comunicativos do gênero. Assim, qualquer indivíduo ao querer proceder a uma reclamação sobre algum serviço do provedor que assina através de um *chat*, por exemplo, não necessita de carinhas, sons, imagens e outros artifícios hipertextuais, pois o propósito comunicativo do gênero de bate-papo que selecionou o orientará para um uso menos lúdico, afinal estará usando talvez o “*chat* mais sério” da constelação.

✓ QUANTO À TRANSMUTAÇÃO

Durante a análise, foi empreendido um esforço para defender que todos os *chats* que compõem a constelação estão em processo de formação, fato que pode fazer com que eles, em um futuro bem próximo, apresentem características diferentes das que possuem em seu estágio atual. O fato de eles estarem em formação também permite que não se descarte a possibilidade de alguns desaparecerem. Certamente, isso tudo dependerá dos usos que se faz deles e das inovações tecnológicas. Sobre isto, Marcuschi (2004) diz que “o grande risco que corremos ao definir esses gêneros situa-se na própria natureza da tecnologia que os abriga. Seu vertiginoso avanço pode invalidar com grande rapidez as idéias aqui expostas, o que nos obriga a ter muita cautela” (p. 25).

Optar pelo estudo dos *chats* foi penetrar em uma teia discursiva que se deixa codificar lingüisticamente por elementos dos gêneros que eles transmutaram.

Portanto, no processo de caracterização dos *chats* como uma constelação de gêneros foi importante descrever a dinâmica da troca de turnos, os usos das semioses, especialmente a escrita (as abreviações, os *emoticons*, as repetições de letras e sinais de pontuação) e os temas abordados como possíveis índices da transmutação dos gêneros que são reinterpretados pelos *chats*. Isto se justifica porque a ausência de informação extralingüística da conversação presencial marca toda a constelação, ou seja, as interações nos *chats* não contam com a melodia e o ritmo da voz de seus participantes, nem tampouco com os gestos e a troca de olhares. No entanto, embora esses recursos não estejam nos bate-papos virtuais, eles se manifestam por uma das semioses que marcam o meio digital ou por todas elas ao mesmo tempo (escrita, imagem e som).

Em acréscimo, há de se considerar a natureza síncrona dos *chats* como um consenso entre os estudiosos. Teria sido um pressuposto se a dúvida de que a natureza síncrona não se manifesta de igual maneira em todos os *chats* não fosse levantada aqui. Por isso, estudar a formação desses gêneros foi observar a reinterpretação daqueles que foram absorvidos com o intuito de verificar como a sincronia atravessa a constelação, pois, com exceção às conversas cotidianas, a aula e a entrevista têm seus discursos marcados por uma relação assimétrica entre seus participantes, embora a **constelação dos *chats*** transmute gêneros, como a aula e a entrevista que originalmente são assimétricos.

Sobre isso, os dados mostraram ainda que alguns dos *chats* têm a sua preexistência em gêneros mais complexos, como a **aula** e a **entrevista**, ambos marcados por um grau muito reduzido de reversibilidade, portanto assimétricos. Não obstante as pequenas diferenças de origem, em todos os casos, os rastros encontrados dos gêneros transmutados ajudaram na compreensão dos propósitos comunicativos dos gêneros transmutantes. Portanto, os dados reunidos para a análise da formação dos *chats* permitem a conclusão de que a transmutação é um fenômeno aproximativo entre os gêneros dessa constelação porque está relacionado à formação de cada um.

✓ QUANTO AOS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS

O estudo mostrou ainda que, embora os *chats* pertençam a uma mesma constelação, eles não são homogêneos, ou seja, não se realizam (hiper)textualmente de igual maneira. Neste sentido, o propósito comunicativo se mostrou como um critério importante para melhor se compreender a tendência constelar dos *chats*. O objetivo foi o de demonstrar que, além de distinguir os gêneros da constelação, os propósitos comunicativos influenciam na relação entre os participantes, nos usos que eles fazem dos recursos semióticos e na seleção e monitoramento dos temas que tratam durante as interações.

A análise mostrou que cada bate-papo cumpre funções sociais distintas as quais se deixam perceber pela teia de propósitos comunicativos que se articulam na constelação. Foi na análise desse critério que pude perceber as razões de os *chats* serem mais ou menos hipertextuais e como cada um reinterpretou os rastros deixados pelos gêneros que eles transmutaram. Desta maneira, não é por um único propósito comunicativo que se funda a constelação dos *chats*, mas por um emaranhado deles, conforme mostrei na figura 34.

Quanto à pergunta que deu título a esta seção, a análise evidencia que a expressão *chat* não dá conta de um gênero específico, como cheguei a pensar em um trabalho anterior (ARAÚJO, [2003] 2005a), mas de um agrupamento constelar que pode ser estudado à luz do constructo que elaborei para a análise de constelações de gêneros.

Neste sentido, concluo que todos os gêneros da constelação que serviu para ilustrar a demonstração de minha Tese são atravessados por um traço que lhes é comum: a **hipertextualidade**, portanto uma característica forte da esfera de comunicação digital. Em analogia, esse achado remete-me à carnavalização, característica da esfera literária investigada por Bakhtin ([1929] 2002) para compreender as relações entre os gêneros do sério-cômico (cf. figura 7).

Além do traço comum da hipertextualidade, a **transmutação** se mostrou como um traço aproximativo, pois todos os bate-papos têm em comum o mesmo processo formativo, deixando rastros que ajudaram na compreensão de suas funções sociais. Finalmente, um traço de distinção entre os *chats* foi a diversidade de seus **propósitos comunicativos** que encontrei tanto nas sessões de bate-papos de que participei quanto na consulta que fiz aos seus usuários. Esse aspecto de distinção entre os *chats* é importante porque torna a constelação um fenômeno de agrupamento genérico, no mínimo, atraente, pois ao mesmo tempo em que os gêneros se assemelham pelas características da esfera e pelo processo formativo, eles se diferenciam um dos outros devido aos muitos propósitos comunicativos que atendem.

SUGESTÕES DE CONTINUIDADE DA PESQUISA

Não obstante o relativo sucesso da aplicação de minha proposta à constelação dos gêneros *chats*, uma outra pergunta surge na conclusão desta fase da pesquisa. Será que o constructo aqui apresentado e ilustrado com a análise dos *chats* serve para o exame de outras constelações? Faço-me esta pergunta, pensando, por exemplo, na carta. Bazerman (2005) afirma que “as cartas desempenharam um papel no surgimento de gêneros distintos” (p. 83). Conforme defende este autor, a carta exerceria uma notável influência na constituição de outras cartas e de outros “gêneros com ligações fortes com a correspondência” (Id., Ibid.). Como observaram Maior & Bezerra (2000), as cartas são diversas e atendem a muitos propósitos comunicativos e, como é de fácil constatação, são gêneros que pertencem a muitos domínios discursivos.

Este caso não foi previsto em meu trabalho, embora tenha salientado isso em uma nota de pé página (cf. nota 31). Diante desse questionamento, talvez fosse interessante se perguntar: como dar conta de uma constelação cujos gêneros parecem estar em esferas de comunicação distintas? Ao tomarmos o caso da carta para perguntar a qual esfera de comunicação ela pertence, obteríamos de imediato uma

resposta? Eis aí uma boa proposta de continuidade da idéia de constelação que foi elaborada nesta Tese. Neste caso, um dos desafios seria: como eleger a característica mais importante da esfera se os gêneros constelados estão ambientados em esferas distintas?

Quanto a um estudo diacrônico dessas cartas, Bazerman (2005) já demonstrou ser possível realizar, por mais milenares que estes gêneros sejam. E quanto aos propósitos comunicativos a que eles atendem, creio também que se trata de um objetivo factível, esteja o pesquisador orientado pelo texto ou pelo contexto, como afirmaram Askehave & Swales (2001) e Swales (2004).

Para concluir, não a pesquisa mas este relatório, devo dizer que há muito ainda por se pensar sobre o fenômeno constelação de gêneros para conseguir aperfeiçoar o constructo teórico-metodológico elaborado nesta Tese. Neste sentido, tenho consciência de que o que foi feito até aqui é um ensaio para uma longa caminhada que deverá ser percorrida a fim de que amadurecer o conceito de constelação aplicado a outras organizações constelares, pois se “cada conjunto de dados relativos a um gênero demanda uma abordagem investigativa feita sob medida” (MOTTA-ROTH, 2005b, p. 179), imagine quando se tratar de uma constelação. Por outro lado, assumo com as sábias palavras de Marcuschi (2005) que “as nossas identificações de formas genéricas sempre terão curta duração. As classificações são sempre recortes do objeto e não agrupamentos naturais, por isso são sempre de base teórica” (p. 18).

REFERÊNCIAS

- ABREU, L. S. O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: DIONÍSIO, A., MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (ORGS.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp. 87-94.
- ADAM, J-M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.
- ALTET, M. As competências do professor profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In. PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M. & CHARLIER, E. (ORGS.) **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** 2 ed. São Paulo: Artmed, 2001, pp. 23-35.
- ÁLVAREZ, O. H. O texto eletrônico: um novo desafio para o ensino da leitura e da escrita. *In:* PEREZ, F. C. & GARCIA, J. R. (ORGS.) **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?**. Belo Horizonte: ArtMed, 2001.
- AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In. FREITAS, M. T., SOUZA, S. J. & KRAMER, S. (ORGS.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 11-25.
- AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n.116. jul. de 2002. pp.7-19.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- AQUINO, M. de. A. **Prática discursiva e a construção do sentido**. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 1998.
- ARAÚJO, J. C. & DIEB, M. A educação dialógica e o dialogismo: o educador freireano é um sujeito bakhtiniano. In. OLINDA, E. M. B. & FIGUEIREDO, J. B. A. (ORGS.). **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire**. Fortaleza: Editora UFC, 2006. pp. 181-194.

RIBEIRO, M. M. & ARAÚJO, J. C. “Pronto, tia, eu já escrevi o site do ‘rotimeio’. Agora é só apertar o enter?” O endereço eletrônico na sala de aula. Fortaleza: Grupo de Pesquisa PROTEXTO, 2006. Trabalho inédito.

ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.) **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a.

ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. A natureza hipertextual do *chat* aberto. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. pp. 48-62.

ARAÚJO, J. C. *Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual*. In. CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. & MIRANDA, T. P. (ORGS.). **Teses & Dissertações: Grupo PROTEXTO**. Volume 1. Fortaleza: PROTEXTO – UFC, [2003] 2005a. [CD-ROM].

ARAÚJO, J. C. Chat educacional: o discurso pedagógico na Internet. In. COSTA, N. B. (ORG.). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes, 2005b. pp. 95-109.

ARAÚJO, J. C. **A transmutação e os aspectos estilísticos do gênero chat aberto**. Comunicação apresentada por ocasião do III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2005c. Trabalho inédito.

ARAÚJO, J. C. Idiossincrasias lexicais em salas de chat. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005d.

ARAÚJO, J. C. A conversa na *Web*: o estudo da transmutação em um gênero textual. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a. pp. 91-109.

ARAÚJO, J. C. Mecanismos hipertextuais do *chat*: marcas de um novo gênero. In. CAVALCANTE, M. M. & BRITO, M. A. (ORGS.) **Gêneros textuais e referência**. Fortaleza: PROTEXTO/UFC, 2004b [CR-ROM].

ARAÚJO, J. C. Gênero chat: caracterização e implicação pedagógica. **ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM APLICADAS AO ENSINO – ECLAE**. João Pessoa: Idéia. 2004c. pp. 983-993.

ARAÚJO, J. C. A organização constelar do gênero chat. **ANAIS DA XX JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**. João Pessoa: Idéia. 2004d. pp. 1279-1292.

ARAÚJO, J. C. **A comunidade discursiva dos *Tananans*: uma experiência etnográfica em sala de *chat***. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trabalho inédito, 2004e.

ARAÚJO, J. P. de. Caracterização do ciber gênero *homepage* corporativa ou institucional. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão. V. 3, n. 2. jan/jun, 2003. pp.135-167.

ARAÚJO, S. P. de. **Perguntas do professor universitário de língua inglesa na aula de produção oral: um enfoque etnográfico**. Tese (Doutorado em Lingüística). Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras & Lingüística da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2003.

ASKEHAVE, I. & NIELSEN, A. E. *Web-mediated genres: a challenge to traditional genre theory*. **Working Papers**, n. 6, p. 1-50, 2004.

ASKHAVE, I. & SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**. OXFORD, UK, v. 22, n. 2, 2001. pp. 195-212.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BAKHTIN, M. Apontamentos 1970-1971. In. _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp.369-397.

BAKHTIN, M. Observações sobre a epistemologia das ciências humanas. In. _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp.399-414.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In. _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. pp. 227-326.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética (a teoria do romance)**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BARBOSA, A. C. L. S. Leitura e escrita na Web. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 1, jul/dez, 2004. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/08.htm>>. Acesso em 14/01/2005.

BARROS, D. L. P. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In. PRETI, D. (ORG.). **A fala e a escrita em questão**. 2 ed. São Paulo: Humanitas. SFLCH/USP, 2001. pp. 57-77.

BARROS, K. S. M. de. Comunidade virtual e comunidade de fala: discussão dos conceitos à luz da interação em aulas *chat*. **Revista da ANPOLL**. São Paulo: Humanitas. n. 15. jul./dez. 2003. pp. 115-132.

BARROS, K. S. M. de. Aspectos da interação em aulas pela Internet. In. _____. (ORG.). **Atividades de interação verbal: estratégias e organização**. Natal/Recife: PPGEL/ED. Imprensa Universitária da UFRPE, 2002. pp. 39-50.

BARROS, K. S. M. de. Características organizacionais de aulas pela Internet. In. URBANO, H. *et al.* (ORGS.). **Dino Preti e seus temas**. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 355-367.

BATISTA, M. E. **E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 1998.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Suliana, 1997.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. Trad. e organização de Ângela P. Dionísio & Judith C. Hoffnagel.

BAZERMAN, C. The life of genre, the life in the classroom. In. BISHOP, W., OSTROM, H. (ORGS.) **Genre writing: issues, arguments, alternatives**. Portsmouth: Boynton-Cook Publishers/Heinemann, 1997. pp. 19-26.

BAZERMAN, C. Systems of genre and the enactment of social intentions. In: FREEDMAN, T. & MEDWAY, F. (EDS.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. pp. 79 – 101.

BAZERMAN, C. **Shaping written knowledge: The genre and activity of the experimental article in science**. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

BERKENKOTTER, C., HUCKIN, T. N. **Genre knowledge in disciplinary communication: cognition, culture, power**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

BESSE, J. M. & BOISSÈRE, A. **Précis de philosophie**. Paris: Nathan, 1998.

BEZERRA, B. G. **Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte**. No prelo a.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios mediados pela Web: o caso da homepage**. No prelo b.

BHATIA, V. K. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London: Continuum, 2004.

BHATIA, V. K. Applied genre analysis: analytical advances and pedagogical procedures. In. JOHNS, A. M. (ED). **Genre in the classroom: multiple perspectives**. Mahwah, NJ: LEA, 2001. pp. 279-283.

BHATIA, V. K. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In. CANDLIN, C. N. & HYLAND, K. (EDS.). **Writing: texts, processes and practices**. New York: Longman, 1999. pp. 21-39.

BHATIA, V. K. Análise de gêneros hoje. **Revista de Letras**. n. ° 23. Vol. ½. jan./dez. Fortaleza: Edições UFC, 2001. pp. 102-115. Trad. Benedito G. Bezerra. A publicação original é datada de 1997.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings**. New York: Longman, 1993.

BIASI-RODRIGUES, B. Funções discursivas dos rótulos em resumos acadêmicos. **Boletim da ABRALIN**. VI I, 2001. pp. 450-452.

BIASI-RODRIGUES, B. Aspectos cognitivos e retóricos da produção de resumos. In. CABRAL, L. G. & MORAIS, J. (ORGS.). **Investigando a linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral**. Florianópolis: Mulheres, 1999. pp. 245-258.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informação em resumos de dissertações**. Tese (Doutorado em Lingüística). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1998.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLTER, J. D. **Writting Space. The Computer, Hypertext, and the History of Writting**. Hillsdate: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B. & BRITO, K. S. (ORGS.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005. p. 61- 78.

BONINI, A. Veículo de comunicação e gênero textual: noções conflitantes. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 19, n. 1, , 2003. pp. 65-89.

BONINI, A. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. **Revista de Letras**. n. ° 22. vo. ½. jan./dez. Fortaleza: Edições UFC, 2000. pp. 05-13.

- BORGES, D. **Charles Darwin (1809-1872)** , 2001. Disponível em:
<<http://www.dannyb.hpg.ig.com.br/pensadores/darwin.htm>>. Acesso em: jun. de 2005.
- BRAGA, D. B. A construção de sentidos em hipertexto: questões de autoria e leitura relevantes para a interação crítica com hipertextos. In. FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V. & BARCELOS, A. M. F. (ORGS.). **Linguística Aplicada & Contemporaneidade**. São Paulo ALAB; Campinas: Pontes, 2005. pp. 247-268.
- BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 144-162.
- BRAGA, D. B. A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente de hipermídia. **Revista da ANPOLL**. n. 15, jul./dez. 2003, pp. 65-85.
- BRAIT, B. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In. GREGOLIN, M. do R. & BARONAS, R. (ORGS.) **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Claraluz, 2001.
- BRANDÃO, H. H. N. **Estudos sobre o discurso**. Tese (Livre-Docência). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2001.
- BREURE, L. **Development of the Genre Concept**. 2001. Disponível em:
<<http://www.cs.uu.nl/people/leen/GenreDev/GenreDevelopment.htm>>, Acesso em: 20 de abr. de 2004.
- BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.
- BURBULES, N. C. Rhetorics of the Web: hyperreading and critical literacy. In. SNYDER, I. (ORG.). **Page to Screen: talking literacy into the electronic era**. London, Routledge, 1998. pp. 102-122.
- BUZATO, M. **O letramento eletrônico e o uso de computadores no ensino de língua estrangeira: contribuições para a formação de professores**. Campinas: UNICAMP, 2001.
- CAMPBELL, K. K. & JAMIESON, K. H. Form and genre in rhetorical criticism: an introduction. In. _____. (EDS.) **Form and genre-shaping rhetorical action**. **Speech Communication Association**, 1978. pp. 09-31.
- CANÇADO, M. Um estudo da pesquisa etnográfica em sala de aula. **Trabalhos de Linguística Aplicada**. Campinas, n. 23. jan./jun. 1994. pp. 55-69.

- CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In. MEURER, J. L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (ORGS.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. pp. 130-149.
- CARVALHO, M. M. de. A construção do sentido no gênero *entrevista com convidados* na Internet. **Revista Letra Magna**: Ano 2, n. 3. 2005. Disponível em: <<http://www.letramagna.com.br>>. Acesso em: setembro de 2005.
- CARVALHO, R. V. A entrevista como gênero de discurso: contaminações entre os campos da mídia e da política. In. COSTA, N. B. (ORG.). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes, 2005. pp. 51-70.
- CAVALCANTE, M. C. B. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 163-169.
- CHARTIER, R. A. **Os desafios da escrita**. Trad. de Fulvia M. L. Morreto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHARTIER, R. A. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- CHAVES, G. M. M. Interação on-line: análise de interações em salas de *chat*. In: PAIVA, V. L. M. (ORG.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 37-73.
- CHERNY, L. Conversation and community in a virtual Word. In. **Standfork**. Califórnia: CSLI Publications, 1999. pp. 149-199.
- COOK, T. D. & REICHARD, C. S. **Qualitative and quantitative methods in evaluation research**. Newbury Park, CA, Sage, 1979.
- CORRÊA, J. Novas tecnologias da informação e da comunicação: novas estratégias de ensino/aprendizagem. In. COSCARELLI, C. V. (ORG.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pp. 43-50.
- COSCARELLI, C. V. Da leitura de hipertexto: um diálogo com Rouet *et alli*. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 109-123.
- COSCARELLI, C. V. (ORG.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002a.

COSCARELLI, C. V. Entre textos e hipertextos. In. COSCARELLI, C. V. (ORG.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b. pp. 65-84.

COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E (ORGS.) **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSTA, M. H. A. Os dêiticos na correspondência eletrônica. **Boletim da Abralin**. nº 26. vl. 01, 2001. pp. 460-462.

COSTA, R. N. V. & ARAÚJO, J. C. **Momentos interativos de um chat aberto: a composição do gênero**. Fortaleza: Grupo de Pesquisa PROTEXTO, 2006. Trabalho inédito.

COSTA, S. R. Oralidade, escrita e novos gêneros (hiper)textuais na Internet. In. FREITAS, M. T. A. & COSTA, S. R. (ORGS.) **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp.19-27.

COSTA, S. R. Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. **Veredas**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). v.4, n. I, jan/jun. , 2000. pp. 43-49.

CRESCITELLI, M. F. C. Considerações acerca de gêneros textuais utilizados para interação na educação a distância. In. BASTOS, N. B. (ORG.) **Língua Portuguesa em calidoscópico**. São Paulo: EDUC, 2004. pp. 357-371.

CROWSTON, K. & WILLIAMS, M. Reproduced and emergent genres of communication on the World Wide Web. In: **Proceedings of the Thirtieth Annual Hawaii International Conference on System Sciences (HICSS`97)**. Maui, Hawaii, vol. VI, p. 30-39. Disponível em: <<http://crowston.syr.edu/papers/genres-journal.html>>, 1997. Acesso em: 15 de ago. de 2003.

CRYSTAL, D. **El lenguaje e Internet**. Madrid: Cambridge University Press, 2002.

DARWIN, C. **The variation of animal and plants under domestication**. 2. ed. rev. 2 vols. Murray, 1877.

DARWIN, C. **The different forms os flowers on plants of the same species**. Murray, 1875.

DAVIS, B. H. & BREWER, J. P. **Electronic discourse. Linguistic individuals in virtual space**. New York: State University, 1997.

DEFILLIPPO, J. G. & CUNHA, P. V. da. Por que um *nickname* escreve mais do que *realname*? Uma reflexão sobre gêneros do discurso. In. FREITAS, M. T. A. & COSTA, S. R.

(ORGS.) **Leitura e escrita de adolescentes na *Internet* e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp.97-115.

DELL` ISOLA, R. L. P. Ensino @ distância: aprendendo a aprender. In. COSCARELLI, C. V. (ORG.) **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pp. 133-140.

DEMÉTRIO, R. **Internet**. São Paulo: Érica. 2001.

DIAS-DA-SILVA, B. C. & PAIZAN, D. C. Os recursos e a linguagem da *Web*. **Revista da ANPOLL**. n. 15, jul./dez. 2003, pp. 43-63.

DIEB, M. **Educação infantil e formação docente: um estudo em representações sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2004a.

DIEB, M. A formação docente na educação infantil e as representações sociais do professor sobre a sua profissão. In. CRUZ, S. H. V. & PETRALANDA, M. **Linguagem e educação da criança**. Fortaleza: Editora da UFC, 2004b. pp. 84-104.

DOLZ, J. & SCNEUWLY, B. **Pour un enseignement de l`oral : initiation aux genres formels à l`école**. Paris : ESF Éditeur, 1998.

ERICKSON, T. Making sense of computer-mediated communication (CMC): Conversations as genres, CMC Systems as Genre Ecologies. In: **The Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science**. (ed. J. F. Nunamaker, Jr.). IEEE Press. Disponível em: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson> 2000. Acesso em: 10 de out. de 2002.

ERICKSON, T. **Social interaction on the Net: virtual community as participatory genre**. (Publicado no *Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*. January, Vol. VI, pp. 13-21, 1997, Maui hawaii). Disponível em: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html>1997. Acesso em: 10 de out. de 2002.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FÁVERO, L. L. A entrevista na fala e na escrita. In. PRETI, D. (ORG.). **Fala e escrita em questão**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. pp. 79-97.

FERRAZ-NETO, L. **Fissão e fusão**. Disponível em: <http://www.profcupido.hpg.ig.com.br/fissao_e_fusao.htm>. Acesso dia 17 de julho de 2005.

- FERREIRA, A. & COLLINS, H. (ORGS.). **Relatos de ensino e aprendizagem de línguas na Internet**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. vl. 1.
- FERREIRO, E. A revolução informática e os processos de leitura e de escrita. *Itr*. PEREZ, F. C. & GARCIA, J. R. (ORGS.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?**. Belo Horizonte: ArtMed, 2001.
- FIRMINO, J. C. F. Formas associativas existentes nas salas de bate-papo. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.) **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. pp. 39-47.
- FONSECA, L. O uso de *chats* na aprendizagem de línguas estrangeiras. **Caligrama**. Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG. Vl. 07, 2002. pp. 101-121.
- FONSECA, L. Alocação de turnos em salas de *chat* e em salas de aula. In. PAIVA, V. L. M. (ORG.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 74-85.
- FORMARO, T. **Argumentation on the World Wide Web: Challenging traditional notions of communication**. PhD Thesis. Iowa: Iowa State University, 1996.
- FRAGA, D. & FLORES, T. Hipertexto: que texto é esse? **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, 44 (1). jan/jun. 2005, pp. 115-132.
- FREEDMAN, A. & MEDWAY, P. New views of genre and their implications for education. In: ____ (ORGS.) **Learning and teaching genre**. Portsmouth, NH: Heinemann, 1994. pp. 1-21.
- FREIRE, F. Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces. In. SILVA, E. T. (ORG.). **A Leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 65-88.
- FREITAS, M. T. A escrita na Internet: nova forma de mediação e desenvolvimento cognitivo? In. FREITAS, M. T. A. & COSTA, S. R. (ORGS.) **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp. 29-36.
- FREITAS, M. T. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In. FREITAS, M. T., SOUZA, S. J. & KRAMER, S. (ORGS.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 26-38.
- GAED, C. R. **A comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos anéis: caracterização e condições de participação**. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Universidade Federal do Ceará (UFC), 2003.

- GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In. _____. (ORG.). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. pp. 84-110.
- GAZETA, S. M. M. **A interação na Internet: influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade de Campinas (UNICAMP), 2000.
- GEERTZ, C. Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social. In. _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GERALDI, J. W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In. FREITAS, M., SOUZA, S. J. & KRAMER, S. (ORGS.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 39-56.
- GERALDINI, A. F. S. Chat educacional: que espaço é esse? **Signum**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL). n. 8/1. jun. de 2005, pp. 39-70.
- GOMES, M. C. A. A questão do hibridismo na relação entre gêneros discursivos e mudança social. **Revista de estudos da linguagem**. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, JAN/JUN 2005. v. 13, n.1. pp. 155-170.
- GOFFMAN, E. Footing. In. RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (ORGS.) **Sociolingüística Interacional: Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, 1998. pp.70-97.
- GUERRA-VICENTE, H. S. **Relações de gênero social e democracia na Internet**. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília (UNB), 2000.
- GUIMELLI, C. & DESCHAMPS, J. C. Effets de contexte sur la production d'associations verbales. Les cas des représentations sociales des gitans. **Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale**, 2000. pp. 44 -54.
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HEMAIS, B. & BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In. MEURER, J. L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. (ORGS.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. pp. 108-129.

HENDGNE, G. R. Citando na Internet: um estudo de gênero da revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. In. MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (ORGS.). **Gêneros textuais**. São Paulo: EDUSC, 2002. pp. 117-139.

HERRING, S. (ED.) **Computer-mediated communication: linguistic, social and cross-cultural perspectives**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

HILGERT, J. G. A construção do texto 'falado' por escrito: a conversação na internet. In. PRETI, D. (ORG.). **A fala e a escrita em questão**. 2 ed. São Paulo: Humanitas. SFLCH/USP, 2001. pp. 17-55.

HOEY, M. **Textual interaction: an introduction to written discourse analysis**. London/New York: Routledge, 2001.

HOEY, M. The discourse colony: a preliminary study of a neglected discourse type. In: COULTHARD, M. (ORG.) **Talking about text, EREL Discourse Analysis Monograph**. Birmingham, (13): 1-26, 1986.

HOFFMAN, R. Computer networks: webs of communication for language teaching. In: PENNINGTON, M. C. (ED.). **The power of call**. Houston: Athelstan, 1996.

HOFFNAGEL, J. C. **Etnografia e os gêneros textuais: considerações teórico-metodológicas**. Comunicação apresentada na XX JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, acontecida em João Pessoa (UFPB) entre 07 a 10 de setembro 2004.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In.: DIONÍSIO, A., MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (ORGS.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp.180-193.

HORTON, W. **Web-based training**. Disponível em: <<http://www.horton.com/DesigningWTB>>, 2000. Acesso em: 10 de out. de 2002.

HOUAISS. **Dicionário de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 04 de abr. de 2005.

HUNT, R. Speech genres, writing genres, school genres and computer genres. In. FREEDMAN, A. & MEDWAY, C. (EDS.). **Learning and teaching genre**. Portsmouth, NH: Boynton/Cook Publishers, 1994. pp. 243-262.

JONSSON, E. **Electronic discourse: on speech and writing on the Internet**. Disponível em: <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>>, 1997. Acesso em: 10 de out. de 2002.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

KATHPALIA, S. S. Cross-cultural variation in professional genres: a comparative study of book blurbs. **World Englishes**, vol 16. nº 3, 1997. pp. 417-426.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOMESU, F. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da Internet**. Tese (Doutorado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005a.

KOMESU, F. Pensar em hipertexto. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.) **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. pp. 87-108.

KOMESU, F. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 110-119.

KOMESU, F. **A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói**. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

KRESS, G. & JEWITT, C. Introduction. In. ____ (EDS.) **Multimodal literacy**. New York: Peter Lang, 2003. pp. 1-18.

KRESS, G. Genre as social process. In: COPE, B., KALANTZIS, M. (EDS.). **The powers of literacy: a genre approach to teaching writing**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1993, p. 22-37.

KRESS, G. **Communication and culture**. Sydney: N.S.W. University Press, 1987.

LACOMBE, I. A. **Navegando e aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2000.

LAFFORD, P. A. & LAFFORD, B. A. Learning language and culture with Internet technologies. In. BUSH, D. & TERRY, R. M. (EDS.) **Technology-enhanced language learning**. Chicago: NTC, 1997. pp. 215-262.

LANDOW, G. P. **Hipertexto: la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología**. Ediciones Paidós: Barcelona – Buenos Aires – México, 2002.

LAURINDO, H. A. Subversão: uma marca do lúdico no discurso publicitário. In. COSTA, N. B. (ORG.). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes, 2005. pp. 83-96.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2003.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 2001.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática**. São Paulo: 34, 1999.

LOWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchause: marxismo e positivismo na sociologia de conhecimento**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LUGRIN, G. Le mélange des genres dans l'hyperstructure. **Semen**, nº 13, Besançon, 2001. pp. 65-96.

LUNDSTROM, P. **Synchronous computer-mediated communication: Will Internet talkers improve the communicative competence of ESL-EFL Students?** Disponível em FTP: <ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/masters/paper>, 1995. Acesso em: nov. de 2002.

MACHADO, I. Os gêneros do discurso. In. BRAIT, B. (ORG.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 151-166.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MAIOR, A. C. S. & BEZERRA, M. A. O gênero 'carta' e suas variedades. **ANAIS DA XVIII DA XVIII JORNADA NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**. Salvador: Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste (GELNE)/Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2000. pp. 740-743.

MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In. KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. & BRITO, K. S. (ORGS.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória: Kaygangue, 2005. pp. 17-33.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 13-67.

- MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, Lingüística e Literatura**. João Pessoa, v. 1, n. 1, out. 2003, pp. 9-40.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A., MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (ORGS.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001a.
- MARCUSCHI, L. A. Fala e escrita: uma visão não dicotômica. **Revista do GELNE**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Vol 3, nº 01. 2001b. pp. 61-67.
- MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In. SIGNORINI, I. (ORG.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2001c. pp. 23-50.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Texto inédito, 2000a.
- MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *In*: AZEREDO, J. C. (ORG.). **Língua portuguesa em debate**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b.
- MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *In*: GUIMARÃES, E. & ORLANDI, E. P. (ORGS.). **Línguas e instrumentos lingüísticos**. Campinas, SP: Pontes Editora, jan/junho - 1999.
- MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARQUESI, S. C. & ELIAS, V. M. S. Escrita e leitura: do manuscrito à digitalização. In. BASTOS, N. B. **Língua portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: EDUC, 2004. pp. 349-356.
- MARSHALL, D. **Pesquisadores da linguagem no ciberespaço: um estudo sobre o gênero home page pessoal**. Dissertação (Mestrado em Letras). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2005.
- MARTIN, J. R. **English text: systems and structure**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.
- MARTIN, J. R. Language, register and genre. In. CHRISTIE, F. (ED.) **Children writing: reader**. Geelong, Austrália: Deakin University Press, 1984.
- MARTINS, R. A. Como Becquerel não descobriu a radioatividade. **Caderno catarinense de ensino de Física**. 7, 1990. pp. 27-45.

- MARTINS-FONTES, M. C. **Aprendizagem de inglês via Internet: descobrindo as potencialidades do meio digital**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2002.
- MARX, K. & ENGELS, F. **L'idéologie allemande**. Paris: Editions Sociales, 1968.
- MARX, K. **The capital**. 1887. Disponível em: <<http://www.ex.ac.uk/Projects/meia/Archive/1867-C1/index-1.htm>>. Acesso em: 10 de jan. de 2005.
- MASETTO, M. T. "Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia". In: MORAN, J. M. & BEHRENS, M. A. (ORGS.). **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas-SP: Papirus, 2000. p. 133-173.
- MASSARINI, L. **Os esquecidos**. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=7&inford=55>>. Acesso em: mai. de 2005.
- MAYANS, I. P. J. **Género chat: o como la etnografía puso un pie en el ciberespacio**. Barcelona: Gedisa Cibercultura, 2002.
- MAYANS, I. P. J. Género confuso: género chat. **Revista TEXTOS de la CiberSociedad**, 1. Temática Variada. 2000. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net>>. Acesso em: 13 de abril de 2005.
- MCCLEARY, L. E. **Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador**. Tese (Doutorado em Lingüística). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo (USP), 1996.
- MESTRINELLI, T. Espaços mentais e hipertexto : considerações sobre os *chats* do IRC. In: ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 62-84.
- MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, T. & MEDWAY, F. (EDS.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. pp. 23 – 42.
- MOITA-LOPES, J. M. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **D. E. L. T. A.** v. 10,n. 2, 1994. pp. 329-338.
- MORSE, J. M. Designing funded qualitative research. In: DENZIN, N. K. & LICON, Y. (EDS.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oak: C. A.: Sarge, 1994.
- MOTTA-ROTH, D. Abordagens investigativas no estudo de práticas discursivas: uma questão de metodologia ou de bom senso? In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V. &

BARCELOS, A. M. F. (ORGS.). **Linguística aplicada & contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes, 2005a. pp. 64-83.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologias em análise de gêneros. In. KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. & BRITO, K. S. (ORGS.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. União da Vitória: Kayganguê, 2005b. pp. 179-202.

MOTTA-ROTH, D. De receptor de informação a construtor de conhecimento: o uso do Chat no ensino de inglês para formando de Letras. In. PAIVA, V. L. M. (ORG.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 230-248.

MOTTERAM, G. The role of synchronous communication fully distance education. **Australian Journal of Education Technology**, v. 17. n. 2, 2001. pp. 131-149.

MURPHY, K. L. & COLLINS, M. P. **Communication convention in instructional electronics chats**, 1997. Disponível em: <http://www.firstmonday.dk/issues/issue2_11/murphy/>. Acesso em: set. de 2005.

NADER, V. H. **A interação virtual em diálogos da Internet: novas possibilidades para a análise do discurso**. Dissertação. (Mestrado em Linguística). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo (USP), 2001.

NELSON, T. H. Opening hypertext: a memoir. In. TUMAN, M. C. (ED.) **Literacy online. The promise (and peril) of reading and writing with computers**. Pittsburgh & London: University of Pittsburgh Press, 1992. pp. 43-57.

NIELSEN, J. **How users read on the Web**. Disponível em: <<http://www.useit.com/alertbox/9710a.html>>, 1997. Acesso em: 20 de set. de 2003.

ORLIKOWSKI, W. & YATES, J. Genre repertoire: the structuring of communicative practices in organizations. **Administrative Science Quarterly** 39:4 p. 542-574. Disponível em: <<http://ccs.mit.edu/papers/CCSWP166.html>>, 1994. Acesso em: 15 de nov. de 2003.

OTHERO, G. de A. **A língua portuguesa nas salas de bate-papo: uma visão linguística de nosso idioma na era digital**. Novo Hamburgo: Berthier, 2002.

PAGANO, A. S. Gêneros híbridos. In. MAGALHÃES, C. M. (ORG.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 83-104.

PAIVA, V. L. M. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. v.5, n. 1. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2005, pp. 43-61.

PAIVA, V. L. M. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. pp. 68-90.

PAIVA, V. L. M. (ORG.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001a.

PAIVA, V. L. M. Aprendendo inglês no ciberespaço. In: _____. (Org.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001b. pp. 270-305.

PARKER, I. Qualitative research. In: BANISTER, P. (ED.). **Qualitative methods in psychology: a research guide**. Open University Press, 1994. pp. 01-05.

PARREIRAS, V. A. Estratégias de aprendizagem online e autonomia: uma relação biunívoca ou antagonica? In: PAIVA, V. L. M. (ORG.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 192-201.

PASCUAL, J. G. Pesquisa etnográfica na educação: estudo introdutório. **Revista educação em debate**. Ano 24. Vl. 1. nº 43. Fortaleza: Edições UFC, 2002. pp. 05-25.

PELLETIERI, J. Negotiation in cyberspace: the role of Chatting in the development of grammatical competence. In: WARSCHAUER, M. & KERN, R. (ED). **Network-based language teaching: concepts and practice**. USA: Cambridge University Press, 2000. pp. 59-86.

PEREIRA, A. P. M. S. & MOURA, M. Z. S. A produção discursiva nas salas de bate-papos: formas e características processuais. In: FREITAS, M. T. A. & COSTA, S. R. (ORGS.) **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp. 65-83.

PEREIRA, V. O. **Bate-papo na Internet: algumas perspectivas educativas**. Dissertação (Mestrado em Educação). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2004.

PINHEIRO, D. Trair e teclar, é só começar. **Veja**. Ano 39. n. 3. 25 de janeiro de 2006. pp. 76-83.

PINHEIRO, R. C. Estratégias de leitura para compreensão de hipertextos. In: ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.). **Interação na internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b. pp. 131-146.

PITOMBEIRA, C. V. **A presença de ensino no chat do curso "Leitura instrumental em inglês via Internet": uma análise de conteúdo**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2003.

- POSSENTI, S. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção do sentido. In: _____. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002. pp. 205-222.
- PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.ª Queiroz, 1983.
- RAJAGOPALAN, K. Sobre a instabilidade de gêneros. **Anais do 2º Congresso Internacional da Abralin**. Fortaleza: Edições UFC, 2001. pp. 187-189.
- REVISTA DA ANPOLL. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística. São Paulo: Humanitas. n. 15. jul./dez. 2003. pp. 01-248.
- RIBEIRO, M. M. **Gêneros digitais na escola: uma experiência com crianças em processo de letramento**. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa). Fortaleza: UECE, 2005.
- RIBEIRO, A. E. Os hipertextos que Cristo leu. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 124-130.
- ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In. EZPELETA, J. & ROCKWELL, E. (EDS.). **Pesquisa participante**. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. pp. 31-54.
- RUIZ, E. M. S. D. Kd o português dk gnt??? :-D o blog, a gramática e o professor. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**. Vl. 5. n. 01. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- RUTHEFORD, E. Energy of Rontgen and Becquerel Rays, and the Energy required to produce an Ion in Gasses. **Phil Trans Roy Soc. A196**. 1901. pp. 25-59.
- RUTHEFORD, E. **Radioactive Transformations**. Nova York: Yale University, 1906.
- SABBAG, M. C. **O chat e a percepção lingüística em um curso de inglês on-line**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2002.
- SANTOS, M. E. Chat: e agora? Novas regras – nova escrita. COSCARELLI, C. V. & RIBEIRO, A. E. (ORGS.) In. **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. pp. 151-183.
- SANTOS-FILHO,. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: GAMBOA, S. S. (ORG.). **Pesquisa Educacional**, 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1997. pp. 13-59.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHNEUWLY, B. Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: REUTER, Y. (ED.). **Actes du colloque de l'université Charles-De Gaulle III. Les interacions lecture-écriture**. Neuchâtel: Peter Lang, 1994. pp. 155-173.

SERRA, I. **A transmutação dos elementos**. Disponível em:
<<http://www.triplov.com/alquimias/alqserra.htm>>. Acesso em: 04 de abr. de 2005.

SHEPHERD, M. & WATTERS, S. The functionality attribute of cybergenres. In: **Proceedings of the 32nd Hawaii International Conference on System Sciences (Hicss'99)**, 1999.

SILVA, M. Era digital, cibercultura e sociedade da informação: o novo ambiente comunicacional em educação presencial e a distância. **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: Intertexto. n.5. maio de 2002. pp. 7-27.

SILVA, R. C. da. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In: GERALDO, R. & BIASOLI-ALVES, Z. M. (ORGS.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. pp. 159-174.

SIQUEIRA, K. A. de. Cenas de racismo explícito: o discurso racista no fórum virtual. In: COSTA, N. B. da (ORG.). **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas, SP: Pontes, 2005. pp. 127-136.

SNYDER, I. (ED.). **Page to Screen: talking literacy into the electronic era**. London, Routledge, 1998.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (ORG.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. pp. 11-36.

SOUZA, A. R. Comunicação mediada pelo computador. In: COSCARELLI, C. V. (ORG.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. pp. 111-118.

SOUZA, A. R. **O “chat” em língua inglesa: interações na fronteira da oralidade e da escrita**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2000.

- SPINNUZZI, C. *et alli*. Open systems and citizenship: designing a departmental Web site as an open system. **Computers and composition: an international journal**. vl. 20. number 2, 2003. pp. 168-193.
- SWALES, J. M. **Research Genres: explorations and Applications**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- SWALES, J. M. **Other floors, other voices: a textography of a small university building**. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, 1998.
- SWALES, J. M. Genre and engagement. **Revue Belge de Philologie et D` Historie**. v. 71, 1993. p. 687-698.
- SWALES, J. M. **Re-thinking genre: another look at discourse community effects**. Comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa Carleton University, 1992.
- SWALES, J. M. **Genre analysis. English in academic and research settings**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- TÁVORA, A. D. F. **Forma, função e propósito na constituição do gênero textual mala direta**. In. CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. & MIRANDA, T. P. (ORGS.). **Teses & Dissertações: Grupo PROTEXTO**. Volume 1. Fortaleza: PROTEXTO – UFC, [2003] 2005a. [CD-ROM].
- TÁVORA, A. D. F. **A relação suporte-gênero e o fenômeno da intertextualidade intersuportes**. Comunicação apresentada por ocasião do III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2005b. Trabalho inédito [a sair nos ANAIS].
- TAYLOR, M. & BOGDAN, R. **Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource**. 3 ed. New York: John Wiley & Sons, 1998.
- TERZIAN, G. M. **Negociações em chats educacionais**. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2004.
- TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- TOMASULA, S. Bytes and Zeitgeist. Digitizing the cultural landscape. **Leonardo. Journal of the international society for the arts, sciences and technology**. vl. 31, n. 5, 1998. pp. 337-344.

VELLASCO, A. M. M. S. O tipo de modalidade de discurso em uma lista de discussões de brasileiros na Internet. **Cadernos de linguagem e sociedade**. 3 (2). Brasília: Thesaurus, 1999. pp. 101-144.

VICENT, B. B. & STENGERS, T. **Histoire de la chimie**. Paris: La Decouverte, 1993.

VIEIRA, I. L. Tendências em pesquisa em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 19-29.

VIEIRA, I. L. Tecnologia eletrônica e letramento digital: um inventário da pesquisa nascente no Brasil. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**. v.4, n. 1. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2004, pp. 251-276.

VIEIRA, I. L. O hipertexto e o texto eletrônico: características e desafios. **Boletim da Abralin**. n. 26. vl. 01. Fortaleza: Edições UFC. 2001. pp. 434-437.

VIRILO, P. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

WATTERS, C. & SHEPHERD, M. A. **The role of genre in the evolution of interfaces for the Internet**. Disponível em: <<http://net97.dal.ca/970326-03>> 1997. Acesso em: 23 de mai. de 2004.

WEBER, M. **Metodología das ciencias sociais**. São Paulo: Cortez, 1992.

XAVIER, A. C. & SANTOS, C. F. *E-fórum* na *Internet*: um gênero digital. In. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (ORGS.). **Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. pp. 30-38.

XAVIER, A. C. & SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. In. **Veredas – revista de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)**. V.4, n. I, jan/jun. pp. 51-57, 2000.

XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (ORGS.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004a, pp. 170-180.

XAVIER, A. C. Letramento digital e gêneros hipertextuais: novos desafios pedagógicos? in. **ANAIS...**, 2004b, pp. 170-180.

XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese (Doutorado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2002.

XAVIER, A. C. **Hipertexto: novo paradigma textual?** Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hytex>>, 2000. Acesso em: 15 de maio. de 2001.

YAJOT, O. **Que es el materialismo dialectio.** [S/D].

YATES, S. J. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: BARTON. D. & HALL, N. (EDS.) **Letter Writing as a Social Practice.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. pp. 233-251.

YUAN, Y. The use of Chat rooms in na ESL setting. **Computers and composition: an international journal.** vl. 20. number 2, 2003. pp. 194-206.

ZANOTTO, N. **E-mail e carta comercial: estudo contrastivo de gênero textual.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

AUTORIZAÇÃO DO TELEDUC

ANEXO 1

De: bragadeolinda@yahoo.com.br

Para: julcra@uol.com.br

Data: 02/02/2005 12:05

Assunto: Inscrição para o curso "Dialogicidade e formação humana em Paulo Freire"

Seu pedido de matrícula no curso "Dialogicidade e formação humana em Paulo Freire" foi realizado corretamente.

O coordenador e os formadores do curso analisaram o seu pedido e decidiram aceita-lo no grupo da pos-graduação como aluno em sua disciplina. Em breve, eles lhe enviarão também a senha para poder acessar o curso em questão e ter acesso ao conteúdo digital do teleduc.

Atenciosamente, Coordenador(a) Ercilia Braga e João Figueiredo

ENTREVISTA COM OS USUÁRIOS DE CHATS

ANEXO 2

1. MARQUE COM UM **X** SOMENTE OS *CHATS* QUE VOCÊ CONHECE

- | | |
|-----------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> CHAT ABERTO; | <input type="checkbox"/> CHAT EDUCACIONAL |
| <input type="checkbox"/> CHAT COM CONVIDADO | <input type="checkbox"/> CHAT RESERVADO |
| <input type="checkbox"/> CHAT DO MSN | <input type="checkbox"/> CHAT PRIVADO |
| <input type="checkbox"/> CHAT DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE | |

2. MARQUE COM UM **X** SOMENTE OS *CHATS* QUE VOCÊ MAIS UTILIZA

- | | |
|-----------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> CHAT ABERTO; | <input type="checkbox"/> CHAT EDUCACIONAL |
| <input type="checkbox"/> CHAT COM CONVIDADO | <input type="checkbox"/> CHAT RESERVADO |
| <input type="checkbox"/> CHAT DO MSN | <input type="checkbox"/> CHAT PRIVADO |
| <input type="checkbox"/> CHAT DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE | |

03. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ ENTRA NAS SALAS DE *CHATS*?

04. QUAIS AS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES PARA VOCÊ ACESSAR AS SALAS DE *CHATS*?

05. EM SUA OPINIÃO QUE UM INICIANTE PRECISA SABER SOBRE CADA UM DOS *CHATS* ACIMA?

06. EM SUA OPINIÃO, PARA QUE AS PESSOAS PARTICIPAM DOS CHATS?

07. O QUE VOCÊ DIRIA A UM INICIANTE SOBRE OS TIPOS DE PESSOAS QUE ELE SE RELACIONARIA EM CADA UM DOS CHATS? POR QUÊ?

08. VOCÊ COSTUMA USAR EFEITOS DE IMAGENS E DE SONS, TROCAR E ACESSAR ENDEREÇOS ELETRÔNICOS ENQUANTO TECLA NOS *CHATS*? CONSIDERA O USO DESSES ELEMENTOS IMPORTANTES? COMENTE.

09. SOBRE QUE TIPO DE ASSUNTOS VOCÊ COSTUMA TECLAR NOS *CHATS*? EM SUA OPINIÃO HÁ ASSUNTOS PRÓPRIOS PARA CADA *CHAT* OU NÃO É IMPORTANTE OBSERVAR ISSO?

10. DOS *CHATS* QUE COSTUMA TECLAR, EM QUAIS VOCÊ PERCEBE UMA MAIOR MUDANÇA DE ASSUNTOS? A QUE VOCÊ ATRIBUI ESSA ALTERAÇÃO NO TEMA DAS CONVERSAS?